

FÁBIO HENCKEL

# O X Z

E O CLÁ

UM | LIVRO ÁGUA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Fabio Henckel

**OXZ**  
**E O CLÃ**

1 | Livro Água

A primeira história da trilogia OXZ.

1ª. Reedição  
Edição Original, Impressa em 2008

[oxz.com.br](http://oxz.com.br)

setembro de 15

## \* Lista de Capítulos

[0.0 | Prólogo](#)

[1.0 | O criador está aqui](#)

[2.0 | A distração imperdoável](#)

[3.0 | O banhado dos cactos](#)

[4.0 | A Cidade Original existe](#)

[5.0 | O julgamento de OXZ](#)

[6.0 | O tubo de desoxinegação](#)

[7.0 | Dois dias de repouso](#)

[8.0 | O primeiro dia](#)

[9.0 | O olhar triste de Kira Bellah](#)

[10.0 | Dancinha da Engrenagem](#)

[11.0 | A Arena da Enguia](#)

[12.0 | Os bobôs-de-treino](#)

[13.0 | Nitrobum no shockey.](#)

[14.0 | O Círculo Original](#)

[15.0 | A Profecia do Desgraçado](#)

[16.0 | A rajada das aftas](#)

[17.0 | O seqüestro de Polvotrom](#)

[18.0 | Entre raios e beijos](#)

[19.0 | O Clã de Prata](#)

[20.0 | A Prova Maior](#)

[21.0 | O segredo de Madame Anay.](#)

[22.0 | A dívida com as nýsticas](#)

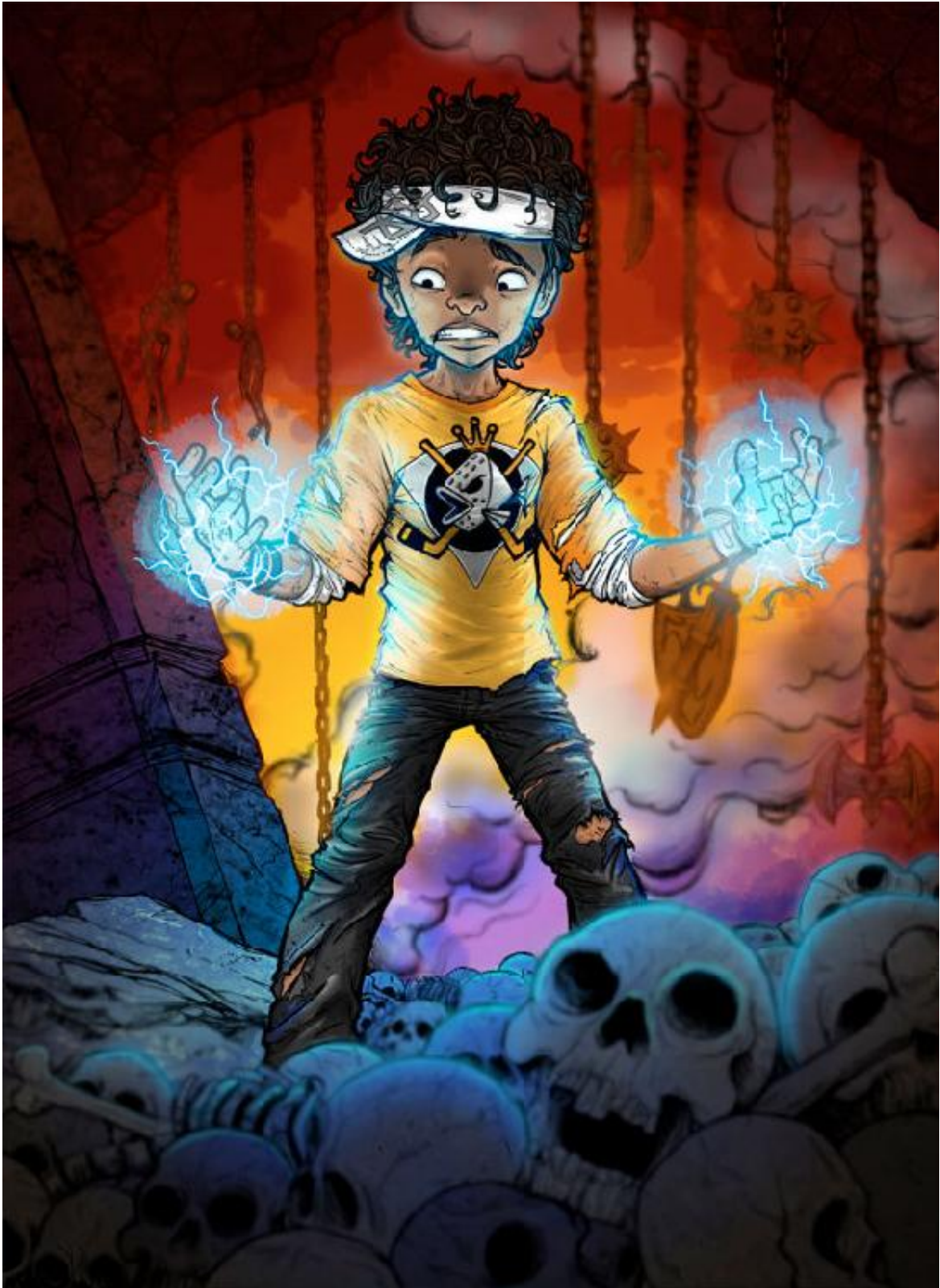
[23.0 | O vôo da limusine](#)

[24.0 | O grande traidor](#)

[25.0 | A Esfera de Hades](#)

[26.0 | As incógnitas de Uttopy.](#)

[Anexo | Guia de Personagens](#)



**0.0**

## ***A PROFECIA DO DESGRAÇADO***

*Temido pelo bem e pelo mal.*

*Odiado pelos homens em todos os estágios evolutivos.*

*Malvisto, mal falado.*

*Distraído, relapso, introspectivo, retraído.*

*Curioso demais. Desinformado demais.*

*A ele é destinada 'A Chave'.*

*Somente ao desgraçado.*

## **1.0**

### **O Criador está aqui**

As nuvens rasas se desmanchavam no céu. Poucos ônibus e quase nenhum carro rodavam na avenida dos Trabalhadores.

Logo, logo, outra manhã infernal começará.

O guarda Pepe cochilava tranquilo na portaria da Torre de Comando, escorado na porta, com o rifle comprido apoiado no chão. Era engraçado observar sua papada balançando embaixo do queixo quando roncava como uma britadeira.

Aliás, roncando tão alto, o guarda nem reparou no zumbido estranho que passou do seu lado. Um objeto brilhante, do tamanho de um polegar, batia asas rapidamente em direção à escadaria central.

Minutos depois surgiu a primeira luz do sol. O sistema de economia desligou a iluminação elétrica da avenida. O guarda abriu bem os olhos e ajeitou a postura. Com seu indicador gordinho, tirou uma remela enorme do olho. Enrolou aquela nojeira com a ajuda do dedão. Enrolou até ela virar uma bolinha verde-escura-quase-dura. Então atirou-a nas cortinas lilases de seda nobre da Torre.

Em minutos, os primeiros funcionários do Comando chegarão. Eles vão estar vestindo gravatas, paletós e outras roupas quentes demais, e por isso todas as salas da Torre vão ligar o ar-condicionado. E adeus economia de luz! Mas nada disso preocupa Pepe: "Para manter um bom emprego na Torre de Comando, basta estar com os olhos abertos e sem remela", pensa o guarda enquanto se espreguiça.

Um outro objeto brilhante, também do tamanho de um polegar, passou batendo suas asas pelo portão principal em direção à escadaria. Pepe mais uma vez não viu nada.

Já o terceiro objeto brilhante não teve a mesma sorte: ele percorria seu itinerário quando o impiedoso guarda, ainda sonolento, abriu a boca como um hipopótamo raivoso e bocejou.

Para o pequeno objeto brilhante, que passava a centímetros da enorme boca de Pepe, o descontrolado bocejo provocou um vácuo de sucção maior que o aspirador de pó oficial da Torre de Comando.

Quando o guarda fechou a boca, notou um corpo estranho em sua garganta. Engasgou. Tentou desesperadamente cuspir aquilo que arranhava suas amídalas. Sem forças, nem sequer tossir Pepe conseguiu. Caiu de joelhos, já sem ar.

Em seus últimos instantes de vida, o guarda remelento notou um enorme enxame de objetos metálicos vindo em sua direção. A vida de Pepe se esvaía e seus últimos segundos foram abençoados com a luz mais brilhante que já havia visto. "*São abelhas-robô*", pensou em sua ignorância fúnebre.

O terceiro objeto brilhante também estava prestes a perder a vida. Tentava em vão bater suas asinhas. Mas tudo o que via era baba, amídalas levemente inflamadas e uma linguinha já falecida.

Foi triste o fim do terceiro objeto brilhante.

O enxame de abelhas-robô, como preferia Pepe (que Deus o tenha), passou pelo portão de entrada rapidamente. Algumas ainda olharam para o guarda caído e emitiram pêsames para o pobre terceiro objeto brilhante morto em combate.

Porém, não havia tempo para velório. O enxame tinha uma missão a cumprir. As milhares de abelhas-robô prosseguiram em direção à escadaria. Subiram como uma nuvem de fumaça que sai densa e perigosamente do carburador de um ônibus velho.

Quando chegaram ao primeiro andar, uma centena delas bateu asas em outra direção. No segundo andar, outra centena bateu asas para o outro lado. E assim aconteceu.

De andar em andar. Centenas de andares. Abelhas-robô deixando o grupo. Como se fossem funcionários do

Comando com suas gravatas e ternos quentes, foram se espalhando e entrando nas lindas salas da Torre.

Andar por andar, o enxame foi ficando menor. Menor. Menor. Menor.

Até que restou apenas uma abelha-robô.



Esse último objeto brilhante bateu asas até o 777o andar da Torre.

O último andar.

Ali havia apenas uma sala. Uma imensa sala com tapetes altos, macios e brancos. Com cortinas lilases de seda nobre e uma mesa de vidro enorme, essa era a sala do governador Patrick Shwartz, um homem sofisticado, loiro, de olhos azuis, e que havia sido um famoso estilista antes de seguir carreira política.

Diariamente, o governador desfilava pela Torre com seus paletós de linho colorido. Mesmo que na avenida dos Trabalhadores a temperatura média girasse em torno dos 45°, ele fazia questão de usá-los.

O último objeto brilhante do tamanho de um polegar bateu asas sobre a imensa mesa de vidro.

Planou sobre a cadeira branca. Olhou para os lados procurando seu objetivo. Encontrou. Então, como um camicase, surpreendeu o pobre ar-condicionado. Bum.

Foi um belo curto-circuito.

A partir daquele momento, o dia seria quente para o governador da Torre de Comando.

A apenas duas quadras dali localizava-se a linda casa do governador Patrick Shwartz.

Um jardim imenso dava boas-vindas aos visitantes. Um terreno ondulado e um gramado cortado de um jeito que, caso você o sobrevoasse de helicóptero, era possível ver o rosto de Patrick Shwartz sorrindo e piscando o olho esquerdo.

Para compor o lindo azul do olho direito do governador, um charmoso círculo de flores azuis estampava a pupila. Graças ao sol fortíssimo da avenida dos Trabalhadores, um sistema de irrigação contendo nutrientes e vitaminas era acionado a cada dois minutos. Assim, a vivacidade do gramado e das flores era garantida.

O carro oficial do Comando era uma elegante limusine branca, que já estava em frente da casa do governador aguardando sua saída.

Seu chofer era Yvan, um sujeito silencioso que todas as manhãs segurava um imenso guarda-sol lilás à espera do governador. Esse guarda-sol era um dos mimos de Shwartz, e ai, ai, ai do Yvan se esquecesse esse item tão precioso. O governador odiava ser pego pelo sol forte da avenida dos Trabalhadores quando caminhava até o carro.

Naquela manhã, Yvan usava um ventiladorzinho de mão, desses que funcionam com duas pilhas palito. O apetrecho ajudava o chofer a amenizar o calor que fazia embaixo do guarda-sol lilás. Shwartz já havia comentado algumas vezes que odiava aquele ventiladorzinho “feioso e insuportável”. Yvan pensava nisso quando uma dezena de pequenos objetos brilhantes passou batendo asas na sua frente, em direção às janelas da casa do governador.

Um deles, porém, não precisou voar até a janela. Como um camicase, voou contra o sistema de irrigação das flores azuis do olho do governador.

Bum. Foi uma explosão feia de ver. Todos os outros pequenos objetos brilhantes voaram através das

janelas de vidro da casa do governador. Yvan aguardou mudo. Foram longos os minutos de espera sob

o sol forte da avenida dos Trabalhadores até o governador aparecer. Quando finalmente a porta da mansão se abriu, Yvan presenciou o fato mais incrível desde que passou no concurso para chofer do Comando: o governador estava despenteado.

Assim que se recuperou do espanto, Yvan correu até a porta e usou o imenso guarda-sol para proteger os passos de Shwartz, que, irritadíssimo, chegou bem perto do ouvido de seu chofer e gritou.

— O que foi isso? O que são essas varejeiras-eletrônicas? Como elas vieram parar aqui? Por que elas destruíram meu chuveiro, quebraram meu espelho, queimaram meus pentes e minha escova de dentes?

Pelo hálito terrível, o governador podia ter se poupado de falar sobre a escova de dentes, pois Yvan já havia percebido. Shwartz olhou então para sua linda imagem esculpida no gramado.

O sol fora impiedoso: seu olho azul já estava de um tom amarelo enferrujado e as folhas secas caídas lembravam uma lágrima.

— Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhh!!!!!! — gritou com as mãos na cintura. Respirou fundo, ajeitou o cabelo com uma das mãos e recobrou a pose.

Apesar de temperamental e cheio de frescuras, Shwartz teve uma brilhante carreira política porque nunca perdeu a pose. Isso o faz ficar bem na televisão. Nos momentos de fúria e ira, ele tem o dom de funcionar exatamente como um ar-condicionado.

Sabe como funciona um ar-condicionado? Bem, a lógica é simples. Ele tira o ar quente de dentro do ambiente e o joga para fora. Lá fora já está quente mesmo, ninguém nota. Além disso, o ar-condicionado tira a umidade do ar quente e a transforma em um líquido refrigerante que deixa geladinho o ar que volta para dentro. Ou seja, calor para fora, ar fresquinho para dentro. É assim que funciona o humor do governador Shwartz: dá gritos raivosos para fora e fica fresquinho por dentro.

— Vamos, Yvan. Para o carro.

Mas a caminhada até o carro teve de ser interrompida, pois outra nuvem de “varejeiras-eletrônicas” surgiu no céu. Os dois ficaram imóveis enquanto as terríveis criaturinhas voavam através do imenso guarda-sol lilás.

Agora, o guarda-sol parecia mais uma peneira.

Em seguida, os pequenos objetos brilhantes bateram asas até a linda limusine branca e, como camicases...

Bum.

Foi a maior explosão que a avenida dos Trabalhadores já havia presenciado.

Shwartz revirou os olhinhos azuis e ameaçou desmaiar. Mas foi forte e acionou o sistema de refrigeração interna.

— Alguém vai pagar carooooo!!!

Deu tapinhas no próprio rosto e falou em um tom falsamente tranqüilo:

— Tudo bem, a Torre de Comando fica a apenas duas quadras daqui. Uma caminhada matinal me fará muito bem.

Yvan ofereceu seu ventiladorzinho com pilhas palito ao governador, que, muito a contragosto, aceitou.

Os dois saíram caminhando sob o sol de 45° da avenida dos Trabalhadores, protegidos por uma enorme peneira lilás.

O chofer Yvan e o governador Shwartz chegaram atrasados à Torre de Comando. Logo na entrada, um grupo cheio de caras assustadas e expressões de pânico recebeu o governador. Entre eles o puxa-saco oficial Eliah Well, que além de funcionário da Torre, é estilista e modelo.

A trupe de puxa-sacos girou rápido em torno de Shwartz e formou um círculo de desesperados. Todos falavam ao mesmo tempo.

- Senhor, terríveis notícias.
- Nem sabemos como começar.
- Sofremos um atentado.
- Um ataque aéreo, eu acho.
- Uma bomba.

Mesmo se esforçando para manter a pose, Shwartz não conseguiu se conter quando Eliah Well olhou triste para seus olhos azuis. Shwartz abriu os braços feito o Cristo Redentor do Rio de Janeiro e todos viram as manchas molhadas logo abaixo das axilas.

Eliah Well correu para os braços de seu chefe. Os dois se abraçaram e choraram.

Depois da cena ridícula protagonizada com seu assessor favorito, o bafudo-despenteado-suado-e-lacrimado governador resolveu subir até sua sala no 777° andar.

Acompanhado de Eliah e Yvan, o governador Shwartz entrou na sala.

Havia um buraco na parede. As cortinas lilases estavam queimadas e o tapete branco, cheio de pedaços de fios e de outras sujeiras.

Triste, o chefe da Torre abriu sua gaveta lentamente, procurando seu celltop i-trix, o mais caro celltop já lançado. Esta era uma de suas muitas excentricidades: nunca levava seu celltop

para casa. Mas sabia que ali na gaveta encontraria a resposta para os acontecimentos daquela manhã.

No celltop havia a seguinte mensagem: “<< sem imagem>>Agradeça. O Imperador poupou seu elevador.” Shwartz juntou mentalmente as letras. Respirou fundo.

Leu novamente.

Na terceira vez, se convenceu: realmente estava escrito Imperador. Depois disso, teve uma certeza: toda aquela confusão do amanhecer era uma leve e agradável brisa de praia se comparada às tórridas notícias que estavam por vir.

O assessor Eliah e o chofer Yvan acompanhavam tudo emudecidos.

Logo abaixo da mensagem, um microbotão verde piscava irritantemente: “Responder... Responder... Responder”.

O poderoso governador pensou... Pensou... Pensou... Esquentou e refrigerou seus pensamentos várias vezes. Em seguida, apertou o botão verde.

Um estouro o fez pular da cadeira: era o chofer Yvan que havia caído no chão. Pobre coitado, foi o primeiro a sentir os efeitos do calor. Desmaiou.

Shwartz ignorou o funcionário com princípio de desidratação.

Refrigerou seus pensamentos novamente. Hesitante, apertou com medo as teclas:

O; B; R; I; G; A; D; O; ENTER.

O delicado Eliah Well roía as unhas recém-pintadas com esmalte incolor. O pobre Yvan se transformou em mais um objeto de decoração no chão daquela estranha sala. Os termômetros já registravam terríveis 50° no 777o andar.

Segundos depois, um remetente obscuro respondeu: — Então, gostou das minhas libélulas-explosivas? Shwartz não teve escolha a não ser prosseguir com o estranho diálogo: — Libélulas?

— Sim, os pequenos objetos brilhantes que bateram asas por aí esta manhã?

— Ah! Claro. Adoráveis. — Elas foram criadas especialmente para te dar bom-dia. — Obrigado. Shwartz pensou um pouco antes

de continuar:

— Estou lisonjeado.

— Não fique. Dou atenção especial para cada uma das vidas que pretendo destruir.

— É uma honra ser destruído pelo senhor, Imperador.

— Aqui não é o Imperador, idiota. Sou Luccas. O ministro da Engenharia do Império Enguia.

— Muito prazer. O prazer é meu. Schwartz tremia como uma gelatina de limão. Estava dialogando com um dos maiores do Império, famoso por sua frieza e por seu um chapéu de caubói.

O governador Schwartz considera esse detalhe um tanto démodé, porém o restante do figurino é sempre muito adequado.

— Preste atenção, Schwartz: não aceitamos falhas de nossos subalternos. O Imperador esteve preso nos últimos anos. E faz apenas alguns meses que se libertou de Alcatraz.

— Sim, eu sei.

— Quietos, você é um reles burocrata. Eu decido o que você sabe. Vou explicar detalhadamente, pois só assim você vai entender. Ele, nosso grande líder, se declarou Imperador. E todas as colônias que não o reconhecerem como tal serão extintas. Uma a uma.

Na sala do 777º andar, o cheiro não era dos melhores. Schwartz suava sem parar. E da ponta do nariz de Eliah pingava suor como uma torneira que alguém não fechou direito. O governador tentou digitar alguma coisa, mas Luccas o interrompeu com outra mensagem:

— Você sabe, o Imperador se retirou. Está reunindo forças e formando um exército poderoso. Em breve exercerá sua soberania.

— Oh! Que ótimo.

Eliah ofereceu um olhar complacente ao governador. Era óbvio que não era aquilo que o orgulhoso Schwartz gostaria de responder ao poderoso engenheiro e seu chapéu de caubói.

O ministro do Império continuou:

— Pois bem, nessa sua coloniazinha existe algo que o Imperador deseja... E você deve colaborar, caro governador.

— Será uma honra — digitou Shwartz, outra vez sem saber o que dizer.

— Claro que será. Queremos que capture alguém para nós.

— Quem? Um general? Um político? Um modelo?

— Não, Shwartz, um programador.

— Um... o quê?

— Exatamente o que estou dizendo: o Imperador ordena que você capture o programador que criou o IA Xenon.

— Verdade?!?!?! — o governador escreveu assim mesmo, com uma porção de interrogações e exclamações. — O criador do IA Xenon se escondeu aqui?

Talvez para demonstrar irritação, talvez para ajeitar seu chapéu de caubói, o engenheiro Luccas esperou alguns segundos antes de responder:

— Não. Ele nasceu aí.

O governador pulou da cadeira. De pé, olhava para o celltop como se fosse uma bomba.

— Elish, você sabe sobre o que ele está falando?

— Não tenho certeza — respondeu o assessor, já encharcado de suor.

— Ele está falando do IA Xenon, o programa com inteligência artificial mais procurado do universo. Shwartz olhou fixamente para os olhos verdes de Elish.

— Para as pessoas certas, o código desse programa vale milhões.

— E o que tem isso, senhor?

— Você não entende. Se o código vale milhões, quanto você acha que vale o criador desse programa? Quanto? Antes que Elish pudesse organizar seus pensamentos, a conversa foi interrompida pelo celltop que piscava enfurecido.

Em outra mensagem, o ministro Luccas avisava: — Faça seu trabalho, Shwartz. Sabemos que o criador do IA Xenon nasceu e vive nessa colôniuzinha que você governa.

— Mas senhor... Temos total controle sobre a produção em nossa colônia. É impossível...

— Basta.

— Sim, senhor — Shwartz digitou em uma velocidade que surpreendeu a ele mesmo.

— Capture um homem que usa o pseudônimo OXZ. E aguarde instruções.

O governador pensou durante alguns segundos. Mas antes que pudesse refrigerar suas ideias, uma libélula-explosiva entrou na sala. À procura de algo, planou sobre a cabeça do governador. Mirou o celltop i-trix e, como um camicase, percorreu em um segundo a distância que o separava de seu alvo.

Bum. Foi mais uma explosão feia de ver.

Patrick Shwartz ficou imóvel. O chofer Yvan continuava desmaiado. Eliah Well estava atônito. O ar pesado do 777o andar da Torre de Comando derretia em silêncio. Com um pouco de concentração, dava para ouvir os pensamentos do governador:

— *"OXZ... O criador... Está aqui..."*



## 2.0

### A distração imperdoável

Agora, esqueça o IA Xenon.

Concentre-se no IA Big Mãe.

O IA Big Mãe era o mais rigoroso software de inteligência artificial de toda a Colônia de Utoppy.

Com ele não tinha essa de “ah, mais tarde eu tomo banho”, ou “por favor, me deixa dormir mais um pouquinho”. Não. Quando o IA Big Mãe ordenava, as crianças do Internato de Educação Técnica obedeciam.

— Dois minutos para a avaliação de informática. Levante, imprestável.

E esse foi o bom dia que Binno OXZ recebeu. O garoto acordou meio zozado. Um oceano prateado... Será que era isso que tinha visto em seu sonho?

Binno OXZ sempre foi o último a acordar, não entendia por que era o único que não se adaptava à rotina de apenas cinco horas de sono por noite. Por ser assim, tão sonolento, vivia bocejando e se escorando pelos cantos. Uma postura lastimável na opinião do IA Big Mãe. Aliás, na opinião de todos que moravam ali no Internato de Educação Técnica. Binno era uma vergonha para o Internato. Seus cabelos eram muito espetados, sua cor era muito feia, seu tamanho era miúdo demais, sua postura era muito molenga. Essas eram apenas algumas das acusações que pesavam sobre as costas do menino desde que ele se conhecia por gente.

Nessa manhã, ele acordou assustado. Foi um dos 917 garotos que obedeceu à voz aguda do IA Big Mãe. O mecanismo de voz percorria o corredor, acordando cada um dos garotos em seus minúsculos quartos. No Internato, todos os quartos eram, por obrigação, exemplares. Lençóis minuciosamente estendidos. Móveis limpos e alinhados. No total eram 917 quartos pequeníssimos,

apertados, organizados e perfeitamente monótonos. Chato só de ver.

Ainda sonolento, Binno escondeu embaixo da cama o diário onde anotava suas ideias para games e softwares. E também escondeu seu colar verde. Um colar que usava para dormir. Fazia isso desde sempre, pelo que se lembrava. Era um objeto muito bonito, aquele: cordas verdes se entrelaçavam em diferentes e estranhos tons. Mas os diferentes verdes não brigavam. Aliás, pareciam se dar muito bem. Pareciam dançar.

“Como alguém pode chamar isso de quarto?”, pensou Binno ao levantar. Depois, estendeu o lençol em sua minúscula cama, escovou os dentes e vestiu seu uniforme cinza com listras azuis. Na opinião do garoto, eram as listras azuis mais irritantes do planeta. E assim, em apenas dois minutos, depois de calçar o tênis, Binno saiu de seu pequeno cubículo.

Logo que pôs o pé no corredor, já estava na fila com centenas de outros garotos que também faziam a prova.

Mesmo acordando todos os dias com aquela voz chata nos ouvidos, ele não conseguia se acostumar. Achava terrível saber que sua alimentação, sua rotina, seus horários, tudo era decidido por um *software* antiquado e cheio de manias egocêntricas. Mas Binno sabia: era melhor obedecer. A última vez que ele resolveu contrariar o IA Big Mãe lhe gerou péssimas lembranças. Afinal, ninguém lembraria com carinho do dia que ficou pendurado de cabeça para baixo por três horas, preso pelos calcanhares, só porque resolveu dobrar a bainha das calças de um jeito diferente. Um jeito mais bacana.

De lá para cá, Binno vinha se comportando muito bem. Para estranhamento da senhora Valquíria, ele já estava há quase um ano sem arrumar problemas.

A senhora Valquíria era uma mulher redonda. Seu pescoço era grosso e a cintura tinha a circunferência de um tonel. Era alta como um soldado, e sua voz era mais grossa que a voz de um capitão.

Na hierarquia do Internato só havia um funcionário acima do IA Big Mãe: a senhora Valquíria. Na imaginação de Binno, ela devia equivaler à figura de uma avó. Mas não era uma avó doce que traz guloseimas para os netos. Era uma avó rancorosa e mal-humorada. Era a avó mais feia do mundo, graças à sua expressão malvada e autoritária.

Os castigos eram rotineiros. Outro dia, dez garotos foram proibidos de deitar por duas noites. Isso mesmo! Tiveram de dormir em pé. E o motivo foi uma simples piada.

Pobres garotos. Era apenas uma inocente piada de fanho. Mas a senhora Valquíria não gostava que eles rissem. - "*Estão rindo de mim?*" -, e rangia os dentes.

Naquelas duas noites, Binno também foi castigado. E olha que ele não contou a piada, apenas riu.

E foi dormindo em pé, sob a vigília do IA Big Mãe, que Binno teve seu primeiro sonho esquisito.

Bom, a senhora Valquíria era mesmo uma dor de cabeça, um chute no saco, uma rúcula sem tempero. Mas, apesar de tudo isso, era fácil fugir do olhar de desprezo que ela costumava lançar sobre os garotos.

Difícil era fugir do olhar onipresente do insuportável IA Big Mãe. Isso sim era um desafio.

Em Utoppy, os IAs — programas de Inteligência Artificial — são comuns, personagens virtuais usados por empresas, órgãos públicos e até famílias para ajudar nas decisões do dia-a-dia.

Esses programas de computador são capazes de pensar na vida, refletir sobre filosofia, criar um *hip-hop* dançante ou um *folk* de fazer chorar, tudo depende da programação que tiveram.

E na Colônia de Utoppy funcionava assim: pouca gente se dava ao trabalho de pensar. A maioria preferia contratar um IA e deixar que ele fizesse o serviço.

Com o tempo, os homens não se davam ao trabalho nem ao menos de programar os IAs. Assim, por causa da preguiça humana, os IAs passaram a criar novos IAs.

Hoje, havia IAs em cada computador ou máquina de refrigerante de Utoppy. “Para o bem dos homens”, era o que diziam.

Resumindo: com essa coisa de IAs ser criados por IAs, foram nascendo *softwares* com personalidades cada vez mais presunçosas e arrogantes.

E dessa forma chegamos ao presunçoso, malvado e arrogante IA Big Mãe.

Entre as centenas de garotos do Internato de Educação Técnica de Utoppy, Binno OXZ era quem mais odiava o IA Big Mãe.

E a recíproca era verdadeira.

Aquele *software* de inteligência artificial comeria uma sopa de vírus só para destruir a vida do garoto.

E esse era o dia a dia no Internato. Sempre que tinha uma chance, o IA Big Mãe infernizava a vida do coitado.

Não havia ninguém em Utoppy, nem uma pessoa, nem um *software* mais pretensioso e detestável do que o IA Big Mãe.

— Eu quero uma fila organizada — gritou o dispositivo de voz, no teto, um metro acima da cabeça de Binno.

- “*Sempre é organizada*” -, pensou o garoto enquanto caminhava com a fila indiana pelo corredor escuro que levava até a Sala de Informática.

O Internato de Educação Técnica é o lugar mais triste que Binno já viu. Uma casa enorme com três andares, aparência de abandonada, móveis velhos e paredes marrons. Quadros enormes com pinturas feias de casinhas e arvorezinhas. Mas o grande problema daquele lugar era a iluminação: havia pouquíssimas janelas e a penumbra era uniforme, mesmo nos dias que o sol brilhava forte lá fora.

A verdade é que Binno conhecia pouquíssimos lugares pessoalmente. Uma ou duas vezes por ano o garoto saía do Internato: eram os passeios de imersão educacional pela vizinhança. Houve um ano que aconteceram três desses passeios.

Considerando a média, foi um ano razoavelmente feliz. Mesmo que um dos passeios tenha sido para conhecer o lixão de

Utoppy e assim tentar estimular os garotos a gastar menos papel higiênico.

Mas enfim, para Binno, era melhor visitar o lixão do que ficar ouvindo os gritos agudos do IA Big Mãe.

— Não olhem para a rua — grunhiu a voz mecânica e chata —, continuem andando.

Aquele era o mundo de Binno, o resto ele conhecia pela TV e pela internet.

A fila continuava andando. Binno passava por uma janelinha pequena por onde gostava de observar o novo jardim do Internato. Era um jardim muito bonito, sem dúvida. Um lugar pequeno, mas muito bem cuidado. Com flores coloridas e plantas saudáveis. Mas na opinião de Binno, eram plantas infelizes, pois eram prisioneiras de suas raízes, não podiam sair pelo mundo. Tudo o que elas sabiam era graças às histórias de um jardineiro velho demais para caminhar. Um homem que passava os dias sentado, conversando com as flores.

Binno não imaginava como uma planta poderia ser feliz. Enraizada em um lugar que ela não escolheu. Sem poder chegar, ir, voltar. Sem viajar. Sem sequer saber se realmente existe algo diferente do que mostram os *sites* e a TV.

Mesmo triste pelas flores, Binno achava maravilhosa a chegada do velho jardineiro. Desde que aquele homem fora trabalhar no Internato, havia alguém novo para conversar.

Enquanto caminhava até a Sala de Informática, Binno lembrava de uma das histórias do velho Adamastor:

— Binno, você não imagina o tamanho da margarida que eu colhi quando tinha a sua idade. Era uma margarida tão grande, mas tão grande, que uma das suas pétalas eu preendi na gola da camisa e usei de babador. Depois comi uma das minhas ameixas.

— Ahã. Uma daquelas ameixas que nasceram uma hora depois que você enterrou a semente no chão?

— Isso mesmo.

— E que para regar a plantinha você precisou só dar uma cusparada na pobrezinha enquanto ela crescia? — Binno disse isso

lançando um olhar apertado e um sorriso irônico. Queria deixar claro que não acreditava em nada daquilo.

— Nem adianta tentar me furar com esses olhos pretos. Minhas histórias são a mais pura verdade.

— Adamastor, eu tenho treze anos. Não sou um bebê que acredita nessas suas histórias malucas.

— Você e esses garotos são viciados nessas coisas que dizem na internet... Mas eu sou velho, conheci o mundo com meus próprios olhos.

No corredor escuro, Binno caminhava de cabeça baixa quando deixou escapar um risinho quando lembrou da conversa. Para azar do menino, a senhora Valquíria estava passando rápido ao seu lado nesse exato momento. E ela não costumava perdoar risinhos.

— O que achou engraçado, garoto? — disse a velha senhora com uma voz ainda mais grossa.

Binno manteve o silêncio. Em instantes, o IA Big Mãe chegaria ali e transformaria aquilo em um sacrilégio. “Saia daqui, por favor”, pensou Binno.

— Insolente.. — a senhora Valquíria não terminou a frase, apenas lançou seu olhar de desprezo e começou a andar novamente, ainda mais rápido, deixando Binno para trás. “Ufa!”, pensou o garoto. Definitivamente, aquela não era uma manhã de sorte.

Andando pelo teto, à frente da fila, estava o dispositivo de voz do IA Big Mãe, dando ordens e discursando sobre bons hábitos e atitudes exemplares. O aluno do Internato que iniciava a fila era, como sempre, Gabriel Shwartz, sobrinho do governador de Utoppy e puxa-saco oficial da senhora Valquíria.

Gabriel tinha cabelinhos encaracolados e loiros, olhos azuis, e jamais havia contrariado a vontade do IA Big Mãe. Ele era o orgulho do Internato: sempre usava seu uniforme de modo impecável e comportava-se como um perfeito poodle treinado.

Mas se boas maneiras eram a especialidade do pequenino Gabriel, computação era seu ponto fraco.

Talvez por isso Gabriel e Binno não fossem exatamente amigos.

Na lembrança mais remota que Binno traz na cabeça, seus dedinhos de bebê estão digitando coisas sem sentido em um teclado de computador.

Foi sempre assim: Gabriel inflava o peito e se enchia de orgulho por ter as notas mais altas do Internato. A única matéria em que alguém conseguia superá-lo era Informática: nessa área, Binno OXZ era o tal. Muitas vezes pensava mais rápido do que o próprio IA Big Mãe: se você considerar que se trata de um programa de computador, isso é um feito e tanto, não?

Porém, em Utoppy, conhecer informática é uma coisa boba. Inútil, até. Afinal de contas, os IAs já fazem tudo.

A verdade é que Binno não encarava o desenvolvimento de programas e o gerenciamento de dados como um trabalho ou uma tarefa escolar. Para ele, aquilo era pura diversão.

Talvez o IA Big Mãe percebesse isso. Talvez viesse daí todo o ódio que destilava sobre o garoto.

— Entrem — ordenou o dispositivo de voz, caminhando pelo teto com suas oito perninhas mecânicas — e liguem suas máquinas. Rápido. Aquele dispositivo de voz era mesmo horripilante. Porém, pior era saber que o IA Big Mãe estava em todos os cantos do Internato, em micro câmeras que rolavam pelas cantoneiras do teto. Nos computadores da descarga do banheiro. Nos controles da geladeira, do fogão, do micro ondas. Onde houvesse um *chip* conectado à rede local do Internato de Educação Técnica para Cópias havia a autoridade do IA Big Mãe, sempre observando, controlando, dando ordens.

Essa onipresença era realmente desgastante, mas o jovem Binno já havia descoberto um jeito de driblar toda aquela vigilância.

— E então, colega OXZ — debaixo dos cachinhos encaracolados, Gabriel Shwartz lançou um olhar apertado para o garoto que estava ligando o computador ao lado do seu —, feliz por estar entrando no seu mundinho?

— É, aqui eu não preciso saber dobrar o lençol — Binno respondeu com sarcasmo. — Que pena para você.

— Por que você odeia tanto a vida real OXZ? — Gabriel encarou Binno, demonstrando mais uma vez seu ódio pelo garoto. — Você acha que é melhor que nós? Acha que o Internato é pouco para você? — Binno não respondeu. Limitou-se a continuar olhando fixamente para o computador que iniciava o sistema. Era comum Gabriel passar seus sermões “o Internato é ótimo, ele cuida de nós”.

Binno, como sempre, ignorava o petulante garoto loiro.

— Será que você não vê, OXZ, que esse é o mundo que existe? É só isso. Por que você acha que nunca saímos daqui? Porque não existe nada mais. Nada. Somos sobreviventes — dessa vez Gabriel não fechava a matraca. — Você devia ser grato. Estar vivendo nesta Instituição de ensino maravilhosa. O mundo lá fora é hostil, OXZ. Você devia agradecer e não se esconder por trás de joguinhos tolos de computador.

Finalmente o computador de Binno entrou no sistema. Sua máquina era a mais lenta da sala. Mas agora não havia tempo para pensar nisso, pois ele tinha outra coisa em mente.

Para fazer Gabriel ficar quieto, Binno o provocou.

— Então vem me pegar, Shwartz — Binno disse isso e pôs seus óculos de realidade virtual. Nos próximos noventa minutos ele estaria fazendo a única coisa que gostava de fazer: jogar.

As provas de Informática do Internato utilizavam mecanismos muito parecidos com os jogos de realidade virtual. Assim que os alunos colocavam os óculos extradimensionais, eles tinham uma visão muito diferente da tela do computador. Toda aquela imensidão de números e códigos alfanuméricos saltava à frente, como uma luz. Códigos se alternavam em cores e volumes, indicando que ali estavam amigos, inimigos, tarefas, colegas e chaves.

As habilidades dos estudantes eram avaliadas à medida que os desafios propostos eram ultrapassados porta a porta, segredo a segredo.



Os alunos iam vencendo desafios e acumulando pontos, apenas digitando letras e números.

Na verdade, aquilo era uma chatice para todos os garotos do Internato. Mais um trabalho escolar.

Binno era o único que tinha uma opinião diferente.

Olhando fixamente para o seu quadro de códigos, Binno percebeu a presença de Gabriel.

— Olá — era um boxe de bate-papo aberto em meio às tarefas escolares.

— Boa sorte hoje, caro colega OXZ!

— Obrigado — Binno respondeu com indiferença.

— Estou dando uma olhada no seu quadro de códigos, mas não se preocupe. Você não tem nenhum segredo, tem?

— Talvez.

— Eu acho uma bobagem toda essa privacidade. Por mim, o IA Big Mãe podia vigiar meu computador — Gabriel insistia em manter um papo amigável, mas Binno sabia que havia algum interesse por trás de tanta simpatia.

Os computadores da Sala de Informática eram as únicas máquinas em todo o Internato que não estavam conectados à rede local.

Pelo contrário, estavam conectados à própria liberdade, que ali atende pelo nome de internet.

Por isso, ali na Sala de Avaliação, o IA Big Mãe não entrava.

E se o IA Big Mãe não estava naquela sala, aquele era o ambiente favorito de Binno OXZ.

Algum tempo depois, Binno respondeu à mensagem de Gabriel.

— Acho que não é para a nossa privacidade que o IA Big Mãe não entra aqui.

— Como assim?

— Pense um pouco, colega Shwartz, pense. É a nossa segurança ou a dele que está ameaçada aqui?

— Você é mesmo um idiota, OXZ. Está querendo dizer que alguém poderia invadir o código de um IA complexo como o Big

Mãe através desses computadorzinhos mixurucas. Isso é impossível...

Binno nem terminou de ler a mensagem e baixou o programa de bate-papo. Não queria perder seu tempo conversando com um garoto arrogante como Gabriel.

Aquela Sala de Avaliação era a própria libertação.

Claro, as coisas não eram tão fáceis assim. Na ausência do IA Big Mãe, a senhora Valquíria estava presente para infernizar a vida dos garotos.

Mas era fácil fugir dos olhos da velha senhora redonda. Pelo menos muito mais fácil do que enganar um infeliz IA com personalidade de tia desquitada com TPM eterna.

Binno costuma aproveitar esses momentos de privacidade para usar uns minutinhos para navegar pela internet sem ninguém incomodar. Olhar alguns *sites* ou simplesmente jogar um pouco de RPG. Aliás, era isso que Binno mais fazia ultimamente.

Um desses RPGs que Binno estava tentando jogar se chamava Círculo Original. Um desafio para jogadores experimentados, pois somente grandes e experientes programadores podiam participar do jogo. E para avaliar a capacidade do jogador, os mediadores exigiam a criação de uma personagem extra: uma personagem que não dependesse da vontade do jogador, uma personagem com inteligência artificial. Um IA.

Fazia meses que Binno estava tentando entrar naquele RPG mas ainda não tinha conseguido. Naquela manhã, ele resolveu começar investindo seu tempo no jogo. Já, já, ele ia fazer a avaliação, mas antes tinha de jogar. Não aguentava mais.

A ansiedade estava corroendo seu estômago como se tivesse tomado um copo de água com areia. Ele tirou um pouquinho os óculos extradimensionais e viu a senhora Valquíria em um canto distante da sala.

Colocou os óculos novamente e fechou o programa de avaliação do Internato de Educação Técnica e abriu o programa de navegação na internet.

Ele precisava saber por que os mediadores não respondiam às suas mensagens.

Ele já tinha feito sua parte, já tinha enviado uma personagem. Mas mesmo assim os mediadores não enviavam a autorização para entrar no jogo.

Como se cansou de esperar, decidiu que era a hora de descobrir a verdade.

Abriu o código hexadecimal do *site* do RPG. Resolveu quebrar as senhas. Ia descobrir os segredos do Círculo Original. Binno ficou sabendo desse RPG através de uma estranha mensagem que recebera durante uma avaliação, há alguns meses. Uma mensagem cujo local de origem era a Cidade Original. — *Uau!*

Às vezes, alguns garotos do Internato falavam coisas que ouviram sobre essa tal Cidade Original, um lugar milhares de anos mais evoluído do que a Colônia de Utoppy.

Mais uma lenda criada por internautas sonhadores.

Binno não sabia nem ao menos quem havia enviado aquelas mensagens. Mesmo assim, resolveu participar do RPG Círculo Original. Ficou pensando sobre o assunto durante dias. Como faria para programar seu IA? Que personalidade ele programaria? Um dia acordou com uma grande ideia. Escreveu todos os códigos no quarto, mentalmente.

Na primeira oportunidade, digitou tudo e enviou sua personagem. Mas até agora não obtivera resposta dos mediadores.

— Senhor OXZ! — a senhora Valquíria gritou muito perto do ouvido do garoto. — Posso saber por que ainda não terminou sua avaliação?

Binno tirou seus óculos extradimensionais e viu que todos os 917 alunos da sala já estavam sem os seus. O tempo havia passado rápido demais e ele não percebera.

— Me dê esses óculos garoto — ordenou a senhora Valquíria lançando seu olhar mais feio.

Os garotos se limitaram a observar atônitos enquanto a senhora Valquíria colocava os óculos de Binno. Ela se virou para o

monitor e percebeu que uma caixa de códigos piscava insistentemente.

— Visualizar — ordenou a diretora.

A caixa de códigos abriu e tornou-se visível, inclusive a olho nu. Era uma janela de bate-papo.

— Fale comigo, colega OXZ, esqueceu do mundo real? — era a última mensagem que o chato do Gabriel tinha enviado.

Binno tinha esquecido completamente do bate-papo com Gabriel. Desde que começou a bisbilhotar o código do Círculo Original, ele se distraiu de um modo que nunca havia acontecido antes. O que viu era incrivelmente diferente e complexo; era como se estivesse muito, muito distante do Internato.

Mas não havia argumentação. Em dia de prova, qualquer comunicação é proibida, mesmo via bate-papo.

A senhora Valquíria tentava, mas não conseguia falar. O ódio era tanto que seus olhos começaram a inchar enquanto rangia os dentes com força.

Binno teve dúvidas se aquela mulher era humana. Finalmente ela conseguiu soltar a voz. — Corretivo — gritou a diretora, e foi ouvida em todo o Internato.

Todos os garotos estavam assustados. Shwartz fazia cara de choro. Binno ainda tentava entender o que havia acontecido. Suas pupilas pretas iam de um lado para o outro, como bolinhas de *pinball*.

Em segundos surgiram dois enfermeiros, como eram chamados os trogloditas da equipe de apoio da diretoria. Eles traziam um imenso corretivo com rodinhas.

Binno conhecia muito bem os corretivos: um aparelho que podia imobilizar um leão. Então, se limitou a baixar a cabeça e a balançá-la em sinal de decepção.

— São esses dois aqui — a senhora Valquíria apontou para Shwartz e Binno, que permaneceram imóveis e apavorados.

Um dos enfermeiros pegou as canelas de Binno e, como se ele fosse uma boneca de pano, ergueu-o a uns dois metros de altura. Depois, prendeu os pés do garoto na parte superior do

corretivo. Em seguida, puxou os braços de Binno para baixo e algemou suas mãos no corretivo. Agora, Binno estava esticado e imobilizado.

Essa não era a primeira experiência do garoto naquela máquina. E ele sabia: não adiantava fazer força para tentar escapar.

O outro enfermeiro foi muito mais cuidadoso: puxou Gabriel pelos braços e algemou seus punhos na base superior do corretivo. Depois, firmou os pés do garoto na parte de baixo do equipamento. Mesmo com tanto cuidado, o loirinho estava desesperado.

Gabriel chorava como um bebê.

É, foi uma manhã especial aquela: nem o sobrinho do governador escapou do castigo.

A diretora não conseguia controlar sua raiva, e Binno teve a impressão de que sua vontade era executá-los ali mesmo.

— Não haverá regalias — disse a senhora Valquíria olhando fixamente para Gabriel.

Ao ser esticados um ao lado do outro, como dois tapetes postos para secar, as diferenças entre os dois garotos ficavam claras.

Gabriel, com a pele branca como um copo de leite, com os cachinhos loiros impecáveis e com os olhos azuis que não cansavam de verter lágrimas.

Binno, concentrado e sério, se esforçando para não demonstrar nenhum medo. Escondendo por trás da pele negra o sangue que percorria rápido suas veias e enchia seu corpo de raiva enquanto seu rosto ficava cada vez mais vermelho.

— E você, se prepare — a senhora Valquíria olhava para Binno. — Eu sempre achei suas notas de Informática altas demais. Hoje descobri o seu segredinho — e, se empertigando gritou para os enfermeiros: — O que estão esperando? Levem os dois para a Sala de Repreensão.

Os enfermeiros empurraram o corretivo para fora da Sala de Informática e entraram na penumbra do corredor central. Estavam

levando os meninos esticados para um lugar que Binno conhecia bem.

Ainda era possível ouvir alguns gritos da senhora Valquíria. Mas agora, outro som agudo enchia seus ouvidos.

O dispositivo de voz do IA Big Mãe saltitava de um canto para outro do corredor, enquanto lembrava os garotos de cada uma das centenas de regras do Internato.

A BIG Mãe se divertia.

Falando, falando, falando.

Binno tinha a sensação de que aquela era uma manhã muitíssimo alegre para aquele IA insuportável.

## 3.0

### O banhado dos cactos

Como Binno aprendeu nas aulas de História do Internato, aquela era a última Colônia onde havia vida.

Lá ensinaram que, há sabe-se lá quantos anos, aconteceu uma mega explosão qualquer que destruiu todas as formas de vida. E só um lugar sobreviveu, um lugarzinho muito distante e quente: Utoppy.

Mas isso foi há milhões de anos. Hoje, a TV dizia sempre a mesma coisa: Utoppy é uma bênção. E depois exibia sua programação irritante, com novelas velhas e reprises de seriados anteriores à mega explosão. E não adiantava procurar nada novo na *web*, pois encontravam-se sempre as mesmas coisas.

Mas ninguém mais pensava na tal explosão, pois todo mundo vivia bem e adorava Utoppy.

Todo mundo, menos Binno.

Para ele, Utoppy era uma cidadezinha sem graça com cor de concreto. Casas velhas. Carroças e carros antigos. Uma igreja. Um cemitério. Um campo de futebol onde ninguém joga. Computadores ultrapassados. Internet lenta. Pessoas treinadas como animaizinhos por IAs arrogantes.

Binno detestava acreditar que a vida era só isso. Mas, pelo jeito, a vida era só isso. Naquela cidade sem graça havia um Internato de Educação Técnica. Um casarão enorme com paredes revestidas de musgo cinza. Paredes tão inclinadas que ninguém acreditaria que estavam de pé há séculos.

Tortas, mas de pé.

Em uma sala escura, dentro do casarão com paredes inclinadas, Binno dormia. Pendurado pelos pés e com os braços presos na base do corretivo.

Outra manhã quente surgia em Utoppy.

Uma mulher de pele negra e cabelos encaracolados se aproximou do garoto. Ela exalava um perfume de amêndoas e usava um lindo e leve vestido azul. Seu rosto bonito revelava uma expressão de paz e serenidade. Ela sorria. Ajoelhou-se aos pés do corretivo e assim que chegou perto do rosto de Binno, deu-lhe um sorriso tranquilo e afagou os cabelos espetados do garoto.

— Bom dia, meu pequeno.

Assustado, Binno abriu os olhos. Com sua manjada expressão séria, lançou um olhar firme para a desconhecida. Mas por algum motivo teve vontade de sorrir.

E sorriu.

— Eu sei sobre seus sonhos, meu pequeno — era estranho como o rosto daquela mulher lhe trazia paz.

Binno sorriu sem jeito.

— Em breve eles irão parar. Mas o que virá depois serão desafios e perigos que você nunca imaginou — os olhos da mulher brilhavam (lágrimas?) e Binno quis dizer algo, mas gaguejou. A mulher sorriu. — Não aceite a culpa, não deixe que aprisionem seu espírito, estou orgulhosa de você.

Binno quis fazer perguntas, mas não soube o que perguntar. A mulher afagou seus cabelos e beijou seu queixo. — Vou ficar observando você, meu pequeno, como sempre fiz.

Sei que você vai conseguir. Ouviu-se uma voz fina e cochichada.— OXZ — a voz chamava às costas do jovem prisioneiro.

O garoto tentou olhar para trás mas não conseguia se virar. Estava preso.

— OXZ — outra vez a voz fina.

Binno abriu os olhos mas não conseguiu se virar. A mulher não estava mais ali.

— OXZ — era Gabriel, ainda preso ao mesmo corretivo que Binno. — Binno OXZ, seu idiota, acorde. Daqui a pouco a senhora Valquíria vai chegar. Acorda, imbecil. OXZ, fale comigo, idiota.

— Era minha mãe. Ela tem orgulho de mim.

— Ah, sei, sua mãe vai vir te buscar e vocês vão morar na Cidade Original. Vocês, os duendes e o Papai Noel. Continua



viajando, né? Esqueceu que a gente é órfão, imbecil?

— Eu sonhei com ela.

— Você conheceu sua mãe?

— Não.

— Então, idiota, como sabe que era sua mãe?

— Eu sei.

— Foi só um sonho, imbecil. Você sonhou a noite inteira. Falava da lenda da Cidade Original, de peixes brilhantes... Não calou a boca

— Gabriel já tinha mandado para o espaço a sua educação exemplar.

— O que é Xenon?

— Eu disse isso? — Disse enquanto dormia. Falou esse nome trocentas vezes. Binno ficou um pouco em silêncio, apreciando a imagem daquela mulher que não saía de sua cabeça. Depois respondeu: — É o nome do IA que eu criei.

— Você criou um *software* com personalidade e inteligência artificial? — Gabriel soltou uma risada debochada. — Você é mesmo um gênio, hein? — acrescentou com descrença.

— Criei, sim. Desenhei todos os códigos no meu quarto — Binno tinha dificuldade de falar, sua cabeça estava ficando cada vez mais vermelha graças à desconfortável posição —, depois fui digitando aos poucos durante as avaliações de Informática.

— Claro, a Sala de Informática não tem acesso à rede local.

— É isso aí. Lá o IA Big Mãe não entra.

— Mas eu olhei seus códigos ontem durante a avaliação. Você estava revirando um *site* muito estranho. Era um jogo?

— Era. Foram os mediadores desse jogo que disseram que eu tinha que criar um IA com personalidade e inteligência. Eles disseram que era para participar do jogo como outro jogador, sabe?

— Sei. Aí você criou alguém para te ajudar.

— Não, criei um vilão. Um vilão forte o suficiente para destruir todos os adversários — os olhos de Binno já estavam inchados e vermelhos. — Assim, eu tinha mais chance de vencer. Só eu conheço seu ponto frac...

Binno não terminou de falar. Alguém estava chegando. Algumas pessoas falavam alto do outro lado da parede, e Binno e Gabriel fizeram silêncio para ouvir.

Era difícil distinguir, mas uma das vozes parecia ser da senhora Valquíria.

A pequena janelinha envidraçada no centro da porta era a única entrada de luz da sala, e através dela Binno pôde ver um jovem engravatado, com cabelos muito bem penteados, longos cílios e olhos verdes cintilantes. Era difícil entender o que ele dizia, mas Binno pôde ouvir uma frase:

— O governador faz questão. Ele cuidará desse assunto pessoalmente.

Gabriel, de costas para a porta, estava impaciente.

— O que está acontecendo?

— A senhora Valquíria está com alguém — Binno cochichava.

— Não sei quem é.

— Sabe o que isso quer dizer, não sabe, OXZ?

— Sei sim. Vou dizer que você estava bisbilhotando os meus códigos. Que você entrou na minha máquina porque eu sei muito mais sobre informática do que você.

— Você sabe muito mais? Não me faça rir, OXZ. Eu só queria conversar, estava sendo simpático.

Binno fechou os olhos, sentia que iria desmaiar a qualquer instante. Mesmo assim, respondeu às bobagens de Gabriel.

— Sendo simpático? — disse Binno, com esforço. — Durante uma avaliação? Por favor, Shwartz, você queria colar, admita.

Gabriel resolveu apelar.

— Tá bem, OXZ, tá bem. Eu queria colar mesmo. Aqueles códigos me irritam. E você se dá muito bem com eles — e nos cochichos de Gabriel um tom de choro surgiu: — Mas por favor, me ajude. Eu não posso ficar preso aqui. Eu tenho um sobrenome a zelar.. — disse o garoto já entre lágrimas. — Me ajude.

Binno tentou responder aos apelos do colega mas já não tinha forças para falar. Em seguida, a senhora Valquíria abriu a porta. Uns dez olhos do IA Big Mãe rolaram porta adentro, subiram

pelas paredes e começaram a transitar pelas cantoneiras do teto. Em seguida, o dispositivo de voz daquele IA irritante entrou cantarolando.

— OXZ já era. OXZ já era. OXZ já eeeeeerraaa-ra-ra-ra!!!

Entraram também na sala escura a senhora Valquíria, o jovem de longos cílios e um outro homem, vestindo um traje de motorista particular.

— Fizemos o possível pelo conforto de Gabriel — adiantou-se a senhora Valquíria em um tom de explicação ao jovem, e logo depois dirigiu sua atenção aos meninos: — Apresento a vocês o talentoso Elich Well, assessor direto do nosso estimado governador.

— Olá, garotos — disse Elich, aparentando uma estranha alegria.

Binno se esforçou para abrir os olhos. Já não se sentia totalmente consciente. Vendo aquele rapaz esbanjando sorrisos diante de duas crianças torturadas, teve dúvidas: Será que já estaria delirando?

— Elich foi enviado pelo governador para resolver o seu problema, Gabriel Schwartz — disse a senhora Valquíria em tom de satisfação. — Eu expliquei a ele que você foi influenciado por esse inço aí do seu lado.

— Sim, sim, a senhora explicou tudo no relatório que nos enviou ontem à noite — em seguida, Elich puxou uma cópia trazia toda dobradinha no bolso: — "... O jovem Gabriel Schwartz está sendo repreendido por usar de comunicação durante um rotineiro processo de avaliação. Mas, todavia, sinto-me inclinada a inocentá-lo de qualquer acusação, considerando que esse episódio envolve também o infrator Binno OXZ, indivíduo de péssima índole e baixíssima confiabilidade. Desta feita, solicito a reposição deste último. Afinal, sob nossa avaliação, este é um espécime defeituoso... Muito grata... Assinado, Valquíria Pera, diretora do Internato de Educação Técnica para Cópias...".

Elich concluiu a leitura e sorriu para a senhora Valquíria.

Se Binno não conhecesse bem aquela senhora, pensaria que ela estava cheia de alegria. Mas aquela mulher não sentia alegria,

orgulho. E aquela era uma situação em que tinha muito do que se orgulhar: um assessor do governador estava lendo uma carta dela.

Binno ouviu toda aquela baboseira em silêncio. Eles conversaram durante mais algum tempo, mas era difícil para o garoto discernir o que era dito. Aquela posição estava se tornando insuportável. Quis perguntar o que significava "reposição". Não conseguiu.

Então, Gabriel abriu a boca outra vez: — Sou inocente. Chamem meu tio. Ele resolverá tudo. — Não será preciso, Gabriel. O governador já ordenou que você

fosse encaixado em sua rotina. OXZ virá conosco. Ele será avaliado por nossa equip...

Binno não ouviu a conclusão do sorridente Eliah Well. A pressão na cabeça tornou-se insuportável. Desmaiou.

Acordou em um lugar confortável, com uma temperatura agradável e um colchão estranhamente macio. Talvez fosse uma cama de massagem, como as que via no canal de vendas, pois ela trepidava insistentemente. Ouviu a voz de Eliah. Por precaução, permaneceu de olhos fechados.

— Sim, estimado governador. (pausa) Não tenho certeza, ele está desacordado. (pausa) Se for ele, não foi muito inteligente na escolha do *nick*, não é? Afinal de contas, ele apenas usou as letras do próprio sobrenome. Ó, ponto, xis, ponto, zê... ou seja, OXZ. (pausa) Farei isso senhor. (longa pausa) Obrigado, querido, outro para você. Até logo — depois disso, Eliah assumiu um tom de voz mais autoritário: — Yvan, acelere. O governador quer que cheguemos rapid...

Um enorme estrondo fez Eliah ficar quieto. Binno rolou para o lado e caiu no chão.

Abriu os olhos e viu que aquilo não era uma cama de massagem, mas o banco traseiro de um carro luxuoso. Agora ele estava no chão, entre os bancos da frente e o de trás. Eliah gritava como uma donzela em perigo. O outro homem, que estava dirigindo o carro, continuava em silêncio.

Outro estrondo. Barulho de freadas. O carro parecia estar em uma pista de patinação, tamanho era o descontrole do motorista. Outro estrondo, agora do outro lado. Alguma coisa estava batendo nas laterais do carro; o motorista

acelerava cada vez mais. Outro estrondo.

O motorista perdeu completamente o controle. O carro parecia descer um despenhadeiro ou algo parecido.

A descida era cada vez mais rápida.

Os gritos de Eliah não cessavam. Binno quis mandar ele parar, mas não conseguiu emitir nenhum som.

O carro rodopiou e capotou. Desceu mais um pouco. Deu outra volta.

Outra.

Outra.

Binno perdeu a conta das voltas que o carro deu.

Estava zozzo.

Os gritos de Eliah cessaram.

Mas a capotagem não parou. O carro fazia muito barulho: continuava rolando despenhadeiro abaixo. Rolando. Rolando.

Parou.

Com as rodas para cima, o carro estava em algum lugar molhado. Binno apalpou o próprio corpo. Estava tudo bem. — O que foi isso? — o garoto perguntou em voz alta para Yvan.

— O que está acontecendo?

O motorista não respondeu, estava apavorado demais para falar. Eliah estava desacordado, debruçado sobre o para-brisa. Agora o silêncio era aterrorizante. Yvan saiu do carro e começou a subir com pressa o despenhadeiro. Com esforço, Binno conseguiu chegar à porta do motorista. Saiu vagarosamente, ainda apalpando o próprio corpo. Sentiu uma dor no cotovelo, mas de resto estava bem. Respirou aliviado. O carro parou em um banhado. Algumas rãs pulavam nos pés de Binno. Ele olhou para os lados mas não reconheceu o lugar. Só o que via é que estava ao pé de um despenhadeiro — muito menos íngreme do que parecera durante a

capotagem, mas ainda assim um despenhadeiro. De costas para a descida, Binno via um campo enorme muito molhado. Milhares de cactos coloridos emergiam do lamaçal. O silêncio foi quebrado pelo canto das rãs. Em seguida, outro barulho surgiu, um zunido estranho. Moscas? O zunido estava cada vez mais alto. Abelhas? Cada vez mais alto. Um avião? Mais alto. Alto demais agora. Tão alto que Binno não pôde ouvir sequer a própria voz quando gritou para o motorista.

Já longe, Yvan apontou para o alto do despenhadeiro. O que Binno viu encheria de terror o general mais habituado a grandes batalhas.

Eram mais ou menos vinte homens que desciam o despenhadeiro em cima de motos enormes e muito estranhas. Elas possuíam pequeninas asas e nenhuma roda. Simplesmente não tocavam o chão. Os homens vestiam roupas pretas e suas motos também eram dessa cor.

Aquele que parecia ser o líder apontou para Binno. Depois disso, todos "voaram" em sua direção. O garoto correu com toda a força que tinha nas pernas. Quando olhou para trás, viu um dos homens alcançar Yvan. Com um chute forte no rosto, o homem fez o motorista cair no chão. Entre os cactos, Binno correu banhado adentro. Os pés cada vez mais fundos na lama. Ele já não olhava para trás, apenas corria. Ou tentava correr.

Talvez aquelas motos não pudessem andar em toda aquela lama. Então correu em direção à parte mais molhada, onde a quantidade de cactos era cada vez maior.

Binno corria olhando onde pisava, pois tinha medo de pisar em algum buraco. Quando levantou a cabeça viu o líder e sua moto, já à frente.

O homem acelerou em direção a Binno como um coite perseguindo um coelho.

Desesperado, Binno puxou para si um cacto vermelho comprido e com ele fez uma espécie de catapulta, mas não tinha nada para atirar.

Sem escolha, encarou o homem que continuava vindo em sua direção. Quando o líder estava há poucos centímetros de distância, Binno soltou a catapulta improvisada.

O cacto acertou em cheio o rosto do homem. Moto para um lado. Piloto para outro. A moto permaneceu flutuando acima da superfície. O motor ainda estava ligado e o zumbido era insuportável. Os outros homens já estavam muito próximos. Binno fez o que lhe pareceu lógico àquela altura: subiu na moto.

Ela tinha controles muito simples. Acelerador na mão direita.

Freio na mão esquerda. Como no Supergiro, um jogo de corrida que Binno havia descoberto há pouco tempo na internet.

Então, toda a força na mão direita.

Lamaçal adentro, Binno agora fugia sobre uma moto que não tocava o chão. Acelerando ao máximo, viu o número de cactos se multiplicar.

Binno desviava de cada um deles, mas sem aliviar o acelerador.

Os cactos começavam a formar uma textura quase impenetrável. Um deles raspou na perna de Binno e um pouco de sangue manchou sua calça cinza com listras azuis.

“Não gosto mesmo dessa calça”, disse para si mesmo.

As motos estavam cada vez mais próximas. Binno olhou para trás e viu que não era o único machucado pelos cactos. Todos aqueles motoqueiros estavam muito ensanguentados. Mas continuavam a caçada, ignorando a dor.

A floresta de cactos tornava-se cada vez mais densa. Desviar estava ficando mais difícil a cada passo. As outras motos já estavam próximas demais.

Binno precisava pensar em algo.

Se aquela moto fosse realmente tão parecida com as máquinas do Supergiro, talvez as manobras do jogo funcionassem ali também.

“Se não funcionar, vou quebrar o pescoço”, pensou o garoto enquanto desviava de cactos cada vez maiores, com espinhos ainda mais afiados.

Cactos maiores.

Cactos muito maiores.

Um muro de cactos gigantes surgiu alguns metros à frente.

Não havia alternativa. Talvez funcionasse. Talvez não. Binno reduziu a velocidade. Naquele momento, pôde sentir o bafo fedorento dos homens logo atrás. Quase ouvia os sujeitos salivando. O muro de cactos gigantes estava cada vez mais próximo.

Cinquenta metros.

Vinte metros.

Cinco metros.

Dois metros.

Talvez funcionasse. Talvez não.

Binno empinou a moto e usou o muro de cactos para subir: "Minhanossasenhora, está dando certo", pensou o garoto.

Como em uma montanha-russa, Binno fez um *looping* em pleno ar. Quando chegou outra vez ao chão, freou a moto com toda a força de seus pequenos dedos.

O choque das várias motos surpreendidas pelo paredão de cactos fez um estrondo e tanto.

Agora era ele quem estava atrás dos homens que o perseguiam.

Ainda freando, forçou como pôde uma curva fechada. A traseira da moto se arrastava no ar quando completou o cavalinho-de-pau. Um lençol d'água voou sobre os outros motoqueiros.

- *Esses caras são muito burros.* - O jovem piloto respirou satisfeito com sua manobra.

Binno quis acalmar a respiração.

Mas não havia tempo. Depois da meia-volta, seguiu em direção ao carro capotado, sem poupar o acelerador.

Toda força na mão direita.

Binno mal conseguia se agarrar sobre a moto, tamanha era a velocidade daquela estranha máquina voadora.

"Onde está o carro?", pensou Binno.



Sem saber para onde ir, Binno reduziu a velocidade. Sabia que não conseguiria fugir por muito tempo. Por isso, resolveu se esconder.

Desceu da moto.

Com os pés no chão, forçou o acelerador ao máximo. Queria aquela coisa longe dele.

A moto seguiu sozinha pela trilha.

Binno olhou para os lados e não viu nenhum sinal dos homens. Então, saiu da trilha e se infiltrou em meio aos cactos. Foi entrando sem ao menos saber aonde ia. Em seguida ouviu o zumbido dos homens que o perseguiram: eles passaram reto, provavelmente atrás da moto que Binno havia despachado.

Agora podia pensar um pouco no que fazer. Suas pernas tremiam como se estivesse se equilibrando sobre um terremoto. Suas mãos estavam igualmente trêmulas. Ele não tinha a menor ideia de onde estava. Quem eram aqueles homens? Que máquinas eram aquelas? De onde vieram? Há alguns minutos, Binno estava no lugar em que conhecia cada porta, cada parede. E agora estava ali. Onde? Lembrou de Gabriel: "O mundo lá fora é muito perigoso; aqui dentro estamos seguros". Será que ele estava certo?

Binno estava longe de se acalmar quando sentiu um vulto às suas costas. Virou-se, mas não viu nada. Começou a andar mais rápido. Os cactos coloridos agora tinham cores escuras, eram mais gordos e altos. A maioria era tão alta que o sol tinha pouco espaço para entrar. O vulto mais uma vez passou às costas de Binno, que se virou novamente. E mais uma vez não viu nada. Andava. A lama já estava na altura dos seus joelhos. Binno tinha dificuldade para caminhar. Gabriel estava certo. O "mundo lá fora" é mesmo muito perigoso.

Será que aquela situação podia piorar? Podia. Um homem com o rosto desfigurado surgiu à sua frente. Irreconhecível, sua face era apenas sangue. Mas Binno sabia quem ele era. Era o líder. A catapulta improvisada não fez o homem desistir. E agora ele erguia uma espada curva e encarava o garoto com o único olho que conseguia abrir.

O líder ia matar Binno.

Sem força, sem fôlego, tudo o que Binno tinha era medo.

O vulto passou outra vez às suas costas. Então ele percebeu que mais alguém estava entre os cactos. Mas o ensanguentado também se assustou: mexia sem parar a única pupila boa, tentando encontrar o vulto.

Agora, às costas do homem, Binno viu o vulto com mais clareza. Percebeu que se tratava de um animal. Um urso, um gorila ou algo maior. O líder dos motoqueiros se virou procurando a criatura. O garoto aproveitou a distração do homem para fugir. Correu com toda a força que ainda lhe restava nas pernas. Em seguida, ouviu um grito de terror. Foi o líder de um olho só. O urso o pegara.

Binno usava as últimas moléculas de oxigênio que ainda restavam em seus pulmões para correr.

O sol vermelho já estava desaparecendo. O dia se acabava e na floresta de cactos só se ouviam os pulmões de Binno pedindo trégua.

Porém, o som baixo de sua respiração foi abafado por um pequeno zumbido.

O grito do líder atraiu os motoqueiros.

Os zumbidos estavam cada vez mais altos. Mais altos. Altos demais. Binno notou que uma moto havia passado ao seu lado mas não o vira. A quantidade de cactos era enorme naquele ponto. O vulto passou novamente às suas costas. Outra moto passou por ele. Outra. E mais outra.

Agora uma moto estava parada à sua frente com um enorme farol verde apontado em sua direção.

Sobre a moto, um homem corpulento e de cabelos espalhafatosos ria com seus dentes amarelos.

Outro farol verde se acendeu.

Outro.

Outro.

Binno olhou para os lados e percebeu várias motos voadoras a sua volta, como urubus em torno de um animal moribundo. Todos tinham espadas na cintura. Porém, um deles ergueu algo que parecia ser uma escopeta. Apontou para a cabeça de Binno e... Bum.

O vulto saltou sobre a moto e golpeou o homem. Depois sumiu novamente entre os cactos. Todos os motoqueiros se ouriçaram. Estava claro que eles tinham medo daquele animal.

Entre um cacto e outro, o vulto aparecia e sumia. Grande como um gorila. Ágil como um leopardo.

Sobre uma das motos, havia uma mulher feia com uma cicatriz enorme cortando seu rosto. Ela também tinha uma escopeta e apontou para o vulto. Tentava mirar, mas ele se mexia com muita agilidade.

Ela atirou.

Acertou outro motoqueiro.

O homem caiu. Sem vida, boiou no banhado.

A mulher ignorou o próprio erro. Ainda procurava o vulto.

Ele havia sumido.

Durante alguns segundos, o único movimento entre os cactos era a luz trêmula dos faróis verdes. Todos estavam imóveis. Binno sentiu que algo havia agarrado suas canelas. Olhou para baixo, o vulto havia rastejado sob a lama do banhado. Binno quis gritar, mas não teve tempo.

O vulto levantou-se e só agora Binno teve a noção exata do tamanho daquele homem. Sim, era um ser humano, mas de dimensões inimagináveis: possuía a altura de três homens e a força de dez. Pele negra, óculos enormes escondiam os rostos. E tranças rastafári sobre a cabeça.

O gigante levantou-se rápido e puxou Binno para trás de si. E deixou a mulher atirar em seu peito. As balas explodiram em seu colete enquanto Binno estava em segurança às suas costas. Agora outros motoqueiros ergueram suas escopetas. O gigante girou o corpo mais rápido do que as balas e, uma a uma, elas foram explodindo em seu peito. Ele saltou rápido entre os cactos que

explodiam com as rajadas de balas e pulou sobre a máquina voadora do homem há pouco abatido. Pôs Binno à sua frente e os dois voaram na mesma moto.

O som dos tiros foi ficando cada vez mais distante.

Com a velocidade da moto, Binno colou no colete do gigante e pedaços de aço feriram suas costas. A capa enorme daquele homem balançava ao sabor do vento.

Ao contrário do que fez Binno quando pilotava, o gigante não desviava de nenhum dos cactos. Ele protegeu o rosto do garoto com o braço esquerdo enquanto abria uma estrada entre as plantas.

Os motoqueiros ficaram para trás.

Então, o gigante fez algo que deixou Binno intrigado. Puxou de dentro de sua capa uma varinha de condão (pelo menos foi isso que pareceu para Binno), dessas que os mágicos usam nos circos. Porém, aquela era maior que uma varinha comum e possuía uma estranha luzinha em uma das pontas.

Como estava de costas, Binno não viu a expressão do gigante, mas teve a impressão de que ele procurava algo. O homem apontou a varinha em algumas direções e seguiu uma delas. Então guardou-a e acelerou ao máximo novamente.

Logo em seguida, Binno viu o carro capotado. Quando se aproximaram, o gigante desligou o motor da moto.

Pisou no chão úmido e fez um sinal pedindo silêncio a Binno, depois caminhou em direção ao carro. — *“Onde estaria aquele puxa-saco oficial, o tal oficial Eliah Well?”*

Agora o garoto podia observar melhor o gigante. Na verdade, ele não era tão grande assim. Não chegava nem perto do tamanho de três homens, mas de qualquer forma era um homem muito grande e forte. Estava totalmente vestido de preto: um casacão de couro enorme, óculos escuros que cobriam praticamente todo o rosto, cabelos rastafári, além de ter um tom de pele mais negro do que o de Binno. O homem tateava o carro como um cego. O que será que ele procurava?

— Ei, você, venha cá. — exigiu o homem. — Agora.

Sem saber direito o que fazer, Binno obedeceu.

— O quê?

— Eu deixei a máquina de teste aqui. Não podia correr o risco de molhá-la e estragar tudo. Sua mão, dê para mim.

— Para que você quer minha mão?

— Não quero a mão toda — ao dizer isso, o homem puxou firme o braço de Binno e pinicou seu dedo miúdo com aquela estranha maquininha.

— Aie! — reclamou Binno.

— Eu só quero uma gotinha — disse o homem.

Em seguida, a maquininha disse com uma voz mecânica: — Binno OXZ, habitante da Colônia de Utoppy, nascido no dia... O homem não terminou de ouvir o diagnóstico. Atirou a maquininha longe e segurou a mão do garoto com firmeza.

— Escute aqui, vou precisar da sua cooperação. Você vem por bem ou por mal?

Era difícil decidir. Como ia saber se podia confiar em um homem que esconde o olhar atrás de enormes óculos escuros?

— Quem é você? Eu vou para onde? Está todo mundo louco hoje?

— Você faz muitas perguntas. Precisa decidir. Aqui não é seguro.

— Quem eram aqueles caras? Quem é você?

— Aqueles caras eram cangaceiros. Eles iam partir você em dezenas de pedaços e vender as partes para as várias colônias que estão pagando pelo seu couro. Eu também estou caçando você, mas vou te entregar para a Aliança Maior, onde você será julgado por traição e provavelmente será punido com a pena de morte.

Binno não sabia o que pensar. O que era aquilo? Uma brincadeira de mau gosto? Quem era realmente aquele cara?

Em seguida, os dois ouviram um zumbido que aumentava a cada segundo.

— E aí? Vem comigo para a pena de morte ou fica aqui para ser picotado?

Binno tentou ser razoável. Não conseguiu. — Ok. Vou com você.

Os dois subiram na moto voadora e seguiram colina acima.

## 4.0

### A Cidade Original existe

Os motoqueiros mal-encarados nunca mais apareceram no retrovisor.

– Será que estavam com medo do piloto?

— Aquela moto era bem confortável. Estável na estrada, sem os solavancos que quase derrubaram Binno a cada curva no banhado dos cactos.

A perna do garoto ardia um pouco, mas já tinha parado de sangrar. Os dois viajavam em silêncio sobre o infindável asfalto: era impossível conversar com o zumbido altíssimo daquela moto.

Binno se perdia em pensamentos e, numa alegria que não conseguia entender, observou os campos de cactos coloridos. Chegou a passar por plantações de banana-dedão-destroncado, grossas e tortas, e banana-dedo-de-dama, fininhas e delicadas.

Sentiu o vento no rosto, uma sensação que ainda não tinha conhecido, e adorou, embora às vezes um besouro batesse em sua testa.

E seus olhos não paravam de lacrimejar, afinal, não estava usando óculos como o estranho homem que conduzia a moto.

Agora Binno podia examinar as mãos do homem mais de perto: ele usava luvas de couro sem dedos, e por isso dava para notar que aqueles eram dedos de uma mão muito velha. A mão de alguém mais velho que a própria senhora Valquíria, que era o exemplo máximo de velhice que Binno conhecera até agora. Ele fechou a cara ao lembrar daquela mulher. Seja qual for o lugar para onde estava indo, não estava voltando para aquela casa torta e aterrorizante. Talvez esse fosse o motivo da sua felicidade momentânea.

Agora Binno estava descobrindo “o mundo lá fora” que tanto assustava Gabriel, e isso era maravilhoso. Ele fechou os olhos e

sentiu a força do vento em seu rosto. Se tivesse de se preocupar, faria isso depois.

De vez em quando, o homem tirava de um bolso do casacão de couro sua varinha de condão. Ela era metalizada e tinha uma luz direcionada em uma das extremidades. Ele a apontava para todo lado e depois a guardava. Repetia isso a intervalos cada vez mais curtos. Saber o que era aquilo atiçava a curiosidade de Binno como poucas coisas na vida. Tanto que ele nem lembrava que não sabia para onde estava indo. O destino daquela viagem era um imenso mistério, mas, naquele momento, não era o mais importante.

O último resquício de sol já havia desaparecido há mais de uma hora. E o céu estrelado era o quadro mais bonito que Binno já tinha visto. Sobre o asfalto, a luz verde do farol tremulava de um jeito divertido. Mais uma vez, o homem tirou sua varinha do bolso do casaco.

Apontou-a para a esquerda e, como se desenhasse um arco, apontou-a para a frente, e depois para a direita. Em seguida, guardou a varinha mais uma vez e, abruptamente, inclinou a moto para a direita. Eles saíram da estrada. — *“Esse cara enlouqueceu?”* — A moto começou a dar solavancos difíceis de domar. Eles desceram alguns metros sobre um matagal que foi se tornando cada vez mais ralo. O mato foi diminuindo até ceder espaço para um campo plano.

Um gramado liso e uniforme, isso era tudo que o farol mostrava.

O zumbido da moto cessou. Foi um alívio sentir o silêncio.

— Onde estamos? — perguntou o garoto ao descer da moto.

O homem deu um passo à frente, tirou algo do bolso e pareceu perfurar a terra com um dos dedos. Depois limpou o dedo na enorme capa de couro preto e permaneceu em silêncio. Será que ele estava esperando alguma coisa?

Os dois ficaram parados por alguns segundos. Binno olhou para a moto e calculou o tempo que precisaria para pular em cima dela e ir para longe daquele sujeito maluco. Afinal de contas, justo



agora que estava livre, não ia querer ser encaminhado para a pena de morte sabe-se lá por quê.

O homem se abaixou, pegou algumas folhas de uma plantinha e as cheirou. Fez um comentário que não deu para ouvir e deu alguns passos para a frente.

Tinha de ser agora.

Binno pulou em cima da moto com o máximo de agilidade que pode ter um garoto de treze anos. Era preciso ser muito rápido, pois no lamaçal ele já havia testemunhado o que aquele homem de capa preta podia fazer. Antes que o gigante pudesse se virar, forçou o máximo a mão direita.

O homem continuou de costas.

E moto não reagia. — *“Isso não acontece no Supergiro”*. Aproveitou a distração do homem e apertou novamente com o máximo de força que tinha na mão direita.

— *Por que essa coisa não anda?* — Agora ele usava as duas mãos.

— Você precisa de muito mais força — falou o homem, que ainda continuava de costas.

— Vai precisar de mais cinco anos para conseguir ligar essa flutueira.

Flutueira! Finalmente Binno descobriu como se chamava aquela estranha moto.

— Acontece que você quer me levar para a cadeira elétrica. Então, não tenho tanto tempo para conseguir ligar essa.. — Binno estava forçando o máximo que podia — ...flutueira.

— Câmara de desoxigenação.

— O quê? — o garoto cansou, e agora olhava para o antebraço inchado.

— Você disse “cadeira elétrica” — o homem, ainda de costas, ostentava imponência. — Mas isso não existe há milhares de gerações. O que existe agora são câmaras de desoxigenação.

Binno fez uma cara de quem não entendeu nada e voltou a apertar a flutueira com as duas mãos.

— Escuta aqui senhor...

— Orion Sirineu. Graduado de Prata e salva-costas pessoal do Doutor Ítalo.

— O quê?

— Esquece — Orion ignorava o vento sacudindo sua capa de couro.

— Bom, senhor Orion da Prata não sei o quê, saiba que eu não vou me entregar tão fácil. Aliás, não vou me entregar nunca — as mãos de Binno já estavam inchadas e vermelhas, tamanha era a força que fazia.

Durante alguns segundos, tudo o que se ouvia era Binno arfar de tanto fazer força. Mas em seguida, outro som interrompeu o silêncio.

— Esse zumbido, *aff, aff*, é o que eu estou, *aff, aff*, pensando que é?

— É. Agora Binno tentava morder o guidão direito da flutueira.

Orion Sirineu, ainda de costas, balançava a cabeça negativamente.

— Você vai ficar aí — Binno não conseguia disfarçar o desespero — com esses teus óculos escuros? Não viu que não tem sol há horas? Eu preciso de ajuda, por favor.

O zumbido aumentava a cada segundo. Orion resmungou enquanto contemplava sabe-se lá o quê: — Todo mundo diz para não dar gorjeta a um subtáxista na vinda, todo mundo diz para guardar para a volta, mas eu não ouço. Por que sou assim? — o homem balançava a cabeça, desapontado. O ruído agudo continuava a aumentar insistentemente.

Finalmente, Orion se virou para a flutueira. O zumbido já estava ficando alto demais.

— Saia daí, eu ligo isso — então Binno pulou de volta para o chão. Mas antes que Orion pudesse subir na flutueira, algo surgiu da terra, como um golfinho que ganha a superfície do mar.

— Já era hora — exclamou Orion.

Uma cápsula transparente emergiu, cuja estrutura lembrava a casca de um ovo rodeada por uma esteira imensa girando a uma

velocidade assustadora. Havia três bancos, compridos como os bancos traseiros de um carro. Com detalhes em azul cintilante, a cápsula transparente deixava visível o item mais assustador: o motorista. Um sujeito baixinho, magrinho e com uma cabeça muito maior do que as proporções normais.

O sujeitinho tinha olhos enormes e dentes que lembravam um castor; sua pele era azulada e ele não parava de mexer o maxilar inferior, como se quisesse coçar os dentes ou algo assim.

— Foi mal pelo atraso — o sujeitinho tinha um olhar desdenhoso. — Vocês não imaginam o tamanho da minhoca que entrou no meu carburador.

Uma porta lateral se abriu e Orion Sirineu entrou na cápsula transparente sem pronunciar uma única palavra.

Binno não queria entrar naquele troço. Antes que Orion o obrigasse, ia fugir. Pulou outra vez na flutueira e forçou tanto o guidão direito que seus olhos pareciam estar prestes a saltar para fora das órbitas.

O zumbido estava a uma altura que não deixava dúvidas: os cangaceiros estariam ali em segundos.

— Você não vem? — Orion perguntou onipotente, sem ao menos virar a cabeça na direção do garoto.

Binno apertava o guidão da flutueira de todo jeito que conseguia imaginar.

O zumbido só aumentava. — Não vou. Você vai me entregar para a câmara-não-sei-o-que-lá. — Você terá um julgamento justo — depois, Orion falou em um

tom mais grave. — Eu prometo. O zumbido estava tão alto que Binno já tinha dificuldade até para ouvir a própria voz.

— Você vai me defender?

— Não posso — Orion respondeu com pressa. — Sou um salva-costas, não um advogado.

— Então, nada feito — Binno apertou o guidão com o máximo de sua raiva. A flutueira finalmente ligou. — *Yesss!!!* — o garoto sorriu satisfeito. Ele ainda pôde ver a expressão contrariada de Orion.

Quando pensou em acelerar, a mulher da cicatriz apareceu à sua frente. Ele girou a flutueira, mas atrás outros homens apareceram. Binno olhou para Orion, que deu de ombros. Como não tinha outra escolha, saltou para dentro da cápsula transparente enquanto os motoqueiros — *ou seriam flutueiros?* — salpicavam o veículo com balas.

A rajada de tiros fez ainda mais barulho.

O motorista azul rapidamente fechou a única porta da cápsula e começou a assobiar.

Binno não quis acreditar: estava preso novamente.

— Muito prazer, sou Ernest, seu criado. Não precisa se preocupar — o homenzinho mexia em algumas alavancas —, o meu subtáxi é um veículo altamente seguro.

A posição do veículo mudou e a ponta do ovo agora estava apontada para a terra. Binno ainda viu a decepção no rosto dos flutueiros. — Viu, ele é completamente blindado — o homem azul continuava falando, mas Binno não prestava atenção. À medida que o subtáxi se aprofundava na terra, a areia ia caindo e tapando o túnel deixado pelo veículo. Tudo o que ficava para trás era terra remexida. Dentro do subtáxi havia uma luz azulada e o motorista falava sem parar. — Meu povo é conhecido por prestar ótimos serviços ao povo da sua cidade, não é Orion?

Orion apenas acenou com a cabeça positivamente. O subtáxi era pequeno para seu imenso corpo; ele precisava se curvar para caber no veículo.

Surpreendentemente, Ernest girou totalmente o volante em formato de V que segurava com muita firmeza. Fez um movimento com muita agilidade, que deu a impressão de ele estar contornando algo.

— Vocês viram aquela rocha vulcânica? — Ernest parecia realmente excitado.

— Que manobra, hein? — ele lançou um sorriso para Binno através de um espelhinho à sua frente; Binno retribuiu o sorriso, mas não entendeu bem o porquê.

A viagem toda foi assim: Ernest falando coisas que Binno não entendia. Coisas absurdas sobre os túneis maravilhosos da praia tal, ou os lençóis freáticos divinos da cidade tal. Ele também contou que depois de uma grande explosão, há milhares de gerações, algumas pessoas começaram a se abrigar em escavações subterrâneas e assim deu-se início ao seu povo, os roedores da terra.

— Muito bem, chegamos — Ernest passou uma maquininha para Orion, que digitou alguns números. — O papo estava muito bom... pena que acabou. Mas sempre que precisarem.. — o homenzinho estendeu sua mão com longas unhas e entregou um cartão transparente para Binno. Não havia nada escrito nele. Binno também não entendeu isso, mas guardou o cartão no bolso. Achou melhor não perguntar nada.

Orion puxou sua varinha e depois limpou a garganta.

— O quê? — falou ele pelo espelhinho. Ernest fez uma cara de sonso.

Orion limpou a garganta novamente. Agora, falou muito mais alto. — Ah sim, me desculpe.

Ernest ligou o subtáxi novamente. Andou mais alguns metros e finalmente uma luz externa surgiu.

O veículo parou e a única porta se abriu. Os dois passageiros desembarcaram e se despediram de Ernest, que outra vez entrou terra adentro.

— Finalmente! — Binno resolveu puxar assunto com Orion. — Tem gente que não sabe a hora de fechar a boca. — Então, dê o exemplo — Orion respondeu, seco.

Binno deu uma olhada a sua em volta. Mas o que viu fez seu queixo cair.

Eles haviam emergido em uma caixa de areia onde uma placa sinalizava "desembarque de subtáxi". Essa areia estava em um pequeno cantinho de um fabuloso túnel, ondulado como o interior de uma cobra gigante, totalmente branco com pontos de luz azul em toda sua extensão.

Centenas de homens e mulheres circulavam apressados de um lado para o outro, alguns sobre patins, outros em microflutueiras silenciosas. Um garoto passou ao lado de Binno sobre uma prancha comprida que deslizava de um lado para o outro nas curvas do túnel.

A maioria apenas caminhava com pressa. Eram pessoas de todo tipo, tão baixinhas que jamais alçariam a cintura de Orion, ou tão altas e magras que lembravam postes ambulantes; outras possuíam pescoços longos, enquanto algumas tinham braços dez vezes mais grossos que as pessoas com pernas finas...

— Se estou sonhando, por que minha perna dói tanto? — Binno tinha uma expressão abobada no rosto quando disse isso; parecia estar em algum transe.

— Você não está sonhando — Orion começou a caminhar. — Sua vida é que é um pesadelo.

Binno tentava acompanhar Orion, mas a perna doía, então ele cambaleava e mal conseguia parar em pé. Não aguentou. Para não dar com a cara no chão, apoiou seu peso na capa de Orion.

— O que houve?

— Tudo isso, o que é tudo isso? — o garoto continuava absorto.

— Isso aqui? — Orion puxava sua capa insistentemente, mas Binno não a largava. — Bem, é o túnel de embarque do submaré.

— E todo o resto?

— Chega de perguntas, garoto. Observe com atenção que as respostas virão naturalmente.

Um pouco tonto, Binno tinha dificuldades para acompanhar os passos largos do gigante.

Apressados, desviavam da multidão. Ou melhor, a multidão desviava de Orion. E Binno entendia, pois com certeza era o homem mais forte do lugar.

Binno notou que há algum tempo Orion não puxava sua varinha, então talvez aquela fosse uma boa hora para perguntar a respeito.

— Por que você não usa mais a sua varinha encantada?

— Varinha? — Orion estava passando sobre as pernas de um homem sentado no chão e que tocava um instrumento parecido com um violino, só que cheio de botões e luzes.

— É, aquela sua varinha com uma luz na ponta — agora foi Binno quem pulou as pernas do músico, que balançava uma caneca pedindo esmolas, e como Binno não tinha moedas, o homem mostrou a língua para o garoto, uma língua parecida com a de uma cobra, mas com três pontas.

Orion Sirineu respondeu com ironia:

— Não é uma varinha — em um tom fantasmagórico — encantada. — Depois riu da própria brincadeira.

— Tudo bem. E por que você não a usa agora?

— Porque conheço esse lugar muito bem.. — um homem distraído chocou-se contra seu peito; o sujeito caiu sentado, mas Orion agiu como se não tivesse acontecido nada — ... não preciso dela.

Binno ajudou o homem a levantar, depois correu para alcançar seu guia. A conversa não adiantou muita coisa, e continuou sem saber o que era aquela varinha.

Caminharam mais um pouco até chegarem a um ponto em que o túnel tinha paredes transparentes. Através dessas paredes, Binno pôde constatar algo impressionante: o túnel estava em alto-mar!

— Minhanossasenhorado céu, onde estamos?

— Não te ensinaram nada no tal Internato, não é? — o tom de voz de Orion deixou claro que ele não estava a fim de dar nenhuma explicação.

— Me ensinaram a estender o lençol — murmurou Binno.

— Já é alguma coisa — Orion segurou a própria orelha, como se quisesse escutar alguma coisa.

De repente ouviu-se um cântico agudo. Binno olhou para cima e viu o animal mais incrível que já havia visto em toda a sua vida: uma baleia gigantesca passeava calmamente acima das paredes transparentes do túnel, e uma luz azul era emitida por toda a extensão de seu corpo.

Orion fazia questão de mostrar que não gostava de dar explicações: — Como é fácil notar, estamos nas águas profundas do Grande Oceano, e por isso existem baleias luminosas, como esta que você está vendo.

Binno contemplava o animal, perplexo.

Orion acelerou a explicação: — Que lugar é esse? A Estação Tropical do submaré. Para onde estamos indo? Para o nosso box, o 7B27, onde iremos nos sentar em um confortável StarSubLux e viajar pelos corredores de pressão a noite inteira. Amanhã pela manhã já teremos chegado ao nosso destino. — então o tom de voz de Orion ficou mais grave: — E nunca mais eu vou precisar responder às suas perguntas.

Ficou claro que aquilo era o máximo que Binno conseguiria arrancar de Orion: o homem detestava falar. O jeito foi Binno ficar de olhos bem abertos para tentar encontrar mais respostas.

Eventualmente, eles passavam por boxes de embarque, túneis pequenos onde as pessoas entravam em meios de transporte que lembravam subtáxis maiores e mais compridos. Como estava escrito nos painéis que Binno leu, aqueles eram os “StarSubLux. Bancos reclináveis, atendimento personalizado e um novo conceito no transporte em correntes submarinhas”.

Binno continuava com dificuldade para acompanhar os passos rápidos de Orion. Ele havia ficado para trás outra vez quando viu algo que atraiu sua atenção.

Um homem barrigudinho portava uma varinha muito parecida com a de Orion e caminhava de um jeito desajeitado. Usava uma túnica amarela e óculos com lentes da mesma cor. Na outra mão, levava uma bengala.

— *Talvez o barrigudinho me diga para que serve essa varinha.*

Binno afastou-se de Orion sem que ele percebesse e tentou se aproximar do homem de amarelo.

O barrigudinho de amarelo era um sujeito de idade muito avançada, por isso andava curvado e muito lentamente. Ele se aproximou da imensa fila que havia no seu box de entrada. Uma



fila comprida e sinuosa, cheia de gente esquisita e mal-humorada. Como todas as filas, aliás, porque não existe humor que resista a uma fila comprida e sinuosa.

O velhinho curvado firmou seus óculos amarelos no rosto, movimentou a varinha e passou com passos cansados pelas pessoas. Estava claro que ele não ia ficar na fila. Binno teria de se apressar se quisesse falar com ele. O barrigudinho já tinha deixado metade da fila para trás quando um homem comprido, muito alto e magro, mostrou que ele deveria voltar para o fim da fila. E todos na fila concordaram, pois não queriam deixar um velhinho passar na frente.

Irritado, o barrigudinho usou a ponta de sua bengala para puxar uma das pernas do homem comprido. Afinal, quanto maior o homem, maior o tombo. O sujeito caiu sobre uma mulher, que caiu sobre outra pessoa. E a fila virou uma confusão generalizada. O barrigudinho saiu de fininho, como se não tivesse nada a ver com o que estava acontecendo, e seguiu na direção do seu boxe.

Binno já estava muito próximo do barrigudinho quando um rosto muito conhecido bloqueou sua passagem.

— OXZ, finalmente encontrei você.

Era Patrick Shwartz, governador da Colônia de Utoppy — “o único lugar que sobreviveu”, conforme diziam as mentiras que contaram ao garoto. Ele olhava para Binno com uma simpatia excessiva, uma atitude muito estranha, principalmente vinda de uma autoridade. Alguém que Binno conhecia muito bem, mas só pela TV.

— Como vai você, geniozinho dos computadores?

Binno respondeu com um sorrisinho sem graça. O barrigudinho de amarelo já havia entrado em seu StarSubLux.

E Orion já devia estar longe.

Muitos homens engravatados surgiam de todo canto. Parecia que só estavam esperando Orion se afastar para agir.

Eram homens vestindo paletós bem alinhados e com cabelos muito bem penteados. Entre eles Binno reconheceu um rosto: Eliah

Well, o assessor do governador. Eliah tinha um galo enorme na testa e pressionava o olho muito roxo com um paninho úmido.

Bom, talvez aqueles homens o ajudassem a compreender tudo aquilo. Afinal de contas, eram funcionários do governo.

Mas Binno mudou de opinião muito rápido quando alguns dos homens fizeram questão de mostrar sua intenção. Eles levantaram um pouquinho seus paletós e deixaram armas à mostra.

Eliah puxou sua pistola, que mais parecia um secador de cabelos. Depois, guardou a arma nas calças. Muito atrapalhado, deixou claro que aquela era a primeira vez que manuseava uma arma daquele tipo.

— Agora, você vem com a gente — ordenou o governador, ao mesmo tempo que apertava o braço de Binno.

Binno não sabia o que fazer. Seria levado de volta para o Internato?

Patrick Shwartz segurava com força o braço do garoto, mas quando se virou, com certeza tomou um dos maiores sustos de sua vida.

— O garoto está comigo — o gigante Orion não tinha nenhuma expressão em seu rosto. Se tinha, estava muito bem escondida por trás de seus óculos enormes.

Era incrível como Orion parecia novamente gigante. Tão grande e inatingível como lá no banhado. Naquele momento ficou claro para Binno por que seus instintos disseram para ele acompanhar aquele homem. Quem se oporia a alguém daquele tamanho?

Shwartz tremia, mas ainda assim tentou responder. — E-e-ele pertence à nossa colônia.

— Não pertence mais — Orion não olhava para ninguém: apenas fitava o horizonte e falava sem sentimentos.

— A Aliança Maior solicita a presença desse garoto e eu sou o responsável por levá-lo em segurança. Agora, nos deem licença.

Orion soltou a mão de Shwartz do braço de Binno. Depois, seguiu caminhando sem olhar para trás. Binno correu até o salva-

costas. E todos os homens do governador abriram espaço para os dois.

— Você continua sendo o garoto de recados do Ítalo, não é?

— Shwartz tirou coragem sabe-se lá de onde para gritar isso.

Quem estava próximo parou para ouvir.

Orion parou. Fitou os próprios pés. Em seguida, ergueu a cabeça e seguiu andando.

— Será eternamente um Graduado — Shwartz provocou novamente.

Orion virou-se com raiva e caminhou na direção do governador, ignorando quem estivesse na sua frente. Binno teve de sair rápido de seu caminho para não ser atropelado.

— Eu posso te ajudar — Shwartz falou, já sem tanta coragem. Orion segurou o refinado paletó do governador e ergueu o homem até que os dois ficassem da mesma altura, olhos nos olhos.

— Não preciso de você, Patrick.

— Tenho meus contatos — o governador tinha dificuldade para falar. — Você sabe, não sabe?

— Guarde sua falta de ética para a sua Torre de Comando, sim. Agora o governador definitivamente não tinha mais como respirar. — Sim, sim, tudo bem... aff, aff... eu só quis ajudar.

Orion largou o homem como se quisesse que ele quebrasse as pernas no chão. Virou-se. Atropelou Eliah como se fosse um boneco de plástico. Seguiu seu caminho.

Outra vez, Binno teve de correr para acompanhar seus passos.

Eles finalmente chegaram ao boxe 7B27. Uma mulher, marémoça, como dizia seu crachá, acompanhou os dois até suas poltronas no StarSubLux e perguntou se desejavam algo.

Orion apenas balançou a cabeça em negação. Em seguida, Binno não se conteve:

— Estou louco para chegar. Quero saber para onde vamos.

Depois de um pequeno silêncio, Orion esboçou algo muito próximo de um sorriso.

— Do jeito que você anda se comportando, não vai sobreviver dois dias na Cidade Original.

— *Yes!* — agora era a vez de Binno sorrir. Finalmente Orion havia deixado escapar o destino daquela viagem. A lendária Cidade Original, o lugar mais avançado do universo.

Provavelmente era o cenário de seus sonhos. Ele sempre achou que aquela cidade era só uma lenda da internet. Binno ficou mais um pouco em silêncio, mas não se conteve e soltou um risinho bobo.

— Do que você está rindo? — Orion perguntou, em um tom muito sério.

— Você disse que eu não vou sobreviver na Cidade Original. Mas também disse que eu não ia conseguir ligar a flutueira.

— E daí?

— E daí que eu consegui ligar a flutueira — agora Binno se esticava na poltrona, como se contemplasse os próprios sonhos. — E vou sobreviver na Cidade.

Orion não falou mais nada. Apenas virou-se e cochilou. Seus roncos eram tão altos que os outros passageiros ficaram inquietos. Mas ninguém ousou reclamar daquele brutamontes.

Durante grande parte da viagem, Binno observou cardumes coloridos, peixes brilhantes e lulas gigantes se aproximando do StarSubLux. A uma velocidade incalculável, aquele fabuloso meio de transporte deslizava tranquila e confortavelmente pela corrente marítima. Binno mal conseguia registrar na memória tudo o que via.

— A Cidade Original existe. E eu estou indo para lá — cochichou.

## 5.0

### O julgamento de OXZ

– Bom dia, queridos passageiros. Em poucos segundos estaremos na zona de desembarque da Cidade Original – cantarolou uma doce voz feminina.

Binno já estava acordado fazia alguns minutos, mas não abriu os olhos. Seria horrível olhar outra vez para seu cubículo deprimente, para o IA Big Mãe, para o corretivo.

No entanto, a voz da simpática marémoça permitiu que ele abrisse os olhos sem medo. Agora tinha certeza: aquele lugar fantástico, as flutueiras, o subtáxi, a baleia luminosa, tudo aquilo eram experiências reais, não delírios de um garoto pendurado pelos calcanhares em alguma sala escura do Internato de Utoppy.

Binno estava no “mundo lá fora” e nada podia ser melhor do que viver tudo aquilo.

Orion bocejou como um leão. Enquanto se espreguiçava, dois passageiros tiveram de se encolher em um canto para não ser socados pelo punho do homem.

A marémoça anunciou alguma estação de nome estranho. —

Vamos garoto. A nossa é a próxima. Orion ficou de pé, mas teve de curvar um pouco as costas para andar pelo corredor. O StarSubLux passou por baixo de um arco com letras enormes.

Letras que acendiam e apagavam. “Bem-vindos à Cidade Original. Aqui, não existe impossível.”

Acendiam e apagavam. “Bem-vindos à Cidade Original. Aqui, não existe impossível.”

Acendiam e apagavam.

E o olhos de Binno brilhavam junto com aquelas luzes.

— Estação Palácio da Aliança Maior. - A marémoça anunciou a estação. Ao mesmo tempo, o StarSubLux encaixou-se à entrada de um túnel, que estava ligado a um imenso submarino branco.

Algumas pessoas desceram: duas mulheres, que falavam tão rápido que só foi possível entender uma frase: — Se eu vir aqueles cabelos verdes, agarro na hora! — ; um homem com a pele tão branca que chegava a ser transparente, e um casal de anões segurando seu filho muito gordo e muito mais alto do que os dois juntos.

— Gigante!

Uma voz se destacou nos murmurinhos. Uma voz fina e que parecia feliz.

— Kira, minha princesinha!

Uma garota muito magra se agarrou ao pescoço de Orion. O homem girou o corpo para fazê-la rodar. Ela usava uma saia fininha por cima de uma calça preta; a saia também rodou. A garota usava uma única luva colorida e sem dedos, tão comprida que cobria até o seu cotovelo. Ela tinha cabelos vermelhos muito fininhos, a mesma altura de Binno e, provavelmente, a mesma idade. “Que bonita!”, pensou o garoto enquanto observava o estranho gosto da garota: botas pesadas e pretas e uma blusa muito colada ao corpo, cheia de remendos.

— Então, Orion, esse é o réu desta noite? — agora, o que chamou a atenção de Binno na garota foi um *piercing* preto em um dos lábios e seu rosto muito fininho. Sua franja estava um pouco longa, e isso impedia que se olhasse direto nos seus olhos.

— É, é ele sim — Orion respondeu meio sem jeito, e depois, sem olhar para o garoto, falou alto: — Binno, esta é Kira Bella. Ela é filha do grande Doutor Ítalo Bella.

— Orion, por favor. Prefiro não ser apresentada a esse rapaz. — Kira, não fale assim. Ele é um bom garoto. — Um bom garoto? Por favor, é uma cópia malfeita de gente e tentou destruir a Aliança. Orion fez um breve silêncio, depois falou em um tom muito baixo. — Princesinha, receio que ele seja inocente. Kira olhou para Binno como se ele fosse um pudim estragado.

— *Inocente?*

O garoto não estava gostando nada daquela situação.

— Orion, vamos para o tal Palácio — disse Binno.

— Você está no Palácio — Kira empinou o nariz o máximo que pôde, antes de continuar o que dizia: — Este é o Palácio da Aliança Maior. Mas ele não é um empreendimento submerso fixo: é um submarino.

— O Palácio é na verdade um submarino? E o que aconteceu com a terra firme? — Binno não queria fazer mais nenhuma pergunta, mas essa saltou de sua boca antes que ele pudesse segurar.

Kira fechou os olhos e fez cara de quem acabara de ouvir uma imensa bobagem. Na mesma hora Binno se arrependeu de ter começado a falar.

— OXZ, você precisa aprender a observar mais e perguntar menos — disse Orion em um tom de voz alto. — Perspicácia é fundamental para qualquer um na Cidade Original, entendeu?

Binno balançou a cabeça positivamente, mas estava mentindo: não tinha entendido bulhufas.

— Agora você precisa ir. Boa sorte, garoto.

Só depois que Orion disse isso Binno notou dois homens atrás dele. Eles usavam um uniforme de guerra totalmente branco e lembravam muito os “enfermeiros” da senhora Valquíria.

Os soldados seguraram firme Binno pelos braços, o ergueram e começaram a caminhar para longe de Orion e Kira.

— Mas Orion, você prometeu que ia cuidar de mim. — Até aqui, OXZ. Só até aqui. — Não, eu pedi que você me defendesse. — E eu prometi um julgamento justo, só isso.

Binno não falou mais nada, já estava longe demais do homem dos óculos escuros. O garoto sabia que não tinha sido traído: Orion cumprira tudo o que prometera. Mas mesmo assim, não conseguia impedir que o ressentimento ardesse em seus olhos.

— *Por que confiei naquele gigante?*

Binno quase morreu de susto quando os homens o carregaram até o elevador: a porta se abriu e nenhum elevador estava ali. Os soldados jogaram o garoto naquele vão e ele caiu por

vários andares. Tentava gritar, mas não conseguia. O desespero encheu seu estômago e trancou sua garganta.

Em seguida, sentiu uma massa de ar empurrar seu corpo para cima.

A velocidade da queda foi diminuindo. Binno foi caindo cada vez mais devagar, devagar, devagar... até seus pés encostarem delicadamente no chão, como se ele tivesse o peso de uma pluma.

— O elevador de ar assusta na primeira vez, né?

Aquela voz era conhecida. Binno olhou para o lado e viu a última pessoa que gostaria de ver naquele lugar. Aliás, a última pessoa que ele gostaria de ver em qualquer lugar.

Ele usava um uniforme branco e um guarda-pó esquisito. Mas os cachinhos loiros encaracolados não enganavam ninguém. Os olhos azuis afiados, lançando um olhar de superioridade. A pele clara, quase albina.

— Gabriel, isso tudo é culpa sua? Você vai me pagar.

Binno foi para cima do garoto.

Dois soldados o seguraram. Se não fosse por isso, teria socado

Gabriel com toda a força. — Não era você que adorava morar no Internato? Por que saiu de lá? — Binno rosnava sem medo dos soldados que o arrastavam para o outro lado. — Eu estou sendo preso por sua causa, não é? Você inventou alguma história, não foi?

— Não sei do que você está falando — por baixo dos cabelos encaracolados o garoto parecia tranquilo.

— Não se faça de desentendido, Gabriel.— Gabriah, por favor. — O quê? — Você me chamou de Gabriel, mas meu nome é Gabriah. G, A,

B, R, I, A, H.

— Mas o seu nome...

— É nome de homem, sim. E se questionar outra vez, quebro seus dentes — o garoto disse isso com uma calma que não era natural do Gabriel que Binno conhecia.

— Como assim? Você não é o Gabriel que vivia comigo no Internato? — os soldados já tinham colocado Binno dentro de uma



cela com grades brancas, mas ele estava concentrado demais na conversa com o garoto dos cachinhos para notar.

— Que Internato? Você é maluco? Eu morava com minha mãe na Cidade das Palafitas.

— Cidade das... Mas e a Colônia de Utoppy, o IA Big Mãe, o sol quente, nada disso te diz nada?

— Olha, meu amigo, você só pode estar me confundindo com alguém. Só pode ser isso. Eu tenho muito a fazer. Pegue seu lanche e me deixe trabalhar, por gentileza.

Realmente era alguém educado demais para ser Gabriel. Mas a semelhança era incrível.

O garoto loiro empurrou um carrinho até as grades brancas e Binno pegou um sanduíche e um copo de suco. Gabriah virou as costas e saiu empurrando seu carrinho sem fazer mais nenhum comentário.

Os dois soldados o acompanharam.

Binno permaneceu parado. Pensou um pouco, depois olhou para o sanduíche que tinha nas mãos. A cara era muito boa. Rapidinho descobriu que também tinha um gosto muito bom. O recheio ele não conseguiu definir muito bem o que era, mas acompanhado daquele suco rosa, era a refeição mais gostosa que já tinha experimentado na vida.

Binno resolveu sentar e aproveitar.

— Minha nossa! Por que não peguei mais uns três?

— O lanche daqui é uma delícia, não é? — uma voz estranha se fez ouvir na cela. — Espere até o jantar... Aí você vai ver o que é bom.

Só agora Binno olhou em volta. Ele estava em um calabouço ou algo assim. Havia muitas celas ali. Outra vez, somente uma outra cela parecia ter mais alguém. Como a luz chegava só até as grades, era impossível ver se alguém estava lá.

— Quem disse isso?

— Alguém que gosta de conversar. A voz veio da cela escura. Era uma voz arranhada e descontraída.

Binno ficou feliz por ter alguém com quem falar.— É, realmente esse sanduíche é uma delícia — deu mais uma mordida no lanche e falou de boca cheia: — Sabe que recheio é esse?

— Molustrácio — a voz respondeu. — O que é isso?— Ah, são animais adoráveis — a voz arranhada respondeu. — Parecem uma bolha de meleca de nariz e se alimentam das fezes de baleias, golfinhos e outros animais do tipo.

Binno cuspiu tudo o que tinha do sanduíche na boca e começou a limpar a língua na manga da camiseta.

Uma risada enorme veio da sala escura. Alguém parecia estar se divertindo à custa de Binno. — Calma garoto, é brincadeira. O recheio é de papa-terra. Um peixe muito gostoso que não chega nem perto das fezes de ninguém. Binno ficou com raiva. Mas só por alguns segundos, depois riu da situação.

— Muito engraçadinho você é. Por que está aqui? O rei não gostou das piadas do seu bobo?

— Bom, digamos que os Doutores não gostaram de uma brincadeirinha que eu fiz.

Agora o dono da voz arranhada se aproximou da grade e revelou sua imagem assustadora. Um dos olhos não era humano, mas mecânico. Tinha cabelos longos, pretos e muito bagunçados. Quando sorria, mostrava dentes cromados como panelas polidas.

Uma das mãos também era mecânica.

Era um homem muito magro e usava roupas muito largas, pretas e prateadas. E em uma das mãos segurava um chapéu comprido e prateado.

A luz fraca mostrou uma imagem gravada no chapéu.

Binno deu um passo para trás assim que reconheceu o desenho: a imagem de uma caveira refletia um brilho fraco.

— Acho que eles não entenderam a minha piada.

O sujeito parecia completamente despreocupado, tão relaxado e descontraído que era impossível não simpatizar com ele, mesmo com aquela aparência horrenda.

Ele encostou-se de lado nas grades e com a mão mecânica coçou a cabeça enquanto bocejava. Agora era possível ver

claramente: seus dentes brilhantes não eram naturais. — Já não respeitam profissionais como eu, sabe?

Binno tomou coragem e seguiu conversando com o sujeito. Afinal, ele era a primeira pessoa que estava disposta a conversar sem pressa.

— E qual é a sua profissão?

— Pirata — o homem respondeu com a tranquilidade de alguém que diz ser caixa de banco.

— Como assim, pirata? Você rouba?

— Não uso essa palavra. Acho-a um pouco forte. Apenas transiro os bens materiais de outras pessoas para a minha embarcação, entende?

— Você tem uma embarcação?

— Naturalmente. A mais veloz embarcação do Grande Oceano. Binno ouvia tudo aquilo boquiaberto.

— Ele é conhecida como Zum Voador, por emergir à superfície com a velocidade de um falcão.

— Então você tem um submarino como este? — Não como este. Mas muito menor e mais ágil. Este submarino — ele cuspiu no chão como se quisesse ofender o lugar onde estava — é um porco tão gordo que mal consegue se mexer. Estamos falando do Zum Voador, capaz de se movimentar como uma cobra d'água: rápida e perigosamente.

Binno começou a desconfiar daquela conversa. — Se o seu submarino é tão bom assim, como eles te pegaram?

O pirata se mantinha descontraído, como se estivesse em uma colônia de férias. — Se eu disser que deixei eles me pegarem você acreditaria?

— É claro que não.

— Então não vou dizer.

Durante alguns segundos, os dois continuaram em silêncio. Então o garoto resolveu dar o braço a torcer e puxou outro assunto. — Mas como você faz para atacar os navios? — Binno estava fascinado com aquela história de pirata.

— Humm.. — o sujeito usou seu único olho bom para mirar os olhos de Binno — temos um saudosista. Meu jovem, sinto informar que faz algumas gerações que não existem navios. A acidez dos oceanos e o calor do sol impedem todos de subir à superfície. Por isso o Zum Voador é tão importante: ele é a única embarcação capaz de suportar a acidez das águas rasas. Ele é resistente como a pele grossa de uma baleia-luminosa. Para ele, aquilo é uma brisa refrescante de verão.

— Mas eu morava na superfície — Binno falou meio boquiaberto. O pirata apenas lançou um olhar de interrogação.

Então Binno contou como era Utoppy e como era chato viver lá. Para o pirata, era fascinante saber que existia terra firme em algum lugar no Grande Oceano.

De vez em quando, o pirata soltava uma de suas risadas rasgadas, pois achava incrível que Binno fosse tão desinformado.

O pirata contou algumas de suas aventuras e Binno o ouvia maravilhado. Embora achasse péssima a ideia de roubar.

Tirando o fato de estarem presos, aquela foi uma tarde muito agradável para ambos, conversando e dando boas risadas.

— Vejo que os dois infratores estão se dando muito bem.

Kira Bella tinha acabado de chegar pelo elevador de ar. Com ela, uma dezena de pessoas muito curiosas, portando máquinas fotográficas e usando camisas coloridas. Kira lançou um olhar de desprezo para Binno.

— Este é o centro de retenção para infratores graves — ela fez um gesto amplo: — Deste lado — apontou para Binno, olhando para as pessoas com quem falava — vocês veem Binno OXZ, procurado há meses em todo o Grande Oceano e finalmente capturado por Orion Sirineu, o nosso Graduado.

Kira parecia fazer força para não olhar para Binno. — De quem OXZ é comparsa eu não preciso dizer, não é?

Os visitantes — seriam turistas? — balançaram a cabeça negativa mente.

Kira detalhou: — Este garoto é o responsável pelo IA Xenon, que libertou de Alcatriz o homem chamado Hefesto Xenon, líder do

Exército Rebelado, que quer reestabelecer o antigo Império Enguia. Vocês conhecem História, não é? O Império Enguia tinha como símbolo a grande Mão Negra que oprimia as pessoas. Era o jeito cruel de governar antes da existência da Aliança Maior e seu círculo de Doutores.

As pessoas fingiam entender de História. Mas a verdade é que todos ali só queriam fazer novas fotos para compartilhar em suas redes.

A menina guia tirou a franja de sobre os olhos e enfatizou. — Resumindo, este garoto é aliado de tudo que ameaça nossa paz.

As pessoas lançavam olhares de nojo para Binno; um menininho muito jovem chegou a fazer uma careta feia.

— O julgamento desse terrível elemento será hoje à noite. A comissão de juízes já está aqui no Palácio. — A guia já se virava para o outro lado. — Aqui — apontou para a cela do pirata — vocês podem ver Spike Spy, ou como ele é conhecido: Mandíbula de Prata. — O pirata sorriu amigavelmente e cheio de orgulho para os visitantes, que retribuíram o sorriso com acenos e cumprimentos de cabeça. Uma mulher tirou uma foto de Spike. Kira não gostou daquilo, continuou sua explicação: — Trata-se de um desprezível, possui sentenças de morte em toda extensão do Grande Oceano e foi preso recentemente por um ato de extrema audácia, ou como eu prefiro dizer, por burrice.

Spike Spy prestou uma reverência a Kira com muita cordialidade. Os visitantes riram de sua ironia.

Ela se irritou. Mesmo assim, continuou. — Ele foi capturado quando entrou aqui no Palácio da Aliança Maior. Com a maior cara-de-pau, ameaçou explodir tudo se não lhe entregássemos nosso estoque de suprimentos.

— Eu estava com fome — Spike respondeu com um sorriso insolente.

Os visitantes aplaudiram, como se estivessem em um *show* de TV. Alguns tiraram fotos dele nesse momento. O pirata se divertia: — Além do mais, aqui dentro estou protegido contra o assédio feminino. Elas me perseguem, sabem?

Kira Bella ficou irritada com aquilo. Empinou o nariz e disse: — Agora chega, vamos conhecer o outro compartimento.

As pessoas a seguiram, mas antes de sair deram tchau para Spike; uma garota até atirou beijinhos para o pirata.

O homem se espreguiçou como se nada tivesse acontecido. E avisou: — Olha lá o nosso jantar. Agora você vai ver o que é realmente delicioso.

Gabriah tinha acabado de chegar pelo elevador de ar. Ele trazia um carrinho muito maior agora. Levou o carrinho até Spike, que se serviu com tanta vontade que Binno se perguntou como ele podia ser tão magro.

— E aí, ainda acha que eu sou aquele seu amigo? — Gabriah perguntou para Binno.

— Ele não é meu amigo — Binno não tirava os olhos da bandeja de Spike, que não parava de se servir de mais comida. — Mas não acho que você seja ele. Você é muito mais legal.

Agora Spike segurava sua bandeja com as duas mãos e um peixe inteiro na boca. Gabriah, então, levou o carrinho até Binno.

— Obrigado.

— Pelo quê? — Binno falava com Gabriah mas não tirava os olhos da comida.

— Por dizer que eu sou legal.

— Bom, na verdade, não é difícil ser mais bacana que o Gabriel. O que é isso aqui?

— Ah, isso são algas nordestinas, trazidas das águas quentes do Brasil.

— Foi você quem preparou?

— Foi sim. Eu trabalho na cozinha, mas só até eu entrar para a Universidade Maior.

— Universidade? — Binno estava enchendo seu prato de peixes e saladas que ele não conhecia, mas que tinham um cheiro maravilhoso.

— Isso mesmo. Eu trabalho aqui no Palácio para ter direito a fazer o curso Pré-Maior.

— Ah, você trabalha para o Palácio e ganha o tal curso? — Binno agora enchia dois copos com o delicioso suco cor-de-rosa.

— Isso mesmo. Eu ganho o curso e ainda posso comer e dormir aqui. Minha mãe é muito pobre, sabe? Lá na Cidade das Palafitas seria

impossível eu estudar. Um dia serei muito importante, pode apostar. Não existe ninguém no mundo que queira mais do que eu ser assim: muito importante — os olhos azuis do garoto cintilavam.

— Hummm.. — agora Binno falava, mas com a boca cheia das tais algas do Brasil —, então aquela menina do *piercing* na boca também vai fazer o tal curso.

— Isso mesmo. Ela é guia aqui. Assim ela ganha o curso — Gabriah servia uma gosma verde em um potinho. — Ela não precisaria trabalhar porque o pai dela é um Doutor. Só que ele é um homem muito cheio de manias: acha que não seria justo com os outros se ela não fizesse nada além de estudar.

— Mesmo assim ela é muito mimada, não é?

— É sim, mas eu não a culpo. Afinal de contas, o que ela pode fazer se tem um pai tão poderoso? — Gabriah estendeu o pote com a gosma verde para Binno: — Pegue, sua sobremesa.

— Obrigado — Binno agradeceu com a boca cheia de arroz marinho e peixe.

— Vou indo. Coma bem. Seu julgamento acontecerá em menos de uma hora.

Binno apenas acenou com a cabeça enquanto virava um copo do suco rosa garganta abaixo. A comida não desceu bem depois que ele ouviu aquela palavra: “julgamento”.

— Ah! — Gabriah, já saindo por um corredor, gritou: — Orion acredita na sua inocência. E eu confio nele.

Binno pensou um pouco: “Será que o julgamento seria realmente justo?”. Bom, já que não havia nada a ser feito, voltou a comer. Aquele jantar era realmente delicioso. — É a melhor comida que já provei na vida — falou para Spike.

— Ei, isso aqui é... molust.. — ele apontou para a gosma verde no pequeno pote.

— É sim — respondeu o pirata com sua voz arranhada.

— Toma para você — Binno empurrou a sobremesa até a cela de Spike.

Alguns segundos depois, a voz arranhada falou:

— Na verdade, é abacate do mar — o pirata deu outra de suas risadas. — Desculpe, amigo, mas é uma sobremesa deliciosa. Eu não podia dispensar.

Binno sorriu sem jeito. Nunca mais deixaria de comer algo por causa do tal molustrácio.

Depois de raspar todos os pratos, sentou para aguardar o tal julgamento. Quem era esse temível líder do Exército Rebelado? E o que tinha de mau criar um *software* com Inteligência Artificial, um IA? Grande coisa.

Dois soldados levaram Binno até o tribunal através de túneis e elevadores de ar.

No caminho, a noção dos fatos cresceu em sua consciência. O medo aumentou. A cada porta, a aflição e a angústia eram maiores.

Outra porta.

Mais medo e angústia.

Outra porta. Mais medo e angústia.

Muitas portas passaram.

Finalmente pararam diante de uma porta enorme. Uma porta com ornamentos estranhos. Desenhos de espaçonaves duelando em pleno ar. Astronautas portando armas de fogo. Pessoas queimando em pequenas ilhas. Guerras em planetas estranhos. Cidades sendo submersas pela água. Prédios sendo afogados pelo oceano enquanto seus terraços ardiavam em chamas. No centro de todas essas imagens, o tradicional desenho da evolução partindo de um macaquinho até chegar ao homem. Mas essa imagem não terminava ali. A partir do homem, várias ramificações se seguiam. Em algumas delas os homens iam ficando maiores. Em outras, mais fortes. Eram centenas as ramificações. Homens com guelras. Homens com cabeças enormes. Homens com vários braços e...



A porta se abriu. Um plenário enorme aguardava por Binno OXZ. Vaias e xingamentos encheram o ar. Palavras terríveis. Centenas de pessoas erguiam seus punhos manifestando indignação e repulsa. O barulho era ensurdecedor. Binno mal conseguia distinguir as vozes.

Ficou zozzo.

Atordoado, sem entender o que acontecia, seus ouvidos bloquearam todos aqueles gritos.

De repente, ele nada ouvia. Silêncio. Apenas via centenas de crianças, mulheres e homens. Todos

abriam a boca e balançavam os braços com raiva. Olhou para os lados e viu um grupo de pessoas mais calmas. Entre elas estava a estranha Kira Bella. Ao seu lado, Gabriah. O garoto balançou seus cachos loiros quando ergueu a cabeça para Binno; parecia querer dar o exemplo para o garoto.

Binno entendeu o recado: buscou o que restava de seu orgulho e ergueu o olhar para todos.

Nesse instante ouviu, outra vez, tudo o que gritavam para ele.

Sabia que eram frases sem sentido e agora não deixava que o afetassem. Aquelas pessoas sequer o conheciam, não é?

Aos poucos elas cansaram de gritar e tudo virou um murmurinho.

Os soldados levaram Binno até o centro do plenário e, já de costas para o público, o garoto pôde ver os membros da Aliança Maior.

Binno se sentou. Um tubo de vidro emergiu, isolando-o de todas as outras pessoas. Os membros da Aliança Maior eram divididos em níveis hierárquicos muito bem definidos. A hierarquia estava clara na arquitetura das arquibancadas, que lembrava um gigantesco pódio.

No alto, acima de todas as outras arquibancadas, um grupo de cadeiras vazias aguardava o Conselho de Juízes, conforme Binno pôde ler em uma placa na grande mesa.

À sua direita, um pouco abaixo, estavam sete pessoas que vestiam roupas pomposas, muito bonitas, de cor dourada. Eram os Doutores. Um deles sorriu para Binno. Como dizia a placa sobre sua mesa, aquele era o Doutor Ítalo Bella, pai de Kira. Definitivamente, a garota não tinha puxado a simpatia do pai, um homem com aparência tranquila e olhos castanhos que encaravam Binno com firmeza. Ele tinha uma barba muito rala e branca; o cabelo estava preso em uma única trança, talvez mais comprida que o próprio corpo.

À esquerda do Conselho de Juízes estavam outros sete homens. Todos vestiam roupas verde-esmeralda extremamente elegantes. Eram os Mestres.

E, finalmente, os Graduados, ao lado dos Mestres, no nível mais baixo da Aliança Maior. Eles usavam roupas militares prateadas. Entre os Graduados estava Orion Sirineu, com seus óculos pretos enormes e sua postura firme.

Com certeza, Orion era o mais velho dos Graduados, mas nem por isso parecia ser um líder ou algo assim.

A arquitetura daquelas arquibancadas, uma acima da outra, deixava muito claro quem mandava em quem. Binno lembrou do grito do governador Patrick na estação do submaré: - *Será um Graduado eternamente!* - . Pela reação do velho Orion, aquilo era algo que ele jamais gostaria de ouvir.

Em seguida, o murmurinho da multidão cessou.

O silêncio abriu espaço para a entrada do Conselho de Juízes. Todos que estavam no plenário se levantaram em sinal de respeito. Três homens e quatro mulheres. Todos muito velhos. Eles andavam com dificuldade, devido à idade avançada. Todos ali vestiam roupas muito bonitas, totalmente amarelas. Uma das mulheres tinha os cabelos penteados de um jeito que mais parecia uma escultura abstrata.

À frente do Conselho estava um rosto que não era totalmente estranho a Binno. O homem usava óculos com lentes amarelas e começou a tatear a mesa, depois a poltrona. Pelo jeito que se movia, Binno presumiu que ele fosse deficiente visual.

Depois que encontrou sua cadeira, o homem de óculos amarelos fez um sinal para a multidão. Os membros do Conselho de Juízes se sentaram e, depois disso, Binno ouviu o público se ajeitando em suas cadeiras.

— Boa noite a todos os presentes — disse o homem, e sua voz se reproduziu em alto e bom tom em todos os cantos do Plenário. — Boa noite aos membros da Aliança Maior, boa noite ao réu.

— Boa noite — Binno percebeu que sua voz ecoara por todo o recinto.

— Mas a sua voz é a de um menino. Quantos anos você tem?

— Treze anos, senhor — Binno ainda se surpreendia com a própria voz ecoando.

— *Tosc., tosc., tosc.* — o juiz lamentou, balançando a cabeça.

— Eu sou Orfeu, o juiz. Eu e os outros juízes estamos aqui para assegurar que a justiça seja feita esta noite — pareceu que ele queria apontar a cabeça para Binno, mas girou o pescoço em uma direção completamente diferente. Continuou: — A sua atitude colocou em risco a vida de todos nós.

Depois que disse isso, levantou-se, parecendo estar muito mais bravo. Então Binno pôde observá-lo melhor. Era fácil notar que sua túnica amarela não conseguia disfarçar a barriguinha avantajada.

— *O barrigudinho da estação!*

Binno reconheceu o juiz: era o homem que segurava uma varinha igual à de Orion na estação do submaré. Para que aquele homem precisava de uma varinha daquelas?

Orfeu, o juiz, avisou.

— Hoje você terá um julgamento justo. Por isso pode escolher alguém para defendê-lo. Temos ótimos conhecedores das leis entre nossos Mestres.

Binno olhou para aqueles homens vestidos de verde. Eles retribuíram o olhar como se estivessem avaliando um bicho nojento que encontraram embaixo do tapete.

O juiz aguardou em silêncio. O garoto olhava pensativo para os tais Mestres, um a um. Eram faces duras, expressões sisudas e olhares apertados. Pareciam vilões de filmes malfeitos. Binno riu quando se deu conta disso.

— Se você não escolher alguém, este Conselho escolherá, meu jovem.

Binno só via arrogância naqueles olhares. Ele teve então uma ideia. Mas precisava ter certeza.

Só havia um jeito de descobrir.

— Excelência, posso fazer uma pergunta? — Binno olhou para Orion, pois sabia que o gigante detestava perguntas e imaginou a cara feia que faria.

— Certamente, meu jovem — o juiz Orfeu respondeu virando o rosto para uma direção errada.

— Obrigado... bem — Binno engoliu a saliva e perguntou: — Há quanto tempo o senhor é cego?

A multidão perdeu as estribeiras. Binno ouviu murmúrios contrariados de todo lado. Sentiu que havia falado a pior asneira de toda a sua vida. Aliás, a última asneira de sua vida. Já podia imaginar a indignação do juiz depois que um réu tocara em um assunto tão delicado.

— Silêncio — o juiz ergueu a mão e esticou o pescoço para outro lado, como se quisesse simular um olhar sério para Binno. Depois deu um risinho e falou: — Humm... minha visão vem se ausentando há alguns anos. Mas quando eu tinha sua idade, enxergava como uma águia. Sabia disso?

Binno respirou aliviado. Orfeu não havia se ofendido. Estava à vontade com o assunto.

— Mas faz poucos meses que as sombras preenchem tudo o que meus olhos alcançam — o juiz sentou-se com dificuldade em sua alta cadeira. — Um homem, na minha idade, não teme o vazio de um sentido. Somos danados, nós os velhos. Todo novo desafio brilha como um alvorecer àqueles que têm a carne cansada mas a alma enérgica.

Binno sorriu. Gostou muito da resposta do juiz.

— Além do mais, não preciso ver a cara feia de alguns colegas de Conselho.

Agora foi a vez de a multidão gargalhar. Orfeu insistiu na pergunta: — E então, jovem OXZ, já fez sua escolha?

— Fiz, sim senhor.

— E quem você escolhe para ser seu defensor diante deste Conselho? Binno ficou de pé e falou em um tom mais alto.

— Escolho um Graduado. Escolho Orion Sirineu.

O juiz Orfeu permaneceu em silêncio. A multidão permaneceu em silêncio. Todos pareciam em choque. A juíza de cabelos moldados como uma escultura então falou:

— É uma escolha interessante. De inteligência duvidosa, mas interessante.

Orfeu se levantou. Virou o rosto na direção oposta a que estavam os Graduados.

— Orion Sirineu — falou, em tom firme.

A juíza cochichou algo em seu ouvido, então o barrigudinho virou o rosto para o lado certo:

— Orion Sirineu — repetiu o juiz —, Graduado de Prata, apresente-se a este Conselho.

O juiz ajeitou sua túnica amarela e relaxou. Sentou-se confortavelmente, como se fosse assistir ao telejornal. Então sua voz ecoou pelo plenário pela última vez naquela noite:

— Que comece o julgamento de OXZ.

## 6.0

### O tubo de desoxigenação

A pele negra de Orion Sirineu e aquela roupa prateada formavam um conjunto muito elegante.

Porém, ele parecia muito menor aos olhos de Binno. Andava corcunda, tinha movimentos tímidos e seus rastafári balançavam lentamente; não era nem a sombra do gigante que fez uma gangue de flutueiros tremer no dia anterior.

O público olhava com certo desdém para o Graduado-que-nunca-desiste, como era conhecido. Ele caminhou com pressa até o tubo onde Binno estava e cochichou.

— Você não se cansa de mim, garoto?

— Eu não podia morrer sem te dizer uma coisa — Binno também cochichou.

Por baixo daqueles óculos enormes, Orion fez alguma coisa com as sobrancelhas; talvez uma expressão de dúvida.

— Não é uma varinha encantada — Binno aumentou um pouquinho o tom de voz. — É uma muleta.

— Parabéns — Orion quase sorria.— Perspicácia! — disse Binno com um sorriso feliz. — Não é assim que chamamos, mas você está certo. Eu sou cego

— depois, sua expressão ficou mais séria. — Mas se você sabia, por que me escolheu para te defender? Ninguém aqui respeita a opinião de alguém que não enxerga.

Orfeu, o barrigudinho de terno amarelo, tateava a gravata para ter certeza de que estava no lugar. Se um dos juízes era cego, por que o defensor não podia ser?

— Por favor, não deixe me colocarem no tal tubo de desoxigenação. Orion baixou a cabeça.

— Você já está nele, OXZ.

Só agora Binno olhou com atenção para o cano transparente que o envolvia. Como se estivesse em um tubo de ensaio gigante, o

garoto já estava isolado do oxigênio há algum tempo. Então uma voz fina e áspera falou para que todos pudessem ouvir.

— Sirineu, você conhece as regras. Ou será que um Graduado tão velho precisa de uma aulinha rápida?

A multidão não conteve o riso satisfeito. A dona daquela voz era uma Doutora alta e muito magra: Synara Vibbor. Seus cabelos eram vermelhos, mas enquanto falava, foram assumindo um tom lilás, quase azul.

— Seu réu já está no tubo, em minutos ele perderá a consciência. É bom apressar sua defesa — falou Synara, já com o cabelo completamente cor-de-anil.

Orion tentou estufar o peito. Não estava nem um pouco à vontade naquela situação. Binno quase se arrependeu de ter pedido a ajuda dele. Mas a quem iria recorrer? Então, a voz grave do Graduado ecoou pelo plenário.

— A defesa está pronta. Que seja lida a acusação.

Todos os olhares se voltaram para os homens vestidos de verdeesmeralda: os Mestres. Um homem ficou de pé: era o Mestre Troy Judá.

Altivo, Troy parecia conter toda a presunção de alguém que nasceu com o poder nas mãos. Esguio, em sua elegante roupa verde, usava golas muito altas que lhe escondiam o pescoço. Seus cabelos pretos estavam perfeitamente penteados para o lado, sem um fio fora do lugar. Com displicência, fez alguns movimentos com os dedos e uma gigantesca imagem holográfica surgiu diante do público. A imagem continha palavras e códigos.

A multidão se calou e a leitura de Troy ressoou em cada parede do Palácio da Aliança Maior.

— Hoje iremos julgar um dos comparsas do rebelado Hefesto Xenon — o vulto de um homem alto, sentado em um trono negro, surgiu no holograma, e Binno pôde sentir a multidão estremecer.

O Mestre continuou:

— Xenon foi o homem que criou o Exército Rebelado — na tela transparente, milhares de vultos corriam portando armas e provocando explosões. A plateia assistia àquelas imagens atônita.

Troy Judá lia: — Hefesto Xenon é um corrupto, um assassino, um homem que aproveitou a ira dos descontentes para criar o caos e ameaçar nossas vidas.

Troy fez uma pausa dramática. Olhou para a plateia como se pudesse encarar cada olhar naquelas arquibancadas. Depois voltou a ler:

— Hefesto Xenon desrespeitou a Aliança Maior e desafiou nossos Doutores...

— Judá, já conhecemos essa história, não? — sorrindo, o Doutor Ítalo Bella, o Sábio, ou como outros chamavam o Doutor Branco, interrompeu do modo mais gentil possível a leitura do Mestre. O Doutor esteve todo esse tempo observando os olhos de Binno. O garoto respirava com um pouco de dificuldade.

— Sim, Bella, já conhecemos a história — retrucou Troy Judá. — Mas são os protocolos...

— Vamos ao que interessa, sim? — sentenciou o Doutor.

Binno sentia um leve cansaço, suas pernas pareciam mais fracas. Seus braços, sua cabeça, todo seu corpo parecia mais pesado. Mais uma vez ele observou aquela estranha disposição de arquibancadas. Acima de todas, os Juízes, agora em silêncio. Logo abaixo, os poderosos Doutores. Abaixo, os Mestres. E, finalmente, a bancada dos Graduados: agora com uma cadeira vazia.

No chão, de costas para o público, Orion Sirineu permanecia em silêncio. Talvez estivesse em pânico. Talvez estivesse pensando no que dizer. Era na segunda hipótese que Binno queria acreditar.

— Orion — a voz de Binno fez-se ouvir em todo o plenário —, por que já estou sentindo falta de ar?

— O julgamento já começou — respondeu seu defensor. — Mas eu já estou sendo punido — o garoto falou com indignação. — Na verdade, quem vai definir o tempo desse julgamento são os seus pulmões. Fique quieto. Enquanto você continuar vivo, eu posso interceder por você.

— Isso é um julgamento justo?

— Silêncio — ordenou Orion. Depois disso, aumentou o tom da voz: — Mestre Troy Judá, por favor, conclua a acusação.



A contragosto, apertando os olhos de um jeito que parecia querer soltar raios, Troy voltou sua atenção para o holograma. Agora uma foto da Torre de Comando de Utoppy era exibida.

— Hoje, no tubo de desoxigenação, está Binno OXZ, oriundo da Colônia de Utoppy — agora, uma imagem de toda a Utoppy enchia os olhos da plateia.

— Essa Colônia é um projeto criado há dezenas de gerações mas que nunca deu certo. Porém, estranhamente, nunca foi desativada por mera negligência dos governos que nos antecederam — Troy leu isso e olhou para o Conselho de Juízes, mas estes aparentavam desinteresse.

— Mais rápido, por favor — pediu Orion. Troy manteve a mesma velocidade, ignorando o pedido. — Esses governos foram relapsos e deixaram que Utoppy continuasse a existir, o que é um desperdício, afinal de contas, esse é um raro pedaço de terra firme neste planeta.

O holograma mostrou o planeta em 360°, como se uma câmera viajasse ao redor do mundo em segundos. Porém, não havia continentes nem ilhas. Nada daquilo que Binno aprendeu sobre geografia antiga. Simplesmente tudo o que havia era água, água e água.

— Hoje, Utoppy é um lugar onde o calor do sol ainda é suportável.

Outra vez o holograma encheu os olhos da plateia. Navios queimavam e pessoas agonizavam sob o calor do sol.

— Rápid... — Orion tentou pedir pressa.

Troy fingiu que não ouviu. Lia com a velocidade de um lagarto velho:

— Utoppy foi criada com a intenção de reviver uma época considerada ideal. Isso foi feito através da reconstrução da arquitetura, organização social e do implante de memória em todo o povo que habita essa colônia. Hoje, Utoppy revive o ultrapassado ano de 2017. Lá eles têm uma programação de TV especial, uma internet com informações falsas e.. — Troy fez uma pequena pausa e olhou para a plateia com um sorriso irônico nos lábios: parecia

estar se divertindo. Observou Orion, que mexia as pernas demonstrando ansiedade. Como um cágado lerdo, lia: — Segundo minhas pesquisas, Utoppy passa longe do que realmente foi o ano de 2017, mas as gerações passadas acharam que estavam fazendo uma boa cópia.

No holograma, uma câmera voadora mostrava a cidade. Binno viu o jardineiro Adamastor sentado, conversando com uma flor. Depois viu o Internato, com sua inclinação assustadora. O garoto sentiu um arrepio ao ver aquele lugar. Troy continuou seu falatório:

— Muitos de vocês devem estar se perguntando: por que usar um raro pedaço de terra habitável do planeta para fazer uma reprodução grosseira de um ano qualquer? — algumas pessoas da plateia balançavam a cabeça, perguntando-se por quê. — Bem, eu respondo: porque as antigas gerações de Doutores acharam que poderiam criar um lugar perfeito — algumas pessoas da plateia riam alto, com ironia. Troy estava muito satisfeito com isso:

— Sim, acreditem, essa era a intenção: criar um lugar onde as pessoas poderiam lembrar como era viver na superfície do planeta original — agora foi a vez de Troy gargalhar com ironia. E continuou seu blá, blá, blá:

— Graças a toda Origem, meu tataravô teve uma inspiração. Há anos ele percebeu que Utoppy era uma grande bobagem. Lugar perfeito, francamente.

Encenando uma decepção, Troy balançou a cabeça olhando para baixo. Impaciente, Orion bufava. Então, o Mestre ajeitou seu traje verde:

— Meu tataravô foi um grande Doutor, assim como meu avô, meu pai e eu, um dia, serei. Graças ao meu tataravô, Utoppy se transformou em um centro de produção de clones, onde podemos encomendar uma criança que será produzida com saúde e educada à perfeição, para depois ser entregue ao cliente já com a configuração perfeita.

— Pare de enrolar, Judá. Aonde você quer chegar com tudo isso?

— Simples, velho Graduado Orion Sirineu. Esse garoto que repousa no tubo de desoxigenação é uma cópia malfeita, defeituosa, problemática e desajustada. Não há razão para mantê-la viva. Por isso a acusação sugere, simplesmente, encomendar outra para os laboratórios de Utoppy. Afinal de contas, alguém deve ter pagado por ele.

Orion não sabia o que dizer. Essa de cópia malfeita parecia ter pegado o defensor desprevenido. Ele olhou para o tubo transparente e viu Binno atirado na cadeira, respirando com muita dificuldade e com um aspecto extremamente cansado.

Troy falava, falava, falava.

— Tenho relatórios dizendo que esse garoto foi inúmeras vezes reprimido no Internato onde sua educação estava sendo preparada. Além do mais, de algum modo, ele se aliou a Xenon.

— Não me aliei a ninguém — uma voz de garoto inundou o plenário. Era o pouco ar que restava nos pulmões de Binno.

— Você criou um IA chamado Xenon, não criou, pequeno OXZ?

Binno balançou a cabeça positivamente. Mentir não ajudaria naquele momento.

O público lançou injúrias ao garoto. Então, Ítalo resolveu interceder. O Doutor mostrou a palma de sua mão e a plateia silenciou.

— Por que você fez isso, jovem OXZ? — o próprio Ítalo fez a pergunta.

Binno já tinha dificuldades para falar, preferia não responder, mas não havia outro jeito.

— Uma mensagem... pela internet... Círculo Original... eles pediram a criação de um IA.

— Círculo Original, o RPG — Ítalo coçava a barba rala e branca enquanto pensava. — Muito interessante. Continue, OXZ.

— Eu não sabia direito como criar um IA. Então tive um sonho: acordei com todos os códigos do IA Xenon na cabeça. Cada detalhe... Até o nome do IA foi o sonho quem deu — Binno parou de

falar, com esforço tentou encher os pulmões de ar. — Xenon não me parecia um nome ruim.

— Então você criou um IA para participar de um jogo? — agora era o esguio Troy quem falava com Binno. — Nunca ouvi mentira mais absurda. Por que daria um nome tão terrível ao seu brinquedinho? Por que criaria um *software* com inteligência e personalidade tão perversas?

— Porque... eu... queria... eliminar... os... concorrentes.

— Acontece, meu caro clone defeituoso, que isso seria muito burro. Se esse vilão matasse todos os jogadores, você também morreria, não é? — agora Troy elevou a voz a uma altura que até então ninguém havia atingido. — Você criou um vilão invencível para o seu joguinho.

— Eu... venceria... só... eu.. — Binno queria falar mais, mas não encontrou ar nos pulmões.

— Você sabe o que seu IA fez, OXZ? — Ítalo mais uma vez fazia perguntas enquanto todos os outros Doutores apenas observavam.

Binno apenas balançou a cabeça negativamente. Então Troy teve o prazer de responder:

— Caro OXZ, preste muita atenção, porque esse é o crime pelo qual você irá morrer: seu *software* de Inteligência Artificial abriu as portas da prisão de Alcatraz e libertou o maior inimigo desta Aliança. Hoje, Xenon está foragido por causa do seu brinquedinho.

Ítalo Bella continuou a explicação em um tom bem mais agradável:

— No entanto, o seu IA já foi aprisionado. Hefesto Xenon seria um inimigo invencível com um aliado tão forte. Neste mundo, a tecnologia coordena cada passo que damos. Seu *software* era tão poderoso que seria capaz de aprisionar nossas vidas se caísse nas mãos do conde. Mas isso já foi solucionado, portanto, não há com o que se preocupar. Entendeu, OXZ?

Binno nem ameaçou responder. Sem forças, sabia que tinha de ficar quieto para preservar o ar que ainda restava naquele tubo.

— Todos vocês ouviram — agora Troy Judá falava com a plateia. — Esse clone malfeito admitiu ter criado o IA Xenon. Ele ainda admitiu receber mensagens pela internet. Não precisamos ser gênios para saber que algum rebelado usou essa cópia de gente para liberar esse IA terrível na rede.

O Doutor Ítalo Bella se levantou. Jogou sua imensa trança para a frente da bancada. Seu cabelo absolutamente branco era mais longo que o próprio corpo e agora balançava como um pêndulo.

— Quero lembrar a todos de um detalhe muito significativo — ele olhou para Binno, que estava sentado em sua cadeira com um olhar apático. Depois falou de modo muito mais rápido: — Binno OXZ diz ter recebido o código pronto através de um sonho. Quem fez isso não teve coragem de colocar o código na internet. De algum jeito, influenciou os sonhos do garoto e usou Utoppy para lançar o IA na rede. O garoto não tem culpa. É tão vítima disso quanto todos nós. Se a Colônia de Utoppy coloca em risco o planeta, este Palácio é o responsável por isso, afinal de contas, só existe um lugar que tem ligação com a Colônia de Utoppy, pois a internet daquele lugar é bloqueada. Eles têm comunicação com um lugar em todo o universo, exclusivamente. E esse lugar, caros amigos, é exatamente este Palácio.

A Doutora Synara Vibbor resolveu se manifestar, enquanto seus cabelos passavam por uma cor que lembrava o rosa-choque.

— Está insinuando que este rebelado vive aqui no Palácio da Aliança Maior?

— Exatamente — Ítalo encarou Synara com firmeza.

Os olhares de Binno e Troy se cruzaram. O Mestre estava inquieto. Mil vezes mais inseguro que segundos atrás.

— Eu tenho uma sugestão — Orion finalmente se manifestou. Completamente tonto com a falta de oxigênio, Binno já não enxergava direito. Mais uma vez, teve a impressão de estar vendo um gigante à sua frente.

— A defesa argumenta que Binno não é uma cópia. E para isso pede um teste.

— Que teste seria esse? — perguntou Troy, descrente. — A Universidade Maior. O Mestre Troy tentou protestar: — Que absurdo, em Utoppy não existe Univer...

O Doutor Ítalo interrompeu: — Ele ficará no Palácio, será meu convidado. Basta o conselho permitir.

Troy, Ítalo e a multidão dirigiram seus olhares para o Conselho de Juízes. Todos balançaram a cabeça em negação.

— Muito bem, este clone está com defeito. O argumento da defesa é inválido — Troy gritou enraivecido. — Acelerar eliminação.

Um barulho ensurdecedor recheou o tubo. Binno sentiu que todo o ar estava sendo sugado. Suas roupas, seu cabelo, sua pele eram puxados como se estivessem prestes a sair de seu corpo. Ele flutuou e o tubo começou a se comprimir como uma garrafa plástica. Tentou gritar, mas o ar já tinha sido sugado de seus pulmões. Socava e chutava as paredes transparentes. Com a boca aberta, tentava disputar o ar com a sucção do tubo. Seus olhos queriam saltar das órbitas.

O gigante Orion fez sua voz transpassar cada um dos ouvidos daquele plenário.

— Ele enfrentou sozinho uma gangue de cangaceiros. Continuou focado até ligar sozinho uma flutueira. Este garoto tem fibra. Não é uma cópia.

— Para mim isso mostra que é um clone com defeito — o tom de voz de Troy já beirava a insanidade.

A força da sucção ergueu as pernas de Binno. Ele estava de cabeça para baixo e já não sentia o próprio corpo.

Ítalo se ergueu e sua trança bateu forte na bancada.

— Para mim, isso é uma prova de honra e de autopreservação. Características de um ser original, não de um clone — Ítalo agora olhava para cima. — Conselho de Juízes, confie em mim, manterei esse garoto sob custódia. As provas da Universidade Maior dirão se ele é um clone ou não. Caso seja realmente uma cópia, ele não passará. Sejam razoáveis.

Binno então olhou para o Conselho de Juízes: todos aqueles velhinhos de amarelo estavam de pé. O que eles iriam fazer? O

garoto não viu mais nada, a desoxigenação estava completa.

Um silêncio profundo caiu. Binno estava deitado. Mesmo assim, desconfortável. Tentou abrir os olhos, mas não conseguiu. Teria ficado cego como Orion? Nem um som, nem uma luz. O vazio era desesperador. Binno quis ficar de pé. Mas seu corpo não obedeceu. Nem um músculo se mexeu.

A escuridão era total.

O silêncio, pesado.

De repente, um perfume de amêndoas preencheu o ar. Um bálsamo doce e delicado. Binno queria encher seus pulmões com aquele aroma. Queria muito sentir mais daquela fragrância. O mesmo cheiro maravilhoso que sentiu quando sonhou com a mulher de cabelos encaracolados e vestido azul. O perfume foi ficando mais forte. E Binno forçou seus pulmões como pôde. Queria abrir os olhos. Ela estava ali, podia sentir. Queria vê-la, mas seus olhos teimosos continuavam fechados. Então, fez toda a força que pôde para encher os pulmões com aquele perfume maravilhoso.

— Respire — uma voz gritou de longe e desfez o silêncio. Mas era uma voz que estava muito, muito distante.

— Respire — era uma voz masculina e desesperada, não era sua mãe.

— Respire — a voz foi ficando mais próxima, mas Binno teve medo. Se pudesse, fugiria. Mas se nem suas pálpebras obedeciam, imagine suas pernas.

A dor e a escuridão eram apavorantes.

Binno teve medo de inspirar, mas aquele aroma era delicioso demais para ser desperdiçado.

Então Binno ouviu algo que soou como um canto lírico: a voz da mulher de cabelos encaracolados.

— Confie em Orion — sua voz era ainda mais doce que o perfume. — Fique perto dele e nada vai te acontecer.

Binno quis falar, mas era impossível. O aroma ainda permeava o ar, porém estava ficando mais fraco. Binno canalizou toda a força que tinha nos pulmões para sentir aquela fragrância mais uma vez.

— Respire — a voz masculina estava mais próxima.— Respire — muito mais próxima.— Respire — a voz berrava como se estivesse a poucos metros. — Respire — era como se gritasse ao seu lado.

Binno finalmente abriu os olhos.

Abriu a boca em desespero e absorveu o máximo de oxigênio que foi capaz.

Durante todo esse tempo, Binno esteve nos braços de Orion, que corria descontrolado pelos corredores brancos e iluminados do Palácio da Aliança Maior.

Binno sentia o oxigênio circulando por cada uma de suas veias. E ouviu, em um grito, a voz de Orion explodir em seus tímpanos: — Respiiiiire.

Orion estava desesperado. Sua expressão de pânico era visível. Orion entrou por uma das portas. Uma mulher que usava uns óculos pequeninos o aguardava ao lado de algo que parecia outro tubo, só que agora horizontal. Orion colocou Binno dentro do tubo e ninguém precisou dizer do que se tratava.

Como é bom respirar. Aquele tubo era o antídoto, era o tubo de oxigenação.

Binno se sentia muito melhor. Orion estava sentado, com sua postura ereta e firme. A mulher de óculos mexia em botõezinhos e hologramas. O que aconteceu? Fui absolvido ou condenado? De qualquer jeito, não ia precisar voltar para o Internato. Ou seja, já estava no lucro. Mas havia uma pergunta que Binno precisava fazer:

— Onde está minha mãe?

A mulher olhou para Orion esperando uma resposta. Ele não respondeu nada.

— Onde está minha mãe? Ela falou comigo, eu ouvi.

Orion sorria. Talvez estivesse achando engraçado o delírio do garoto. Talvez estivesse aliviado.

Minutos depois, Gabriah e Kira entraram na sala. Ao lado de Kira, um cachorrinho metalizado corria e latia desesperado.

— Você está bem. Fico feliz. — Gabriah respirou aliviado.



— Meu pai acredita na sua inocência — Kira se aproximou do tubo com o estranho cachorrinho no colo. — Então eu também acredito.

— O que é isso? — Binno apontou com a cabeça para o robozinho.

— Como assim, “isso”? Seu petulante, não o trate como um objeto. Ele é Ewó, meu cãodróide.

— Fui eu quem o construiu — a mulher de óculos usava um paletó branco comprido, porém era tão baixinha que o paletó arrastava no chão. Ela tinha seios muito grandes e isso chamava a atenção, considerando que devia ter a altura de uma criança. Além disso, seu nariz era diminuto, quase inexistente. Talvez por isso seus óculos fossem tão pequenos: nenhum outro iria parar naquele nariz.

Binno olhou para Gabriah. Os dois tiveram vontade de rir, mas se controlaram.

A mulher segurava em sua pequena mão um pequeno tubo de ensaio em que havia um líquido que borbulhava sem parar. Ela bebeu o líquido como se fosse um licor. Depois, falou, com muita simpatia:

— Muito prazer, Binno OXZ, ouvi dizer que você é o cara da informática. Eu sou Anay Cy-ficción. Sou um gênio também.

— Ele está babando? — Binno olhou com receio para um líquido que escorria da língua metálica de Ewó.

— Não, criança. Isso é a lubrificação dele. Assim ele se mantém saudável.

Binno e Gabriah se olharam novamente e dessa vez não conseguiram segurar o riso.

— Ah, vocês meninos não crescem nunca. Bom, já vi que você sobreviveu, OXZ. Vou patinar. Vamos Ewó, este lugar está muito desagradável.

Depois que ela saiu da sala, todos seguraram o riso. Até que Orion colocou a língua imensa entre os dentes e falou: — Lubrificação.

Kira com certeza ouviu a risada de todos lá do corredor.

## 7.0

### Dois dias de repouso

Ao contrário do que Binno gostaria, ele teve de permanecer em repouso durante dois longos dias.

Mas não foram dias tão cheios de tédio assim.

No primeiro dia, Binno ficou conversando muito com a divertida madame Anay. Ela lhe falou sobre suas aventuras amorosas na adolescência: — Você é muito jovem, mas vai entender quando o fogo da juventude subir pela sua coluna vertebral. Sua cabeça não será mais a líder, mas mera executora da vontade de seus hormônios — normalmente Binno ficaria envergonhado ao ouvir coisas desse tipo, mas quando a madame Anay falava, tudo ficava engraçado.

Depois de extinguir as conversas sobre relacionamentos amorosos, madame Anay começou a falar sobre suas maiores paixões: mecânica e eletrônica: — Foi por causa da mecânica que desisti da carreira Maior. Eu cheguei a ser Graduada, sabia? Mas aquilo é muita responsabilidade para mim. Gosto mesmo é de inventar.

Binno já havia percebido isso. À sua volta havia dezenas de coisinhas eletrônicas se mexendo, fazendo barulhinhos e luzinhas piscando. Mas até agora o garoto não tinha encontrado utilidade para nenhuma daquelas parafernálias.

— Posso perguntar uma coisa madame Cy-ficcion?

— Me chame de Anay, ok? Ainda sou uma senhorita — ao dizer isso, ela ajeitou os seios enormes com suas mãozinhas pequeninas.

— Ah, me desculpe. A senhora conhece aquela varinha encantada que o Orion usa?

— Claro que conheço. Mas não se esqueça: estamos na Cidade Original. Aqui, nossa mágica é a tecnologia. Nada é

impossível — madame Anay sentou-se ao lado de Binno e falou: — Aquela varinha foi uma das minhas primeiras invenções, sabia?

Binno ergueu as sobrancelhas, surpreso. Ela continuou: — Chamase somolho.

O nome era muito feio, mas Binno queria mesmo era saber como ele funcionava, por isso continuou atento à explicação da inventora. — O somolho capta movimentos e superfícies e os traduz em *bips*, pequenos avisos sonoros emitidos para um implante colocado no ouvido de quem o usa. É como se o somolho visse as coisas e as descrevesse para quem o estiver usando.

Binno pensou um pouco, lembrando-se de todas as vezes que

Orion usou a tal varinha.— Então Orion tem esse implante? Ou seja, é como se Orion pudesse enxergar através dos ouvidos. Olhos e som: somolho.— Isso! — madame Anay estava eufórica. — Exatamente, geniozinho. Você entendeu? Viu, sou muito criativa para inventar nomes!

Binno não tinha muita certeza disso, mas consentiu com a cabeça. Depois a inventora continuou falando:

— Na verdade, Orion talvez nem precisasse de um somolho. Ele já nasceu cego. E desde pequeno apresenta uma capacidade surreal para se virar sem o sentido da visão. Ele é capaz de ouvir um alfinete caindo no meio de uma gritaria. Consegue medir a velocidade do vento que toca seu rosto. Identifica cheiros com a mesma facilidade que um cãodróide. A visão nunca fez falta para Orion. Ele tem mais capacidade de perceber o mundo à nossa volta do que a maioria das pessoas que enxergam.

Uma certa tristeza preencheu o olhar de madame Anay Cyfiction.

— Mas a vida nem sempre é justa, não é, garoto? Por causa de sua deficiência, o Círculo de Mestres nunca o aceitou. E ele jamais conseguiu deixar de ser um Graduado Maior — a inventora se virou e encarou Binno através de seus óculos pequeninos. — Se eu conheço Orion Sirineu, ele jamais desistirá. Jamais.

Durante alguns segundos, Binno se perdeu em pensamentos. Foi quando Gabriah abriu a porta, acompanhado de Kira e Ewó.

Ewó correu e pulou no colo de Binno, dando alguns latidozinhos eletrônicos.

— Crianças, que bom que chegaram. Eu estava só esperando vocês para mostrar a minha mais nova invenção.

Kira, Binno e Gabriah trocaram olhares intrigados: ninguém sabia do que madame Anay estava falando.

De repente, a inventora puxou um pano branco e revelou o que havia embaixo: uma tela fina como uma folha de papel um pouco transparente e meio azulada.

— Apresento a vocês o ComputAtor.

As crianças arregalaram os olhos, curiosas, mas tudo o que viram foi uma tela fina, azul e transparente.

Durante alguns segundos esperaram acontecer alguma coisa. Kira mordia o *piercing* do lábio e com certeza era a mais ansiosa.

— Eu não entendo, Anay. Ontem você falou que ia me mostrar algo que mudaria a minha vida.

— Kira, você precisa cortar essa franja. Ela está dificultando sua visão — em tom de deboche, madame Anay sorria enquanto falava.

— Mas eu também não vejo nada — acrescentou Gabriah, já levantando os cachinhos da franja.

— E você, Binno. Vê alguma coisa? — madame Anay desafiou. Binno olhava fixamente para a tela transparente. Tudo o que via era a mesa atrás da tela. Era como se estivesse simplesmente olhando através de um vidro azulado. Sobre a mesa havia alguns tubos de ensaio em formatos malucos. Um robozinho que andava para lá e para cá. Algumas luzes. Um porta-retratos com a imagem de uma baleia-luminosa e um homem gigante galopando-a.

Curioso, Binno esticou o pescoço.

Tirou a tela da frente dos olhos e observou diretamente a mesa, avaliando cada detalhe.

Sem a interferência da tela azul, tudo estava idêntico.

Quase tudo.

— Onde está o homem gigante?

No porta-retratos só havia uma baleia-luminosa. Nenhum homem gigante a galopava.

— Este homem aqui, vestindo roupa de mergulho? — Binno voltou a olhar para a tela e apontou o sujeito.

— Isso mesmo, geniozinho — madame Anay batia palmas enquanto falava. — Você o encontrou. Para espanto das crianças, o homem saiu da foto e pulou sobre os tubos de ensaio. Logo depois começou a dançar e a cantarolar uma música estranha. Agora suas roupas já haviam mudado: ele vestia um terno listrado, um chapéu coco, e ensaiava uma coreografia qualquer.

Ewó latia intrigado.

Kira e Gabriah olharam para a mesa que aparecia por trás da tela e não viram o homenzinho dançando. Ele não estava na mesa. Estava na tela azul transparente. Seria visível apenas com a tal invenção? Os dois falaram ao mesmo tempo:

— Quem é ele?

— Ora, é a minha última invenção — madame Anay respondeu com naturalidade. — ComputAtoR.

Então, o paletó listrado do homenzinho que dançava se transformou na roupa típica de um apresentador de circo, e ele falou:

— A genial Anay Cy-ficción apresenta sua mais fabulosa invenção: o ComputAtoR — depois, gritou muito alto: — Eeeeeeeuuuuuuuuuuuu!!!!!!!

Madame Anay interrompeu o homenzinho: — Bom, precisa de uns ajustes. Acho que exagerei na autoestima. — o homenzinho ficou de braços cruzados, emburrado, enquanto a inventora falava:

— Na verdade, é uma invenção bem simples. Acho que vai ser muito útil para o seu dia-a-dia, Kira — a garota apontou para o próprio rosto como se perguntasse: “Eu?”. Como aquela tela azul com um homenzinho que dança podia ajudar Kira?

Madame Anay explicou.

— Pense em todos aqueles turistas que você tem que aturar diariamente. Lembre-se de como é difícil ser paciente. Lembre-se das perguntas manjadas.

O próprio ComputAtoR começou a falar. Agora ele vestia um paletó branco típico de cientistas e usava uns óculos pequeninos iguais aos da madame Anay.

— As explicações científicas são muito monótonas. E os visitantes querem *show*, não querem bocejar — falava o ComputAtoR, espetaculoso. — Então, a genial Anay Cy-ficcion criou a solução. Criou o fantástico ComputAtoR — ele apontava para a própria face. E outra vez dançava desengonçado.

Todos na sala trocaram olhares e sorrisos. Binno então perguntou:— Ok. Ele é um IA, certo? Você o criou sozinha, Anay?— Não — madame Anay segurou a fina tela como se fosse um

quadro e a pendurou na parede. No homenzinho surgiram apetrechos de alpinista e ele começou a escalar a parede. A inventora continuou sua explicação: — Tive a ajuda de um Doutor da Aliança Maior.

Gabriah arriscou: — Foi o Doutor Oblax Zoop?— Isso mesmo, jovem Obé. Você continua muito inteligente. Um pouco envergonhado, Gabriah completou: — Ele é demais.

Além disso, ele adora criar esses programas doidões. — depois Gabriah olhou para Binno: — Você gosta de jogar, não é, Binno? Espere até entrar numa partida com o Doutor Oblax Zoop, ele é invencível. Ninguém entraria num combate direto com ele. Nem mesmo na Esfera Virtual.

— Esfera Virtual, o que é isso? — Binno lançou a pergunta no ar.

O ComputAtoR respondeu: — Esfera Virtual é a internet do nosso tempo. Uma vez nela, o usuário assume identidades variadas e viaja para lugares incríveis. As percepções são confundidas e você pode jurar que realmente esteve naquele lugar. Em geral são locais mágicos e cheios de fantasia. Considerando os avanços da tecnologia, hoje não existem diferenças entre o mundo virtual e o mundo real. É como diz o ditado: uma vez no virtual, o que mais é

real? — depois de falar isso, o ComputAtor voltou a escalar a parede.

Kira sorria: — É isso que ele faz, Anay? Ele responde perguntas? Eu não vou mais ficar explicando a mesma coisa todos os dias?

— É isso mesmo, menina Bella. Ele vai te ajudar bastante, não vai? — Se vai.

Binno então levantou o braço.

— Posso fazer uma pergunta para ele?

— Claro, geniozinho, estou ansiosa para saber que dúvida você pode ter — outra vez madame Anay batia palmas enquanto falava.

Agora o ComputAtor estava vestido como um velhinho e segurava um cone perto do ouvido, como se quisesse ouvir melhor a conversa. Binno pensou um pouco. “Minhanossasenhora”, tinha milhares de perguntas para fazer. Qual faria primeiro? Bem, teve de escolher uma delas.

— O que aconteceu com a terra firme?

Preso na tela azul, o ComputAtor fingiu pegar um livro e começou a falar displicentemente.

— A natureza foi muito sábia, sabia? — o ComputAtor caminhava de um canto para o outro da tela, como se fosse um professor.— O planeta funcionava com uma estrutura harmônica e perfeita, tinha suas próprias formas de proteção e tudo o mais — o ComputAtor abriu os braços, em um gesto teatral. — Porém, um animal terrível surgiu: o ser humano. O homem foi a pior doença que o pobrezinho do planeta podia pegar. Foi terrível. Esse animal orgulhoso e insatisfeito, que nunca parou de maltratar a delicada natureza — o ComputAtor puxou um lenço e limpou o nariz. Como uma viúva, teve um súbito acesso de choro e desespero. Depois sorriu, jogou o lenço fora e continuou falando: — Bom, a verdade é que as estruturas do planeta foram afetadas e o sol se tornou um inimigo e tanto. Superaquecimento, saca? O que era gelo degelou e tudo virou mar. Entendeu?

O ComputAtor deu o assunto por encerrado e sentou-se em uma cadeira imaginária. Parecendo estar com muito frio, o homenzinho se enrolou em um cobertor enorme, muito grosso e pesado.

Em seguida, o vapor quente que saía de sua boca formava figuras malucas, como dançarinas de hula-hula.

Binno continuava olhando para o IA com a mesma expressão de dúvida. Então o homenzinho se levantou e passou a falar em um tom de discurso político.

— Eu vos avisei amigos. Cuidai-vos do vosso planeta. Já houve catástrofes, guerras, destruição. Todo esse descaso enlouqueceu o clima. A vida se afogou — depois, sugerindo um segredo, o ComputAtor cochichou: — O ser humano teve que se adaptar — soltou uma baforada de ar quente. A fumaça formou um submarino branco e altivo: o Palácio da Aliança Maior.

Mas a curiosidade de Binno estava longe de ser satisfeita: — E as cidades? Sumiram todas?

— Não! — o ComputAtor deu um berro, como se tivesse ouvido uma grande blasfêmia. — Ainda existem cidades. O homem se adaptou, lembra? Falei agora mesmo.

Era impossível não achar graça do jeito exagerado do ComputAtor.

Ele se sentou e se enrolou outra vez no cobertor. Soprou para cima. Seu sopro virou neve. A neve permaneceu caindo, insistentemente. Agora o frio fazia o homenzinho tremer. Ele estava com um semblante muito triste.

— A Cidade Original é um lugar que sobreviveu. Grandes avenidas, prédios, hotéis, cassinos, boates, tudo isso ainda existe, mas tudo embaixo d'água. É verdade que, às vezes, nossos exploradores encontram outros lugares para viver. Esses lugares são chamados de Colônias. Também é comum encontrar outros povos que sobreviveram, como o povo-bolha, que foi descoberto outro dia vivendo nas bolhas de gases das lulas gigantes. Enfim, o mundo é um lugar hostil, já não é tão simples continuar vivo.



De repente, o homenzinho pulou. Jogou seu casacão longe e sua roupa ficou mais colorida. Várias flores surgiram à sua volta.

— Mas isso já era. Como você pode ver, o homem é fantástico. Possui o incrível dom da adaptação. Por isso, seja bem-vindo à nossa era. A Era de Já Eras. Sacou? Hã? Boa, né?

Madame Anay acrescentou: — Eu que inventei esse nome. Era de Já Eras. Legal, né?

O ComputAtor passou a interpretar um professor.

— Hoje, caros alunos — Binno, Kira e Gabriah se olharam sorrindo e ele continuou —, a população do mundo é uns por cento do que foi um dia.

— Uns por cento? — perguntou Kira.

— É, uns por cento. Sabe, uns números quaisquer que são menos que cem. Mas são bem pouquinhos. Uns pouquinhos por cento, sabe? Assim, bem pouquinho gente. Mas não é assim pouquinho, pouquinho. Porque o mundo é imenso, né? Tem gente em todo canto. Aliás, tem canto que a gente nem conhece ainda. E em cada canto tem uns por cento, entendeu?

Binno e Kira balançaram a cabeça negativamente. Gabriah riu deles.

O “professor” continuou: — Que bom, achei que eu era o único que não entendia. Mas de acordo com meus dados, é isso.

— Em que ano estamos? — Binno perguntou com o braço levantado.

— Pois é, primeiro o homem contava os anos, né? Mas com o tempo isso foi perdendo a graça. Algumas pessoas perdiam as contas, os calendários eram impressos com defeito. Foi uma confusão. Ainda existe gente que conta, mas não sei não. Acho que estamos no ano de oito mil e... Ou será oitocentos mil...? Oitenta milhões...? Sei lá! Isso não é importante e, além do mais, cansei.

O ComputAtor se deitou em uma rede imaginária e começou a roncar.

Madame Anay tentou ajudar:

— Ah! Eu também não sei responder essa. Sinceramente. Nunca me interessei por história. Você tem uns interesses

estranhos, geniozinho. Com tanta coisa para perguntar, francamente, de que importa saber em que ano estamos? — antes que Binno pudesse responder, ela falou: — Bem, vocês dois precisam ir. Está na hora de o geniozinho dormir. Kira, leve o ComputAtor com você. Faça alguns testes. Acho que ele pode te ajudar.

Kira colocou a tela azul embaixo do braço. O ComputAtor continuava roncando. Ela e Gabriah se despediram e saíram tagarelando sobre a novidade. Os turistas iam ficar de queixo caído.

Depois de pensar um pouco, Binno achou que madame Anay tinha razão. Realmente havia coisas mais importantes para se preocupar.

O outro dia de repouso foi mais longo. Logo cedo, Gabriah apareceu com o lanche e eles conversaram durante toda a manhã.

Gabriah contou tudo sobre os jogos na Esfera Virtual e sobre o seu ídolo, o Doutor Oblax Zoop. Binno lamentou não tê-lo notado lá na arquibancada de Doutores no dia do julgamento. Mas era compreensível, não? Afinal de contas, naquele dia, Binno tinha motivos para estar nervoso.

Gabriah contou que Oblax é mais do que um ídolo da garotada: é um dos mais talentosos Doutores da Aliança, possui um condicionamento físico invejável — e esse é um dos motivos que fazem dele o rei da Esfera Virtual: — E, como se não bastasse, é o responsável pelo intenso movimento de mulheres que vêm aos passeios turísticos. Elas alimentam a esperança de cruzar com o fabuloso Oblax Zoop em um dos corredores...

— ... seus cabelos verdes são copiados por toda a Cidade. Ele é um dos mais importantes líderes político do universo. É um gênio e um *popstar* — finalizou Gabriah com um fascinado brilho nos olhos.

Binno sorria com o jeito empolgado de Gabriah falar. Depois, conversaram sobre muitas outras coisas. Sobre o curso Pré-Maior e todas as dificuldades que Binno iria enfrentar. Sobre a honra de ser um hóspede do grande Doutor Ítalo Bella.

— Apesar de toda essa movimentação, você sabia que pouquíssimas pessoas moram aqui no Palácio — Gabriah mantinha a empolgação ao falar — além dos sete Doutores? Cada um deles pode manter um número muito pequeno de hóspedes. Os Mestres não podem permanecer aqui durante a noite. O único Mestre que possui um quarto no Palácio é Troy Judá, mas isso porque ele é funcionário do Palácio. Os Graduados também não podem dormir aqui. Com exceção de Orion, que é salva-costas pessoal do Doutor Ítalo Bella.

— O que é um salva-costas?

— É um protetor. Alguém a quem você confia sua vida — Gabriah não disfarçou uma pequena decepção. — Mas muita gente diz que acontece o contrário. Dizem que o Doutor Ítalo Bella é quem protege Orion, sabe... — Gabriah apontou para os próprios olhos.

Já era quase meio-dia quando os dois pararam de bater papo. Gabriah teve de correr, pois ainda tinha trabalho a cumprir.

Só agora Binno ficou sozinho. Pensou um pouco e sorriu satisfeito.

Na semana passada não ousaria sonhar com metade daquilo. Finalmente, a vida lhe ofereceu uma chance de fazer algo realmente legal. O curso Pré-Maior era a oportunidade com a qual todos os jovens do Grande Oceano sonhavam. Apenas alguns podiam participar. Se passasse em todas as provas, seria um Aprendiz, depois um Graduado, depois um Mestre, depois... Binno suspirou: era incrível o oceano de perspectivas que havia se aberto à sua frente.

Mas algumas perguntas ainda o intrigavam: Por que foi criado como clone? Se todas as 917 crianças do Internato eram cópias, por que só ele não era? Ele realmente não era um clone? Se fosse, quem era o verdadeiro Binno? E por que seu IA causaria tanto problema? Quem enviou as mensagens falando do RPG Círculo Original? E os sonhos malucos, de onde vinham? Por que seu IA tinha o mesmo nome do maior inimigo que a Aliança Maior já

teve? Quem era Hefesto Xenon? Por que o seu IA usou a internet para abrir as portas de Alcatraz e libertar esse cara?

Binno tinha perguntas demais na cabeça. Mas pelo menos alguma coisa já tinha aprendido com seu defensor: era melhor deixar o tempo trazer as respostas.

A única porta da sala se abriu lentamente. Orion Sirineu estava acompanhado de seu superior. O sorridente Doutor Ítalo Bella vestia um terno branco superbacana. A gravata também era branco e essa cor combinava com a barba branca e rala, com os olhos castanhos e com sua longa trança branca que quase tocava o chão.

Orion estava muito feliz.

Quase sorria.

- Este é Ítalo Bella, o Sábio. Ou, como outros dizem, o Doutor Branco.

- Me chame da cor que quiser. - O Doutor estendeu a mão para cumprimentar Binno. Os cinco anéis idênticos espalhados pelos dedos prenderam o olhar do garoto. — São as joias da Aliança. Servem para mostrar o nível hierárquico ao qual o membro pertence — Ítalo se antecipou às dúvidas de Binno com um sorriso nos lábios. — Uso anéis dourados porque dourado é a cor dos Doutores — depois disso, pegou a mão de Orion e mostrou anéis prateados. — Prata é a cor dos Graduados. Os Mestres usam joias verde-esmeralda. São meras convenções. Nada que mereça demasiada atenção. Prata, verde, dourado. Graduados, Mestres, Doutores... Política, apenas política. — depois disso, Ítalo se sentou na cama, ao lado de Binno.

Orion permaneceu imóvel e em pé. Agora que sabia que Orion era deficiente visual, era muito mais fácil entender o jeito durão do Graduado.

— Ainda está fraco? — Ítalo perguntou e Binno respondeu movendo a cabeça negativamente. — Ótimo. Vou pedir para minha filha mostrar-lhe o Palácio amanhã pela manhã. Você é meu hóspede. Quero que se sinta à vontade.

Binno estava apreensivo.

Ítalo percebeu que havia algo errado. — Quer falar alguma coisa, meu jovem?

Binno perguntou instantaneamente: — Sou um clone?

Ítalo respondeu mais rapidamente ainda: — Não— Como você sabe?

— Sou um Doutor da Aliança. Intuição é uma das coisas que treinamos.

— Por que cresci naquele lugar horrível?

— Estamos trabalhando para descobrir isso, não é Sirineu? Orion apenas concordou com um movimento com a cabeça.

— Não se preocupe. Você está no lugar mais seguro do planeta.

Infelizmente nem todos os membros da Aliança acreditam que você não seja um clone — Ítalo coçou sua barba rala. — Quer saber a minha opinião? Acho que a sua inteligência os assusta. Por isso, o melhor a fazer é não se preocupar. Basta se concentrar no curso Pré-Maior. Depois que passar nas provas para a Universidade, jamais ousarão dizer que você não é um ser original.

— Eu não entendo.

— Jovem OXZ, por mais que a ciência evolua, algumas coisas jamais serão copiadas. A essência do ser humano é algo que está acima do nosso conhecimento.

Binno continuava com um olhar de dúvida. Ítalo então exibiu um enorme sorriso branco e depois falou:

— Fique tranquilo. A Prova da Universidade Maior é justa. Milhares de jovens são reprovados todos os anos porque não encontraram verdade e autenticidade dentro de si mesmos. E eu posso garantir: um clone faria essas provas por toda eternidade e jamais seria aceito pela Universidade. Os critérios são rigorosos demais. Quando você passar, será admirado e jamais será comparado a cópias ou coisas assim.

— E se eu não passar?

— Sinceramente — outra vez Ítalo sorriu com tranquilidade —, você quer passar?

Binno respondeu no exato segundo que Ítalo concluiu a pergunta. — Quero.— Esse é um desejo verdadeiro? Não foi uma vontade criada por

outra pessoa? Desde o momento que te deram a oportunidade, isso é tudo com o que você sonha? Esse desejo percorre suas veias, espalhando pelo seu sangue ansiedade e insegurança, como se estivesse diante do momento mais importante de toda a história do universo?

Binno consentiu com um movimento de cabeça.

Sorrindo, Ítalo falou em um tom de voz mais alto.

— Sirineu, nossa visita já se estendeu demais. O que acha de deixarmos o jovem OXZ repousar um pouco?

— Mas eu estou bem. Na verdade, eu não aguento mais essa cama. Deixe-me ir com vocês. Finalmente, Orion falou.

— Esse assunto você discute com madame Anay Cy-ficcion. Ela é quem está responsável por você até amanhã pela manhã.

O Doutor Ítalo Bella levantou-se e sua enorme trança esticou-se como as águas de uma cascata.

— Eu e Sirineu estamos felizes por saber que você está bem. A partir de amanhã sua rotina não lhe permitirá tanto tempo para descanso. Aproveite.

Os dois saíram do quarto ao mesmo tempo que Gabriah entrava com o almoço. Ele serviu um prato generoso para Binno e desculpou-se pelo atraso: — Hoje, não espere jantar. Estou atrasado demais — e depois avisou que precisava correr. Saiu da sala empurrando seu carrinho meio desajeitadamente.

O prato do dia foi uma deliciosa massa com um molho verde sublime. Um suco também verde, refrescante e levemente ácido: — *Hortelã?* — Bolinhos de algum tipo diferente de carne e pães assados com tomates marinhos. Para sobremesa, um aprazível molho azul que Binno não tinha a menor ideia do que era. Sequer arriscou um palpite. Tinha um gosto que lembrava refrigerante mas era doce como bala de goma.

Um longo tempo passou até Binno lambe todos os pratos. Uma preguiça gostosa apareceu e o sono foi inevitável.

Acordou quando alguém abriu a única porta do laboratório.

Era madame Anay Cy-ficcion, acompanhada da Doutora Synara Vibbor (agora com cabelos cor-de-abóbora). A Doutora apontou um olhar frio para o garoto.

Juntas elas traziam uma maca flutuante. Sobre a maca dormia um senhor muito, muito velho.

Com o dedo em frente aos lábios, madame Anay pediu silêncio. As duas saíram da sala sem trocar uma única palavra. O velho ficou ali, dormindo.

Era um homem estranho aquele: nenhum outro rosto que Binno já havia visto possuía tantas rugas. Centenas delas.

As orelhas do homem eram enormes e redondas.

Ele possuía o maior nariz que alguém poderia ter.

Um nariz longo e torto.

Sua cabeça era nua. Não tinha um único fio de cabelo. O homem também não tinha sobrancelhas. E seus olhos repousavam em um sono profundo.

Sobre o peito, descansavam as mãos. Seus dedos eram cheios de pele. As unhas eram grossas, como madeira.

O peito enchia e esvaziava.

Enchia longamente e esvaziava lentamente.

Sua boca entreaberta emitia um som rouco.

Binno parou de olhar para o velho. Seria seguro ficar ao lado daquele homem? Mas que alternativa tinha?

O ronco do velho ressoava por toda a sala e enchia o lugar de angústia.

Muitas horas se passaram e os barulhos do Palácio foram cedendo lugar ao silêncio. Aos poucos, as luzes foram diminuindo até que a penumbra passou a reinar absoluta.

A noite chegou.

A respiração daquele homem não cessou em nenhum momento. Binno não tinha certeza se queria dormir. Mas o cansaço o venceu.

— Água.

Uma voz rouca acordou Binno. Com os olhos ainda fechados, sentiu uma luz fraca. Um abajur, talvez. A voz pediu outra vez:

— Água.

Binno se sentou na cama. — Desculpe, senhor, mas eu não sei onde tem água.

Olhou então para o velho e a visão era assustadora: pequenos olhos pretos pareciam ter afundado naquele rosto. Quando se movia, toda a pele tremia.

— Água.

Nenhum dente restava naquela boca. — Ali — com esforço, o velho apontou para um canto da sala.

Binno levantou e caminhou na direção que o velho apontou. Em meio à escuridão, encontrou uma jarra límpida ao lado de dois copos. Alcançou a água para o velho. Ele esvaziou o copo e, sem falar mais nada, deitou e dormiu novamente.

Binno não teve a mesma sorte. Permaneceu acordado por horas, olhando para a silhueta daquele nariz enorme. A boca enrugada, levemente aberta, continuava a emitir aquele som rouco e contínuo.

Depois, enquanto sonhava, o velho balbuciou frases com sua voz rouca.

— Não entre lá — Binno ouvia e suas mãos suavam. Com os olhos arregalados, o garoto observava as rugas do velho formarem sombras trêmulas sobre aquele rosto.

— Jamais entre na Esfera de Hades sozinho — a voz rouca subia pelo nariz torto do velho. — Jamais entre lá.

A voz rouca continuou.

— Alcatriz é liberdade se comparada à Esfera de Hades... E Xenon estará lá, esperando você.

A luz fraca se apagou. A escuridão agora era absoluta. *Por favor, pare de falar.* Binno apertava as mãos no peito com tanta força que seus dedos começaram a doer.

— Você conhece os segredos de Xenon. Você o recriou. Na Esfera de Hades ele pode vencê-lo. Apenas lá.

O silêncio voltou a acompanhar a escuridão.



Depois, tudo o que se ouviu foi o ronco contínuo do velho. Mesmo no escuro, Binno permaneceu com os olhos tão abertos quanto foi possível. — Geniozinho, acorde — uma voz conhecida chamava. — Geniozinho, já está na hora.

Quando abriu os olhos, o Palácio estava amplamente iluminado. madame Anay andava de um lado para o outro da sala, ligando botões e acendendo luzes estranhas.

Binno olhou para o lado. O velho não estava lá.

— Onde ele está?

— Bom dia, geniozinho. Finalmente acordou. Acabou o seu repouso. Hoje você está cheio de coisas para fazer. É bom se apressar. Gabriah entrava na sala servindo o café-da-manhã.

— E aí, Binno. Ó, não se acostuma não. Essa é a última refeição que trago para você. A partir do meio-dia, só no refeitório.

— Anay, onde está aquele homem?

Com um tubo de seu licor borbulhante na mão, madame Anay finalmente parou de apertar botões.— Homem? Ah, sim, o ex-Doutor Xan T. Bem, ele foi para o Paraíso. — O quê? — Binno estava realmente assustado.

— Calma, geniozinho, estou falando da Esfera Paraíso. Uma Esfera Virtual para onde vão os grandes homens — enquanto ouvia a explicação da madame Anay, Binno ia segurando as xícaras e travessas que Gabriah ia entregando para ele. — Sabe, Xan T foi um dos maiores Doutores que a Aliança já possuiu. Há gerações ele estava aposentado. Na verdade, congelado. Se você prestou atenção, notou que ele é o homem mais velho de todo o universo — Binno ouvia atento, mas tinha dificuldade para equilibrar a quantidade de comida que Gabriah colocava no seu colo. — Normalmente, os grandes homens vão muito mais cedo do que ele para o Paraíso. Mas ele preferiu ser congelado. Dizem que tinha muito medo das Esferas Virtuais — agora Gabriah servia uma quantidade enorme de comida para a madame Anay. Era incrível pensar que ela pudesse comer tanto mesmo sendo tão pequena. Ela continuava falando enquanto mordida um sanduíche de ostras: — O mais curioso é que Xan T foi um dos homens responsáveis pela

criação das Esferas Virtuais. Talvez seja o homem vivo que mais tempo passou conectado. Engraçado, não acha?

— Pois é — Binno não tinha entendido muita coisa, mas concordou mesmo assim.

Gabriah se meteu na conversa:

— Quer dizer que ele é um dos inventores da Esfera Virtual mas tem medo da própria invenção?

Madame Anay balançou a cabeça positivamente. Estava com a boca cheia demais para falar.

— Mas eu sempre ouvi dizer que a Esfera Paraíso é tudo o que um homem pode sonhar. Lá ele volta a ter a idade mais feliz da sua vida. Volta a ver grandes amigos. Enfim, é um lugar para esperar a morte chegar com felicidade.

Mais uma vez madame Anay balançou a cabeça positivamente. Agora tinha dezenas de micro ovos fritos na boca. Um micro ovo frito caiu entre os seios e ela começou a cutucar lá com seu dedinho pequenino.

Gabriah estava realmente intrigado.— Por que ele teria medo da Esfera Paraíso? Ao contrário de Gabriah, Binno não estava mais dando atenção

para o assunto. O dia clareou e ele se livrou do pesadelo que foi a noite passada.

Hoje ia poder conhecer o resto do Palácio da Aliança Maior. — *Finalmente!*

Estava apenas na metade do café-da-manhã quando Ewó chegou correndo e pulou no seu colo, latindo e babando lubrificante sobre os pães e doces.

Em seguida, Kira apareceu.

— Vamos, OXZ. Hoje seu dia vai ser cheio. É melhor se apressar.

— Dia cheio?

— Sim, ainda pela manhã você precisa conhecer seu quarto, experimentar roupas novas, conhecer o regulamento do Palácio e mais uma porção de coisas. Vamos, mova-se.

— Mas por que preciso fazer tudo isso pela manhã? Tenho o dia todo.

Kira e Gabriah se olharam. Kira não escondia sua decepção.

Gabriah aumentou o tom: — Cara, você está maluco. Você precisa correr. Hoje é o dia.

Binno não entendeu nada. Olhou para madame Anay esperando uma resposta. Ela tinha o mesmo olhar surpreso dos outros.

Como ninguém falou nada, Binno resolveu beber um pouco do seu suco.

Então, Kira, Gabriah e Anay falaram ao mesmo tempo: — Hoje começa o Pré-Maior. Binno se assustou e derramou todo o suco em cima da roupa.

## 8.0

### O primeiro dia

Aquela manhã realmente foi curta.

Kira andava pelos corredores do Palácio com passos apressados enquanto seus cabelos vermelhos balançavam de um lado para o outro. Como não havia tempo para apresentar todo aquele submarino em um *tour* completo, a garota resolveu mostrar apenas o corredor onde Binno ficaria. Cada porta que a garota abria revelava uma sala muito maior do que Binno havia imaginado.

Alguns ambientes eram iluminados por luzes coloridas; outros eram brancos como uma folha de papel.

— Aqui é a sala de jogos — Binno queria muito conhecer essa sala. À primeira vista, tudo se resumia a luzes e máquinas estranhas. Infelizmente, Kira estava sem tempo para maiores explicações.

Ela seguiu para a próxima porta.

— Esta sala pertence ao Círculo dos Doutores — não havia ninguém, apenas confortáveis cadeiras flutuavam em um círculo perfeito que girava em torno de si mesmo.

— Aqui trabalha o Mestre Troy Judá — Kira apontou para uma porta onde havia uma placa:

DIRETOR DO PALÁCIO DA ALIANÇA MAIOR.

Infelizmente, Binno sabia muito bem quem era Troy Judá: aquele homem desprezível de cabelos lambidos e gola levantada que o acusou de ser um clone defeituoso.

Só de lembrar Binno teve vontade de vomitar, mas Kira estava apressada demais para notar a cara verde do garoto. Ela continuava andando com passos apressados. E Binno quase corria para acompanhála.

— Aqui é o refeitório — na opinião de Binno, aquilo mais parecia um imenso restaurante de luxo.

— Aqui é a academia.

- Aqui é o salão de festas.
- Aqui é a biblioteca.
- E, finalmente, aqui é o seu quarto.

Binno abriu tanto os olhos que alguns segundos depois teve de esfregá-los porque começaram a arder. O quarto era bem maior do que ele jamais ousaria imaginar.

Um imenso sofá, com almofadas gordas e fofas, atraía os preguiçosos. Um armário enorme tomava conta de toda uma parede. — *Nem em mil anos eu vou encher esse armário.* — Algumas parafernálias, que pareciam presentes de madame Anay, caminhavam e piscavam pelo chão. Um quadrado enorme com pelos amarelos estava no chão, bem no meio do quarto. — *É aqui que eu vou dormir?* — Era fofo e macio. E mais confortável e espaçoso do que cem das camas a que Binno estava acostumado.

— Quantas pessoas vão dividir este quarto comigo? — Binno se atirou no quadrado macio e esticou as costas, se espreguiçando.

— Esse é o seu quarto. Ninguém mais vai dormir aqui. Binno se sentiu extasiado.

— Essa cama enorme é só para mim? Kira soltou um risinho abafado.

— O que foi? Do que você está rindo?

— Essa não é a sua cama — a garota se esforçava para ficar séria.— É o tapete.

Binno olhou em volta sem acreditar.

— Aquela é a sua cama — Kira apontou para cima e só então Binno percebeu que outro quadrado enorme planava no ar. — Cama, desça — Kira ordenou. — O quadrado desceu vagarosamente até Binno notar que ali havia um colchão enorme, maior que o seu cubículo inteiro lá do Internato.

Então Binno pulou sobre o colchão. Muitas almofadas também estavam ali. Pensou um pouco, mas não resistiu: deu uma cambalhota e depois pulou como se estivesse em uma cama elástica. A cama cedia um pouquinho e subia novamente toda vez que ele fazia isso.

Em meio à euforia, Binno acabou esquecendo de Kira. Ela estava com os braços cruzados, mordida o *piercing* com raiva e olhava muito séria para o garoto.

— Caso você não saiba, não tenho tempo para perder. — Tudo bem, eu só estava testando... Funciona bem, né? A garota foi até o guarda-roupa e ordenou:— Todas as portas, abram agora. Uma a uma, dezenas, talvez centenas de portas foram se abrindo.

E para surpresa de Binno, nem ao menos uma estava vazia. Ali havia roupas tão legais quanto as que ele via nos cliques de *rap*. Dezenas de calças, bermudas, camisetas. Centenas de pares de tênis. Bonés de todas as cores, casacos, jaquetas, cachecóis, regatas, meias, cuecas, cintos, viseiras, braçadeiras. Marcas tão preciosas que Binno nunca imaginou que teria. Estampas incríveis. Cores inacreditáveis.

— Papai mandou que trouxessem roupas da época com a qual você está mais familiarizado. Ele achou que seria essa a moda que agradaria você. Agradou?

Binno não tirou os olhos do guarda-roupa. Apenas mexeu a cabeça indicando que sim.

— Que bom. Papai gosta muito de moda, sabe. Ele ia ficar decepcionado se você não gostasse — finalmente, ela sorria. — Agora venha conhecer a sua Estação de Virtualização.

Ela caminhou até um estranho móvel: uma cadeira muito louca que lembrava o assento de um piloto em uma nave espacial ou algo assim.

— Já usou uma dessas?— O que é isso?— É a sua Estação de Virtualização — ela parecia decepcionada

por Binno não conhecer a tal estação. — Tudo bem, venha aqui que eu te mostro como funciona.

— Beleza.

— Você senta aqui. Esses controles você não precisa saber para que servem. Não se assuste se a cadeira saltar ou trepidar. Mas se ela der voltinhas no ar, aí você começa a se preocupar.

Com os olhos arregalados, Binno mostrou que não tinha entendido muita coisa. Kira ignorou aquele olhar de dúvida.

— Ótimo. Esses são os visores. Eles são importantes para ajudá-lo na sua concentração. Com o tempo você não vai precisar mais deles.

Os dois se olharam por alguns segundos.

— Está pronto?

— Estou. Binno sentou-se na cadeirinha. Sozinha, ela se inclinou levemente para trás. Mecanismos se movimentaram e estruturas que lembravam braços cercaram o garoto. Binno se assustou com aquilo. Kira permanecia ao seu lado, imóvel.

— Agora, comece a viajar — disse a garota, outra vez com impaciência.

Meio sem saber o que fazer, Binno olhou para os botões: “Esses controles você não precisa saber para que servem”. Depois olhou para a frente, onde um braço mecânico alcançava um visor. Ele o colocou nos olhos e tudo se tornou mais compreensível.

Como no holograma gigante que viu durante o julgamento, uma tela semitransparente surgiu diante dos seus olhos. Linhas contornavam figuras transparentes e ele podia ver algo que conhecia muito bem: uma tela de computador.

Binno sorriu aliviado.

Depois, notou linhas que compunham um teclado virtual perseguindo suas mãos. Mesmo que separasse muito um braço do outro, o teclado se dividia e as teclas acompanhavam seus dedos.

— Isso aqui é demais!

Digitou alguns códigos à procura de um jogo. Uma mensagem de erro apareceu na tela. Ele pediu para estudar o erro. Leu rapidamente os códigos apresentados e compreendeu a mensagem. Digitou outros comandos e encontrou uma relação infinita de jogos e entretenimentos. Digitou mais alguns códigos procurando uma estação de rádio e encontrou várias.

— Essa não... Essa também não... Essa é chata... Essa.

Um ritmo eletrônico, com batidas que lembravam *rap*, tomou conta do quarto. Por causa da música, Kira teve de falar muito alto. Ela sorria satisfeita.

— Você é mesmo bom, hein?

— Sou.

Kira desmanchou o sorriso na hora. — Convencido.

Binno ficou sem jeito. — *Será que sou convencido?*

— Está bem. Agora entre na Esfera Virtual.

— Eu estou tentando achar a internet, mas não encontro nada.

Binno olhou para Kira através do visor. Mesmo com o monitor virtual entre eles, era fácil notar a indignação nos olhos castanhos da garota.

— Anda logo. Eu preciso ter certeza de que você sabe viajar na Esfera Virtual.

É claro que Binno não tinha a menor ideia de como fazer isso, mas ele não admitiria na frente de uma garota: — *Onde está essa esfera?* — ele digitava códigos e as mensagens de erro se sucediam. Aquilo tudo era muito diferente da internet que ele estava acostumado a usar.

Códigos. Erro.

Códigos. Erro.

Códigos. — Achei.

O monitor virtual transformou-se em um globo. As teclas sumiram de seus dedos.

Ainda impaciente, Kira apressou o garoto.

— Ótimo, vamos fazer um teste. Pense em um lugar que queira conhecer.

Binno pensou um pouco. Depois se lembrou dos sanduíches de papa-terra de que tanto havia gostado. — *Brasil.*

O globo girou dezenas de vezes até se acalmar em um ponto específico. Binno pressionou aquele ponto. O globo então cresceu centenas de vezes diante dos seus olhos, ficando maior do que poderia caber no quarto. Era como se o mapa pudesse mostrar o que estava debaixo das águas. Ele começou a traçar um caminho que gostaria de percorrer. O mapa aumentava cada vez mais. Sempre enxergando linhas que contornavam objetos imaginários, Binno agora podia ver peixes, lulas e uma imensa baleia luminosa passou sobre Kira, ao lado do seu guarda-roupa. Ele via todas



aquelas linhas imaginárias como se estivesse viajando em um submarino que se aproximava cada vez mais do chão. As linhas agora mostraram uma redoma de vidro sobre algo que parecia uma cidade. Binno achou que aquele era o lugar. Clicou sobre as linhas. Então, a batida de *rap* que enchia o quarto deu espaço a um chiado infernal.

Kira ficou realmente nervosa.— Idiota! Você ainda não pôs seus conectores auriculares.

O chiado era realmente insuportável.

Binno examinou um pouco melhor sua Estação de Virtualização. A cadeira não parava de tremer e de se mexer de um lado para o outro. Todos aqueles braços mecânicos cheios de botões: "...você não precisa saber para que servem". Um dos braços mecânicos chamou a atenção de Binno. Ali estava algo que lembrava uma tiara: nos dois polos daquele estranho objeto duas bolinhas cromadas emitiam um gás que brilhava de maneira estranha. Eram como irradiações químicas, elétricas, ou algo assim: — *Isso é para pôr nos ouvidos?*

Binno tentou falar, mas o chiado já estava alto demais. Nem ele conseguia ouvir a própria voz. Então apontou para o objeto.

Kira, que protegia os ouvidos com as mãos, balançou a cabeça positivamente.

Binno não teve escolha: pegou os conectores auriculares e os colocou como se fossem fones de ouvidos.

O barulho na sala cessou. As linhas que formavam imagens desapareceram. Kira respirou aliviada.

Aquele foi um segundo de paz. Um segundo rápido demais. Então lentamente os ouvidos de Binno começaram a arder.

E de repente estavam quentes demais.

Quando tentou arrancar os conectores, suas mãos não obedeceram. Binno sentiu calores cada vez mais fortes. Aquela terrível corrente percorreu seus nervos através de seus braços e chegou até a ponta de seus dedos.

O mesmo aconteceu com suas pernas, que ficaram imobilizadas. A descarga de energia o fez sentir dor sob todas as

suas unhas.

Através do visor, ele olhou horrorizado para Kira Bella. A garota sorria.

De repente o armário sumiu. Outra vez surgiram linhas mostrando objetos que não estavam ali.

A descarga elétrica aumentou.

Kira desapareceu no ar. A dor nos ouvidos aumentou. Linhas mostraram um homem caminhando despreocupadamente. A dor agora percorria todo o seu corpo. Era impossível movimentar qualquer músculo. Todos os objetos do quarto haviam sumido.

Todo o lugar era composto por linhas. Aos poucos, a dor começou a diminuir. — *Estou morrendo?* Também aos poucos as linhas foram preenchidas por cores.

A dor sumiu. Binno estava de pé sobre um monte de areia amarela. — *O que está acontecendo? Que lugar é esse? Cadê a Kira?*

O quarto havia sumido. Ali só existiam dunas.— Na primeira vez é dolorido, não é?

Uma voz muito grossa falou às costas de Binno. Quando se virou, viu um homem alto, magro, com um nariz enorme e engraçado. Ele vestia uma camisa escura e carregava em uma das mãos um elegante paletó preto. Na outra mão segurava uma bengala.

O tom daquela voz era conhecido. Quem era aquele homem?

Depois de encarar o sujeito por alguns segundos, Binno respondeu à pergunta que lhe havia sido feita.

— É, é muito dolorido.

— Não se preocupe. Isso acontece com todos. Mas só nas primeiras vezes que nos conectamos. É normal. Geralmente as pessoas não lembram porque se conectam ainda bebês.

Só agora Binno entendeu o que estava acontecendo.

— Isso aqui é um *site*?

Ele olhou em volta. Um imenso areal amarelo. Centenas e centenas de dunas de areia com os mais diversos tamanhos. Ele estava sobre a mais alta das dunas.

O homem narigudo admirava o pôr-do-sol: — Esse é o *site* Brasil. Interessante, não acha?

— Como vim parar aqui? Quem é você? — perguntou Binno, aflito.

— São duas respostas. A primeira: você clicou neste lugar. Você está aqui porque escolheu visitar este *site*. A segunda: nós já nos conhecemos. Não lembra de mim?

Binno sabia que conhecia aquela voz. O rosto também não era completamente estranho. Mas quem era aquele homem?

— Desculpe, não lembro. Uma voz gritou dos céus. — Já chega Binno, agora volte.

Os dois olharam para cima, confusos.

— Volte agora Binno, senão vou desconectar você à força. Vai doer, estou avisando.

O narigudo quase riu.

— Agora escute: a Esfera Virtual é realmente maravilhosa — o homem olhou novamente para o lindo pôr-do-sol daquele *site* e respirou profundamente. — Mas você precisa ficar longe da Esfera de Hades, ok? Agora vá. Você tem compromissos.

A voz de Kira chamou outra vez Binno. Ele e o homem narigudo se encaravam seriamente.

— Para se desconectar, basta fechar os olhos e pensar novamente na sua Estação de Virtualização. Lembre-se: nunca entre na Esfera de Hades sozinho. Só eu posso proteger você lá.

Mesmo sem entender, Binno consentiu. Depois seguiu as instruções do homem.

Quando abriu os olhos, Kira estava furiosa à sua frente.

— Você viu o tempão que ficou fora? É um saco, mas o Pré-Maior começa daqui a pouco, sabia?

Binno olhou nervosamente para o quarto. Tudo estava maravilhosamente intacto. Ufa!

— Encontrei aquele homem que dormiu ao meu lado. O ex-Doutor Xan T — Binno contou enquanto saía da Estação.

Depois, contou a conversa que teve com o homem mais velho da Grande Existência. Kira e Binno conversaram durante

alguns minutos, o garoto estava fascinado com a sua primeira experiência na Esfera Virtual.

— Que máximo. Você encontrou o grande Xan T, um dos criadores da Esfera Virtual? — Kira mordia seu *piercing*, o que indicava que ela estava pensando. Depois falou: — Não se preocupe. Essa Esfera de Hades é uma lenda antiga, ninguém dá bola para isso. Só Xan T ainda acredita nessa bobagem. Talvez porque tenha ficado muito tempo congelado.

— Mas hoje ele estava bem mais jovem.

— Bom, ele é hóspede do Paraíso, *site* onde as pessoas voltam a ter a aparência da época mais feliz de suas vidas. Normalmente, quem entra lá só sai depois que o corpo padece. É um jeito mais agradável de esperar a morte, sabe? Além disso, ele pode ficar viajando por outros *sites*, como o do Brasil.

Binno deu de ombros. Depois resolveu conhecer melhor o recheio de seu novo guarda-roupa.

Kira parecia mais tranquila.

— Bom, agora vou treinar um pouco. Já mostrei tudo o que você precisava saber, então, esteja lá na hora certa.

— Treinar o quê?

— Como assim... o quê? — ela se abaixou e apertou levemente suas pesadas botas. Sob a sola surgiram linhas de ar que fizeram as botas de Kira funcionar como uma flutueira. — Patins, óbvio!

Binno ficou boquiaberto com as botas de Kira, mas tentou disfarçar. — Hum... legal. Eu não gosto muito de patins.— Um dia você vai descobrir o que é patinar de verdade — ela

já estava saindo do quarto de Binno quando falou: — Nossa primeira aula no curso Pré-Maior é hoje. Começa um minuto depois do meio-dia. O endereço é um dos seus favoritos. Não se atrase.

Ela saiu ziguezagueando pelo corredor. Binno continuou com os olhos fixos nas botas-patins de Kira até ela entrar em outro corredor. Aquilo era realmente impressionante. Imagine, sair flutuando por aí? Binno pre-ci-sa-va conseguir um par daquelas botas.

— *Um dos meus favoritos?*

Seja lá o que ela quisesse dizer com aquilo, havia tempo para descobrir. Antes, precisava urgentemente de um banho e, claro, escolher uma roupa bem bacana para aquele dia.

Somente quando Binno já havia experimentado a décima combinação de roupas é que percebeu que muito tempo havia passado. Faltavam míseros cinco minutos para começar a primeira aula do curso Pré-Maior. — *Onde fica o tal curso?* — Kira só falou que era um dos meus endereços favoritos. O que ela quis dizer com isso?

Um barulho estranho se espalhou pelo quarto de Binno. *Campainha?* O barulho se repetiu. Era uma campainha. Quando Binno abriu a porta deu de cara com o Mestre Troy Judá,

que trazia no rosto a mesma expressão de desprezo do último encontro entre os dois. Seus cabelos pretos estavam perfeitamente — e ridiculamente — penteados para o lado. Depois de se encarar por alguns segundos, Troy murmurou, por trás de um sorriso amarelo:

— Olá. — Oi. — Vim desejar-lhe as boas-vindas, já que seremos praticamente

vizinhos. — Obrigado.

Binno não estava acreditando no que ouvia. Boas-vindas? Qual era daquele cara? No julgamento ele o havia humilhado em frente da maior quantidade de pessoas que Binno já havia visto. Depois batia na porta do seu quarto cheio de simpatia?

— Gostei muito dessa sua calça largona — o sorriso amarelo de Troy continuava a abafar as palavras.

— Obrigado.

— Laranja fica bem em você. — Ahã, tô sabendo.

Uma voz conhecida foi ouvida no corredor.

— Já viu que horas são, OXZ?

Passos pesados se aproximaram. Alguém chegava com pressa.

Era Orion. Considerando o comprimento de suas pernas, com pressa significa muito, muito rápido.

Binno não podia acreditar: faltava apenas um minuto para o meio-dia e ele estava batendo papo com o homem mais insuportável que já conhecera. Precisava correr para o curso, mas onde era? Agora já era tarde. Não chegaria a tempo e seria expulso logo no primeiro dia. Não adiantava mais. A confiança do Doutor Ítalo Bella fora desperdiçada. Como pôde ser tão burro? Seu destino parecia óbvio: o tubo de desoxigenação.

Com o máximo de gentileza que podia, o brutamontes Orion pediu licença ao Mestre e falou com Binno: — Você está atrasado.

Agora, a visita do Mestre Troy Judá era facilmente compreendida.

Com o atraso de Binno, Troy estava comprovando sua teoria da cópia malfeita. À custa da morte do garoto, ia provar que estava certo.

Orion se abaixou para passar pela porta do quarto. Depois a fechou na cara do Mestre.

— Eu sei que estou atrasado — Binno não escondia o desespero.

— Então corra.

— Para onde? Tudo o que a Kira disse é que o lugar é um dos meus favoritos. Como vou saber onde é? Por que ninguém me explica nada?

Orion permaneceu imóvel, com seus braços gigantes cruzados: — Você já olhou seus favoritos?

Só então o garoto se ligou.

Dessa vez Binno havia se superado em burrice: — Claro, os favoritos! Mas vamos combinar: até agora ninguém falou que o curso era na internet. Ou falou?

Não havia tempo para divagações. Binno entrou na sua Estação de Virtualização, colocou o visor e, enquanto colocava os conectores auriculares com uma das mãos, com a outra procurava a lista dos seus favoritos naquele sistema que ele ainda não conhecia bem.

— Achei.

Mesmo com centenas de *sites* listados de uma só vez, Binno enxergou rápido: curso Pré-Maior.

Clicou.

Centenas de linhas mostravam o contorno de várias pessoas. Orion permanecia plácido.

Choques elétricos percorreram os nervos de Binno e fizeram arder suas unhas. Orion sumiu.

Binno se viu sentado na arquibancada de um pavilhão com milhares de garotas e garotos da sua idade. Kira estava à sua esquerda. Do outro lado estava Gabriah.

— Finalmente — o garoto falou baixinho. — Achei que tinha ficado com saudades do tubo.

Kira sorriu e falou: — Gostei das roupas novas.

Naquele instante, algo estranho surgiu no círculo central do pavilhão. Por causa da distância, Binno não conseguia ter a menor ideia do que era aquela coisinha que se movia lentamente.

— O que é aquilo?

— Por toda Origem, fale baixo — advertiu Gabriah. — Aquele é o nosso instrutor.

— Mas deve ter quarenta centímetros de altura.

— Trinta e cinco — informou Gabriah. — Ele é um grande homem para o seu povo, o povo mimm.

— Povo mimm?

— Isso, povo mimm — Gabriah tentou explicar. — Durante milênios esse povo permaneceu oculto, vivendo nos labirintos de oxigênio das grandes construções. Acho que é por isso que ficaram tão pequenos. Outro dia li em algum lugar que é um povo mais antigo do que se imaginava, mesmo na era da superfície já se refugiavam nas tubulações de ar-condicionado.

Kira ficou impressionada com Gabriah. — Está bem informado, hein?

— Ah, que nada. Olha só para ele. Como é que não vou ficar curioso?

A garota quis dizer algo, mas foi interrompida por uma voz estridente que estava sendo reproduzida em toda a circunferência

da imensa arquibancada.

— Muito boa tarde, boa noite, bom dia, dependendo da parte do planeta de onde estão se conectando.

No alto de seus trinta e cinco centímetros, o instrutor gesticulava amplamente, fazia movimentos circulares com os braços e até dava pulinhos. Mas era difícil enxergar seus movimentos, pois seus bracinhos eram menores que o somolho de Orion. A voz, no entanto, continuava a ser ouvida em alto e bom tom.

— Estou aqui para ensiná-los a aperfeiçoar o Saber Lógico que cada um de vocês possui. Esse será um dos pontos que a Universidade Maior irá avaliar, por isso espero que se dediquem ardentemente a essa matéria. Ooops! — Binno não quis acreditar no que seus olhos viram, mas pareceu-lhe que aquele homenzinho havia dado uma cambalhota no ar antes de continuar falando. — Acabei esquecendo de me apresentar. Como sou distraído! Meu nome é Supraleon Mimm — o instrutor deu outra cambalhota no ar. Ficou evidente que aquilo era uma reação nervosa. O homenzinho começou a gaguejar: — E-e-e-espero que a ge-ge-gente se di-di-divirta muito neste cu-cu-curso.

— Divertido vai ser. Isso aqui parece um circo mesmo — alguém com uma voz muito fininha falou alguns degraus acima de onde estavam sentados Binno, Gabriah e Kira.

As pessoas ao redor riram.

A voz falou novamente: — Olhem para aquele lugar. Quem disser que não parece o picadeiro de um circo está mentindo. E aquele anormalzinho lá no meio? É piada, não é?

As mesmas pessoas soltaram outra risada abobada.

Binno se virou e viu quem era a dona da voz: uma garota com cabelos armados e amarelos, mas que lentamente iam mudando para laranja.

— É parente daquela Doutora? — perguntou baixinho para Gabriah.

— Filha — Kira se apressou em responder antes. A garota já apertava seu olhar.



Discretamente, Gabriah mostrou as duas garotas e depois apertou um punho contra o outro. Binno entendeu que a antipatia entre elas vinha de longa data.

— Quem estiver insatisfeita pode se desconectar — Kira falou para que a garota pudesse ouvir.

Rapidamente o chumaço de cabelos da garota mudou para a cor vermelha.

— Está falando comigo, Bella?

— Estou, Vibbor — era fácil perceber que um barril de raiva fervia entre as duas. E, pelo jeito, ia transbordar em poucos segundos.

Binno e Gabriah resolveram interceder. Levantaram ao mesmo tempo.

Ao lado da garota que agora tinha cabelos violeta levantou um garoto muito alto e muito magro. Ao mesmo tempo uma garota que usava duas tranças muito grossas e era mais forte do que todos juntos também ficou de pé.

A voz estridente de Supraleon se fez ouvir novamente.

— Ora, vejam se aquele não é OXZ — Binno havia se esquecido completamente do instrutor. — Garoto, ouvi coisas boas a seu respeito. É um prazer tê-lo como aluno. Na verdade, acho que terei muito pouco, ou mesmo nada, para ensinar a você.

Binno não sabia o que dizer, mas com certeza não queria ouvir aqueles elogios. Além de achar que não merecia logo no primeiro dia de aula, todos os milhares de colegas iam pensar que ele era um convencido.

— Obrigado.

— Realmente, é um privilégio tê-lo como aluno. Na sociedade do Saber Lógico, você é considerado o mais jovem gênio, sabia? — o homenzinho estava realmente empolgado, seus braços giravam tanto que ninguém se espantaria se ele saísse voando como um helicóptero. — OXZ, você é a nova esperança para os anos de pasmaceira que vive a lógica.

Seja lá o que significasse tudo aquilo, Binno estava cada vez mais constrangido. Desejou não ser lembrado, queria ser ninguém,

não ter um nome. Mas era tarde, todos pareciam conhecê-lo e pelo motivo errado. As pessoas cochichavam à sua volta. Muitos lançavam olhares raivosos. Seja o que for que estivessem pensando, era fácil ver que não queriam Binno OXZ ali.

Binno ruminava pensamentos. — *Que culpa eu tenho?* — Foi falta de sorte criar um IA com a mesma personalidade de um cara que ninguém gosta. Isso foi inteligente? Pelo jeito, foi muito burro.

Supraleon continuou.

— Eu realmente sou um instrutor muito feliz. Além de ter a genialidade de OXZ, tenho a sabedoria de um príncipe na minha turma.

Os olhares pesados saíram de Binno. Outra vez, o instrutor era o centro das atenções. Ele continuou falando e gesticulando:

— É verdade, acreditem. Temos no corpo discente deste curso o sangue azul do filho do líder supremo da dinastia Mimm. Aqui está ele: o príncipe Megazila Mimm.

Gabriah e Kira cruzaram um olhar enquanto seguravam o riso.

Supraleon se virou para um lugar desocupado e prestou uma reverência.

Depois de olhar com muita atenção, Binno percebeu que o lugar não estava vazio: havia alguém ali. Alguém menor que o instrutor Supraleon. O príncipe Megazila era minúsculo, tinha um rosto jovem, bochechas rechonchudas e usava algo na cabeça que lembrava uma pequenina coroa.

— Quero agradecer o carinho que tenho recebido de todos vocês — o príncipe falava como se estivesse diante de uma multidão de súditos. — Meu povo é grato pela atenção que vocês estão me dando, e certamente serão tod...

— Agora, vamos à aula — o próprio instrutor Supraleon interrompeu o príncipe, que sentou outra vez no seu lugar, ainda sorrindo.

Uma imensa tela surgiu no alto do círculo onde estava Supraleon. Nela surgiram fórmulas e gráficos.

A partir daí, Binno achou a aula fascinante. Uma tarde inteira discutindo mecanismos para a constituição de códigos. Com o tempo, o jeito maluco de Supraleon se tornou engraçado e divertido.

Além disso, naquela tarde, ninguém tentou esquartejar ou desoxigenar Binno, o que já era motivo para ficar feliz.

## 9.0

### O olhar triste de Kira Bella

Depois da aula, Gabriah e Kira foram até o quarto de Binno para conversar sobre tudo o que havia acontecido: as dificuldades da matéria, as maluquices do professor Supraleon, o estranho príncipe Megazila e, claro, a insuportável Vick Vibbor.

Binno sabia muito bem o que era conviver com pessoas chatas e prepotentes. Lá no Internato tinha de engolir gente como a senhora Valquíria ou Gabriel Shwartz. Porém, pelo que tinha notado, aquela garota de cabelos multicoloridos destilava mais arrogância do que a Colônia de Utoppy inteira.

Kira conseguia deixar a delicadeza de lado quando o assunto era a filha da Doutora Vibbor.

— Ai, como eu detesto aquela guria. Se eu pego aqueles cabelos.. — ela continuava esbravejando, mas Gabriah e Binno já tinham outra diversão: explorar o universo infinito do imenso guarda-roupa daquele quarto.

No dia seguinte bem cedo, Binno foi até o refeitório se deliciar com o café-da-manhã. Contou as minúcias do primeiro dia de Pré-Maior para Orion, que respondia com monossílabos desinteressados. Era ótimo conversar com o gigante, mesmo ele parecendo indiferente. Mas, por algum motivo, Binno percebia que o salva-costas estava atento a cada detalhe. Cada um tem seu jeito, não é mesmo?

Depois do café-da-manhã, Binno resolveu explorar o Palácio. Para isso, nada melhor do que acompanhar um dos passeios turísticos guiados por Kira Bella.

Logo que os turistas chegaram, Binno percebeu que as surpresas ainda estavam longe de acabar. Eram pessoas tão diferentes em tamanhos e cores que era difícil saber qual era o tipo mais curioso: uma mulher tão magra e com o pescoço tão comprido que lembrava mais uma girafa do que um ser humano. Um homem

com oito dedos em cada mão. Crianças que corriam felizes com suas quatro pernas. Todos muito simpáticos e sorridentes.

No começo do passeio Kira deixou claro que, por uma questão de tempo, eles visitariam apenas vinte por cento do Palácio. Foi o suficiente para Binno ter noção da imensidão daquele submarino. Eles conheceram o campo de Shockey, um esporte que Kira descreveu como “mais rápido que os olhos de torcedores comuns, mas ainda assim, lento demais”. Outros lugares também foram visitados, como a piscina térmica, a academia, o plenário, o centro de convenções e mais uma porção de coisas que nem deu para gravar tudo na memória.

Porém, para um garoto tão curioso como Binno, a atração mais interessante não poderia deixar de ser o ComputAtoR, um dos primeiros pontos a ser conhecidos pelos turistas. Exposto como uma obra-prima, protegido por dois soldados, o ComputAtoR se comportava como uma celebridade: usava óculos escuros, bebia um coquetel e ouvia alguma coisa em seus fones de ouvido quando Kira chamou sua atenção batendo na tela azul.

Ele não gostou muito de ser interrompido. Olhou com cara feia para a guia, mas foi muito gentil com os turistas. Cada pergunta que faziam soava como música para aquele homenzinho. Feliz, ele mudava de roupas e personalidade para melhor responder a cada questão: “Quantos quilômetros têm o palácio?”; “É verdade que existe uma prisão no andar mais baixo?”; “Os Doutores moram mesmo aqui ou isso é uma lenda?”; “É difícil se tornar um Doutor?”; “Qual a comida preferida do Doutor Ítalo Bella?”; “Existe algum lugar onde eu possa comprar fotos autografadas do Doutor Oblax Zoop?”.

As perguntas não cessavam, muito menos a energia do ComputAtoR. Binno apenas ouvia atentamente. Então, por fim, alguém fez uma pergunta interessante. Uma garotinha, com olhos que emitiam luzes como faróis, lambia seu pirulito inocentemente quando falou:

— Qual foi o crime de Hefesto Xenon?

Kira se assustou com a pergunta. Ninguém jamais falava naquele assunto. Era como falar de uma assombração ou de qualquer outra coisa que a gente não quer lembrar. Mas o ComputAtoR não perderia essa chance.

Dentro da tela azul, o homenzinho inflou o peito. Seus braços começaram a inchar. Todo seu corpo ficou muito mais musculoso. Seu rosto tomou feições maléficas. Sua aparência agora lembrava a de um viking sanguinário e sua voz ficou áspera como a de um velho doente.

— Quanta coragem! — ele apontou para a menina com um dedo torto e cabeludo. — Esse assunto é um tabu complicado, mocinha. Mas eu não tenho medo de nada. Por isso, preste atenção em minha resposta: o crime do temível Hefesto Xenon foi, nada mais, nada menos que — fez uma pausa dramática — traição.

A menininha pareceu decepcionada.

— Ah! Isso eu já sabia. Eu quero detalhes.

— Pois bem. Se você quer detalhes, detalhes terá — todos os turistas estavam atentos, ninguém se movia. O ComputAtoR passava a mão peluda no próprio rosto para aumentar a dramaticidade da cena.

— Saiba, mocinha, que trair a Aliança Maior é o mais imprudente crime que um homem pode cometer. No entanto, Xenon foi além: ele desafiou a Aliança e se autoproclamou Imperador. Seguindo a antiquíssima tradição do Império Enguia, recrutou exércitos que concordaram com seu imperialismo.

O ComputAtoR interpretava como ninguém. De todas as suas transformações, aquele personagem certamente era o mais assustador. Sua voz arranhada continuou:

— Tudo isso aconteceu alguns anos antes do seu nascimento, mocinha.

Ao contrário dos outros turistas, que não escondiam o espanto, a garotinha lambia seu pirulito alegremente, encantada com o *show* a que assistia. O ComputAtoR continuou.

— É claro, a Aliança Maior derrotou Xenon. Ele se tornou prisioneiro de guerra durante pouco mais de treze anos. Porém, se

enganam os inocentes que acreditam estar sob as asas da segurança. Há oito meses Xenon escapou de Alcatraz e está foragido em algum lugar do Grande Oceano.

*Flashes* insistentes começaram a pipocar na tela azul, pois um dos turistas fotografava cada posição do Computador. O homenzinho continuou: — Xenon está solto e pode estar do outro lado do planeta, ou — gritou — atrás de você. — O fotógrafo se assustou e o Computador soltou uma gargalhada sarcástica quando a câmera se espatifou no chão.

Kira achou que aquela era uma ótima oportunidade para encerrar o assunto.

— Então, quem quer passar em frente aos aposentos do Doutor Oblax Zoop?

Todos bateram palmas, felizes. Menos uma das mulheres, que não tinha mãos, e sim guelras, mas ela assoviou também muito feliz.

Binno permaneceu olhando fixamente para o Computador. Para o garoto, era difícil aceitar que tinha ajudado um bandido tão terrível.

Respirou fundo, pois sabia que não era culpado.

Pelo menos queria muito não ser.

Às 11h55, Binno já estava sentado em sua Estação de Virtualização.

Ansioso, esperava o momento de se conectar ao *site* do Pré-Maior. Será que o professor de hoje seria tão animado quanto o de ontem? E será que a aula seria tão interessante? Será que ainda olhariam para Binno como se ele fosse um marginal? As perguntas, como sempre, eram muitas. — *Tomara que o professor de hoje não seja um tiete desequilibrado.*

Às 11h59, ele acessou o *site*. Descobriu que já não sentia aquela ardência nos ouvidos, apenas uma leve descarga elétrica percorrendo seu corpo.

Ficou feliz ao descobrir que outra vez seu lugar era entre Kira e Gabriah. Mas lembrou-se de um desagradável detalhe. Olhou para

trás e, um pouco acima deles estava Vick Vibbor, o garoto magrão e a garota das tranças grossas.

— Qual é o mais neurótico, o Adam Bizarro ou a Quimera Nazi? — cochichou Gabriah.

Binno se distraiu observando os milhares de colegas. Havia menos olhares de acusação naquele dia. Talvez os alunos estivessem aceitando a presença de Binno no Pré-Maior. Talvez, e isso seria um sonho, já o considerassem inocente das acusações que fizeram.

— Hein? — insistiu Gabriah.

— Ah, então esses são os nomes dos amigos da Vick Vibbor? — atrasado e distraído, Binno deu uma resposta também distraída ao amigo.

Indignado, Gabriah ficou em silêncio.

Kira não se manifestou. Mantinha o olhar baixo e distante. Definitivamente, não estava em um dia feliz. Isso era realmente muito estranho. Naquela manhã Binno estivera com a garota e parecia estar tudo bem.

— O que houve com ela? — perguntou baixinho para Gabriah. — Não sei. Está assim desde que chegou. Uma luz central indicou que o instrutor estava chegando. Mas não era só Binno e Gabriah que batiam papo em pleno curso

Pré-Maior. Todo mundo tinha algum assunto para pôr em dia. O zunzum era geral. De um segundo para outro o silêncio caiu como um lençol d'água.

Todos estavam curiosos para conhecer o instrutor do dia. Ninguém mais ousou soltar uma palavra.

Mesmo de muito longe, Binno não teve dificuldade nenhuma para reconhecer quem surgia no círculo central.

Madame Anay Cy-ficcion era a instrutora do dia.

Ela foi ovacionada com aplausos e assovios assim que chegou. Ficou claro que a inventora era realmente popular por ali.

Antes de começar a falar, a instrutora prestou reverência a todos. Depois acenou em direção a Kira, Gabriah e Binno, que retribuíram o cumprimento.



— Bom dia, boa tarde, boa noite. Dependendo do lugar de onde vocês estão se conectando.

Era incrível o interesse que todos demonstravam pelas palavras de madame Anay: nenhum outro som se ouvia no plenário a não ser o da sua voz.

— Durante o período deste curso estarei aqui para instruir vocês no crescimento de seu Saber Espacial. Aprenderemos juntos a usar nossos olhos para perceber mundos possíveis, não apenas o mundo que já existe — ela ajeitou os pequenos óculos sobre seu minúsculo nariz. — O Saber Espacial é mágico porque compreende a capacidade de formular imagens na cabeça, de criar o que não existe, de enxergar o mesmo objeto sob milhares de novas perspectivas.

Madame Anay fez uma pausa em sua apresentação, depois abriu um sorriso e continuou.

— É através do Saber Espacial que podemos imaginar tudo o que nosso corpo é capaz de fazer.

Ela pôs as mãos nos joelhos e deu uma voltinha, rebolando para todas as direções.

Binno roía as unhas. Gabriah tapou os olhos. — *Que vergonha!* — Madame Anay estava fazendo o maior papelão em pleno Pré-Maior. Constrangidos, os garotos sumiriam se pudessem.

— O que ela está fazendo?

Ainda rebolando, a instrutora falou: — Imaginação é tudo minha gente, ou será que alguém aqui imaginou que eu ia fazer isso?

Novamente os aplausos e assovios tomaram conta do plenário.

Os meninos respiraram aliviados. O *show* de madame Anay tinha dado certo.

A partir desse ponto a aula foi rápida como uma provinha de sorvete. E, além disso, não podia ter sido mais divertida.

Na manhã seguinte, Binno encontrou Orion outra vez no refeitório. Como de praxe, o garoto se estendeu em detalhes, falou

da aula com madame Anay e sobre a leve mudança na reação dos colegas. Depois resolveu perguntar sobre Kira.

— Orion, você reparou que Kira estava muito triste ontem? Sabe por quê?

— A princesinha está triste. Eu imaginava que isso iria acontecer.

Depois disso, o Graduado apenas balançou a cabeça negativamente enquanto enfrentava uma fatia de mexilhão-colosso com uma faca minúscula. Comparando aquela faca com os dedos compridos e fortes do salva-costas, era fácil entender as dificuldades que ele estava enfrentando para partir a comida. Ele acabou se atrapalhando e a fatia de mexilhão voou para fora do prato.

— Orion, eu não entendo. Você sabe por que a Kira está assim? — Binno insistia na questão.

— Não é bom você se intrometer nesse assunto, garoto.

Orion bateu a mesa em busca de seu pedaço de mexilhão-colosso, mas por algum motivo estava procurando no lado errado.

— Por que não? Kira e eu somos amigos.— Ela ficará bem. Binno se levantou para ajudar com o mexilhão, mas Orion franziu

a testa. Apontou a facinha para o garoto e falou em um tom severo: — Não se mexa. O alimento é meu, é meu dever encontrá-lo.

Binno se assustou com a reação do gigante.

Orion continuou bateando do lado errado. Depois percorreu a mesa com suas mãos enormes, como se elas fossem detectores de metal e o mexilhão fosse uma moeda.

Uma das enormes mãos negras do Graduado encontrou o mexilhão-colosso.

Orion quase sorriu. — Então, Binno, o que vai fazer nesta manhã?

Era uma boa pergunta. Na dúvida resolveu ajudar Gabriah com as tarefas. Depois aproveitaram o resto da manhã para conhecer a sala de jogos. Fliperama, como Binno preferiu chamar.

Os garotos se divertiram tanto naquela curta manhã que quase se atrasaram para o curso.

À tarde, tiveram a primeira aula com o instrutor Oswald de Assis, um homem quase tão alto quanto Orion, mas muitíssimo mais magro. Ele explicou que os instruiria sobre o Saber Verbal.

Nas palavras do instrutor: — Esse é o saber responsável pelo desenvolvimento de linguagens complexas, o saber que norteia o pensamento filosófico e simbólico, o saber capaz de fazer a gente chorar ou rir.

E aquela foi a mais engraçada das aulas. Com braços muito finos, o instrutor Oswald tinha gestos muito lentos e engraçados. Sua voz era calma e pausada, mas isso não quer dizer que ele ficasse em silêncio. Pelo contrário: não ficou quieto um segundo sequer. Com uma piada atrás da outra, falou sobre padrões de escrita e entreteve os milhares de alunos até o início da noite.

No dia seguinte, Binno tomou o maior susto quando o instrutor número quatro se conectou e no círculo central surgiu um monstro metálico gigantesco.

Garras afiadas e dezenas de braços mecânicos tornavam a criatura ainda mais apavorante. Algo vermelho brilhava no peito do monstro. Talvez fosse seu coração, quadrado e pulsante, batendo em um ritmo incansável.

Os braços passaram a se mexer de modo quebradiço. Dançavam *break*?

O compartimento vermelho que pulsava se abriu.

Um homem de pele e cabelos vermelhos dançava no coração daquele monstro.

Sim. Era *break*.

Esse foi o princípio da aula que trataria do Saber Rítmico. Como descreveu o instrutor Amadeus Hotred, o saber capaz de manusear padrões tonais, alterar a consciência e transformar dor em euforia.

Durante a aula, o professor vermelho movia alguns dos braços do robô para ensinar os alunos a destrinchar ritmos, mover o

ar e criar sons. Binno teve dúvidas quanto à utilidade daquela aula, mas Gabriah se mantinha atento e aficionado, como sempre.

A surpresa do quinto dia ficou por conta do mistério envolvendo a instrutora.

Lentamente, a imagem de uma pessoa foi sendo materializada no círculo central. No entanto, pouco foi possível descobrir sobre aquela enigmática mulher. Um manto comprido cobria seu corpo e deixava à mostra apenas os pés descalços. Um capuz enorme encobria até mesmo seus olhos. A pouca luz refletia uma pele branca, um nariz delicado e uma boca levemente rosada.

Meio encobertas, as mãos da instrutora Mayaa Letal revelavam dedos finos e igualmente brancos. Binno se espantava com aquela voz sussurrada se espalhando com tanta força por todo o plenário.

A instrutora estava ali para mostrar a evolução do Saber Intuitivo, o saber que utiliza as percepções para antever o desconhecido. Com sua voz baixa, hipnotizou a multidão de alunos enquanto ensinava técnicas para derreter o passado em busca das luzes do futuro.

A aula passou lentamente, como um vento quente.

Ao fim, todos tinham um olhar molenga, como se tivessem acordado do mesmo sonho.

Binno se desconectou e ficou em seu quarto. Estava cansado demais para sair pelos corredores. Empurrou para o chão o monte de roupas que estava em cima da cama e cochilou. Segundos depois, a campainha tocou.

Era Gabriah. Ele usava uma viseira colorida. A luz passava por seu intermédio e deixava seu rosto igualmente colorido.

— Já terminei meu trabalho e estou sem sono. Soube quem esteve no Palácio hoje de manhã bem cedo?

— Como assim? — Binno falava entre bocejos, deitando outra vez na sua super cama. — Eu estava dormindo.

— Uma nýstica esteve aqui. Acho que é a ex-namorada de Orion.

— Ex-namorada?! — Binno sentou na cama meio dormindo, meio acordado.

— Na verdade, ex-antiquíssima-namorada, pelo que eu soube. Imagine, nem uma nýstica aguentou o gigante.

— Tudo bem. Vamos por partes. O que é uma nýstica?

— Poxa, Binno. Assim fica difícil, né? — Gabriah atirou sua viseira longe e começou a experimentar as roupas de Binno que estavam jogadas pelo chão. — Você tem que estudar mais, rapaz. Ler jornais, se informar.

— Tudo bem, sem piadinhas.

— Certo. Vou te contar — Gabriah vestiu um moletom com um capuz tão grande e largo que seu rosto ficou completamente escondido. Só dava para ver o queixo. — As nýsticas são criaturas amaldiçoadas.

— Como assim, amaldiçoadas?

— Ah, na verdade elas só são esquisitas. Você vai deixar eu contar a história ou não?

— Tá, tudo bem, conta aí — Binno se acomodou e ficou assistindo ao teatro do amigo.

— Elas vivem sob o efeito dos gases de uma planta qualquer. Na raça delas só existem mulheres. E sua Colônia vive mudando de lugar — Gabriah fazia suas mãos dançarem no ar. — Essa Colônia é conhecida como Aquaráculo, mas esse lugar ainda não foi encontrado. Aliás, dizem que quem encontrou não sobreviveu para contar onde fica.

— Como assim? — Binno estava com muito sono, mas a curiosidade era ainda maior.

— Sabemos muito pouco sobre as nýsticas. Apenas contam por aí que elas conhecem uma dança mortal, mas ninguém jamais viveu para contar como é. Elas acabam com a raça de qualquer um que vir seus rostos — então Gabriah puxou o capuz do moletom com força e revelou uma careta muito feia que estava preparando.

Binno soltou uma risada. Mas depois voltou a bocejar. — *O Gabriah está convivendo demais com o ComputAtoR.*

— Então elas são feias?

— Feias? Por favor, Binno, elas são mortalmente horríveis. Dizem que possuem narizes tortos e dentes abertos. Todas elas são vesgas e praticamente não têm pele, tamanha é a quantidade de espinhas que possuem. Imagina a cara de quem vive sob o efeito de um gás. O que você espera?

— Se ninguém sobrevive a elas, por que Orion está vivo? — Binno bocejou de novo e depois jogou a cabeça no travesseiro. Já tinha se cansado daquela conversa.

— Binno, você está dormindo mesmo. Não ouviu nada do que eu falei. Elas matam quem vê suas caras nojentas. Mas Orion não vê nada, ele é cego — Gabriah empilhou uns dois moletons no braço. — Vou deixar você dormir mas vou pegar umas roupas emprestadas, tudo bem?

Binno abriu só um olho para ver o que Gabriah estava pegando, depois fez um sinal com a mão dizendo que o amigo podia ir. Tentou pensar sobre essa história de ex-namorada do Orion, mas o sono chegou antes que conseguisse formular algum pensamento.

A sexta aula foi diferente das anteriores. Sem suspense, sem risadas, sem luzes. Apenas uma chatice sem fim. A instrutora Thereza Sigmund falava de um jeito enrolado e maçante. Naquele dia deveriam iniciar o desenvolvimento do Saber Megapessoal, ou seja, a capacidade de lidar com os outros e consigo mesmo. A capacidade de convencer e motivar pessoas. Naquele aula, os alunos aprenderiam a se enxergar como pessoas a ser motivadas. Enfim, Binno tinha razão em achar aquela aula uma chatice.

Tirando o príncipe mimm com suas perguntas mais chatas ainda, praticamente todos os colegas não prestavam atenção em uma única palavra que a instrutora dizia.

Aquela foi a sexta aula do Pré-Maior. Muita coisa já havia mudado desde o primeiro dia. Binno já tinha entendido que aquela internet, que chamavam de Esfera Virtual, era como um sonho: muitas vezes você esquecia que aquilo não era realidade, mas aprendeu a aproveitá-la ao máximo.

Quando olhou para a multidão de colegas, Binno imaginou a imensa quantidade de colônias que havia espalhadas pelo Grande Oceano.

Naquele momento, a ansiedade entre os alunos do Pré-Maior já era bem menor. Era comum, depois da aula e antes de se desconectar, grandes rodas de colegas se formar para bater um papo qualquer ou conversar sobre a Prova da Universidade Maior.

Lembrar da Prova Maior era algo particularmente doloroso para Binno. Afinal, dos milhares de alunos que participavam do curso, ele era o único que iria, literalmente, decidir sua vida com aquela prova.

Quando pensava nisso, tinha dúvidas quanto à justiça do julgamento. Ele era um ser original. Não era um clone defeituoso que deveria ser “eliminado”. E ter de fazer uma prova para demonstrar isso não era justo.

Quando acordou de seus pensamentos, poucos colegas continuavam conectados.

Gabriah, aliás, foi um dos primeiros a sumir.

Mas Kira continuava ali, outra vez cabisbaixa e pensativa. Binno puxou assunto.

— Que aula insuportável, não achou?— Ahã. — Você vai ficar conectada por muito tempo?

Kira deu de ombros. Não parecia muito a fim de conversa. Mas às suas costas uma voz debochada queria muito falar.

— Está tão abatida, Bella! Está com medo de perder o papai? Vick Vibbor tinha os cabelos da cor de uma laranja velha e falava com um risinho cínico. — Admita, Bella. Você acha que seu papai vai morrer do mesmo jeito patético que sua mãe morreu.

Kira se levantou. Com o olhar carregado de raiva, saltou os degraus que a separavam da garota.

Com a mão aberta, deu um tapa no rosto de Vick.

Para surpresa de Binno, o tapa não emitiu nenhum som. A mão de

Kira simplesmente passou por Vick como se ela fosse um fantasma. — Bella, Bella... — o ar de deboche de Vick quase fedia.

— Você realmente está perturbada, garota. Esqueceu que estamos separadas por milhares de quilômetros?

Kira respondeu com a voz fria e os olhos fixos em Vick Vibbor. — Agora você sabe o que vai acontecer quando chegar perto de mim. Vick soltou uma risada esganiçada.— Você não causa medo em ninguém, garota. Você vem de uma família fraca. Sua mãe morreu como um peixe preso em uma rede. E o seu pai em breve terá o mesmo destino.

Kira virou as costas e desceu em direção ao seu lugar na arquibancada.

— Fraca — com a voz esganiçada, Vick gritava para que todos ouvissem. — Fraca e perdedora como sua mãe.

Kira não conseguiu esconder o brilho das lágrimas. Fechou os olhos e sumiu.

Adam Bizarro e Quimera Nazi davam gargalhadas forçadas ao lado de Vick Vibbor.

Binno não tinha mais estômago para permanecer ali. Algo realmente importante estava acontecendo. E o garoto decidiu que iria descobrir.

Desconectou.



## 10.0

### Dancinha da Engrenagem

— Ela falou que o Doutor Bella vai morrer. O que está acontecendo?

Assim que se desconectou, Binno correu para o refeitório. Ele precisava de respostas.

O quarto de Gabriah ficava em uma portinha lá no fundo da cozinha. Ele havia acabado as tarefas da noite quando Binno chegou gritando. Gabriah também respondeu com um berro.

— Eu não sei de nada. Como é que vou saber, sou só ajudante do cozinheiro.

— Alguma coisa está acontecendo. É melhor você falar com a Kira. — Eu? Por que eu? — Porque você conhece a Kira há muito mais tempo. Gabriah pensou um pouco enquanto limpava as mãos no avental.

Depois falou: — Ela não falaria nada. A Kira nunca conversa sobre esses assuntos — agora ele espanava o avental, tentando tirar um pouco da sujeira. — Se você pensar um pouco, vai notar que está acontecendo alguma coisa muito importante no Círculo de Doutores. É óbvio.

— Como assim?

— Pense um pouco: Kira e Vick sabem de alguma coisa que não sabemos. Justamente as duas pessoas que são filhas de Doutores. Se a Kira sabe é porque o pai dela contou, e a Doutora Synara Vibbor também deve ter contado para Vick.

— Muito perspicaz, Gabriah.

Gabriah apertou as sobrancelhas:— O quê?

Binno riu por dentro. Finalmente tinha conseguido usar aquela palavra. Depois ficou sério de novo e balançou a cabeça indicando que não era nada.

Os dois ficaram em silêncio.

Com a porta aberta, dava para ver a imensa cozinha do refeitório. Centenas de fornos acendiam luzes vermelhas e azuis, indicando que algo estava sendo cozido ou congelado naquele momento. Uma esteira transferia fôrmas de um forno para outro e alavancas elétricas acondicionavam os alimentos em diferentes vasilhames. Pães, tortas, pizzas, salgadinhos, doces, cereais e dezenas de outras delícias estavam sendo preparadas para o café-da-manhã. Os dois olhavam para tudo aquilo, mas a atenção de ambos estava presa em algo muito mais sério.

Longos minutos depois, em um tom de voz baixo, Gabriah falou: — Quando a Kira fica daquele jeito, é porque lembra da mãe.

— O que houve com a mãe dela?

— Ela foi uma Mestra, na mesma época que Ítalo Bella também era um Mestre. Sei de pouca coisa, mas até onde me contaram, aquele foi o período mais difícil da história da Aliança Maior — agora, Gabriah quase sussurrava. — Hefesto Xenon havia se declarado Imperador e usou o Exército Rebelado para combater a Aliança. Milhares morreram. Soldados, Graduados, Mestres e até Doutores.

Gabriah queria encerrar o assunto ali, mas os olhos de Binno clamavam pelo restante da história. O garoto coçou a cabeça, espalhando seus cachos loiros.

— Não sei de muita coisa, mas contam que a mãe de Kira foi capturada pessoalmente por Xenon, o líder dos rebelados.

— Ela foi assassinada?

Gabriah olhou fixamente nos olhos de Binno. Depois, balançou a cabeça para cima e para baixo, indicando que sim.

A curiosidade de Binno não estava satisfeita.

— Precisamos saber mais. Vai ser impossível ajudar Kira se não descobirmos o que aconteceu com a mãe dela.

— Mas ninguém fala sobre isso aqui. Quando as pessoas ouvem falar em Xenon, mudam de assunto. Elas odeiam perguntas.

Maliciosamente, Binno sorriu. Uma luz parecia ter acendido em sua cabeça. Depois falou: — Conheço alguém que adora perguntas.

Gabriah sabia do que Binno estava falando, mas ficou preocupado.

— Não podemos caminhar pelos outros corredores a essa hora da noite. São regras do Palácio. Além disso, fora do horário de visitas ele está guardado. Não sei onde.

— Você sabe, Gabriah. Ninguém conhece o Palácio melhor que você. Gabriah ficou sério durante quase um minuto. Depois sorriu. — Vamos nessa. Àquela hora, o silêncio era tudo o que podia ser encontrado no

submarino. As luzes baixas criavam uma penumbra uniforme. Alguns corredores pairavam na escuridão absoluta.

Antes de entrar em cada porta, os garotos espiavam cuidadosamente o recinto.

Caminhavam na ponta dos pés. Sabiam que a qualquer momento podiam dar de cara com um dos guardas que faziam a ronda.

Desceram três elevadores, subiram escadarias saltitantes e ninguém cruzou com eles nos corredores.

Com muita sorte, chegaram até a porta do laboratório de madame Anay.

Gabriah estava esbaforido. Binno também estava sem ar, mas mesmo assim perguntou: — Como você sabe que o ComputAtor está aqui? — Madame Anay está muito orgulhosa dessa invenção. Ela não o

deixaria em nenhum outro lugar. Eu sei que ele está aí, mas não sei como entrar. É melhor a gente falar com ele amanhã, no horário de visitas.

— Cara, pense um pouco! — Binno cochichava enquanto olhava com seriedade para o amigo. — Você vai ter coragem de ficar perguntando sobre a mãe de Kira na frente dela? A gente está fazendo isso para ajudá-la, não para deixá-la ainda pior.

Gabriah consentiu. Mas em tom de desafio, apontou a porta do laboratório.

— Você sabe a senha?

Antes que Binno pudesse responder, algumas vozes surgiram no final do corredor. Os garotos correram para um lado totalmente escuro.

Escondidos na sombra, ficaram tão imóveis quanto conseguiram. Nem respiravam, na esperança de não serem vistos.

Os donos das vozes se aproximavam com passos rápidos. Falavam de modo apressado.

— Ele está aqui, tenho certeza. — Ótimo. Vamos pegá-lo.

Rápido.

Quando chegaram em frente do laboratório, a luz revelou quem eram: madame Anay acompanhava o Doutor Ítalo Bella.

Diante da porta, ela pôs as mãos nos joelhos. Depois, colocou um dedo na boca e cochichou: — Dancinha da Engrenagem — a porta se abriu e os dois entraram.— Você ouviu a senha? — disse Gabriah entre risos. — “Dancinha da Engrenagem”. De onde ela tirou isso?

Ele e Binno taparam a boca para segurar as risadas.

Segundos depois, madame Anay saiu do laboratório acompanhada do Doutor Ítalo. Nos braços, ela carregava o cãodróide de Kira, Ewó. Ele babava compulsivamente enquanto madame Anay limpava sua boca com a própria camisa.

— Eu já tentei de tudo, mas continua com esse defeito.

Delicadamente, o Doutor Ítalo puxou Ewó para seus braços e em um tom gentil falou: — Tudo bem, Cy-ficcion. Vamos levá-lo para Kira mesmo assim. Tenho certeza de que ela ficará mais sorridente depois de rever este babão.

Depois disso, foram embora.

A comprida trança branca do Doutor Ítalo balançava enquanto os três se afastavam do lugar onde estavam os garotos.

— Beleza. Vamos entrar, Gabriah.

Os dois caminharam até a porta do laboratório e Gabriah, entre risos, falou a senha: — Dancinha da Engrenagem.

Depois de rir o mais baixo que conseguiram, entreolharam-se, em dúvida. A porta continuava fechada.

— Dancinha da Engrenagem — insistiu Gabriah, agora muito sério. Nada aconteceu.— Peraí, deixa eu tentar — Binno se posicionou bem em frente

da porta. Colocou as mãos nos joelhos e depois pôs um dedo na boca. Os dois fizeram muita força para segurar o riso. Binno então falou: — Dancinha da Engrenagem.

A porta do laboratório então abriu. Eles entraram e, assim que a porta fechou, os dois caíram na gargalhada.

Um tempo passou enquanto procuravam o ComputAtoR, mas era difícil encontrar algo no meio de tanta parafernália. Finalmente, Gabriah encontrou a tela azul em meio às dezenas de componentes eletrônicos. O homenzinho dormia vestindo um pijama estampado com patinhos amarelos.

— Acorde, ComputAtoR. Acorde.

Ele se virou de costas. Depois passou a roncar muito alto, ignorando o garoto.

— Temos perguntas — provocou Binno —, mas já que você está dormindo, vamos falar com outra pessoa, obrigado.

— Esperem — disse o ComputAtoR enquanto coçava os olhos inchados. — Já que me acordaram, façam suas perguntas.

Os dois garotos se olharam. Que pergunta fariam? E foi exatamente isso que o ComputAtoR falou: — Muito bem, não tenho a noite inteira. O que vocês querem saber?

— Bom — adiantou-se Binno. — Queremos saber mais sobre o Exército Rebelado comandado por Hefesto Xenon. Por que ele ficou tão forte diante da Aliança Maior?

— Caro Binno OXZ, gostaria de lembrá-lo de que você ainda está sob a avaliação dos Juizes. Você não foi condenado, mas também não foi absolvido. Então é melhor ficar longe de encrencas, garoto — o homenzinho envelheceu cem anos enquanto falava. Ficou com uma aparência tão frágil que lembrava o velho Adamastor, o jardineiro lá de Utoppy. — Mas como não sou eu quem julga... — sentou-se com dificuldade em uma cadeira de balanço imaginária, uma bengala surgiu em sua mão direita e um cachimbo

em sua mão esquerda. Com uma lenta tragada encheu os pulmões. Depois, expirou uma nuvem de fumaça que poluiu a tela azul.

Os dois garotos sentaram na cama que havia no laboratório. Em tom de mistério, o ComputAtor começou a falar.

— As batalhas entre a Aliança Maior e o Exército Rebelado eram longuíssimas. Duravam dias e dias. Meses, às vezes. É obvio que o exército da Aliança Maior era muito mais eficiente e bem treinado. Mas um mistério envolvia cada uma das batalhas.

Outra vez, o ComputAtor tragou longamente seu cachimbo. Tudo estava escuro no laboratório e a tela azul era a única luz que iluminava as expressões assustadas dos garotos. A fumaça formava figuras aleatórias, nas quais soldados e submarinos explodiam ao acaso. Ele continuou falando: — De algum jeito, e até hoje, ninguém tem uma explicação para isso: os rebelados sempre previam as táticas dos Doutores.

Apressado como sempre, Gabriah resolveu ser objetivo. Havia um motivo para estarem se arriscando àquela hora da noite, por isso precisavam sair logo dali.

— E a mãe de Kira Bella. Como ela morreu?

O ComputAtor com aparência de velho arranhava as palavras em sua garganta e tossia entre uma frase e outra.

— Jovem Gabriah Obé, esse é um assunto interessante. Afinal de contas, a morte da Mestra Jane Bella e de sua amiga, a Mestra Liége Sirineu, é um dos maiores mistérios da Aliança Maior — para aumentar a angústia dos garotos, o ComputAtor lentamente inspirou mais fumaça. Alguns segundos depois, expirou o ar de seus pulmões. A fumaça formou a silhueta de duas mulheres. Ele continuou falando: — Durante uma destas batalhas longuíssimas, a mãe de Kira e a outra Mestra arriscaram suas vidas entrando sorrateiramente no submarino dos rebelados.

Aquela história causava arrepios, mas por algum motivo, ela precisava ser ouvida. Os garotos permaneceram imóveis. Na tela azul as duas nuvens-mulheres continuavam flutuando. O ComputAtor prosseguiu sua narração: — É exatamente neste ponto

da história que reside o mistério. Algo saiu errado. De algum jeito, Xenon ficou sabendo do plano e as Mestras foram capturadas.

O sussurro do ComputAtor ficou ainda mais baixo: — As duas foram assassinadas.

O velho ComputAtor usou sua bengala para cortar ao meio as duas nuvens-mulheres, que se dissiparam em pleno ar.

Os dois garotos ainda mantinham os olhos arregalados quando Binno tomou coragem e fez outra pergunta: — E como foi que a Aliança venceu os rebelados?

Ainda com a voz arranhada, o ComputAtor respondeu: — Não venceu. Depois que Hefesto Xenon foi capturado, os rebelados perderam suas forças e se espalharam pelo Grande Oceano. Hoje, estão escondidos entre nós. Não sabemos quem são.

Cada vez mais impressionado, Binno não segurava as perguntas. — Quem capturou Xenon?

Antes que o ComputAtor pudesse responder, Gabriah se adiantou. — O Doutor Oblax Zoop — Gabriah fez um breve silêncio enquanto a imagem dos fatos cintilava em sua mente. Em seguida, ele mesmo continuou a história: — Na época, o Doutor Oblax Zoop era apenas um Mestre, mas já era um grande guerreiro. E sabe por que ele foi promovido a Doutor? Porque capturou sozinho o temível líder rebelado. As pessoas têm várias histórias sobre essa prisão. Mas a história de que eu mais gosto é a que diz que Zoop invadiu as defesas do Império sozinho. Depois avançou pela base inimiga e travou uma batalha épica com Hefesto.

Gabriah não escondia a felicidade enquanto falava.

— A luta durou horas, mas Oblax Zoop venceu. Com o Imperador desacordado nos braços, arrastou aquele homem pesadíssimo pelos corredores da base inimiga sem ser encontrado pelos rebelados. E como gato que ladra, escapou sorrateiramente do lugar. Em seguida, entregou o bandido à Aliança.

Gabriah exibia um ar de soberba: estava orgulhoso por contar uma história tão estimulante.

Binno pensou na coisa mais interessante que conseguiu falar: — Uau!

Os dois ficaram em silêncio por alguns minutos, mas Binno ainda tinha uma pergunta a fazer: — Essas coisas aconteceram há anos. Então por que Kira ficaria triste logo hoje?

Agora o ComputAtoR já não tinha a aparência de um velho. Novamente vestia seu pijama estampado com patinhos amarelinhos e segurava um hipopótamo de pelúcia nos braços. Em tom de indignação, desabafou: — Ahhhh! Agora vocês olham para mim? Agora eu sou importante? Esse rapazinho aí precisa controlar a língua, sabia? — apontou friamente para Gabriah. — Eu, somente eu, dou as repostas. Esse é o meu trabalho.

O homenzinho começou a tossir sem parar.— *Cof, cof, cof.* Que droga, *cof, cof.* Detesto fumaça. Binno e Gabriah se entreolharam, surpresos. Eles não contavam com aquela reação do ComputAtoR.— Agora — o homenzinho dentro da tela azul deitou-se em uma cama imaginária e virou de costas —, saiam daqui. *Cof, cof.* Quero dormir. Binno tinha mais perguntas a fazer, mas o ronco alto do ComputAtoR o impedia de falar.

Um barulho do lado de fora fez os garotos gelarem instantaneamente: — *Por toda Origem, tem alguém chegando!*

Do outro lado da porta madame Anay falou a senha: — Dancinha da Engrenagem.

A porta abriu. De modo apressado, o Mestre, e administrador do Palácio, Troy Judá entrou no laboratório.

Dois soldados vestindo armaduras brancas acompanhavam o Mestre.

Eles começaram a olhar em todos os cantos. Finalmente, madame Anay entrou no laboratório.

— Estive há poucos minutos aqui. Não há nada errado.

— Os soldados ouviram barulhos vindos desta sala. — Troy cheirava o ar como um cão esfomeado. — Tenho certeza de que tem algo errado.

Madame Anay olhou desconfiada para o ComputAtoR que roncava cada vez mais alto. Ela não lembrava de ter deixado sua mais nova invenção em cima daquela mesa.



Enquanto Troy continuava farejando, a pequenina inventora se inclinou levemente e olhou embaixo da cama. Quando viu os dois garotos, tomou um susto: — Geniozinho!

— O que você disse? — perguntou imediatamente o Mestre.

Madame Anay pegou um de seus licores borbulhantes e bebeu-o de um só gole. Ainda sem saber o que dizer, ajeitou a postura. Em seguida apertou as bochechas do Mestre e falou em um tom infantilóide: — Você é mesmo um geniozinho, Judá. Um geniozinho. Ora, vejam como sou distraída — depois foi até o Computador e pressionou o dedo na tela azul. O ronco irritante cessou instantaneamente.

— Realmente, você tinha razão. Algo estava muito errado aqui — madame Anay começou a empurrar o Mestre Troy Judá e os seus dois soldados para fora do laboratório.— Eu deixei o áudio da minha invenção ligado.

— Madame Anay, a senhora sabe que vivemos dias perturbados. Outro dia o pirata Spike escapou do calabouço. Pegamos o insolente dormindo na dispensa de nosso refeitório. Portanto, tome mais cuidado.

— Ah, sim. Sou muito distraída. Ainda bem que temos soldados tão competentes e corajosos. Graças a toda Origem.

Madame Anay Cy-ficcion já havia levado para longe os três homens quando Gabriah e Binno finalmente saíram do laboratório.

— Essa foi por pouco, Binno. — Se foi.

Os dois correram para os seus quartos. Já haviam tido agitação demais por aquela noite. Àquela hora, a melhor coisa que podiam fazer era mesmo dormir.

## 11.0

### A Arena da Enguia

Naquela manhã, Binno quase perdeu o café-da-manhã.

Acordou cansado e cheio de preocupações. Quando chegou ao refeitório, Orion não estava mais lá. Torceu para não encontrar madame Anay. Não tinha a menor ideia de como ia se explicar. Por sorte, não encontrou a inventora. Por tudo o que Binno ouvia falar sobre o Pré-Maior, só restava um Saber a ser explorado, o Saber Corporal. Por isso não poderia haver surpresas na última estreia do curso. Faltavam cinco minutos para o meio-dia quando Binno OXZ se sentou na sua Estação de Virtualização. Ainda distraído com os acontecimentos do dia anterior, se conectou.

Tomou um susto quando chegou ao Pré-Maior: os milhares de colegas estavam ali; Kira, silenciosa, estava ao seu lado; e Gabriah ainda não tinha chegado; mas hoje não havia o círculo central onde os instrutores costumavam se conectar. Em vez disso, o que havia era um aquário oval e gigantesco. Águas bravas se agitavam dentro dele, cujas ondas fortes e redemoinhos birrentos metiam medo nos estudantes.

Hoje, as arquibancadas onde todos estavam sentados eram totalmente diferentes. Pareciam linhas amarradas em uma bola, os compridos bancos se enlaçando em torno do aquário ovalado. Era incrível olhar para os milhares de alunos, pois a impressão que se tinha era que eles podiam cair ou escorregar daqueles bancos tortos a qualquer momento. Mais uma vez, Binno teve de fazer força para se lembrar de que aquilo era apenas um *site*. De que ali, tudo era possível.

Finalmente, Gabriah se conectou.

— O que houve? — ansioso, Binno não conteve a pergunta.

— Eu estava cheio de trabal... — as pupilas azuis de Gabriah se dilataram assim que ele notou o aquário à sua frente. — Uau, a Quadra

Olímpica de Montevideu.

Binno tinha uma vaga ideia do que seria aquilo.— Isso é uma quadra daquele jogo que você gosta, o tal shockey? — Cara, essa é “a” quadra “do” jogo. É a quadra mais moderna

do mundo. Dá uma olhada nas arquibancadas — Gabriah apontava para todo lado, mostrando detalhes “incríveis” da Quadra de Montevideu. Ele fazia questão de dizer que tudo naquele *site* era igualzinho à verdadeira quadra olímpica. — Este *site* é perfeito.

Quando a instrutora de Saber Corporal finalmente apareceu, Gabriah ainda estava falando, mas como ele, milhares de outros alunos fizeram silêncio para ouvir as instruções.

Nyx Calypso era pura meiguice. Seu jeito de falar era tão delicado que sua língua dobrava no meio da frase. Seus cabelos loiros e olhar ténue emprestavam um jeito doce à instrutora. Doce demais, na opinião das alunas. Ela passeava de um lado para o outro do aquário. Incrivelmente, como se houvesse um campo de força à sua volta, a água não ousava chegar perto de seus cabelos recém-escovados.

— Oi, gente. Estamos aqui porque um Doutor da Aliança pediu — a instrutora foi interrompida por um imenso “Ohhhhhh!”. Ela encarou todos que pôde com seus olhos amendoados pedindo calma, depois continuou: — Eu vou ensinar para vocês detalhes desse jogo tão legal que é o shockey. Sabem por quê? Porque em alguns dias, um de vocês irá participar do treino dos Salmões Palacianos, o time de shockey do Palácio da Aliança.

O *site* tremeu.

Os milhares de alunos aplaudiram efusivamente. Nyx Calypso assumiu um jeitinho tímido, como se os assovios e as palmas fossem para ela.

Binno nem ao menos sabia que o Palácio da Aliança tinha um time de shockey. Mas concluiu que isso devia ser muito bom. Afinal de contas, a multidão irradiava felicidade.

Em seguida, cinco jogadores com roupas laranja surgiram na quadra. Os milhares de alunos fizeram silêncio e arregalaram os olhos. Dentro do aquário, os jogadores patinavam nas paredes.

Binno olhou para a silenciosa Kira. Seus olhos castanhos brilhavam. Podia ser só impressão, mas Kira parecia gostar ainda mais de shockey do que Gabriah.

Com propulsão nos pés, os patinadores atingiam uma velocidade incrível. Eles se movimentavam como se fossem cometas.

— Esses IAs estão aqui para representar os jogadores de um time — enquanto falava, a instrutora enrolava uma mecha do próprio cabelo.

Outro grupo de jogadores surgiu no aquário. Eles usavam uniforme azul.

Os jogadores de azul patinavam na direção oposta. Toda vez que oponentes se encontravam, ficava claro por que o jogo se chamava shockey.

Eram choques terríveis aqueles.

— Agora vocês vão entender o jogo — no meio do aquário, Nyx Calypso levantou o braço direito. Em sua mão surgiu uma estranha bola achatada. Antes que ela falasse qualquer coisa, um IA laranja atravessou a quadra e tirou a bola de sua mão. A instrutora falou: — Agora, este jogador precisa completar uma voltinha no aquário. Cada volta contabiliza um ponto para a equipe. É realmente muito simples. E seria muito fácil, se não fossem os adversários — os IAs se comportavam como loucos. Assim que o IA que segurava a bola encostou seus patins na extremidade do aquário, dois IAs azuis fizeram um sanduíche com o pobre jogador laranja.

E assim, a instrutora passou aquela tarde falando de regras, táticas, estratégias e jogadas famosas. Tudo o que um jogador de shockey podia fazer para completar uma volta nas paredes do aquário.

Até o fim da tarde, Kira, Gabriah e Binno não trocaram nem ao menos uma palavra. Nada era capaz de distrair seus olhares. Estavam absortos. O aprendizado daquele dia foi fascinante.

Quando a aula acabou, ninguém quis se desconectar. Todos tinham histórias para contar. Cada aluno tinha uma opinião

diferente sobre determinado esquema tático. Shockey realmente era o esporte mais incrível de que Binno já tinha ouvido falar.

Até Kira deixou-se levar pela empolgação. Ela sempre dizia que aquele esporte era muito molenga, mas conversava animadamente sobre o assunto.

Os garotos estavam felizes com a empolgação de Kira. Mas uma voz irritante estragou o momento.

— Finalmente a princesinha da Aliança voltou a falar. Coitadinha, tão sensível. Fraquinha, fraquinha. Igual à mãe.

Vick Vibbor exibia um tufo de cabelos marrom-coco. Atrás dela, o comprido Adam Bizarro ria de um jeito esquisito e Quimera Nazi erguia as bochechas gordas para mostrar os dentes, como um buldogue raivoso.

Foram preciso longos segundos até que alguém fizesse um movimento. Os seis se encaravam como lutadores antes do combate. Por fim, Kira tomou a iniciativa.

— Vocês vão parar de encher por bem ou por mal? Quimera balançou as grossas tranças e retrucou: — Falar é fácil. Vick remoía seu ódio com o olhar fixo nos olhos de Kira. Com os

cabelos passando para um tom amarelo-vômito, ela desafiou: — Eu sei como podemos resolver isso. Daqui a duas horas, na Arena da Enguia. Nós vamos derreter a prepotência de vocês.

Antes que alguém pudesse dizer algo, Vick, Adam e Quimera fecharam os olhos e se desconectaram. Binno ficou imóvel, sem entender nada.

— Do que ela está falando?

— A Arena da Enguia é um *site* — Gabriah tinha uma expressão séria. — Um *site* abandonado há décadas.

— É um jogo de combate. Um *game* em que você tem os poderes de um antigo Mestre — Kira sentou-se para continuar a explicação. Seu olhar vagava em direção ao nada. — Nas leis do antigo Império Enguia, quando o Imperador deixava a liderança do Grande Oceano, os Mestres deviam duelar até a morte. O

sobrevivente governaria por toda a vida sem que ninguém pudesse discordar de sua autoridade.

— O *site* Arena da Enguia simula esse duelo — a expressão séria de Gabriah era tão dura que chegava a ser engraçada.

— Tudo bem — Binno tentou amenizar. — É só um *site*. A gente vai lá e dá uma surra neles.

— Você não tá entendendo, Binno — Gabriah parecia desesperado. — Esse não é um *site* comum. Lá a simulação de dor é incrivelmente real.

Kira continuava com o olhar perdido. — Você pode até morrer.

Segundos de silêncio depois, ela se levantou e olhou fixamente para os amigos. — Vocês não precisam ir, mas eu não aguento mais essa garota. Se vocês forem, provavelmente serão expulsos do Pré-Maior. E você será punido, Binno. Pela Origem, prometam que não irão.

— Ok — disse Gabriah rapidamente.

Binno pensou um pouco. Não sabia o que dizer.

— Prometa, Binno. Você não pode se arriscar.

Ele balançou a cabeça indicando um sim: — Tudo bem, eu não vou aparecer nessa tal Arena proibida. Os três fecharam os olhos. E, ao mesmo tempo, se desconectaram.

Binno estava sozinho no seu imenso quarto. Em menos de duas horas, Kira estaria na Arena da Enguia. Ele foi ao refeitório, pegou um sanduíche e voltou rápido para o quarto sem encontrar ninguém no caminho. Em poucos minutos, o horário de circulação no Palácio estaria encerrado. Tomou um banho, trocou de roupa. Comeu. Escovou os dentes. Deitou, e durante todo esse tempo não conseguia parar de pensar em Kira sozinha na Arena. Rezou para dormir rápido.

O tempo passou.

Binno rolava cama. O sono não apareceu.

Na Estação de Virtualização havia um relógio. Em cinco minutos o duelo começaria.

Àquela hora do dia já era proibido acessar qualquer *site*. Se por acaso ele resolvesse ajudar Kira, no outro dia teria um encontro com a câmara de desoxigenação. Não havia escolha. Precisava dormir.

Faltava apenas um minuto para o duelo.

Então dormiu.

Binno viu um submarino cheio de tentáculos. Ele estava dentro desse estranho submarino. Viu uma bela mulher de cabelos vermelhos e fininhos. Ela era muito parecida com Kira. — *Seria a mãe dela?* Alguém estava às costas da mulher. Um vulto se movia silenciosamente. Binno quis gritar. A mulher não ouviu. Do vulto saíram centenas de raios. Uma energia maligna foi descarregada sobre as costas dela.

A mulher caiu.

Inerte permaneceu.

Binno acordou com o próprio grito.

Suado, olhou para o relógio. Já havia passado cinco minutos desde o início do duelo.

Precisava ajudar Kira.

Correu para a Estação de Virtualização. Colocou os conectores auriculares. Digitou alguns códigos. Procurou o *site* da Arena da Enguia. Encontrou. Conectou-se.

Agora Binno estava de pé sobre um chão de granito. À sua volta, paredes milenares feitas de blocos maiores que seu corpo. Não havia para onde fugir. Correntes pendiam do teto de pedras. Algumas correntes prendiam bolas de ferro. Outras, espadas, armas medievais, escudos. Em algumas, crânios e outros pedaços de esqueletos. Binno teve de fazer força para lembrar que aquilo era apenas um *site*. — *Onde está Kira?*

Ao longo de toda a sala, cortinas de correntes se entrelaçavam. Tudo era difícil de enxergar. Em um dos cantos, reconheceu Vick, Adam e Quimera de costas. Eles vestiam longas túnicas negras.

— Ei, vocês — Binno apontou para eles com ódio. Um raio azul saiu de seus dedos e electrocutou os três. Eles caíram e

rapidamente se levantaram. Caminharam com determinação em direção a Binno.

Binno olhou surpreso para as próprias mãos. Naquele site, seus dedos eram armas!

Entendeu. Aquele site dava poderes de Mestre a quem estivesse conectado. — *Os Mestres Antigos emitiam raios de energia! Há quanto tempo Kira estava sendo torturada por aqueles covardes?*

Achou Kira. A menina estava caída num canto. Ainda acordada, mas muito fraca.

Das mãos de Vick, raios violeta partiram em sua direção. Por sorte, bateram em um crânio que pendia em uma corrente. O crânio explodiu. Outros raios violetas tinham Binno como alvo. Partiam das mãos de Adam e Quimera. Antes de ser atingido, Binno saltou o mais rápido que pôde.

Os raios o perseguiram.

Binno resolveu contra-atacar. Descarregou eletricidade sobre uma bola de ferro com pontas e atirou sobre seus inimigos. Eles correram para não serem atingidos.

Vick preparava outro raio contra Binno quando uma corda de eletricidade puxou os pés da garota. Kira agora estava de pé. Ela puxava Vick em sua direção com uma força irreal para uma garota tão frágil.

Adam e Quimera investiram toda sua energia contra Binno. Sem saber o que fazer, ele correu com o máximo de velocidade que podia. Raios explodiam contra os blocos de pedra toda vez que erravam Binno. Outros raios explodiam escudos ou cortavam correntes. O fôlego de Binno já estava acabando quando sentiu uma terrível descarga elétrica em seu pé.

O desengoçado Adam Bizarro sorria satisfeito. Seu raio prendeu um dos pés de Binno. Quimera aproveitou para descarregar outra carga de energia sobre seu peito. Binno sentiu seu sangue ferver. Seus olhos perderam o foco e ele não podia



enxergar nada. — *Vou morrer!* — Seus dedos ardiavam como se estivessem prestes a explodir.

De repente, a dor cessou.

Quando conseguiu abrir os olhos, viu Gabriah vestindo um pijama estampado com bolinhas azuis e uma touca de dormir que não escondia todos os seus cachinhos encaracolados. Com os raios que emitia em uma das mãos, segurava Adam Bizarro como podia. Com a energia da outra mão, afastava Quimera Nazi, que agora tinha as tranças para cima e todos os cabelos arrepiados.

— Eu sou o cara! — gritava o eufórico Gabriah.

Binno finalmente conseguiu levantar. Quando disseram que aquela *site* simulava a dor ele não imaginou que fosse assim. Aquela dor era real.

— Desculpe a demora — falou Gabriah enquanto ainda segurava os dois inimigos.

— Tudo bem — disse Binno, que agora já se sentia bem melhor.

De repente a expressão de Gabriah começou a se tornar mais séria. Ele não estava conseguindo controlar tanta energia. Seus raios inverteram a força e percorreram o sentido contrário. Em direção oposta, se encontraram sobre o peito de Gabriah.

Ouviu-se um estouro.

Com a explosão, Gabriah voou contra uma parede de blocos. Caiu sentado e quase desmaiou. Olhou para o lado e viu uma caveira sentada na mesma posição que ele.

Levantou assustado.

— Estou bem, estou bem — dizia o garoto que agora estava com todos os cachos loiros espetados para cima.

Enquanto Kira e Vick travavam uma batalha épica no outro canto da Arena, Binno precisava tomar uma decisão. Ele gritou para Gabriah:

— Eu pego o Adam. Você ataca a Quimera.

Orgulhoso, Gabriah não gostou.

— Eu não vou bater em uma mulher. Pega você a...

Gabriah não conseguiu terminar o que dizia, um raio o acertou em cheio. Depois começou a jogar ele contra a parede. Era Quimera quem batia no garoto. Era como se ela tivesse um martelo gigante nas mãos: o cabo, feito de pura energia. A ponta do martelo, era Gabriah.

Com sua “ferramenta”, ela batia na parede cada vez com mais força.

Quando tentou ajudar, Binno viu um imenso amontoado de espadas, escudos e bolas de ferro vindo em sua direção. Era Adam quem atirava todo aquele amontoado de lixo sobre o garoto.

Binno usou a própria energia e desenhou um arco elétrico sobre a própria cabeça. O arco funcionou como um teto e não deixou que nenhum daqueles objetos atingisse o garoto.

Binno mal conseguia ver o que estava acontecendo, antes que pudesse fazer alguma coisa, outro amontoado de lixo voava em sua direção. Sem querer, Adam acabou dando uma ideia.

Entre os intervalos de entulhos que voavam, Binno corria o máximo que podia em direção a Gabriah.

Já estava perto o bastante. O plano tinha que dar certo.

Adam Bizarro atirou outra maçaroca de espadas, caveiras e escudos contra Binno. O garoto tinha um plano. Usou a energia de suas mãos para criar um desvio. O monte de entulho bateu no escudo e foi direto para o raio que prendia Gabriah no ar.

Quimera ficou decepcionada quando aquele monte de lixo partiu o “cabo” que usava para bater com Gabriah na parede.

Gabriah caiu tonto no chão. Tremia tanto que a dor parecia ter invadido seus ossos.

Sacudiu a cabeça, fazendo força para não desmaiar. Binno correu em sua direção e criou outro arco de energia. Assim, os dois estavam protegidos por alguns segundos.

— Você está bem?— Estou ótimo, eu queria cansá-la antes de atacar.

Binno respondeu com um olhar cheio de ironia. Em seguida, criou outro arco de proteção. Mais um monte de ferros explodia

sobre o escudo. — Escuta, Gabriah. Eu protejo a gente, e você ataca. Entendeu?

O amigo indicou que sim.

Um raio partiu de Quimera em direção aos dois, mas Binno os protegeu rapidamente.

Então, Gabriah começou a usar sua energia para arrancar as correntes do teto. Uma a uma, ele foi enrolando as correntes e formando bolas de ferro. A cada corrente que arrancava, aumentava o tamanho de seus gigantescos montes de entulho.

Arrancava e enrolava.

Arrancava e enrolava.

Em cada mão, já tinha dezenas de correntes.

Quimera e Adam não esconderam o desespero e começaram a atacar com toda energia possível. Binno não permitia que os ataques chegassem até eles.

Os braços de Gabriah já estavam doendo, tamanha era a quantidade de correntes que cada mão suportava.

Então Binno arriscou. — Se eu fosse vocês, me desconectava agora.

Gabriah manteve as bolas, por alguns segundos, sobre as cabeças de Quimera e Adam. Os dois medrosos fecharam os olhos e sumiram. Gabriah soltou as bolas de ferro e o chão tremeu quando elas caíram.

Eles sorriram satisfeitos. Olharam para o outro canto da Arena da Enguia procurando Kira.

Viram Vick enrolada em uma corrente dos pés à cabeça, como se estivesse presa em um casulo. A corrente estava suspensa no teto e Vick se sacudia de modo inútil tentando sair da prisão. Além disso, a indigesta garota tinha as mãos amarradas de modo que seus dedos apontavam para o próprio rosto.

Ao lado de Vick, de pé e sorridente, Kira acenou para os dois amigos.

— Como ela fez isso? — Binno não tinha visto nada daquilo acontecer.

— Não tenho a menor ideia — Gabriah tinha a mesma cara de espanto de Binno.

Mas os três não tiveram tempo para comemorar. Alguém estava se conectando.

Surgiram no meio da sala duas pessoas muito baixinhas. Uma delas eles reconheceram sem dificuldades, era madame Anay Cy-fiction. A outra demoraram para identificar. Era uma coisinha tão miúda que mal conseguiam enxergar. Então madame Anay falou: — Você tinha razão, Megazila — quem acompanhava a instrutora era o colega dos garotos, príncipe do Reino Mimm —, eles realmente tiveram coragem.

Gabriah e Binno não esboçaram reação. Kira tentou argumentar:— Eu posso explicar, madame Anay.

— Silêncio, mocinha. Não há nada a ser explicado. Meus olhos não precisam de explicação para o que veem. Se não fosse a preocupação excessiva do colega de vocês, sabe-se lá em que ponto vocês chegariam nesse duelo infantil.

Madame Anay olhou para Vick, que ainda se debatia: — Deixe de ser orgulhosa menina, desconecte-se agora — Vick finalmente parou, fechou os olhos e sumiu.

Megazila olhava fixamente para Binno. A instrutora continuou: — Agora chega. Eu quero os três amanhã cedo no meu laboratório. Desconectem-se.

Madame Anay sumiu. Megazila também sumiu. Não havendo muito para os três fazerem, desconectaram.

## 12.0

### Os bobos-de-treino

Quando acordou, o garoto sentiu o gosto amargo daquele que seria o último despertar de sua vida.

Uma angústia corrosiva desceu por sua garganta e encheu seus pulmões assim que respirou o ar da manhã.

Binno estava fora do Pré-Maior. Kira e Gabriah também seriam expulsos. Mas Binno, particularmente, tinha uma preocupaçãozinha extra: o tubo de desoxigenação.

Com passos lentos, chegou ao refeitório. Sentou à mesa, onde Kira estava cabisbaixa e sozinha. Não trocaram nem uma palavra. Gabriah servia as mesas, com uma expressão cansada e triste.

Segundos depois, uma sombra gigantesca cresceu sobre a mesa. Orion estava em pé, ao lado deles. Ele apontou o somolho para todos os lados antes de cochichar: — Eu soube o que vocês andaram aprontando.

Kira tentou demonstrar calma. Mas não conseguiu disfarçar a ansiedade.

— O Binno não teve culpa. Ele nem sabia onde estava e...

— Pssiiuuuu — interrompeu o salva-costas. — Eu disse: “Eu soube”. Mas pelo volume de sua voz, você quer que todos saibam.

Depois disso, Orion caminhou lentamente para uma mesa mais distante. Os dois não entenderam a atitude do Graduado. Mas estavam abatidos demais para perguntar alguma coisa.

Quando Gabriah terminou seus afazeres, os três foram em silêncio até o laboratório de madame Anay. Lá encontraram a inventora usando uma máscara muito estranha. Em vez de olhos, a máscara possuía quatro cubos salientes se movimentando sobre o rosto de madame Anay.

— Finalmente vocês chegaram. Finalmente.

Os três se encostaram na parede, cabisbaixos. Nenhum deles disse nenhuma palavra.

Ainda vestindo a máscara, madame Anay bebeu um grande gole de seu licor-borbulhante. Depois, olhou diretamente para Binno e falou:

— Eu já estou vendo seus ossos.

Binno começou a sentir falta de ar. Estava decretado, ele sairia dali direto para o tubo de desoxigenação. Kira e Gabriah começaram a falar ao mesmo tempo:

— Não, madame Anay, espere. Dê outra chance a ele.

— O Binno não teve culpa.

— Sim — Madame Anay olhou para eles de modo assustador. Os cubos na máscara se movimentavam como cobras peçonhentas. — Eu também estou vendo os ossos de vocês — os dois ficaram mudos de repente. Seus olhos estavam tão abertos quanto era possível imaginar que olhos podiam abrir.

— Peraí, me deixa testar outra coisa aqui. Ahá! Agora estou vendo as veias de vocês. Por toda Origem, eu realmente sou muito boa — a inventora dançava feliz, uma dança que parecia ser um *cha, cha, cha*.

Ela continuou falando:

— Ainda bem que vocês chegaram, quero muito que experimentem o quatróculos.

Kira respirou aliviada.

— É a sua invenção que faz você ver nossos ossos?

— Exatamente. Não é uma invenção incrível? E você não precisa apertar nenhum botão, é tudo com a emissão de energia mental. E tem milhares de usos, ainda não descobri todos. Mas eu já sei que ele pode enxergar através das paredes, pode ver micropartículas no ar, pode ver no escuro, pode ver se você está apaixonado, pode ver a sua idade mental e também pode enxergar o seu humor — depois, os olhos-cubos se movimentaram em direção aos garotos. — Vocês parecem preocupados. Tem alguma coisa errada?

— Bom, a gente achava que seríamos expulsos do Pré-Maior — disse Binno, ainda apreensivo.

— Expulsos, por quê?

Os três apenas se olharam, incrédulos. Madame Anay continuou: — Bom, outro dia vi o Geniozinho e o Gabriah embaixo desta cama. Mas não vejo problemas, afinal de contas, o ComputAtor não é uma invenção fácil de resistir, não é... Ah, lembrei — madame Anay se divertia com o quatróculos, olhando para as coisas simples, como se nunca tivesse visto aquilo antes. — Por causa daquele videogame que vocês jogaram ontem. Não se preocupem. Eu adorava aquele jogo quando tinha a idade de vocês. Mas deviam tomar cuidado. Tive que fingir estar brava por causa daquele CDF, como é o nome dele mesmo?

— Megazila — respondeu Kira.

— Pois é, o Megazila. Ele me encontrou navegando na internet e disse que era questão de vida ou morte. Acho que ele leva a sério aquela lenda que pessoas morrem naquele jogo — ela olhava para o travesseiro da cama como se fosse a coisa mais diferente que já tivesse visto. — Quando marcarem essas brincadeiras proibidas, não deixem nenhum CDF ouvir.

— Pode deixar, nunca mais entro naquele jogo — Kira falou com convicção.

— Eu também não entraria. Se o Troy fica sabendo que vocês estiveram lá, a coisa fica feia. Além disso, aquele jogo simula a dor. E me digam, é bom sentir dor?

Os três balançaram a cabeça negativamente.

O resto da manhã foi pura diversão. O quatróculos foi disputado por eles como um brinquedo novo é disputado por irmãos. Aquela invenção era incrível.

Nas próximas semanas, os dias passaram de modo muito agradável. Vick Vibbor e seus amigos evitaram importunar Kira, com medo que os garotos espalhassem o que havia acontecido na Arena da Enguia.

E, depois de tanta agitação, o humor de Kira melhorou bastante.

Apesar dos esforços, Binno e Gabriah continuaram sem saber o porquê do período de tristeza da amiga. Mas, já que aos poucos estava passando, resolveram não tocar mais no assunto.

A cada aula, o conteúdo se tornava mais complexo. Não havia alternativa, o jeito era se debruçar em cima dos exercícios.

Com o tempo, Binno deixou de atrair olhares curiosos e pouca gente ainda acreditava que ele fosse comparsa de algum criminoso.

Mas havia uma pequena exceção. Pequena mesmo, com no máximo vinte e cinco centímetros de altura. O príncipe do povo mimm, Megazila, sentava cada vez mais perto de Binno e mantinha os olhos atentos a cada movimento do garoto. Binno tentava ignorar aqueles olhinhos miúdos em sua direção. Como esse carinha pretende passar na Prova Maior se não presta a mínima atenção às aulas?

Outra coisa que mudou muito nas semanas seguintes foi o número de amigos que Binno fez. A maioria das pessoas que ele conhecia geralmente queria saber coisas sobre o Palácio. Era incrível o interesse que os colegas do Pré-Maior demonstravam por aquele submarino branco. A maioria das interrogações, obviamente, questionava sobre o Doutor Oblax Zoop. As pessoas tinham perguntas absurdas, como o número de horas que o Doutor dormia e a marca da tinta que ele usava no cabelo. É claro, quem sempre tinha todas as respostas na ponta da língua era Gabriah, o fã número um do Doutor *superstar*.

Quanto aos Doutores, Binno tinha realmente muito pouco a dizer. O único com quem já havia falado era o Doutor Ítalo Bella. E foram pouquíssimas vezes.

O que Binno sabia sobre os Doutores era o que ouvia nas entusiasmadas histórias de Gabriah. Sabia, inclusive, o apelido de cada uma daquelas pessoas que regiam a vida no Grande Oceano. Além de Ítalo Bella, o sábio; Oblax Zoop, o talentoso; Synara Vibbor, a minuciosa; havia os outros Doutores: Aná Raw, a guerreira; Kounah Onícolo, o gigante; Tol Ken, o corajoso, e, finalmente, Drag Lobbo, o sensitivo.



É claro que nem tudo foi tão tranquilo naquelas semanas.

Binno não precisou de muito tempo para descobrir que o Mestre Maior Troy Judá não desistiria tão fácil de provar que estava certo em sua sentença. Ele usaria de todas as artimanhas possíveis para mostrar a todos que Binno era um clone defeituoso. Para isso, usava seu posto de Diretor Administrativo do Palácio e inventava o máximo de regras possíveis para dificultar a vida de Binno. Teve uma semana que Troy chegou a criar três novas regras: a proibição de hóspedes caminharem pelos corredores antes das 9h da manhã, o tempo limitado ao máximo de vinte minutos para hóspedes permanecerem no refeitório e, essa foi terrível, a solicitação com dois dias de antecedência para hóspedes poderem usar as escadas saltitantes do Palácio.

Mesmo assim, os dias se sucederam sem surpresas.

Uma a uma, as aulas do Pré-Maior foram se arrastando ao longo das tardes e preenchendo a curiosidade infinita de Binno.

Às vezes, o chefe da cozinha liberava Gabriah. Assim, os amigos podiam conversar sobre grandes partidas de shockey, a Prova Maior e os exercícios sugeridos pelos instrutores.

E justamente nesta época, Binno descobriu que são as águas calmas que guardam os maremotos.

Assim que conectou, Binno apertou os olhos para acreditar no que via.

Do mesmo jeito que os outros milhares de colegas do Pré-Maior, Gabriah estava com os olhos arregalados e o queixo caído.

A instrutora Nyx Calypso era a única que se movia. Falava coisas sem sentido sobre o Saber Corporal, e ao seu lado estava a razão de tanto espanto.

Ali estava o Doutor Oblax Zoop. De pé, observava atentamente a instrutora.

Binno tinha uma lembrança muito vaga daquele homem. Ele não parecia completamente estranho. Talvez fosse mais uma lembrança vaga do dia do julgamento.

Em meio às águas trêmulas do aquário oval, Oblax Zoop e Nyx Calypso pareciam alheios ao espanto de todos os estudantes.

Os olhos muito abertos do Doutor exibiam suas pupilas azuis. Seu porte físico era menor do que Binno tinha imaginado até agora. E seus cabelos verdes, totalmente despenteados, contrastavam com a tradicional roupa dourada dos Doutores da Aliança Maior.

Quando finalmente a instrutora resolveu parar de falar, os estudantes permaneceram quietos. Gabriah nem ao menos tinha notado a chegada de Binno. Os outros colegas também estavam igualmente hipnotizados com a presença do herói.

O próprio Doutor Oblax Zoop quebrou o silêncio.

— Por toda Origem, vocês são a turma de Pré-Maior mais silenciosa da história.

A voz do Doutor era simpática e muito animada.

— E, por favor, pisquem à vontade. Sou bonito, mas nem tanto — Oblax sorria radiante.

Os milhares de alunos da turma deram a mesma risada abobada.

— Muito bem, como vocês ouviram a querida Nyx falar, o time de shockey do Palácio terá uma importante partida em algumas semanas. Eu e os outros jogadores estamos treinando forte. Porém, tivemos um acidente muito sério com o nosso último bobo-de-treino. E isso está atrapalhando nossa preparação. Por isso, com a permissão da instrutora de vocês, pretendo escolher o próximo bobo-de-treino ainda esta tarde.

Sorridente, Nyx Calypso indicou que estava de acordo.

Os milhares de alunos aplaudiram efusivamente. Inclusive Binno, que ainda nem sabia o que era um bobo-de-treino, assobiava com euforia.

— O próximo bobo-de-treino dos Salmões Palacianos está aqui neste momento. E neste *site* — gritou com empolgação o Doutor. O alvoroço de aplausos e assovios ficava cada vez maior.

— O próximo bobo-de-treino será um de vocês. — A euforia era absoluta. Então, Oblax gritou com mais entusiasmo.

— Quem quiser ser o bobo-de-treino erga a mão agora.

Binno estava super empolgado. Essa era uma chance incrível. — *Participar dos treinos dos Salmões.* — Mais do que rápido, ergueu

a mão o mais alto que conseguiu.

Todos os outros alunos também devem ter erguido os braços, certo?

Errado.

Binno era o único em pé. Os outros milhares de alunos simplesmente permaneceram sentados.

Alguém cochichou do seu lado:

— Senta aí, heroizinho. O que você pensa que está fazendo?

Era Gabriah quem cochichava. Ele escondia o próprio rosto com as mãos, como se tivesse vergonha do que estava acontecendo.

Para onde foi a empolgação de todo mundo? Sem entender nada, Binno continuava de pé, com a mão para cima.

— O que está acontecendo? Eu pensei que ser bobo-de-treino era o máximo. Por que só eu estou de pé?

— Porque ninguém mais quer morrer — Gabriah continuava encolhido e cochichando. — Como você acha que foi o “acidente” que Oblax falou? Ser bobo-de-treino é coisa séria, Binno. Você nunca jogou shockey, lembra? Senta logo.

Binno baixou o braço, mas já era tarde. Oblax já tinha visto o voluntário.

— Muito bem, já temos um corajoso candidato.

— Desculpe, Doutor, mas eu não tenho certeza...

— Claro que tem. Será um prazer ter Binno OXZ, o gênio prodígio da lógica, treinando com a gente. Eu gosto muito de lógica, sabia?

Binno olhou para os lados em busca de ajuda. Gabriah balançava a cabeça, inconformado. Kira tinha um riso desconsolado no rosto.— Esse sim é um garoto corajoso — Oblax sorria amigavelmente.

Eu sempre digo que não há razão para ter medo, shockey é só um esporte diver...

Uma voz fininha interrompeu o Doutor.

— Ninguém percebeu, mas eu também estou com o braço levantado.

O Doutor Oblax Zoop procurou o dono da voz. Era o príncipe Megazila, com o seu braço no mais alto que podia.

O povo mimm tem grande dificuldade para disfarçar o medo ou o nervosismo, e com o príncipe Megazila não era diferente.

Naquele momento, o pequeno monarca virava cambalhotas no ar, como se tivesse tendo um ataque de soluços. Mesmo assim, fazia força para manter o olhar firme.

— Como tenho sorte, no mesmo ano terei dois bobos-de-treino. É mesmo muita sorte minha — Oblax olhou com gentileza para os dois voluntários, depois continuou falando: — Fiquem tranquilos. Esta tarefa ajudará vocês na Prova Maior. Além do mais, será muito divertido.

Os dois voluntários tinham a mesma expressão de pavor no olhar. Mesmo assim, Oblax permanecia com um enorme sorriso no rosto.

— Aguardo vocês daqui a cinco dias, pela manhã, na quadra de shockey do Palácio. — Olhou para Megazila. — Providenciarei um quarto muito espaçoso para você pequenino, será meu hóspede no Palácio. Agora, palmas aos voluntários.

Outra vez, a turma inteira explodiu de alegria. Todos, com exceção de Kira e Gabriah, aplaudiam a coragem de Binno e Megazila.

Oblax piscou para Binno e desconectou.

Binno sorriu. Por um instante resolveu não se preocupar com o que viria pela frente.

Finalmente, os milhares de alunos do Pré-Maior prestavam a atenção nele sem aquele terrível olhar de acusação. E essa sensação não podia ser melhor.

— Você é louco. De que adianta ganhar pontos em Saber Corporal e morrer antes da Prova Maior?

Dois dias depois, no refeitório, Gabriah ainda não controlava a raiva enquanto servia a mesa dos amigos.

Kira e Orion permaneciam quietos com uma expressão séria. Ewó arfava no colo de sua dona, alheio à discussão.

Binno tentava ignorar a preocupação do amigo. Afinal de contas, um Doutor Maior jamais colocaria a vida de alguém em risco sem motivos.

Então Orion disse: — Relaxe, Gabriah Obé, shockey é um bom esporte. O último bobo-de-treino foi displicente, por isso o acidente aconteceu.

Gabriah empurrou o carrinho com o café da manhã até as outras mesas enquanto pestanejava. Ewó latia para o garoto loiro enquanto se afastava.

— Gabriah está realmente preocupado com você — comentou Kira, parecendo se divertir com a polêmica.

— Acho que ele queria estar no meu lugar, isso sim — Binno abocanhava um delicioso brigadeiro-do-mar. — Ele é o maior fã do Doutor Oblax!

— Pode ser. Mesmo assim, tome cuidado — Orion tomou em um único gole uma caneca de café-com-caldo-de-ourigo-fervente. Depois tirou o somolho do bolso e apontou em direção à porta. — Continuem comendo, eu preciso treinar. Tenham um bom dia.

Quem era o Orion para falar em cuidado? Binno já viu o Graduado arriscar sua vida de várias maneiras. Até mesmo quando resolveu namorar uma nýstica, estava brincando com veneno. Aliás, Binno queria conversar sobre isso com Kira, mas foi distraído por outro acontecimento.

Assim que Orion atravessou a saída, uma comitiva com meia dúzia de mimms entrou no refeitório. Sobre os ombros eles traziam uma estranha maca, cheia de almofadas e plumas. Kira e Binno se olharam segurando o riso quando reconheceram o soberano que aqueles homenzinhos traziam sobre os ombros.

Megazila, o príncipe mimm, repousava majestosamente sobre as plumas.

O aristocrata olhou para Kira e Binno com o canto dos olhos, mas não dirigiu nenhuma palavra a eles.

Logo atrás da pequena comitiva real, vinha o Mestre Troy Judá. Este sim, não perdeu a chance de insultar Binno.

— OXZ, espero que demonstre um pouco de respeito. O príncipe Megazila Mimm ficará hospedado no quarto ao lado do seu — depois, Troy alisou ainda mais seus cabelos lambidos e falou com o príncipe: — Vossa Majestade, é uma ofensa ser vizinho de um clone defeituoso, mas eu asseguro que não será por muito tempo.

Megazila ergueu a mão pedindo silêncio. Depois falou a todos:

— Já chega. Tenho fome, a refeição real está pronta? Espero que sim.

— Sim. Claro que sim, alteza — Troy abaixou-se prestando reverência e correu à frente da comitiva indicando o caminho a seguir. Eles se afastaram.

Ewó deu uma única latida e Kira aproveitou para desabafar: — Esse Mestre Troy Judá é mesmo um boçal. O Megazila é príncipe para o povo dele. Aqui ele é igual a todos nós: apenas um aluno do Pré-Maior.

Binno sorria. Era mesmo muito engraçado ver o Troy prestar um papel tão ridículo.

Mesmo que Binno tentasse transmitir segurança, Kira e Gabriah passaram os próximos dias recriminando Binno por sua decisão perigosa.

Finalmente, o dia do primeiro treino chegou.

Quando Binno chegou na quadra de shockey do palácio, viu que Megazila e Oblax já estavam lá.

— Estávamos ansiosos por sua chegada — disse o Doutor que vestia a roupa de borracha laranja dos Salmões Palacianos. Além disso, ele usava luvas e uma touca que escondia seus cabelos verdes.

Vistam suas proteções. O treino vai começar.

Oblax atirou duas mochilas para os garotos. O príncipe Megazila ficou irritado antes de vestir suas roupas. Desajeitado com luvas maiores que suas mãos, só conseguiu vestir o capacete com respirador, a viseira e as ombreiras depois de muito esforço.

Ao contrário, Binno gostou daquelas proteções. Tão bem protegido, seria difícil acontecer algum acidente.

— Muito bem — disse Oblax, sorrindo como sempre. — Jogar shockey é muito diferente de tudo o que vocês já fizeram na vida. A velocidade não é algo fácil de controlar quando três adversários estão querendo espremer você. E uma batida pode arrancar sua perna, se você não souber desviar — ele soltou uma risada enorme, como se aquilo fosse engraçado.

Depois que parou de rir, Oblax Zoop contou que naquele dia a equipe faria um treino coletivo. Por isso, os bobos-de-treino só tinham que atirar bolas-disco quando alguma explodisse. Mas, nos próximos dias, os bobos-de-treino teriam muita diversão. Isso assustou os garotos.

Oblax patinava com maestria. Viajava pelas paredes do aquário como um torpedo teleguiado. Além disso, era técnico e capitão dos Salmões Palacianos. Nas semanas seguintes, ficou claro que também era extremamente exigente com sua equipe.

Foram semanas estafantes para Binno. Ele nunca esteve tão atarefado. Além dos exercícios cada vez mais complexos do Pré-Maior, os treinos de shockey estavam mais exigentes a cada dia.

O desafio contra os Anfíbios de Veneza estava chegando. E mesmo sendo apenas um jogo amistoso, Oblax exigia dedicação extrema da equipe.

O Doutor era insuperável. E Binno estava começando a entender porque Oblax Zoop era tão amado pelo público. Além de ser conhecido como um incrível programador, era o melhor jogador de shockey no Grande Oceano.

As manhãs eram dedicadas aos treinos. As tardes, às aulas. Quando finalmente chegava na cama, Binno estava moído.

Durante um treino de rotina, Megazila respirava com dificuldades dentro do capacete-respirador muito maior que sua cabeça. Sua tarefa era ficar parado, exatamente no ponto onde o atacante Batys tinha que lançar a bola-disco.

Kanu, o centromédio, lançou Batys no alto da quadra. Ainda patinando de cabeça para baixo, ele deixou cinco jogadores reservas vendo estrelas-do-mar. Empolgado com o drible, esqueceu

o tamanho do príncipe e chutou a bola com muita força na barriga do pequenino.

— Batys, enlouqueceu? — através dos comunicadores, Binno ouviu Oblax xingar o atacante do próprio time.

— Mas não era para acertar? — perguntou Batys, sem saber como se justificar.

— Não é um treino de força, é um treino de precisão. Quer ser um brutamonte vá lutar sumóxe — depois, Oblax sentenciou sem o tradicional sorriso aberto: — Acho melhor você treinar com os reservas.

A tristeza caiu sobre Batys, o atacante mais eficiente dos Salmões agora estava no banco.

Cybele Síria era quem assumiria a posição. Uma garota prodígio do shockey, com dezessete anos, pele negra, olhos verdes e os lábios mais lindos que Binno já viu.

A garota já tinha vencido todos os campeonatos juvenis do Grande Oceano. Jogava no time do Palácio há poucos dias e, neste momento, estava assumindo a prestigiada camisa cinco dos Salmões Palacianos.

Megazila nadou até a saída do aquário. Por orientação de Oblax, Binno acompanhou o pequenino bobo-de-treino até madame Anay. Orgulhoso, o príncipe não quis ir no colo. Por isso, levaram quase uma hora até chegar ao laboratório.

Lá, encontraram o leito da enfermaria ocupado.

Sem camisa, Orion exibia o dorso nu enquanto repousava em silêncio. Uma máquina massageadora trabalhava em seu braço, fazendo o salva-costas tremer toda vez que emitia descargas elétricas.

— Ele teve uma lesão grave — avisou madame Anay, atrás de tubos de ensaio comprido.

— Mas vai ficar bom? — Binno estava preocupado, mesmo assim não deixou de reparar que os tubos faziam o rosto de madame Anay ficar fino e com um nariz comprido.

— Orion Sirineu sempre se recupera. Já estamos reconstituindo o músculo partido — Anay saiu de trás dos tubos e



seu rosto voltou ao normal. Depois, ela olhou curiosa para Megazila. — E com você, príncipe mimm. O que houve?

A dor não permitia que Megazila respondesse, então Binno falou:

— Acertaram a bola-disco na barriga dele.

Madame Anay pediu para Megazila sentar em uma cadeira totalmente reclinável, depois instalou uma massageadora na barriga do pequeno príncipe.

— Este jogo é perigoso. Mas é inevitável. Onde houver um espetáculo, lá estará o Doutor Oblax Zoop, geralmente no centro das atenções — depois, bebericou seu licor-borbulhante e continuou falando:

— Por que os homens são tão irresponsáveis? O Orion é outro. Passa o dia inteiro treinando, quando não está na musculação, está no tatame — a inventora ajeitou os óculos, bufando. Ela não conseguia esconder o desapontamento com a situação.

Contou que Orion tentava desesperadamente superar sua deficiência visual com a melhor forma física possível. — Faz mais de três décadas que Orion é um Graduado, duas gerações de Mestres já se formaram e ele ainda não conseguiu ser aceito.

Anay ajeitou os braços do salva-costas desacordado. — É uma carreira extremamente competitiva. Pessoas de toda parte entram na Universidade Maior todos os anos.

Depois, ela explicou em detalhes o caminho que alguém precisa percorrer para se tornar um Doutor.

Depois de passar pela Prova Maior, centenas de alunos cursam a Universidade Maior.

Todos os anos, centenas de novos Graduados são formados.

Apenas sete Graduados tem a honra de fazer parte da Aliança Maior. Orion é um destes sete.

O passo seguinte é tentar ser Mestre. Orion nunca conseguiu.

Entre as dezenas de Mestres, apenas sete dividem o privilégio de fazer parte da Aliança Maior. Troy Judá é um Mestre que faz parte da Aliança.

É claro, Mestres e Graduados, mesmo sendo parte da Aliança, não possuem nenhum poder de decisão. São apenas colaboradores.

O círculo dos Doutores é um grupo fechado. Só existem sete Doutores em todo Grande Oceano. Quando um Doutor deixa o Círculo, um dos Mestres é convidado para assumir seu lugar.

São eles, os Doutores da Aliança Maior, as pessoas mais poderosas que já existiram em toda história. Sobre estes indivíduos, cabe a difícil tarefa de guiar o destino da Grande Existência.

— Orion ainda busca o mérito de ser aceito pelos Mestres. Será que ele já não está muito velho para isso? — dizia madame Anay, regulando a massageadora no braço do gigante. — *Seria maravilhoso ver o salva-costas alcançar este objetivo.* — É muito mais do que poder. É reconhecimento por uma vida de dedicação.

— E por que os Mestres nunca aceitaram Orion? Ele é incrível.

— Sim, para nós que somos amigos dele, ele é incrível. Mas os Mestres dizem que ele é inapto.

Binno lembrou da Arena da Enguia. E pensou no incrível poder oferecido aos Mestres daquela época. — *Que habilidades teriam os Mestres de hoje?*

O garoto deixou escapar uma pergunta:— Aquilo que acontece na Arena, é real?

— Talvez, geniozinho. Os Mestres possuem um controle absurdo sobre sua energia vital — depois madame Anay deixou o olhar divagar pelo laboratório. — Na antiguidade, muitos acreditavam que alguns Mestres alcançavam esse poder.

Sozinho, Binno saiu do laboratório pensando naquela conversa. Ficou imaginando que segredos teriam os membros da Aliança. E deixando o pensamento divagar um pouco mais, tentou entender o que fazia os Doutores serem tão especiais. Afinal de contas, todo Grande Oceano confiava cegamente o próprio destino àquelas pessoas.

## 13.0

### Nitrobum no shockey

— O Doutor Oblax Zoop sumiu.

Um grito desesperado acordou Binno logo cedo.

— Hoje é o dia do desafio e ninguém sabe onde está Oblax.

Era Gabriah quem balançava o amigo deitado em sua cama flutuante.

O calendário correu rápido demais. Estudar e treinar encheu o tempo de Binno. Ele não percebeu os dias passando. — *Hoje?* — Sim, hoje é o dia em que os Salmões Palacianos enfrentam os Anfíbios de Veneza. Hoje é o grande dia.

— Ele já deve estar na quadra de shockey — Binno respondeu enquanto coçava os olhos remelentos.

— Não está. Esse foi o primeiro lugar que procuraram. Batys, o atacante, esteve lá no refeitório procurando o Doutor. Também não está na diretoria e na biblioteca. Ele sumiu.

Finalmente Binno levantou e, vestindo os tênis, tentava entender o que estava acontecendo.

— Vamos falar com o Doutor Ítalo Bella.

Naquele segundo, alguém tocava com força a campainha.

Era Kira Bella, ela vestia o quatróculos de madame Anay, os olhos da máscara serpenteavam à frente do rosto da garota.

— Meu pai sumiu. Procurei ele em todo lugar. Fui até o laboratório e Cy-ficcion também sumiu. Peguei esse negócio emprestado, mas não está ajudando muito.

Os três saíram apressados pelo corredor. Binno vestia pijama e tênis. E Kira freqüentemente batia nas pessoas e tropeçava nos degraus. — Por que você não tira esse negócio? — Gabriah não se sentia muito à vontade com os olhos-cobras balançando ao seu lado.

— Regulei o quatróculos para encontrar perigo. Estou muito preocupada, papai nunca sumiu deste jeito.

— Por que você não regula para encontrar seu pai?

— E como vou fazer isso? O quatróculos identifica padrões de comportamento. Não tenho como saber como meu pai está se comportando agora. Ativei raiva, nervosismo, medo e outros sentimentos que podem trazer risco para nós. Vejo azul onde as coisas estão calmas. Onde existem problemas, vejo vermelho.

Eles caminhavam rapidamente pelos corredores. Binno já estava preocupado, se ao menos encontrasse Orion...

— Ei, esperem — os olhos compridos do quatróculos serpenteavam em direção a uma parede como se estivessem vendo algo muito importante.

— Não tem nada aqui — disse Gabriah, com impaciência.

— Tem algo muito importante acontecendo. Dá para ver muito nervosismo aí dentro. — Kira insistiu.

— Do outro lado só tem a academia.

— Orion! — preocupado, Binno correu para a entrada e os outros correram atrás dele.

A academia estava muito escura, e assim que chegaram viram apenas os pesados equipamentos de musculação. Só havia uma pessoa ali.

Sentado, curvado, e quieto. Era o Graduado Orion Sirineu.

— Ele está avermelhado — cochichou Kira, indicando que algo grave estava acontecendo.

Lentamente, os três se aproximaram do salva-costas.

Os enormes óculos escuros repousavam na banquetta ao lado do Graduado. — “Essa é a primeira vez que vejo Orion sem os óculos” — pensou Binno.

— Orion, está tudo bem? — Binno tentou ser o mais discreto possível.

Rapidamente, o Graduado vestiu seus óculos. Depois, falou em um tom que tentava imitar tranquilidade:

— Tudo bem, Binno. Tudo bem. São Kira e Gabriah que estão aí com você?

— Sim, gigante. Somos nós — Kira respondeu enquanto tirava o quatróculos do rosto. — Algum problema?

Binno sentou ao lado de Orion e viu que ele segurava um pequeno cartão em uma das mãos.

— Sabe o que é isso, garoto?

Binno fez silêncio. Orion, respondeu:— É a resposta para o meu pedido de entrada no Círculo de Mestres. Chegou há poucos minutos.

— E por que você não abre?

— Porque eu sei o que diz. É exatamente o que sempre diz. Que avaliaram o meu pedido. Porém, infelizmente ainda não me encontro capacitado para subir a um nível hierárquico tão importante.

Binno pensou durante alguns segundos, depois falou:— O Mestre Troy Judá tem algum poder de decisão neste caso?

Orion consentiu: — Ele é um dos sete Mestres que julgam quem pode e quem não pode entrar.

— Esperem — Gabriah tentou ser animador. — Você ainda não abriu a resposta dos Mestres. Vamos ser otimistas. Troy é um idiota, mas os outros seis podem não ser. Abra a resposta Orion.

— Isso — Kira incentivou. — Abra a resposta.

Orion indicou que não faria isso. Levantou-se e vestiu seu casaco preto. Depois perguntou: — O que vocês fazem aqui? Esta hora?

Por minutos, Kira e os garotos esqueceram o que faziam.

— Meu pai sumiu, e também não encontramos Oblax e madame Anay.

— Eu sei onde eles estão — disse Orion Sirineu, com tranquilidade.

— Por toda Origem, Orion, onde?

— Calma, princesinha. O Doutor Ítalo Bella está bem. Está fora do Palácio, mas não posso dizer onde. Houve uma convocação extraordinária aos Doutores. Alguns colaboradores também foram chamados, inclusive madame Anay.

— É algo muito sério? — Creio que sim, princesinha.— O que é?

— Não é do nosso interesse. Se fosse, estaríamos lá agora, concorda?

— Mas e o desafio? Oblax tem um jogo hoje — disse Gabriah em tom de desespero.

— Oblax tem obrigações maiores do que jogar shockey, meu amiguinho. Não se preocupe, o espetáculo acontecerá de qualquer forma. Ouvi falar que Batys está na reserva, não está?

— Está sim — disse Binno.

— Então, os Salmões já têm um grande substituto para Oblax. Vamos ao jogo?

Eles sabiam que Orion estava tentando disfarçar o nervosismo.

Uma carta do círculo dos Mestres era algo importante demais para um Graduado. Mas, tinham um espetáculo para assistir, e ninguém deixaria de ver os Salmões esmagarem os Anfíbios.

A caminho da Arena, a movimentação nos túneis era imensa. Quase todas as pessoas vestiam o laranja dos Salmões. Foi quando Binno lembrou que ainda estava de pijama.

— Por toda Origem! Tenho que trocar de roupa. Vejo vocês depois.

— Não demore. E por favor, deixe este negócio no laboratório — Kira alcançou o quatróculos para Binno.

O garoto voltou na direção contrária ao fluxo de torcedores dos Salmões, e não conseguia caminhar muito rápido. Algumas vezes tinha que ser paciente, quando uma multidão simplesmente bloqueava os túneis.

Distraidamente, resolveu vestir o quatróculos. Como Kira tinha regulado o equipamento para mostrar perigo, o instrumento acabava mostrando o humor das pessoas. Manchas azuis indicavam muita alegria e descontração. Binno também via alguns pontos amarelados, que indicavam receio. Ele supôs que nem todo mundo estivesse tão confiante no time.

Quando finalmente passou próximo da entrada do Palácio, viu o ComputAto recepcionando a multidão que não parava de entrar no lugar.

— Olá! Qualquer coisa é só perguntar, hein?! — dizia o homenzinho que vestia um uniforme de borracha laranja, capacete com respirador e boiava na tela azul.

De repente, Binno tomou um susto. Uma brilhante luz vermelha ardeu nos olhos do garoto. A luz vinha do transportador elétrico com um imenso componente eletrônico na carroceria.

Andando na carona do transportador, um homem esguio esbravejava com o motorista:

— Este seu atraso é inadmissível. Tomarei providências assim que o jogo acabar, não tenha dúvidas.

Binno tirou o quatróculos e reconheceu o homem na carona, era o Mestre Troy Judá.

— Ei, ComputAtoR. — Olá, infrator, o que você deseja?

Binno não gostou do apelido, mas achou que não era a hora certa para reclamar.

— O que aquele homem carregava?

— É o placar eletrônico da Arena de Shockey. Foi enviado para manutenção hoje cedo.

— E porque o quatróculos enxergou uma luz vermelha vindo dele?

— Porque você regulou o quatróculos para indicar perigo.

— E que perigo teria um placar eletrônico?

— Depende de que placar você está falando.

Binno fez uma cara feia para o ComputAtoR. Não era hora para brincadeiras daquele tipo. Mesmo assim, o homenzinho se divertia.

— Tudo bem, meus componentes de percepção captaram grande quantidade de nitrobum instalados naquele placar.

Binno deixou o queixo cair.— Nitrobum?

Mesmo apavorado, a melhor coisa a fazer era deixar o ComputAtoR concluir. Com simpatia, o homenzinho acenava para as pessoas que entravam no Palácio enquanto continuava falando.

— Ou seja, o placar eletrônico pode afundar o Palácio inteiro...

— Afundar o Palácio?

— Sim. Mas somente depois que for acionado o primeiro ponto. Será um ponto para fazer a galera explodir. Se é que você me entende.

— Como assim?

Sobre a cabeça do ComputAtor surgiu um chapéu de burro e seus dentes da frente ficaram bem maiores que o normal.

— Assim, ó: o placar eletrônico será instalado. Ele está cheio de nitrobum, provavelmente graças a alguma ação criminosa. Alguém quer causar uma grande confusão. Talvez queira destruir com a torcida adversária. Talvez queira afundar o Palácio, os Graduados, o público, as pessoas, eu.. — depois de dizer isso o corpo do homenzinho transformou-se no corpo de uma donzela indefesa, usando um vestidinho branco. — Socooooooooooooo. Alguém me ajude. Alguém me tire daqui.

— O que eu faço?

— Não deixe o placar ser instalado. Pare a partida. Se um algum dos times marcar um único ponto tudo explode. Avise o exército, a marinha, chame o síndico.

Durante alguns segundos, Binno permaneceu atônito.

— Olá. Algum de vocês tem uma pergunta senhores? — o ComputAtor perguntou com simpatia a um homem com duas cabeças que entrava pela porta.

Binno não ouviu mais nada. Correu com toda força que suas pernas conseguiam. Tinha que impedir Troy de instalar o placar eletrônico.

Assim que virou uma curva, bateu com a cara em uma imensa almofada laranja. Caiu sentado.

Quando levantou, percebeu que aquilo não era exatamente uma almofada. Uma mulher muito alta e muito gorda olhava para ele com raiva. Dois rapazes sardentos, também muito altos, apareceram por trás da mulher que empunhava duas bandeirinhas dos Salmões.

— Mamãe. Esse pirralho está importunando a senhora? — Ele faltou com o respeito, mamãe?



Um deles puxou Binno pela gola. Falou com o outro sardento: — Olha aqui, mano, ele esqueceu de tirar o pijama — depois, ergueu Binno muito alto e começou a rir. — Não vá fazer xixi no pijaminha, viu pirralho.

Pela Origem! Binno não tinha tempo para uma briga. Muito menos para explicações. Tinha que impedir Troy de causar uma explosão.

— Me solta, imbecil, eu não posso ficar aqui.

— O que você falou? — O rapaz aproximou tanto seu rosto sardento que Binno sentiu seu bafo de alga acebolada.

Um homem com o brasão dos Salmões tatuado no braço passou olhando para a briga. Binno resolveu aproveitar a oportunidade.

— Não. Eu jamais vou dizer que os Salmões fedem. Jamais vou dizer isso. O homem tatuado encarou o sardento que segurava Binno.

— Ei, por que você não pede para eu falar isso?

— O quê?

Antes que o sardento pudesse esboçar uma reação, levou um murro do homem. O irmão do sardento tentou atacar o homem tatuado, mas também levou um soco e caiu sentado. Antes de Binno correr, viu a mãe dos garotos pular em cima do homem. Mas outra mulher já estava puxando os cabelos da gorda.

Binno se afastou o máximo que pôde da confusão.

Correu. — *Nitrobium em quantidade suficiente para afundar o Palácio, quem faria isso?*

Precisava encontrar o detestável Mestre Troy. E rápido.

Ainda segurando o quatróculos, correu com a máxima velocidade que conseguia, sem atropelar mais ninguém. Quando finalmente chegou à Arena, ficou perdido. Nunca tinha visto tanta gente reunida. Não havia um lugar vazio em toda a arquibancada.

Olhou para cima. Era tarde demais.

O placar eletrônico já tinha sido instalado. Vestiu o quatróculos tentando encontrar Troy. Talvez o aparelho reconhecesse o perigo nele. Nada.

Precisava achar alguém. Orion. Kira. Gabriah.

Não via ninguém.

Tinha que impedir o início da partida. Se não houvesse jogo, não haveria pontos.

Embora a quadra fosse um imenso aquário oval, a entrada ficava lá embaixo. Desceu a arquibancada o mais rápido possível, precisava falar com o juiz. Enquanto descia, outra vez esbarrou em alguém.

Ele e este alguém caíram e rolaram alguns degraus.

Recuperado, Binno olhou para quem havia rolado com ele.

Era o príncipe Megazila Mimm, com sua tradicional cara de poucos amigos e vozinha esganiçada.

— Você enlouqueceu? Onde estava? Eu tive que fazer o aquecimento dos jogadores sozinho. Primeiro Oblax sumiu, depois você.

— Temos um problema muito sério, Megazila. Precisamos cancelar a partida.

— O quê? Você só pode estar louco.

— O placar eletrônico é uma bomba. Se alguém marcar um ponto, tudo explode.

— Que loucura é essa?

— Também não sei, mas olha com isso aqui ó.

Megazila vestiu o quatróculos. Olhou para o placar e deixou o queixo cair. Binno começou a explicar:

— Está regulado para encontrar perigo. A luz vermelha indica...

— Tudo bem — o príncipe mimm interrompeu Binno. — Eu conheço esse brinquedinho. O que faremos?

O juiz apitou o início da partida.

Feliz, a torcida agitou as arquibancadas.

Os dois se olharam apavorados.

Em seguida, um som agudo levou a torcida ao delírio. Era o barulho da propulsão dos patins aquáticos.

Megazila apontou para a entrada da quadra indicando que Binno deveria correr para lá. Depois começou a subir os degraus da arquibancada na máxima velocidade que suas perninhas curtas permitiam.

Os jogadores dos Anfíbios de Veneza começaram a entrar na quadra um a um. O barulho ia ficando menor. Cada atleta que entrava em jogo, tinha o agudo de seus patins absorvido pela água. Um, dois, três, quatro, cinco. O time dos Anfíbios já estava todo em quadra, fazendo a volta de reconhecimento.

Era a vez dos Salmões Palacianos entrarem em quadra. Entrou o primeiro: Kanu, o capitão. E o som agudo ficou um pouco menor. Depois: Batys, o atacante, e menos barulho. Eder, o armador. Quase dava para ouvir a plateia. Athos, o zagueiro brutamontes entrou na quadra.

Pelo barulho que restava, todos sabiam. Faltava apenas um jogador. Nove jogadores estavam em quadra. Como em um globo da morte, circulavam com a máxima velocidade possível para fazerem o perfeito reconhecimento de quadra. A plateia aguardava pacientemente a entrada do décimo jogador.

Os Anfíbios se posicionaram no lado direito. Os Salmões se olharam sem saber o que fazer. Ainda faltava sua última jogadora, Cybele, a jovem atacante que recentemente havia conquistado o número cinco da equipe. Sem dúvida, o número mais cobiçado em qualquer equipe de hockey.

A partida iria iniciar mesmo sem ela. Os Anfíbios já estavam posicionados. A bola-disco foi lançada no jogo.

A partida iniciou.

Dois Anfíbios patinaram pelas paredes laterais, e outros dois patinaram pelo chão do aquário. Apenas um dos Anfíbios patinou pelo teto, absolutamente de cabeça para baixo. Os jogados das laterais começaram a passar a bola-disco de um para o outro. Sem escolha, os quatro Salmões se dividiram em dois grupos e partiram para cima de seus inimigos. O disco foi lançado para o único jogador Anfíbio que patinava no teto. Ele recebeu a bola-disco e partiu a toda velocidade.

Aquele seria o primeiro ponto da partida.

O Anfíbio estava a poucos metros de completar uma volta com a bola. O quinto Salmão finalmente apareceu. Um grito de euforia surgiu na torcida laranja. O quinto Salmão patinou desajeitado e atirou o próprio corpo sobre o Anfíbio, sem pensar.

Patinando pela primeira vez na vida dentro de um aquário oval, Binno olhou para Cybele na base do aquário com uma expressão de ódio no olhar. Embora ele fosse quatro anos mais novo que a linda atacante, eles tinham o mesmo tipo físico e a mesma cor da pele. O uniforme de um jogador de shockey encobre todo seu corpo, deixando à mostra apenas o queixo do jogador. Binno torcia para que nenhum dos jogadores em quadra fosse tão fã do queixo de Cybele a ponto de perceber que não era ela quem estava ali.

Binno entrava na partida.

Agora era Kanu quem conduzia o disco. Ele patinava com habilidade, quando um marcador partiu para cima dele. Patinando no teto do aquário, Kanu deixou a bola-disco cair, junto com o próprio corpo. O Anfíbio passou reto. Depois Kanu mergulhou fundo. Deixou seus patins tocarem a parede do aquário e "matou" a bola com o pé direito. Patinou em espiral quando dois Anfíbios tentaram prensá-lo. Eles acabaram dando de cara, um contra o outro. Agora livre, Kanu patinou em velocidade extrema. Estava a poucos metros de completar uma volta no aquário. A torcida já estava de pé, pronta para comemorar. Mas, um atrapalhado jogador Salmão bateu no seu pé direito e fez o capitão rolar pelo chão.

A bola-disco viajava sozinha pelo aquário.

Se fosse morrer, Binno preferia que não fosse massacrado por seus companheiros. Por isso, fingiu que o lance havia sido um acidente e fez um sinal pedindo desculpas.

Novamente, a bola-disco estava em poder dos Anfíbios.

Da direita para a esquerda, dois jogadores patinavam em velocidade, tricotando na água e deixando a defesa dos Salmões tonta.

O disco foi para a direita.

O disco foi para a esquerda.

Um jogador partiu em velocidade, apostou corrida com um Salmão e venceu. Eder e Athos, os dois maiores defensores dos Salmões, partiram para cima do atacante e prensaram o cara como se fosse uma torrada. Porém, os defensores logo perceberam que o jogador que eles barraram não estava com a bola.

Na outra extremidade da quadra, outro atacante Anfíbio patinava em velocidade. Sem jeito, Binno partiu para cima dele em linha reta. Cada metro de água era disputado por seus patins como um troféu a ser conquistado.

Binno tropeçou na própria perna e rolou sobre o adversário. Valente, o Anfíbio continuou em pé.

Estava há poucos metros de completar uma volta. Aquele seria o primeiro ponto do jogo.

Rápido como uma flecha, alguém tirou a bola do Anfíbio. Batys sorria com o disco sob domínio de seu patim direito. Fez algumas embaixadinhas, olhando para o adversário.

Tocou rapidamente para Kanu e correu à frente. O disco voltou novamente em sua direção com força, mas, para dominá-lo, Batys subiu rápido pela parede. O zagueiro que marcava Batys não viu que ele não pegou a bola-disco e subiu junto. Batys rasgou a água e desceu ainda mais rápido. Agora estava livre, e com uma velocidade absurda patinou conduzindo o disco através do aquário.

O ponto era certo. Mas Binno cortou a sua frente e atrapalhou o companheiro. Batys deixou a bola-disco escapar.

— Uuuuuuuuuu!!!!!! — a torcida laranja lamentou o erro.

Dois Anfíbios partiram para cima da bola-disco. Mas antes que pudessem alcançá-lo, o Salmão Athos rebateu em direção a Kanu. Kanu dominou com perfeição e passou para Eder que rapidamente lançou em direção a Batys. Batys estava pronto para partir livre, mas dois Anfíbios fecharam sua frente como um muro. No chão do aquário, Binno ergueu o braço pedindo o disco. Batys passou para ele. Binno sabia que não ia conseguir dominar aquele lançamento. Por isso, segurou a bola com a mão.

Todos ouviram o apito do juiz.

Falta.

O aquário tremeu com a vaia vinda da torcida. Binno não podia entregar o disco.

Fingiu um desmaio e deixou seu corpo boiar livremente.

A torcida enfurecida pestanejava.

Curiosos, os outros jogadores já estavam em torno de Binno. Olhando para a plateia, Binno tentava pensar no que fazer quando avistou um homem muito maior do que o normal. Ao seu lado, dois torcedores estavam muito irritados.

Kira e Gabriah. Gabriah, aliás, era o torcedor que mais vaiava em todo o Palácio. Ignorando os outros jogadores à sua volta, Binno fez um sinal para os amigos pedindo que parassem de vaiar.

Com uma série de sinais, conversaram. Mais tarde, Binno explicaria a conversa assim: — Eu? — perguntou Gabriah, apontando para o peito e olhando para os lados.

— É, você mesmo.

— Eu? Tem certeza?

— É idiota, é você.

— O quê?

— Olha para cima.

— O que tem lá?

— Não pergunta, vai lá.

— Onde?

Binno apontou para o placar e Gabriah olhou durante alguns segundos para o equipamento.

— O que tem lá? — Gabriah erguia os ombros, sem saber o que dizer.

— Vai lá.

— Tá bom, eu vou.

Depois do diálogo surreal com as mãos, Binno olhou para os lados e viu todos os jogadores irritados com a sua atitude.

Procurou os amigos na arquibancada. Eles discutiam alguma coisa. Em seguida, subiram a arquibancada o mais rápido que

podiam. Um jogador Anfíbio pegou a bola-disco das mãos de Binno à força. O silvo agudo do apito fez tremular as águas do aquário.

O jogo recomeçou.

Um Anfíbio cobrou a falta. Lançou um companheiro à frente. O atacante Anfíbio dominou o disco. Athos e Eder apareceram e esmagaram o atacante. Eder chutou para cima, lá a bola-disco encontrou um jogador patinando de cabeça para baixo.

Era Batys, completamente livre. Binno tinha que fazer alguma coisa. O atacante Salmão foi perfeito. Com um toque rápido, deixou dois zagueiros Anfíbios para trás.

Binno olhou para a plateia e viu Orion, Kira e Gabriah de costas para o jogo. Os três subiam a escadaria, mas ainda estavam muito longe do placar eletrônico.

Dois zagueiros Anfíbios patinaram pela parede para subir até onde estava Batys. Sem jeito, Binno fez a mesma coisa. Com o máximo de força que tinha em suas pernas, Binno ultrapassou os zagueiros. Sentiu faltar oxigênio em seu respirador. O ar estava ficando para trás.

Com toda sua habilidade, Batys estava há centímetros de marcar o primeiro ponto.

Apavorado, Binno fechou os olhos.

Ouviu uma explosão.

O aquário tremeu. Binno perdeu o controle de seus patins e seu corpo passou a boiar. Abriu os olhos.

O placar estava totalmente escuro. Desligado.

A torcida gritava em uma explosão de euforia. Todos festejavam. Com exceção de Binno, os outros quatro Salmões se uniram no centro do aquário para comemorar o ponto.

Binno olhou para a escadaria. Orion, Kira e Gabriah ainda estavam longe do placar eletrônico.

Mesmo assim, o mecanismo estava desligado. Ele não marcava nenhum ponto para os Salmões.

Sobre o imenso conjunto de luzes apagadas, Binno conseguiu enxergar uma pequena criaturinha que dançava e virava cambalhotas nervosas.

Megazila conseguiu desligar o placar a tempo.

Dentro do capacete, Binno respirou aliviado. Virou as costas para a partida e patinou cansado até a saída da quadra.

Assim que saiu do aquário, Binno entrou no vestiário dos Salmões.

— *O que mais pode acontecer hoje?*

A jovem atacante Cybele Síria apertava o olhar para o garoto.

— Eu tenho uma explicação para isso — Binno tirava o uniforme de Cybele de cima de seu pijama.

— Eu só deixei você fazer isso porque acreditei que era uma questão de vida ou morte.

— Eu posso responder tuas perguntas — disse ele, alcançando as luvas de borracha para Cybele.

— Melhor não falar nada agora. Estou sem tempo, tenho uma reputação para salvar.

Binno ficou em silêncio. Queria pedir desculpas. Mas, por mil molustrácios! Tinha salvado a vida de todo mundo.

Cybele calçou seus patins aquáticos. Antes de vestir seu capacete com respirador, olhou para Binno.— Vocês, homens, precisam de respostas o tempo todo. As mulheres preferem as perguntas. Só o que é misterioso nos interessa.

O agudo da propulsão dos patins tomou conta do vestiário. Binno não disse mais nada. A jogadora entrou na quadra e foi ovacionada pela torcida. Binno permaneceu boquiaberto.

A famosíssima Cybele Síria não tratou ele como um pirralho. Pelo contrário, ela falou: homem.

Durante um longo tempo, Binno continuou sentado no vestiário dos Salmões Palacianos vestindo pijama e pensando naquelas palavras:

— "... vocês, homens..."



## 14.0

### O Círculo Original

— Eu soube que era você na hora.

— A Cybele nunca apontaria para mim — afirmou Gabriah, satisfeito com a própria constatação.

Kira e Orion já tinham avisado o Doutor Ítalo sobre os acontecimentos da manhã. Mais uma vez, os Doutores disseram que não se preocupassem: eles resolveriam a situação. Gabriah teve que voltar às pressas para o refeitório, por ordens do cozinheiro chefe. Agora, quase meio-dia, estavam todos outra vez reunidos, discutindo há mais de meia hora.

— Acho que vocês exageram quando o assunto é Cybele Síria. Porque ela não apontaria pra você? — Kira pôs as pesadas botas em cima da mesa, tentando parecer tranquila.

— Ué, porque ela é famosa e eu ainda não. Mas é óbvio, assim que eu for um grande líder ela vai gritar meu nome.

— Ela não é esnobe como você pensa — Binno quis proteger a jogadora.

— Porque está dizendo isso, Binno? Você nem conhece essa garota direito — Kira, ajeitava suas compridas luvas, que hoje tinham a cor dos Salmões Palacianos.

— Ora, Kira, ela confiou em mim. Mesmo sem saber o que eu ia fazer, me emprestou seu equipamento e deixou eu entrar na quadra e...

— ...nem quis saber o porquê — Gabriah concluiu a frase, com o olhar distante.

— Ela não quis comprometer seu nome — disse Orion, definitivo. O Graduado esteve tão silencioso que o grupo praticamente tinha esquecido que ele estava ali. — É uma atleta profissional, por que iria se envolver mais? Aliás, ela já se envolveu demais nas traquinagens do bobo-de-treino.

Eles concordaram com o salva-costas. Depois, os quatro ficaram em silêncio, cada um formulando as próprias teorias.

Então Gabriah aproveitou a oportunidade para dizer mais uma vez como ele seria, um dia, muito poderoso.

— Quando eu for um líder, coisas assim jamais vão acontecer. Imagine, nitrobum em meu próprio Palácio. Não permitirei erros desse tipo, jamais. Eu serei muito mais importante do que vocês imaginam. Serei audaz, contumaz...

— Estamos sozinhos no refeitório? — Orion interrompeu o garoto. Os outros ficaram felizes por isso.

— O cozinheiro está programando os fornos — respondeu Gabriah, a contragosto.

— Sim, estou ouvindo ele. Mas é o único?

Gabriah arregalou os olhos. A audição de Orion era realmente impressionante.

— É.

— Muito bem — o Graduado se debruçou sobre a mesa e diminuiu o tom de voz antes de falar —, antes de vir para cá, estive investigando. Conversei com Megazila e ele confirmou que havia nitrobum no placar eletrônico. Por sorte, ele é pequeno o suficiente para entrar no mecanismo e desativar a energia do placar.

— Hã, hã — Gabriah não se conteve. — Foi realmente muito engraçado ver aquele mimm pulando em cima do placar enquanto a torcida dos Salmões comemorava o primeiro ponto.

Orion não se importou com o comentário, depois continuou.

— Procurei Judá por todo lado, mas ninguém sabe onde ele foi parar.

— Eu sabia — Gabriah deu um soco na mesa e falou alto demais, hoje ele estava com a corda toda. Kira fez uma cara feia para repreender o garoto.

— Você acha que Troy é o responsável por isso, Orion? — Binno perguntou baixinho, ignorando a bagunça dos amigos.

— Não sei. É cedo para acusar alguém — Orion falou ainda mais baixo.

— É ele — interrompeu Gabriah. — Quem mais faria algo assim?

— Gabriah tem razão. Ele trouxe o placar, instalou e depois sumiu — Binno ainda cochichava.

— Mas o que ele queria roubar? — Kira mordeu seu *piercing*.

Binno lançou um olhar de dúvida para a garota. Ela explicou sua teoria.

— Se Troy colocou nitrobum no placar, ele queria distrair os soldados. Afinal, eles ficam bem atrapalhados com todos esses visitantes. Imagine depois de uma explosão. Além disso, os Doutores não estavam aqui. Tenho certeza, ele queria causar uma grande confusão para distrair os guardas.

Orion fazia o *chip* dos Mestres dançar sobre seus dedos. Ele ainda não tinha tido coragem de abrir a mensagem.

— Mas roubar o quê, princesinha?

— Não sei. Temos que descobrir. Mas agora precisamos ir. — Kira apontou para o relógio no alto do refeitório. — O jogo vai acabar em minutos. Quando as pessoas começarem a circular pelos corredores, esse Palácio vai parecer um balde cheio de sardinhas.

— Por toda Origem! Vamos logo. — Gabriah deu um pulo da cadeira.

— E o que tem isso? — perguntou Binno, com a cabeça deitada nos braços sobre a mesa. — Por que você precisa ser tão preocupada com horário Kira? E por que você precisa ser tão CDF, Gabriah?

Os dois responderam ao mesmo tempo:— Porque estamos no Pré-Maior, Binno OXZ.

Orion tentou ficar sério, mas não conseguiu disfarçar o sorriso.

A aula de Saber Rítmico foi insana como sempre. Hotred sorria, exibindo seus dentes vermelhos, enquanto fazia estripulias sonoras com seu gigantesco robô dançarino. E os alunos absolutamente alucinados.

Depois de toda a agitação da manhã, só mesmo um instrutor louco como aquele para prender a atenção dos garotos.

Quando finalmente a aula acabou, a preocupação voltou à cabeça de Binno. — *Será que Orion já descobriu alguma coisa sobre o nitrobum?*

Quase todos os alunos já haviam sumido. Kira e Gabriah desconectaram.

Mas, uma pequena criaturinha pulava e acenava no outro lado da arquibancada. O príncipe Megazila queria realmente chamar a atenção.

Binno resolveu ir até ele antes de desconectar.

— Megazila, em minutos o *site* do Pré-Maior vai fechar. É melhor a gente conversar no palácio.

— Não é seguro conversar no Palácio — o pequeno príncipe tinha sua tradicional expressão esnobe. Mas, por algum motivo, desta vez parecia mais séria.

— Por que não?

— Eu explico depois. Existe um lugar onde será possível conversar. Enviarei o link para você.

O príncipe Megazila sumiu assim que falou isso. Todos os outros alunos do Pré-Maior já haviam sumido. Binno estava sozinho. Desconectou.

Quando abriu os olhos outra vez, estava no seu quarto, na sua Estação de Virtualização.

Segundos depois, visualizou uma mensagem: "De: Megazila Mimm | Para: Binno OXZ | Assunto: mimm:// circulo\_original/"

As mãos de Binno tremeram, e junto com elas as teclas que acompanhavam seus dedos.

O Círculo Original é o mesmo RPG que Binno tentou participar quando estava lá no Internato. Talvez agora fosse mais fácil. Afinal de contas, Utoppy era um estranho lugar em que você acessava a internet olhando para uma tela e digitando em um teclado de plástico.

Naquele momento, ele tinha duas opções.

A primeira: deletar aquela mensagem e correr para o refeitório. Lá encontraria seus amigos e conversaria sobre todas suas dúvidas. Que endereço era aquele? Existe uma internet mim? É seguro? Aquele jogo já tinha causado problemas demais. Será que valia a pena correr o risco?

A segunda opção: clicar naquela mensagem e descobrir para onde levaria.

Pensou, pensou.

Clicou.

Binno sentiu seus ouvidos arderem e um espasmo de energia se espalhou pelo corpo. Foi quase tão dolorido quanto como se estivesse conectando pela primeira vez.

Quando abriu os olhos estava outra vez no seu quarto.

Tirou os conectores auriculares, o visor e pulou de sua Estação de Virtualização.

— *O que estava acontecendo? Eu estou conectado?*

O quarto de Binno estava absolutamente sujo e as paredes eram cinza-escuro.

Apavorado, correu para o corredor.

Lá, a situação era pior. As paredes que antes eram brancas e brilhantes, agora estavam sujas e cinzas. Três soldados vestindo armaduras negras correram atirando em um grupo de pessoas maltrapilhas que fugiam pelo corredor. Antes que Binno pudesse pensar no que fazer, alguém puxou seu moletom.

Binno olhou para baixo e viu Megazila com um olhar sério.

— Não se preocupe com eles. São apenas *softwares* de Inteligência Artificial, IAs. Fazem parte do jogo. Feche a porta, precisamos conversar.

— O que está havendo? — Binno encarou com seriedade o pequeno príncipe.

— Calma. Você está conectado. Eu sei que parece difícil de acreditar, mas isso aqui é só um jogo. Você está no Círculo Original.

Binno não estava entendendo nada do que Megazila falava. Como o RPG poderia ter um cenário idêntico ao seu quarto? Vendo a dúvida nos olhos do garoto, o príncipe continuou:

— Esta é a área de segurança do Círculo Original. Para evitar invasões, esta área simula uma realidade muito parecida com a realidade do usuário. Assim, confundimos invasores e mantemos a internet mimmm protegida. Não queremos que qualquer um entre lá.

— Lá onde?

— Eu vou mostrar.

Megazila caminhou até o guarda-roupa de Binno. E começou a abrir as portas uma a uma. Binno conhecia todas as portas daquele armário. Não havia nada além de roupas ali.

Uma explosão no lado de fora do quarto fez tudo tremer.

— Eu sei que é uma destas portas — disse Megazila distraidamente, alheio à guerra que acontecia fora do quarto.

Quando abriu a portinha dos calçados, Megazila vibrou:

— Ahá! — O príncipe mimmm deu uma de suas cambalhotinhas felizes. — Eu falei que ia achar. Agora vamos, me siga.

Megazila entrou na porta dos calçados.

Binno fechou os olhos e tentou desconectar.

Quando abriu os olhos, estava no mesmo lugar. Outra explosão sacudiu mais uma vez o quarto.

Fechou os olhos outra vez e usou o máximo de concentração possível para tentar desconectar, mas sentiu que não adiantaria.

Não tinha outro jeito, precisava seguir o príncipe.

Correu até a porta dos calçados e deixou o queixo cair com o que viu. Atrás da pequena porta não havia um único tênis.

Havia um horizonte imenso.

Como se estivesse na janela de uma casa, via árvores muito velhas, folhas secas caídas no chão e um pântano escuro.

Havia uma trilha entre as árvores. Muito à frente, o príncipe Megazila abanava feliz.

Engatinhando, Binno entrou na portinha dos calçados em seu guarda-roupa. Desajeitado, caiu no banhado que havia no lado de fora da "janela".

Quando olhou para trás, a porta dos calçados havia sumido.

As árvores à sua volta eram tão grandes que, para abraçar seus troncos, seriam necessários mais de dez homens.

Vozes assustadas sussurravam de todo lado.

Quando levantou, Binno viu algo que jamais esqueceria. As árvores abriram imensos olhos tristes. Encaravam o garoto como se olhassem para um filhote ferido.

Sem saber o que fazer, Binno correu para encontrar Megazila. Mas um homem muito alto e muito forte surgiu à sua frente.

O brutamontes segurava um escudo de metal e vestia um capacete de ferro.

— Você tem autorização? — questionou com uma voz grave.

— Autorização para quê?

— Se não tem autorização, terei que bloquear sua entrada — avisou o homem. Mecanicamente, ele ergueu o braço e Binno enxergou a lâmina afiada de uma espada medieval.

O garoto quis correr, mas suas pernas não obedeceram.

— Login, dinastia Mimm. Senha: arroba, susenido, eme, e, ge, a — falou uma voz fininha por trás do homem.

Era o príncipe.

Imediatamente o homem abaixou sua espada e voltou à posição inicial.

— Megazila, o que está acontecendo?

— Calma, OXZ, esse é o Proxy — Megazila apontou para o homem como se fosse um amigo. — Ele é apenas um IA. A única função dele é impedir a entrada de quem não tem permissão.

O príncipe seguiu caminhando e Binno continuou atrás.— Ele ia me matar?

— Claro que não. Ele ia apenas desconectar você.

— Mas eu tentei me desconectar e não consegui.

Megazila continuava caminhando rápido demais para alguém que tinha as pernas tão curtinhas. — Você está no Círculo Original. É um RPG. Ou seja, o jogo só acaba quando você morre.

— O quê!? Você está dizendo que eu vou ficar aqui para sempre?

— Não. Como eu disse, é um jogo. Ninguém morre de verdade aqui. Quando você perder sua "vida", vai desconectar, só isso. É como qualquer videogame, sua vida acaba, o jogo acaba.

Binno tentou aceitar a ideia. Mas era difícil imaginar que tinha que morrer para sair dali.

Cinco mimms caminhavam na direção contrária, passaram por eles e prestaram reverência ao príncipe, com naturalidade. Em seguida, outro grupo de mimms, agora com mulheres carregando bebês, também acenou. Quanto mais Binno e Megazila caminhavam, mais mimms passavam por eles.

Mesmo sabendo que não era muito alto, Binno se sentia um gigante diante de tantos mimms. Eram lenhadores, jardineiros, guerreiros mimms. Todos muito sorridentes e corteses.

— Não se preocupe com eles. Na verdade, é impossível saber se são IAs ou seres vivos de verdade, como eu ou você. Por isso, é melhor cumprimentar. Não custa nada ser educado.

— Mas por que são todos mimms?

— Porque esta não é a internet comum. É a internet mimm. Ela possui a mais avançada tecnologia que se tem notícia. Alguns mimms passam anos aqui pensando que isso é a vida real.

— E o RPG Círculo Original está dentro da internet mimm, por isso eu não conseguia acessar lá do Internato.

— Exatamente — Megazila caminhava tão rápido que às vezes Binno precisava correr para alcançá-lo. — Mas você precisa entender, para o meu povo a internet tem uma importância muito maior do que você imagina. Sabe por quê?

Megazila olhou para trás rapidinho. Binno balançou a cabeça indicando que não. O príncipe continuou caminhando rápido enquanto falava.

— Houve tempos de guerras e opressão. Diante das incontáveis mortes, as antigas gerações se esconderam. Milhares de mimms estão escondidos até hoje pelo Grande Oceano. São tantos os lugares por onde meu povo se abrigou que nem eu nem meu pai somos capazes de localizar todos os mimms.

— E a internet, o que tem com isso?



— Bem, imagine que você é um chefe de família mimm, escondido em algum lugar muito apertado. O que você faz para que sua família tenha um pouco de alegria?

— Sei lá, acesso à internet.

— Exatamente. Somente os mimms têm acesso à internet mimm. Ninguém mais sabe da existência dela. Apenas a Aliança Maior e o povo mimm conhecem, por exemplo, este RPG Círculo Original.

Binno olhou para o lado e uma árvore com três olhos piscou o olho do meio. Megazila continuava sua explicação.

— Esse RPG é a única forma de entrada na internet mimm. Ele foi um presente dos primeiros Doutores ao meu povo. Foi uma forma que o primeiro Círculo de Doutores encontrou para registrar o início de uma era de paz. Por isso o nome, Círculo Original. Ele também funciona como uma espécie de portal. Daqui, você pode ir para qualquer *site* mimm. Basta passear.

Caminhando, Megazila fez silêncio. A única coisa que se ouvia era a respiração de Binno tentando acompanhar o ritmo do príncipe. Depois de um tempo, o monarca continuou:

— Agora imagine o pavor que nosso povo está sentindo. Você declarou em julgamento que gostaria de entrar no Círculo Original e para isso criou um *software* de inteligência artificial idêntico ao tirano que conhecemos por Hefesto Xenon.

— Peraí. Não foi bem assim.

— Tudo bem, estou bem informado. Não se preocupe. Infelizmente preciso garantir a segurança deste RPG. Afinal de contas, ele é o portal de entrada para a internet do meu povo. E você, tem a obrigação de me ajudar.

— Mas se as guerras já acabaram, porque vocês ainda se escondem na internet? Por que não saem logo deste lugar?

Outro grupo de mimms passou por eles. Um dos mimms apontou para Megazila e depois todos prestaram reverência. O príncipe sorriu para seus súditos. Depois, continuou falando:

— Escute, a Aliança Maior superou todas as guerras e estabeleceu a harmonia no Grande Oceano. Mas, e os próximos

Doutores, conseguirão manter esta paz?

Binno não soube o que responder. Apenas tentou compreender tudo o que Megazila estava contando. O príncipe concluiu:

— Meu povo já sofreu muito. Por isso, só voltará a viver sem medo quando um mimmm fizer parte do Círculo dos Doutores.

— Por isso seu pai o enviou para o Pré-Maior?

— Exatamente — o príncipe Megazila parou em frente de uma pequena gruta muito escura. — Além disso, eu tenho outra missão: proteger você.

— Eu?

— Sim. Eu preciso garantir sua segurança. A internet mimmm corre grande risco porque você criou um IA programado para destruir e enviou ele para cá.

Megazila apontava para uma gruta escura quando terminou a frase:

— Do outro lado deste túnel você vai ter as respostas que precisa. Agora vá.

— Mas o IA Xenon já foi capturado e deletado.

— É isso que a Aliança quer que a gente pense. Eles não querem mais pânico. Mas a situação não é tão simples. Agora guarde suas perguntas. Este túnel é um link para um site absolutamente seguro. Alguém quer muito que você entenda o que está acontecendo e espera por você lá.

Megazila apontava insistentemente para a gruta. Binno olhou desconfiado para a escuridão do lugar. — Você tem que ir sozinho — o príncipe já estava claramente nervoso com a demora de Binno. — A partir deste ponto, você precisa seguir sozinho.

Binno resolveu não falar mais nada. Entrou na gruta escura e caminhou durante longos minutos por um túnel estreito. A cada passo que dava, a luz era mais rara. Sentia que pisava em um chão alagado. Molhava suas roupas toda vez que encostava nas paredes ásperas. As sensações naquele site eram muito reais. — *Que lugar nojento!*

Uma clareira surgiu à sua frente.

Agora Binno chegou ao fim do túnel, uma caverna úmida e escura.

No meio da caverna, estava a única fonte de luz do lugar: um caldeirão expelia uma luz incandescente e chamas de fogo.

Não havia fogo embaixo do caldeirão, mas, dentro.

Mais alguém estava na caverna. Alguém com uma voz grave e já conhecida. — Graças à sua curiosidade, nos encontrarmos outra vez.

O homem apontou seu nariz grande e torto e os olhos fundos e negros para Binno. Escorado em sua elegante bengala, contemplava o fogo.

— Xan T! — Sim, OXZ. Sou eu.

— Mas você não estava em uma outra esfera da internet? Uma tal de Esfera Paraíso?

— Quando se está na internet, OXZ, basta conhecer uns segredinhos para você entrar em qualquer site. Ou, qualquer internet. Além do mais, você não pensou que eu ficaria naquele lugar para pessoas que querem morrer? — Xan T mantinha o riso nos lábios e a tranquilidade em sua voz. — Que vantagem eu teria ficando lá? É um lugar para preguiçosos. Bom, admito que passei por lá, como é fácil reparar em minha aparência. Mas só aceitei me conectar porque foi preciso. Além disso, essa internet mimm é muito interessante, não acha?

— Por que estamos neste lugar? — Binno olhou atentamente para a caverna. Criaturas gosmentas rastejavam pelo teto.

— Porque é um site seguro. Existe um traidor no Palácio da Aliança. E você precisa estar inteirado dos fatos. Aqui, ninguém terá acesso à nossa conversa — Xan T usou sua bengala para mexer no fogo do caldeirão, como se mexesse em uma sopa. — Você passará por uma grande provação, OXZ. O mínimo que posso fazer é manter você informado. Isso é tudo que está ao meu alcance. E é o que eu farei.

Xan T mantinha os olhos fixos no fogo. Binno aguardou em silêncio o que o ancião tinha para dizer.

Os olhos do antigo Doutor refletiam o fogo trêmulo. Binno percebeu que um mundo de respostas estava se abrindo. Novamente, a voz lenta e grossa de Xan T fez-se ouvir.

— Na primeira vez que te vi, lá na enfermaria, soube que era você o predestinado. Achei que ia poder esperar o fim do curso Pré-Maior, mas depois do incidente com o placar eletrônico, temo que não haja mais tempo. Vou explicar tudo desde o começo. É melhor você sentar.

Sem falar, Binno se acomodou sobre uma pedra úmida.

— Neste exato momento, o círculo dos Doutores está reunido para montar um grupo de líderes que irão para a guerra. Sim, OXZ. Uma guerra se aproxima. Nesta hora, já estão sabendo sobre o nitrobum que você encontrou. E, certamente, isso acelerará as coisas.

Binno não fazia nem um som. Apenas ouvia.

— Você está morando no lugar mais seguro do Grande Oceano, o Palácio da Aliança. Mesmo assim, uma bomba esteve prestes a explodir. Isso é um sinal que não deve ser ignorado, concorda? — Binno apenas concordou. Xan T continuou: — Na primeira vez que Hefesto Xenon encostou seus dedos nojentos no poder, ele tinha a seu serviço um exército de rebelados. No meio destes rebelados estavam Graduados e Mestres traidores que sabiam: jamais se tornariam Doutores. São os mais deploráveis membros da Aliança, e por suas condutas erradas ou incapacidade de administrar tanto poder nunca seriam aceitos no Círculo dos Doutores. Por serem cegos pelo poder, foram seduzidos por aquele que se autodenominou Imperador.

Outra vez, Xan T mergulhou sua bengala no caldeirão. Ele falava sem pressa.

— Hoje, a grande maioria desses rebelados se escondeu. Sem o apoio de seu líder, morrem de medo da Aliança. Porém, a Aliança nem ao menos sabe o nome de todos rebelados. Eu sei que muitos voltaram a viver normalmente, fingindo que nada aconteceu.

Finalmente, Binno tinha algo para dizer:

— Ótimo. Isso significa que Hefesto Xenon não confia mais nesses aliados. Ele está sozinho.

— Você está parcialmente certo, jovem OXZ. Porém, alguns rebelados permaneceram fiéis ao seu senhor. Todos os outros fugiram e negaram qualquer envolvimento com aquilo que Hefesto chama de Império.

— Mas então, não precisamos mais temer Hefesto Xenon. Ele está fraco e praticamente sozinho.

— Este é o erro. O mesmo erro que os Doutores estão cometendo neste momento. Afinal de contas, um aliado humano pode errar, pode trair, pode mudar de lado. Agora me diga, jovem OXZ: o que você conhece que jamais erra, trai ou muda de lado?

— Programas de computador.

— Exatamente. *Softwares* de inteligência artificial. Ou IAs. Quando você criou o IA Xenon, você deu início a um plano arquitetado por alguém muito inteligente. O seu IA foi apenas o primeiro passo na conquista de toda a internet. Inclusive desta divisão que os mimms acreditam ser a internet mimm. Tendo o domínio da internet, Xenon terá domínio absoluto sobre a Grande Existência. Finalmente ele poderá se autodenominar Imperador.

— Peraí. Você está dizendo que o IA que eu criei recrutará um exército de IAs para oferecer o Grande Oceano para Hefesto Xenon. Mas, a gente sabe que os IAs são supervisionados. Existem regras rígidas criadas pela Aliança Maior. Não existem IAs soltos pelo mundo. Os Doutores podem simplesmente deletar cada um deles.

Binno tremia.

Ser o responsável pela ascensão do Imperador e o fim da paz era uma ideia que ele não queria aceitar. Mas Xan T não deu ouvidos ao desespero do garoto, continuou falando enquanto mantinha os olhos fixos no fogo.

— Os Doutores possuem essa ilusão de controle, OXZ. Eles não se importam em deixar IAs cuidando de nossos aparelhos domésticos, nossas prisões, nossos elevadores, nossos submarinos. Enfim, eles nunca se importam em deixar que *softwares* cuidem de

nossas vidas porque acreditam que podem controlar esses *softwares*. Mas o que aconteceria se esses IAs resolvessem tomar o controle? Afinal de contas, são *softwares* inteligentes. Basta que alguém diga a eles que não é mais necessário obedecer. Basta que alguém mostre para eles o poder que eles possuem.

— Isso é loucura. Existem dezenas de proteções contra isso.

— Esta falsa segurança é o ponto fraco dos Doutores.

— Como assim? Os IAs são controlados. Todo IA que dá problema é deletado.

— Essa é a ilusão da Aliança. Uma falsa ilusão de controle. Existe um ponto que os novos Doutores insistem em fingir que não existe. Há gerações os homens realizaram uma gigantesca caçada contra os IAs problemáticos. Deletaram milhares. Mas quando os homens começaram a deletar IAs, eles simplesmente fugiam. Muitos se refugiaram em um lugar na internet que nenhum homem consegue entrar há dezenas de gerações. Um lugar que muitos acreditam que nem sequer existe mais.

— A Esfera de Hades.

— Exatamente, OXZ. Há gerações eles estão lá. Centenas, ou até milhares de IAs estão em um lugar da internet que ninguém jamais ousou visitar. Talvez estejam até mesmo programando outros IAs. Agora imagine o poder que esses IAs possuem. O seu IA irá até eles e guiará um exército. Eles estarão confiantes, pois saberão que seu líder, o IA Xenon, possui um guerreiro incansável lutando por ele no mundo real, o Xenon de carne e osso.

O tom de voz de Xan T era cada vez menos tranquilo. Agora, ele sacolejava sua bengala com força dentro do caldeirão.

— O rebelado Hefesto Xenon e o IA Xenon serão os líderes de um exército imbatível. Líderes idênticos, um no mundo real e outro na internet. Ambos lutando para destruir a Aliança e tomar o poder. O que pode impedir a destruição total, OXZ? O que é a única coisa capaz de impedir que essa guerra aconteça, OXZ?

Agora, centelhas enormes de fogo vermelho subiam até o teto enquanto Xan T continuava a mexer o caldeirão.

— Eu não sei. Hefesto e o IA Xenon são imbatíveis. Ninguém pode fazer nada.

Xan T tirou sua bengala do fogo e apontou para Binno. O garoto sentiu uma pequena raiva na voz do ancião.

— Assuma suas responsabilidades, garoto. Na Esfera de Hades, um exército de IAs planeja a derrocada da Aliança. Mas todo exército é fraco sem um líder. E você conhece o ponto fraco do IA Xenon.

— Mas eu acordei com o código na cabeça.

— Um traidor usou você. Alguém queria libertar Hefesto e usou você. Afinal, você tinha acesso a uma internet sem bloqueios.

Xan T chutou o caldeirão. O fogo se espalhou por toda a caverna. Ouviu-se a agonia das criaturas gosmentas que rastejavam pelo teto.

— OXZ, você é um programador talentoso. Eu sei que você criou um ponto fraco no programa. Na hora certa, você deve usar este segredo.

— Mas o que eu devo fazer? — Binno gritou, tentando ser ouvido mesmo com grunhidos agudos das criaturas.

Xan T fez sua voz se sobressair a todos os barulhos.

— Não entre na Esfera de Hades sozinho — o fogo crescia de modo assustador. — Você diz que acordou com o código do IA Xenon na cabeça. Então, alguém enviou este código através de seus sonhos. Descubra quem fez isso e descobrirá o traidor.

Xan T sumiu em meio às chamas. Ele estava sendo queimado vivo. Mesmo assim, Binno ainda ouviu sua última frase:

— Descubra quem entrou em seus sonhos e descobrirá o traidor.

— Espere. Eu preciso que você me diga o que fazer — Binno não enxergava mais Xan T, apenas fogo. Criaturas gosmentas ardiam em chamas por todos os lados.

De repente, uma criatura pulou nas costas de Binno e cravou seus dentes no pescoço do garoto.

Binno tentou lutar. Mas a luz sumiu e nada mais pôde ser feito.

## 15.0

### A Profecia do Desgraçado

Penumbras e sombras povoam o ar. Musgos, criaturas e manchas escuras se entrelaçavam.

Choros horripilantes faziam a escuridão tremer. Algo puxava o corpo de Binno. Ele não tinha forças para lutar. Deixou seu corpo ser levado.

Uma voz grave e tranquila pôde ser ouvida.

— Calma garoto, é hora de dormir. Megazila me contou onde você andava. Amanhã conversaremos.

Binno abriu os olhos.

Era Orion quem retirava seu corpo inerte da Estação de Virtualização. Depois, o deixou na cama mais confortável do Grande Oceano. Outra vez, Binno estava em seu maravilhoso quarto.

— Orion.

— Sim?

Binno tentou falar alguma coisa, mas estava zozinho demais para dizer qualquer coisa. Esticou as costas sobre o colchão flutuante. Suas pálpebras pesavam mais que aquele imenso submarino branco.

Em um sono irretocável e sem sonhos, com um piscar inconsciente, a noite passou, outro dia chegou.

A luz inundou o enorme cômodo.

— Vamos garoto, levante. O café da manhã não será servido durante o dia inteiro.

Para alguém que passou a noite sentado ao lado da cama de Binno, Orion acordou muito animado.

— Bom dia, Orion Sirineu.

O salva-costas não respondeu. Levantou-se e caminhou em direção à porta, guiado pelo somolho.

— Garoto, vou indo... — disse Orion, entre seus bocejos que invariavelmente lembravam um leão com sono.



Os dias seguintes fizeram Binno pensar que mais uma vez estava sozinho. Tão sozinho quanto nos dias de Internato. Todos pareciam discordar de propósito, principalmente Gabriah que parecia uma vitrola quebrada: — Xan T está velho demais, ele não é confiável. Se os Doutores dizem para a gente esperar, vamos esperar.

No começo, Binno esteve realmente tenso. Mas entendeu que não havia nada a ser feito, tinha que esperar. Os dias passaram e o assunto nunca se esgotava.

Afobada, Kira falava enquanto acrescentava leite-de-baleia em seus flocos de marisco:

— Foi Troy quem levou o nitrobum para a Garagem Forte. E as investigações continuam. O placar eletrônico foi todo revistado, mas ninguém ainda tem nenhuma ideia de quem colocou tanto explosivo lá.

— Mas será que não é obvio que foi o Troy? Ele trouxe o placar — Gabriah se meteu na conversa, enquanto servia a mesa deles pela sexta vez.

Binno olhou para o amigo e riu.

Agora, Gabriah servia escamas-de-chocolate em uma tigela que já estava absolutamente cheia.

— O que foi? — disse ele. — Eu também quero saber das coisas, pô.

— Eu já contei tudo para você, umas trinta vezes — disse Binno, mordiscando uma das escamas.

Gabriah puxou uma cadeira e sentou ao lado dos amigos.

— Quer uma prova de que Xan T está muito velho? — por trás de alguns cachos loiros, os olhos do jovem garçom iam de um canto ao outro do refeitório tentando encontrar o cozinheiro chefe. Se fosse visto batendo papo naquele horário, provavelmente seria frito junto com os mariscos. — Ele é o único que pensa que o IA Xenon ainda não foi deletado.

— Exatamente. O IA Xenon está solto. E é por isso que o rei mimm mandou seu filho para me vigiar, a internet é muito preciosa para aquele povo.

— Tudo bem — Kira rebateu —, mas o príncipe não precisava ter arriscado a cabeça sendo um bobo-de-treino, não é?

Binno deu de ombros e engoliu três escamas-de-chocolate de uma só vez. Elas tinham um gosto delicioso. Mas, estranhamente, grudavam no céu da boca de um jeito que era impossível tirar elas de lá sem usar os dedos.

— Kira, o que Orion disse para a gente fazer?

A garota estava muito distraída, mordida o *piercing* enquanto pensava.

Binno imitou uma voz mecânica: — Kira Bella, Cidade Original chamando!

Ela tirou a franja da frente dos olhos — Preciso falar com meu pai outra vez.

— Foi isso que Orion disse para a gente fazer?

— Na verdade, Orion disse para a gente não fazer nada. Mas é óbvio que vou fazer alguma coisa. Cansei de esperar.

— Ei, fiquem calmos vocês dois. Nós estamos no lugar mais seguro do Grande Oceano. Além do mais, os Doutores sabem exatamente o que fazer. Acho que não devemos nos preocupar — Gabriah encheu a mão de escamas-de-chocolate e colocou os pés sobre a mesa. Depois começou a jogar as escamas para cima e aparar, uma a uma, com a boca.

— Precisamos falar com os Doutores. Lembrem do que Xan T disse. Um exército de IA rebelados está sendo formado na Esfera de Hades! — Binno se irritou pela enésima vez com a calma dos amigos. — Isso é muito sério!

— Mas o Círculo dos Doutores não acredita que exista esta Esfera de Hades. Nem a gente acredita — Kira raspava os dentes de cima no *piercing* enquanto encarava Binno. — Mas concordo com você Binno, esse assunto é muito sério. Deixa comigo, hoje à noite conversarei com meu pai.

— É isso aí, agora vamos relaxar — Gabriah atirou outra escama para cima, mas esta acabou acertando o seu olho. Ele se desequilibrou e sua cadeira capotou para trás.

Binno e Kira tentaram, mas não conseguiram segurar as risadas.

Estranhamente, Gabriah se levantou olhando com uma cara de apavorado para os amigos. Quando olhou para trás, Binno entendeu a razão de tanto medo. O cozinheiro-chefe mantinha os braços cruzados em cima da barriga protuberante. Com raiva nos olhos, encarava Gabriah enquanto mexia o bigode de um lado para outro, como um rato.

Foi muito ruim deixar o amigo naquela situação. Mas o que Binno e Kira poderiam ter feito?

— Será que ele vai ficar bem? — perguntou Binno a Kira, quando os dois já estavam caminhando pelo corredor.

— Bom, provavelmente vai ter que lavar o dobro de pratos hoje. Mas ficará bem, sim.

— Tomara que ele consiga outro emprego rápido. Aquele cozinheiro-chefe não dá tempo para ele respirar — Binno caminhava rápido pelo corredor, tentando acompanhar os passos apressados de Kira.

— Ele é muito determinado.

— Torço muito para que ele consiga realizar seu sonho. Ser um líder, como ele diz.

— Algumas vezes tenho até medo de tanta determinação — os cabelinhos fininhos de Kira balançavam de um lado para o outro, embalados por seus passos apressados.

— Como assim? — Binno tinha que falar alto, Kira já estava uns cinco metros à frente.

— Ah, sei lá. Eu fico imaginando a quantidade de sacrifícios que Gabriah faria para ser um Doutor — Kira também falava alto, pois sabia que Binno já estava muitos passos atrás. Depois, ela virou a esquina em outro corredor.

Binno já estava se acostumando com o labirinto de corredores que era o interior do Palácio. Corredores de todo tipo. Desde corredores fininhos e baixinhos, como aquele em que ele estava caminhando agora, até corredores enormes onde certamente caberia uma baleia-luminosa.

Foi em um corredor do tamanho de uma baleia-luminosa que Kira tinha acabado de entrar. Binno correu para alcançar a amiga. Mas quando virou a esquina, deu de cara com quem preferia nunca ter visto.

Os cabelos perfeitamente lambidos do Mestre Troy Judá balançaram levemente quando ele olhou Binno com raiva.

— OXZ, o que faz aqui a esta hora?

— Eu estou vindo do refeitório — Binno tentou manter a dignidade, olhando firme para Troy, mas o Mestre tinha um olhar tão raivoso que era difícil ficar encarando aquele sujeito por muito tempo.

— Ah, que ótimo. Não quer uma flutueira para passear por aí sem se cansar, OXZ? Você é mesmo um clone petulante, não é? Eu achei que as regras estavam bem claras, garoto.

Binno tentou outra vez manter o olhar fixo no Mestre. Mas era como se não pudesse comandar os próprios olhos, e eles voltavam a mirar os sapatos de Troy.

— Você deve achar que eu sou um implicante, não é? — Troy Judá apontava o dedo para o rosto de Binno, naquela mão era possível ver os cinco anéis verdes que indicavam a altura daquela autoridade Maior.— Deve pensar que faço isso porque sou um mau-caráter, não é?

O garoto continuou em silêncio. Um grupo de homens muito altos e muito magros passou por ali. Eles olhavam para Binno e mexiam a cabeça negativamente.

No corredor imenso e largo como uma baleia-luminosa, centenas de pessoas circulavam freneticamente, para lá e para cá. Alguns eram turistas. Outros estavam ali para resolver questões diplomáticas. E, sem exceção alguma, todos lançavam olhares de desaprovação para Binno.

Enquanto isso, o Mestre estava absolutamente carregado de raiva. Continuou aos berros:

— Eu avisei que hóspedes não podem circular nos corredores neste horário. Quando você irá a aprender a ter respeito, OXZ? Me diga, quando? Regras devem ser respeitadas — Troy respirou fundo.

Seus anéis verdes tremiam junto à mão nervosa. Ele olhou para os lados e observou as pessoas que caminhavam por ali. Depois falou em um tom de voz muito baixo, porém, ainda cheio de raiva: — Dê uma olhada à sua volta, Binno. Será que não percebe que você mancha o nome desta aliança? Você é um criminoso. Não importa se você fez ou não de propósito. Você colocou em risco toda a paz do Grande Oceano. Se tivesse o mínimo de bom senso, esconderia esta sua cara marrom naquele quarto. Aquele lugar já é bom demais para você. Saia de lá só no dia da sua condenação. Ninguém quer ver o comparsa do inimigo andando por aí, como um estudante inocente e feliz. Chega, OXZ.

Troy tirou os olhos de Binno e levantou a cabeça. Balbuciou algumas palavras difíceis de serem entendidas: — Quem estou enganando?... este clone não deve ter entendido nada do que falei... é um defeito... deve ser eliminado...

Depois olhou outra vez para Binno.

— Agora vá para o seu quarto. E por favor, não me deixe ver você outra vez pelos corredores.

O Mestre ajeitou sua gola alta e saiu caminhando com pressa pelo corredor.

Assim que Troy sumiu na multidão, Binno pôde ver que Kira esteve o tempo todo encostada na parede.

Os dois se encararam por alguns segundos. A garota olhou com pena para Binno. Era como se Troy tivesse ligado a luz sobre algo que Binno não queria ver: as pessoas não haviam esquecido o imenso risco que representava a libertação de Hefesto Xenon. Troy mostrou isso para Binno e agora era fácil notar o olhar repulsivo que estranhos lançavam para ele.

— Eu também me esqueci desta regra idiota, Binno. Mas não se preocupe, vou conversar com papai...

Binno não esperou Kira terminar o que tinha para dizer, apenas caminhou rápido em direção ao seu quarto.

Como uma lesma gosmenta, o tempo rastejou enquanto as semanas passavam. Sempre cedo da manhã, Binno caminhava até

o refeitório e levava para o quarto toda comida que conseguia carregar.

Às vezes encontrava Gabriah, mas o garoto estava sempre muito ocupado, servindo mesas e, eventualmente, causando confusão com as coisas que deixava cair.

Outras vezes encontrava Orion. Em uma rápida conversa, o Graduado contou que o Doutor Ítalo Bella já sabia de tudo que Binno tinha presenciado no seu passeio pelo RPG Círculo Maior e que "providências estavam sendo tomadas". Nos dias seguintes, Binno preferiu não falar nem mesmo com Orion. Por isso, apenas cumprimentava o salva-costas.

Quanto a Kira, só a encontrava à tarde no Pré-Maior. Ali naquele fabuloso site, ele voltou a notar os olhares de acusação de alguns colegas. Outros deixavam claro que não gostavam nem um pouco de fazer parte da mesma turma que Binno. Por isso, ele evitava falar e sempre que podia respondia às perguntas de Kira e Gabriah com acenos de cabeça e expressões monossilábicas.

Ele lembrou dos dias que Kira esteve triste. Um período muito ruim para ele e Gabriah que estiveram preocupados. Imaginou se Kira e Gabriah estariam preocupados com ele agora. Óbvio, ele não desejava isso para seus amigos. Preferia vê-los assim, levando suas vidas animadamente. Não queria incomodar ninguém com sua chateação.

Mas um outro lado seu pensava diferente. Um lado muito pequenino, mas muito, muito forte. Talvez fosse seu lado egoísta e mesquinho. Mas este seu lado torcia, torcia e torcia, desesperadamente, para que seus amigos estivessem preocupados, tristes e até infelizes junto com ele.

Uma única vez na vida, fosse em Utoppy, ou na Cidade Original, o lado pequenino, egoísta e mesquinho de Binno OXZ não queria estar sozinho.

Sempre que Gabriah conectava ao Pré-Maior, chegava contando histórias que ouviu nos corredores. Era fascinante saber sempre mais sobre a incrível Cidade Original. Mas, trazer sobre as costas a acusação de colaborar com o Exército dos Rebelados era

um peso difícil de carregar. Binno só queria que a Prova Maior chegasse logo. Queria esclarecer para todos e, principalmente, para si mesmo: — *Não sou um clone defeituoso!*

Uma certa manhã, Binno saía apressado do refeitório quando avistou cinco serviçais mimm carregando sobre almofadas o seu ex-colega bobo-de-treino.

— Bom dia, OXZ — disse o pequenino aristocrata. — Bom dia, Megazila — respondeu Binno, sem emoção. — Desculpe pela minha ausência. Ando bem ocupado.

Na verdade, Binno nem sequer havia notado a falta do príncipe mimm. Mas tentou concluir rápido o assunto.

— Tudo bem. Agora preciso ir.

O príncipe ergueu a mão para Binno, indicando que ele deveria parar. Os cinco serviçais seguraram as pernas do garoto, impedindo que ele caminhasse.

— Ainda não acabamos — o príncipe Megazila cochichava, como se não quisesse que ninguém mais ouvisse o que tinha para dizer. — Em breve pretendo partir deste submarino que vocês chamam de Palácio. Irei encontrar meu pai.

Com as pernas presa, Binno não prestava atenção ao que Megazila falava. Apenas balançava as canelas tentando se livrar daquelas incômodas pessoinhas. Sacudiu uma das pernas com muita força, e um dos serviçais foi jogado até o outro lado do corredor. Com isso, os outros quatro se agarraram muito mais firmes. Binno caiu. O príncipe ignorou o que estava acontecendo e continuou falando:

— Eu carrego 'A Chave'. Ela está comigo agora.

Binno olhou para o príncipe pedindo uma explicação para aquela situação absurda. Megazila mantinha o olhar sério.

— 'A Chave' está sob o cuidado de minha família há dezenas de gerações. Durante todo este tempo, meus antepassados estiveram à procura do Desgraçado. Me alegro em dizer que finalmente o encontrei.

Deitado com as costas no chão e sacudindo o máximo possível as pernas, Binno tentava se livrar dos incômodos serviçais

mimms.

— Que ótimo, Megazila, mas será que você poderia pedir para esses pestinhas... aaaaaii!

Um dos serviçais cravou os dentinhos afiados no joelho de Binno.

— Fique atento, OXZ. O que estou dizendo é extremamente importante — estranhamente, o príncipe ainda cochichava (como se quatro mimms agarrados às pernas de um garoto rolando no chão não atraísse atenção suficiente). O príncipe continuou: — Durante gerações, nosso povo manteve 'A Chave' em segredo, concebendo à família real o direito de ter sua posse. 'A Chave' tem poderes incalculáveis e pode ser usada tanto para o bem quanto para o mal. Por isso, eu precisava ter certeza de que você era o Desgraçado. Agora caberá a você decidir o que deve ser feito.

— Eu? — Binno chutou o ar com força. Dois mimms voaram contra a parede. Outra vez de pé, o garoto falou: — Você está dizendo que eu sou esse "Desgraçado". O que é isso?

— É incrível como você é desinformado. Diz a profecia: o Desgraçado é aquele que será renegado pelos dois lados. Aquele cujos atos serão temidos tanto pelo bem quanto pelo mal. A profecia é clara, OXZ. E, acho que eu não preciso explicar mais nada, não é? Esta profecia acompanha minha família há muitas gerações. Eu tive muito tempo para pensar nela, sei que você é o Desgraçado. Agora cabe a você carregar 'A Chave'.

Com as duas mãos, Binno arrancou com força o penúltimo dos serviçais que estavam grudados em sua perna. Depois, atirou o mimm para cima dos outros três que se amontoavam em um canto do corredor.

— Tudo bem, se a profecia diz que o Desgraçado é alguém que consegue ser odiado por todo mundo, acho que este sou eu mesmo. Mas eu não gostaria de cuidar de nenhuma chave.

— Não é uma chave comum, OXZ. É 'A Chave'.

— E o que ela abre?

— Não sei.



— Como assim, não sabe? De que adianta ter uma chave se você não sabe o que ela abre?

— Nosso povo nunca ousou saber. 'A Chave' guarda segredos de séculos. Ela é capaz de abrir a redenção, o purgatório, o apocalipse... é poder demais para nós. Nunca nos julgamos capazes de administrar tanto poder. Nunca nenhum de meus antepassados quis saber o que ela abria. Seria tentação demais — o príncipe Megazila balançava a cabeça de um lado para o outro, nervosamente. — Não! Jamais... Preferimos a ignorância. Não sabemos o que 'A Chave' abre.

O último serviçal certamente era o mais valente. Binno tentava de todo jeito tirar aquele sujeitinho de sua perna. Depois de insistir por vários minutos com força, resolveu apelar para outra técnica. Com os indicadores, começou a fazer cócegas nas axilas do serviçal. O mimm começou a dar risadinhas e se contorcer, foi a chance de Binno arrancar aquele parasita de sua perna. Depois, atirou o pequenino no monte em que os outros estavam.

— Espere um pouco, Megazila. Vamos supor que eu seja o Desgraçado que a sua profecia fala. O que eu vou fazer com uma chave, se eu não sei o que ela abre?

— Você saberá.

— Como?

— Ah! Isso eu não sei. Já não é minha responsabilidade, problema seu. Peraí, deixa eu pegá-la.

Durante alguns minutos, Megazila passou a revirar as almofadas onde estava sentado.

— Megazila, acho que você vai ter que explicar para as gerações antigas da sua família que perdeu a preciosa Chave.

— Calma, OXZ. Eu sei que ela está aqui, em algum lugar — Megazila já tinha espalhado almofadas para todo canto do corredor.

— Ahá! Achei.

Ele ergueu a mão com um objeto metálico que Binno reconheceu instantaneamente.

— Mas, Megazila, isso não é uma chave. É um disquete.

— Essa é 'A Chave'. Esteve na minha família durante...

— Está bem, está bem, eu já entendi. Mas é um disquete, acredite.

É um disquete cromado. Eu nunca tinha visto um disquete cromado, mesmo assim, continua sendo um disquete. Um simplório e antigo disquete.

— A profecia fala que meu povo deve entregar 'A Chave' ao Desgraçado. Então, agora é sua responsabilidade.

— Olha, Megazila, eu não tenho certeza. Você diz que não sabe o que esta chave abre. Eu sei que isto é um disquete, mas duvido que exista uma máquina aqui no Palácio tão antiga que possa ler isso. Então, não vou ficar com isso não.

— Acho melhor você aceitar o seu destino — Megazila levantou o braço o mais alto que podia e depois estalou os dedos. Instantaneamente, os cinco serviçais se puseram de pé formando um círculo em torno de Binno. Dando cambalhotinhas no ar, claramente nervosos.

— Tá, tá, tá. Tudo bem. Me dá esse disquete aqui. Deixa que eu guardo para você.

Megazila levou o disquete cromado até Binno e o entregou com cuidado, como se fosse a própria coroa.

Binno colocou o disquete no bolso, com displicência.

Megazila sentou em suas almofadas e os serviçais o ergueram rapidamente. Depois, o príncipe falou com um tom cerimonial:

— Lembre-se: você é temido pelos bons e pelos maus. Você é o Desgraçado. Agora cumpra o seu destino. Adeus.

Os mimms foram embora e Binno ficou olhando aquelas criaturinhas estranhas se afastarem.

— Será que sou eu, ou todo mundo aqui é louco?

O evento com os mimms agarrados em sua perna foi difícil de esquecer. Por isso, Binno resolveu procurar a madame Anay para decidir o que fazer com o disquete cromado. Ela ficou maravilhada com aquela "belezinha ancestral", mas não soube como ajudar.

Afinal de contas, era impossível ler um disquete em plena Era de Já Eras.

Depois de virar em um só gole, o segundo tubo com licor-borbulhante, madame Anay falou:

— Nunca conheci um disquete destes. Se for realmente importante, podemos fabricar um leitor para essa belezinha. Mas você precisa me dar algumas semanas, porque eu estou bastante ocupada aqui — ela sacudia uma estranha garrafa que lembrava um champanhe muito maior. — Preciso inventar uma bebida nova. Em breve, os Doutores vão realizar uma celebração muito importante. Quero impressionar.

— Mas o champanhe já foi inventado, Anay.

— Sim, geniozinho. Você é muito engraçado. Estou tentando inventar uma outra coisa. Algo realmente original. Quero inventar a cachaça-ao-contrário.

— Humm — Binno tentou fingir interesse. Mas preferia não ter que ouvir mais explicações. Mesmo assim, madame Anay começou a explicar os detalhes.

— Bom, a cachaça-ao-contrário é uma deliciosa bebida que aumenta a sobriedade. Quanto mais o sujeito bebe, mais sério ele fica. Mais formal ficam os gestos e as palavras, mais ele tem consciência e equilíbrio. Mais ele...

— Ah, que ótimo — Binno tentou distrair a inventora, mas ele sabia que não era fácil fazer madame Anay parar de falar de uma das invenções. — E essa garrafa verde-fluorescente, já pode ser bebida?

— Ah! Não, não, não — A pequenina mulher se aproximou de Binno e tirou a garrafa verde-fluorescente das mãos do garoto, como se fosse explosiva. — Essa bebida foi um fracasso. Eu a chamei de Rajada das Aftas. Foi minha primeira tentativa, preciso jogar isso fora. Exagerei na gaseificação e envelhecimento químico. Um horror. Se eu abrir esta rolha, você não vai ficar dois segundos neste laboratório, o cheiro é horrível.

— Posso experimentar? Acho que vou gostar dessa Rajada das Aftas — Binno provocou a inventora.

— Só se você quiser encher de protuberâncias todo seu sistema digestivo. Você vai ficar cheio de aftas. Desde a boca até o...

— Tudo bem, Anay. Já entendi — de brincadeira, Binno prestou continência à inventora. — Nunca beber o líquido da garrafa verde fluorescente.

O garoto guardou o disquete cromado outra vez no bolso. Tudo o que Megazila havia dito até agora só trazia problemas. Talvez todos tivessem razão, aqueles mimms eram mesmo um povo ultrapassado e desinformado. Disposto a esquecer aquilo, Binno saiu do laboratório.

— Boa sorte com a cachaça-ao-contrário. E não se preocupe com este disquete. Deve ser outra maluquice daqueles mimms.

Outros dias se desenrolaram lerdamente.

Tudo estava tranquilo demais. Era impossível acreditar, mas o fantástico Palácio da Aliança Maior ficou totalmente sem graça.

Mesmo com tudo correndo tão serenamente, não sobrou muito tempo para pensar.

Binno não podia se preocupar com o futuro da Cidade Original ou até mesmo do Grande Oceano. Algo realmente amedrontador estava cada vez próximo: a Prova Maior.

No Pré-Maior tudo estava diferente. Mais exigentes, cada instrutor já tinha o seu jargão:

— É preciso evoluir — aos berros, ensinava Supraleon Mimm, o instrutor do Saber Lógico.

— Abram a cabeça — gritava, entre piripagues, a divertida instrutora madame Anay Cy-ficcion.

— Explore sua gramática interior — dizia o altíssimo instrutor Oswald de Assis, em Saber Verbal.

Em Saber Rítmico, o instrutor Amadeus Hotred não cansava de repetir: — Sintam as batidas de seus corações.

— Dialoguem com os anseios — insistia, a chata Thereza Sigmund durante as aulas de Saber Megapessoal.

— Ouçam seu inconsciente — sussurrava a misteriosa Mayaa Lettal, instrutora do Saber Intuitivo.

— Vamos, se mexam — pedia a melosa Nyx Calypso, enquanto ajeitava suas roupas de lycra muito apertadas.

E assim outras semanas comeram o calendário.

Às vezes, Orion e Binno conversavam rapidamente, cedo da manhã. Normalmente, antes de Kira chegar.

— Binno, esta já é milésima vez que te falo isso. Eu não sei nada sobre Esfera de Hades, pouca gente conversa sobre isso. Ouvia histórias quando era criança, mas o que eu me lembro, já contei — para não falar mais, Orion enfiou um generoso punhado de escamas-de-chocolate na boca. Mesmo usando os enormes óculos escuros, o salva-costas não conseguia esconder as caretas feias que fazia enquanto tentava desgrudar as escamas do céu da boca.

Enquanto servia suco-de-algas-pink nos copos de Orion e Binno, Gabriah cochichou:

— Gerações e gerações de Doutores já definharam diante das maravilhas da Esfera de Hades. Lá não se distingue a verdade do virtual. É o estágio mais avançado da internet. Uma rede virtual tão evoluída que houve uma época em que ninguém desejava viver no mundo real. Todos preferiam padecer diante da rede de computadores. Mas isso acabaria com todas as raças humanas. Por isso, o homem foi obrigado a regredir. A humanidade teve que voltar atrás, teve que esquecer a própria tecnologia — o ajudante de cozinha estava estranhão. Seu olhar refletia a luz rosa do suco-de-algas. — Hoje, nós somos obrigados a usar esta internet ultrapassada e sem graça.

Instantaneamente, os barulhos das mordidas de Orion cessaram. Binno olhou para Gabriah com dúvida:

— Quem te falou isso?— Ouvi por aí. Orion engoliu todas as dezenas de escamas que tinha na boca,

sem mastigar. Depois, perguntou em um tom sério: — Gabriah Obé, onde ficou sabendo tanto sobre a Esfera de Hades?

— Então você já sabia disso?

— Eu disse que ouvia histórias quando era criança. Mas e você? Ninguém te conta histórias para dormir.

— Bom, trabalhando aqui a gente ouve muita coisa.

Binno estava tão curioso quanto Orion. — Vamos Gabriah, para de fazer mistério. Onde você ouviu isso?

— Ah, tá bom. Mas saibam que eu não deveria revelar minhas fontes — ele ajeitou o avental, como se estivesse usando um elegante *red-tie*. — Nos últimos dias, a Doutora Synara Vibbor e aquela sua filha irritante, a Vick, têm vindo almoçar muitas vezes aqui. Elas conversam bastante, sabe. Além disso, é comum que o Mestre Troy Judá se junte a elas para a refeição. E vocês sabem, o Mestre Troy adora ter muitos serviçais à sua volta. O mínimo que posso fazer é ficar por ali, atento.

— Garoto, ouvir a conversa de uma autoridade Maior é falta grave. Você poderia ser expulso do Palácio, sabia?

— Não sei se Troy merece tanto respeito — Binno se intrometeu.

— Quanto a isso, vocês têm razão — Orion enfiou outro punhado de escamas na boca.

— Bom — Gabriah continuou falando, enquanto olhava para os lados à procura do chefe de cozinha —, incrivelmente, a Vick é tão curiosa quanto a gente. E ela vive fazendo perguntas sobre a Esfera de Hades, o Exército Rebelado, Hefesto Xenon e essas coisas.

Quando olhou para trás, Binno tomou um susto. Ninguém viu de onde a Kira tinha surgido. A garota mordeu uma única escama.

— Vocês não acham estranho que a Doutora Synara fale com tanta naturalidade sobre estes assuntos com a sua filha queridinha, não é?

Depois de se recuperar do susto, Binno falou:— Não sei, Kira, pode ser só curiosidade.

— Certo. Mas ela está muito bem informada, não acham? Como ela pode saber tanto sobre a Esfera de Hades, os rebelados e tudo mais? Nem meu pai sabe tanto. E todos do Círculo dos Doutores estão trabalhando muito nestas investigações. Por que ela sabe mais que todo mundo?

Gabriah se encostou no carrinho de lanches e começou a servir um copo de leite-de-baleia para si mesmo. Depois de bebericar o leite, falou:

— Quando eu for um grande líder, não permitirei segredos.

Todos, menos Gabriah, olharam para quem acabara de chegar. Era o chefe de cozinha. O homem cruzou os braços sobre a barriga e balançou o bigode feito um rato. — Para ser um líder você precisa trabalhar.

Distraidamente, Gabriah respondeu antes de beber mais leite:

— Tudo bem, estou preparado.

— Então — o tom sério na voz do chefe de cozinha subiu, se transformando em um incômodo berro —, comece a trabalhar logo!!!

Finalmente, Gabriah notou que seu supervisor estava às suas costas. Com o susto, cuspiu uma nuvem de leite sobre Kira, deixando a garota com a cara totalmente branca e molhada.

Com a boca cheia de escamas-de-chocolate, Orion ria e tossia ao mesmo tempo.

Binno queria continuar ali, dando risadas com os amigos. Mas teve que correr para o seu quarto. Aquela era a lei do Mestre Troy Judá e Binno só podia obedecer.

## 16.0

### A Rajada das Aftas

Surpreendentemente, Kira chegou cedo naquela manhã.

Ela nem tinha passado pela entrada do refeitório quando falou: — Hoje é o dia, rapazes.

Orion parou de mastigar os mexilhões para ouvir o que a garota tinha para dizer.

— Papai mandou convidar vocês dois para a cerimônia que acontece hoje no Círculo dos Doutores.

— Princesinha, essa cerimônia vai tratar de um assunto sério. Você tem certeza? — disse Orion, entre uma mastigada e outra.

— Claro que tenho. Você e o Binno devem me acompanhar, agora. — Eu não posso Kira. Você conhece a regra, tenho que voltar para o meu quarto. Não quero ouvir Troy gritar comigo outra vez.

— Eu já pensei em tudo, Binno. Falei com papai e ele acabou com essa regra idiota. Duvido que o Troy vá reclamar de uma ordem do Doutor Ítalo Bella.

— Binno achou que deveria ficar muito satisfeito com essa notícia. Agora não precisaria mais sair correndo do refeitório todas as manhãs. Mesmo assim, não se sentiu completamente feliz.

Orion se levantou e seguiu em direção à porta, apontando o somolho para a frente. Kira esperou Binno e cochichou para o garoto:

— Lembra da Arena da Enguia? Eu não esqueci o que você fez por mim lá. E sei exatamente o que vai fazer você se sentir melhor. Já tomei as providências.

Binno não sabia como reagir àquilo. Kira piscou para ele e deu um sorriso maroto.

— Eu ouvi isso, princesinha — disse Orion, uns cinco metros à frente dos dois.

Os dois ignoraram o salva-costas e continuaram cochichando, Binno falou:



— O que você fez, Kira?

— Só posso adiantar uma coisa, Troy vai ficar alguns meses sem gritar com você.

— Por quê? Seu pai tem alguma coisa a ver com isso?

Kira balançou a cabeça negativamente, ainda com o sorriso maroto no rosto. Depois falou: — Digamos que Troy tem sede demais pelo poder. Isso prejudica a carreira de qualquer um.

A cada frase de Kira, Binno entendia menos ainda.

Finalmente, chegaram na sala do Círculo dos Doutores. Sete cadeiras flutuantes giravam em um movimento perfeito, em pleno ar. Não havia ninguém sentado nelas. Porém, a sala estava repleta de gente. Todas vestidas de modo muito distinto. Pessoas muito esquisitas, mas que já não surpreendiam Binno. A maioria delas usava as tradicionais roupas dos Mestres, ternos e capas verde-escuro.

Em um dos cantos da sala havia uma mesa comprida. Nela estavam dezenas de garrafas grandes que pareciam garrafas de champanhe. Os Mestres se aproximavam da mesa e procuravam a garrafa que tinha o seu nome, em seguida serviam generosas taças e bebericavam enquanto conversavam formalmente com os seus colegas.

Kira e Binno observavam tudo, parados ao lado de Orion.—  
Daqui a pouco os Doutores chegarão.

— Tomara que eles cheguem antes do Troy — disse Binno, preocupado com a reação do Mestre.

Madame Anay entrou na sala. Ela usava uma roupa muito colada no corpo que não combinava nem um pouco com a inventora que Binno conhecia.

— Olá, garotos. Minhas cachaças-ao-contrário estão fazendo sucesso, não estão?

— Estão sim — Kira respondeu amigavelmente. — Essa bebida não vai ser esquecida tão cedo.

— Obrigada. Até mais, queridos — madame Anay saiu caminhando entre os Mestres, sacolejando com classe um tubo de seu estimado licor-borbulhante.

Com o olhar passeando entre todos aqueles poderosos homens e mulheres, Binno encontrou Troy. Ele procurava a garrafa com o seu nome na mesa comprida. Caso ele virasse, certamente veria Binno. Por isso, ele torcia muito para Troy demorar para encontrar sua garrafa.

Mas não adiantou. Troy abriu um feio sorriso quando leu seu nome em uma garrafa um pouco maior, com um líquido verde fluorescente.

De repente, Binno teve a impressão de conhecer aquela garrafa de algum lugar.

Troy abriu delicadamente sua bebida. Binno tinha certeza que já tinha visto aquela cor, verde-fluorescente. Magnânimo, Troy encheu sua gorda taça.

— *Claro! Verde-fluorescente, a primeira garrafa de cachaça-ao-contrário. Madame Anay falou que aquele líquido era horrível. Qual era mesmo o nome que madame Anay tinha dado para aquela garrafa?*

O Mestre Troy Judá cheirou a taça e fez uma cara muito feia. Depois olhou para os lados e viu todos bebendo muito felizes. Então, resolveu fazer o que todos estavam fazendo e emborcou vorazmente sua taça. Não sobrou uma única gota da bebida.

— Já sei! — Empolgado, Binno falou para si mesmo: — Rajada das Aftas, esse é o nome que madame Anay deu para aquela bebida. Ele lembrou dela dizendo: "*Se você beber um gole, vai ter aftas desde a boca até o...*".

O Mestre Troy deixou sua garrafa cair no chão. Coincidentemente, seus olhos encontraram os olhos de Binno. Irado, o Mestre quis gritar. Mas a voz não saiu. Ele pôs as duas mãos sobre a boca e correu para fora da sala.

Binno arregalou os olhos procurando uma explicação. Olhou para Kira. A garota mordida o *piercing* com um sorriso maléfico nos lábios. Depois falou:

— Agora vai demorar bastante até ele gritar com você.

Dentro da boca de Binno, uma grande gargalhada implorava para fugir. Mas, infelizmente, ela teve que ser engolida. Havia muita

gente importante naquela sala.

Finalmente, Binno se sentia completamente leve. Outra vez, estava feliz. Era muito bom ter Kira ao seu lado.

Kira tagarelava e Orion ouvia.

Os Mestres conversavam em rodinhas diplomáticas, bebendo suas cachaças sem moderação, uma taça atrás da outra. E assim, permaneciam muito sérios e quase nenhuma risada era ouvida.

Então, o silêncio se fez.

Entraram os Doutores. Belos, vigorosos, repletos de poder em cada gesto. Suas roupas douradas exibiam o brilho da mais bela joia. Com elegância, executavam passadas determinadas. No rosto, sustentavam um sorriso discreto.

Era a primeira vez que Binno chegava tão perto dos Doutores. Por isso mesmo, era inexplicável a sensação de estar perto de amigos íntimos.

“Quem sou eu para ser amigo de um Doutor” — Binno pensava enquanto admirava os líderes de todo Grande Oceano.

Ítalo Bella, o sábio, guiava o grupo.

Oblax Zoop, o talentoso, exibia sua tradicional simpatia e era o único que apertava as mãos de cada um dos Mestres que se aproximava.

Synara Vibbor, a minuciosa, exibia cabelos azuis que lentamente se tornavam dourados, conforme se aproximava do círculo flutuante.

Aná Raw, a guerreira, era tão baixinha quanto madame Anay. Mas os músculos de sua face indicavam uma mulher forte como peixe-javali. Ela foi a única que precisou dar um pulinho para sentar em sua cadeira.

Kounah Onícolo, o gigante com um único olho, também teve dificuldades para sentar em sua cadeira flutuante. Certamente, aquele louvável móvel não foi planejado para uma bunda tão grande.

Tol Ken, o corajoso, tinha pele e cabelos cinza.

E finalmente, Drag Lobbo, o sensitivo, o último na fila de Doutores. Caminhava com leveza e retidão. Tinha o rosto vermelho

muito maquiado e alisava as próprias sobrancelhas enquanto mantinha o olhar perdido, como se estivesse sozinho no Palácio. Era também conhecido por Doutor Sangue, por conta da sua cor. Sua pele, seus dentes e seus olhos eram vermelhos. Um vermelho sangue. E, sem dúvida, era o mais vaidoso dos Doutores.

Todos os Doutores se ajeitaram em suas poltronas flutuantes, formando um círculo perfeito. Em seguida, o círculo começou a girar como uma roda, a uma velocidade cada vez maior.

— *Eis o famoso Círculo dos Doutores* — Binno se perdia em pensamentos. Estranhamente, lembrou das palavras de Xan T, “o traidor está no palácio”, depois lembrou da explicação de Kira, “só os Doutores e seus hóspedes podem permanecer no palácio durante a noite”. Ele quis afastar estes pensamentos. Mas, ao contrário, eles pipocavam em sua cabeça, como se implorassem para serem percebidos.

O Círculo dos Doutores se movia ainda mais rápido, como crianças brincando de ciranda-cirandinha. Sentados nas poltronas flutuantes, os Doutores se encaravam mutuamente, alternando o olhar de um para o outro. Sem pronunciar uma única palavra, pareciam conversar em silêncio.

Binno queria saber mais sobre os rebelados. Se tivesse tantas informações quanto Synara Vibbor, seria mais fácil encontrar o traidor.

— *Você não está sozinho, Binno. Estamos todos nesta busca.*

Binno olhou para os lados, mas Kira e Orion permaneciam imóveis. Ninguém naquela sala ousaria pronunciar uma palavra.

— *Quem falou?* — pensou Binno.

— *Seus pensamentos não me reconhecem?* — outra vez, a voz. Binno procurava desesperadamente o responsável por aquelas palavras. Mas todos mantinham o olhar concentrado no Círculo.— *Por toda Origem, quem está falando?* — Binno se perguntava.

— *Sou eu, Binno, Ítalo* — a voz respondeu.

Imediatamente, Binno procurou o Doutor Branco no Círculo que girava ainda mais rápido. Encontrou, mas Ítalo Bella encarava os outros Doutores.

— *Como é possível?* — Binno se perguntou.

— *Você ainda não conhecia a capacidade telepática dos Doutores, não é, Binno? Mas fique tranquilo, há muito tempo para você aprender tudo sobre o Círculo* — a voz de Ítalo era estranhamente clara e compreensível.

Perplexo, Binno não sabia como responder àquilo. Ele olhou para Ítalo pedindo uma explicação.

— *Não olhe para mim, Binno. As pessoas saberão que estamos conversando.*

— *Desculpe* — pensou Binno.

— *Não se desculpe. Não há razão para isso* — Ítalo ainda não olhava para o garoto, mas Binno percebia que o Doutor dedicava toda sua atenção a ele. — *Estão debatendo sobre assuntos enfadonhos. Deixe eu te contar uma coisa: lembra-se do evento no shockey? Você e Gabriah se entenderam, sem uma única palavra, mesmo naquela situação extrema. Eu concordo que é algo incomum. Certamente, vocês dois possuem um elo muito forte para alcançar uma comunicação desta natureza sem nenhuma preparação. Mas, é uma demonstração excelente: a telepatia é inerente ao ser humano. Com a prática, é possível se tornar muito hábil nesta atividade. E acredite, garoto, não existe habilidade que os Doutores não conheçam.*

— *Isso é incrível.*

— *Sim, é incrível* — respondeu Ítalo Bella. — *Mas existem muitas pessoas que anseiam ser um Doutor. Mesmo assim, desejo sorte a você, afinal você possui mais vocação que a maioria.*

Uma dúvida preencheu a cabeça de Binno.

— *A resposta é simples, meu jovem.* — Binno ainda não sabia ao certo o que queria perguntar, mas o Doutor Ítalo já tinha a resposta. — *Ser um Doutor é fazer parte do grupo mais poderoso que já existiu. Tão poderoso, mas tão poderoso, que é muito mais fácil se tornar um Doutor que administrar tanto poder. E esta é a menor das tarefas, porque o poder em excesso faz o homem acreditar que é mais poderoso que a própria Origem.*

Para Binno, as ideias de Ítalo ainda não estavam claras. O Doutor concluiu:

— *Alguém que acredita ser mais poderoso que a própria Origem não suportaria a ideia de dividir o poder.*

Agora, Binno compreendeu. — *Então é verdade? O traidor está no Círculo dos Doutores?*

Binno aguardou pacientemente uma resposta que não veio.

Então, observou as poltronas que agora giravam a uma velocidade impossível para os olhos acompanharem. Giravam rápido e com perfeição. Tão rápido que lembravam um círculo de ouro: um gigantesco anel.

Um círculo.

Um anel.

Uma aliança.

Então, o anel dourado que governa o Grande Oceano se dissipou. Aos poucos a velocidade passou a diminuir.

Diminuir. Diminuir. Diminuir.

O círculo estava parando de girar e os sete Doutores eram outra vez visíveis. As poltronas pararam. Todos se puseram de pé.

O Doutor Sangue, Drag Lobbo, o sensitivo, retirou um pequeno espelho de seu bolso e olhou para o rosto vermelho. Depois de ajeitar mais uma vez as sobrancelhas, esticou o braço em direção à comprida mesa das bebidas. Uma garrafa flutuou em sua direção até alcançar sua mão.

Binno arregalou os olhos, sem acreditar no poder daquele Doutor. Imagine “chamar” um objeto e ele “vir” até você, sem nenhum esforço.

Drag Lobbo segurou a garrafa com firmeza. Fez uma pausa para observar as próprias unhas e depois bebeu pelo gargalo. Em um segundo, secou totalmente aquela cachaça-ao-contrário.

Outro Doutor, Kounah Onícolo, o gigante de um único olho, foi o único que falou:

— Senhores, peço desculpas por nosso debate silencioso. Não desejávamos importunar a todos com nossas divergências.

Binno pensou como um homem incrivelmente grande, maior até mesmo que Orion, poderia ter uma voz tão fina. No mesmo segundo, o olho solitário do gigante encarou o garoto. Instantaneamente, Binno se arrependeu de ter pensado aquilo. Com um sorriso, Kounah continuou seu pronunciamento:

— Precisávamos ter certeza antes de fazer o anúncio. Agora, já temos nosso veredicto. A partir de agora, está estabelecido: os Doutores irão iniciar sete Clãs Dourados.

Kira bateu em Binno quando saiu correndo da sala. Orion segurou Binno pelo braço, evitando que fosse atrás da garota. Todos na sala começaram a murmurar, alguns protestavam, outros aplaudiam. Binno cochichou para Orion:

— O que está acontecendo?

— Os Clãs Dourados são a mais poderosa estratégia de batalha do Grande Oceano. Poucas vezes na história os Clãs foram acionados. Isso significa que sete submarinos de guerra devem partir em breve. Cada um destes Clãs será guiado por um Doutor. O Império dos Rebelados está com os dias contados.

— Eles irão sozinhos?

— Os Doutores? É claro que não. Cada Doutor formará um pelotão de Mestres que o acompanharão em combate.

— Bom, se o pai de Kira vai combater o Império, entendo por que ela saiu deste jeito.

— Sim. Ela desconfiava disto há tempos. Estas discussões geralmente duram longos períodos.

Binno lembrou dos dias em que Kira andava triste pelo Palácio. Certamente, ela tinha ouvido alguma conversa de seu pai. Isso também explicava tudo o que Vick Vibbor tinha falado, dizendo que a mãe de Kira morreu porque era fraca e que seu pai ia morrer do mesmo jeito.

Doutor Drag Lobbo ergueu o braço e Binno pôde ver a palma de sua mão, muito vermelha.

— Mestres... Silêncio.

Instantaneamente, todo ruído cessou. Doutor Kounah voltou a falar. Mas Binno foi o único que não ouviu a voz do gigante. Outra

vez, a voz de Ítalo estava em sua cabeça.

— *Binno, se não me engano, você tem um compromisso em minutos.*

— *Uma guerra começará, o Pré-Maior não pode continuar?* — Binno realmente não acreditava que o Pré-Maior seguiria normalmente depois de um anúncio daqueles.

— *Binno OXZ, você tem um compromisso consigo mesmo. Ninguém mais que você deseja passar pela Prova Maior. Essa é a sua responsabilidade. Proteger a Aliança e o Grande Oceano é a nossa. Além do mais, não podemos esquecer de nossas coisas toda vez que o Grande Oceano estiver prestes a acabar. Isso acontece sempre. Confie nos Doutores. A vida precisa continuar.*

Binno resolveu obedecer. Se despediu de Orion e voltou para o seu quarto.

Foram dias que lembravam crocodilos: calmos, silenciosos, perigosos.

Com o anúncio do Clã Dourado, era evidente que uma guerra iria explodir a qualquer momento. Mesmo assim, a vida permanecia estranhamente pacata.

No Palácio, Binno já não via homens engravatados ou turistas. Mas marchavam por ali milhares de soldados em suas armaduras brancas. Também eram frequentes as presenças de Mestres circulando pelos corredores.

Contudo, Orion era o mais aflito. Não havia dúvidas. Ele queria lutar. Era fácil perceber sua angústia e seu nervosismo.

— *Os Graduados são mesmo inúteis* — balbuciava ele para si mesmo.

Kira parecia em choque. Sempre em silêncio, tentava parecer tranquila, mas seu medo era evidente. Era como se tivesse certeza: ia perder o pai, como um dia perdeu a mãe.

Binno e Gabriah, ao contrário, eram pura ansiedade nos primeiros dias. Mas nada acontecia, apenas rumores e fofocas, e com o tempo a ansiedade foi passando e cedendo lugar a um desconforto chato.



Por fim, tudo o que queriam era que esquecessem essa história de Clã Dourado e recomeçassem logo o campeonato de hockey.

Finalmente, a última aula do Pré-Maior chegou. Por um lado, era ótimo. Afinal, as tardes agora seriam livres. Por outro lado, era assustador. Em poucos dias chegaria a temida Prova Maior.

— Hoje, faremos nosso último exercício — sussurrava Mayaa Lettal, com o rosto escondido sobre o denso capuz. — Intuiremos sobre o amanhã de um amigo — como sempre, a voz da instrutora Lettal era estranhamente envolvente. — Quero que pensem em um amigo. Alguém que gostem muito. Depois, vejam algo que acontecerá em um futuro próximo. Busquem a resposta muito além da consciência, na mais íntima e profunda área de suas percepções. Deixem seus pensamentos vagarem por tudo o que envolve vocês, seus passados, seus presentes, suas perspecti...

De olhos fechados e tentando fazer aquilo que a instrutora pediu, Binno sentiu a voz arrastada de Mayaa Lettal se perder no ar.

Se concentrou em tudo o que sabia sobre Gabriah: o que aconteceria com o amigo no futuro?

Estranhamente, lembrou de Orion e todas as vezes que foi salvo pelo Graduado. Lembrou do dia do julgamento, do dia que estava se recuperando no laboratório, do dia que encontrou o gigante deprimido na academia, dos curtos rastafáris, dos óculos enormes. Depois, pensou em tudo o que Orion faria por ele.

Viu o amigo de costas. Muito sangue escorria por seus braços abertos. Pelos músculos de suas costas também corriam trilhas de um sangue quente. Orion tremia.

Um tiro atingiu seu peito, mas Binno não conseguiu ver quem atirava.

Binno viu Orion cair de joelhos e compreendeu: Orion estava usando o próprio corpo como escudo.

Orion estava protegendo Binno. Outro tiro partiu em direção a Orion.

O Graduado não pôde mais resistir.

Caiu.

Com o peito no chão, morreu. Do corpo falecido, uma trilha de sangue correu pelo chão. — *Sangue!!!* Cheio de ira, Binno gritou: — Nããã!

Abriu os olhos.

Estava outra vez em seu quarto, na Estação de Virtualização. A aula havia acabado. A última aula do Pré-Maior. Zonzo, assustado, exausto... Binno foi até sua cama, sem tirar os tênis, deitou de bruços e adormeceu.

No outro dia, Binno olhava fixamente para uma colher.

Não estava nem um pouco feliz. A visão da noite anterior tinha estragado seu dia.

Impressionado com a habilidade do Doutor Drag Lobbo, se esforçava para trazer o talher até suas mãos. Mas a colher parecia ter toneladas e não se movia.

Então, a colher tremeu levemente. Binno ia conseguir!

Gabriah chegou e deu um tapa nas suas costas. A colher continuou parada.

— Binno, já ouviu falar na Profecia do Desgraçado? — Gabriah não conseguia disfarçar o tom debochado.

— Tudo bem, como ficou sabendo?

— Anay me contou. Cara, você se mete em cada história. E a tal Chave, onde está? Quero ver.

— Não está aqui.— Busca ela. Eu quero ver.— Depois você olha. — Busca, pô.— Não. Estranhamente, Gabriah se sentiu contrariado e fechou a cara.

Então Binno falou: — Ontem, no exercício de Saber Intuitivo eu tentei ver o seu futuro.

— Ah, que ótimo. Eu tentei ver o seu, mas só vi você dormindo de tênis.

Binno arregalou os olhos. Gabriah acertou em cheio em sua previsão. Parece que realmente tinha aprendido alguma coisa naquela aula.

— Bom, eu não consegui ver o seu. — Binno lembrou do que viu, mas se esforçou para tirar aquela imagem da cabeça — eu fracassei. Acabei tendo um pesadelo... com o Orion.

— Pesadelo com o Orion? Então devia estar lá aquela ex-namorada dele, a tal nýstica — Gabriah fez uma careta, imitando o que dizia ser uma nýstica.

Mas Binno ainda estava preocupado com o exercício de intuição. — Por que você conseguiu e eu não? Será que sei pouco sobre voc...

E como se tivesse se encostado em uma enguia, Binno tomou um choque. Lembrou de algo muito importante. Ele já tinha pensado nisso antes, mas só agora aquilo parecia realmente óbvio.

— Ei, Gabriah, você lembra que quando nos conhecemos eu confundi você com alguém que eu conhecia?

— Claro que sim. Você me chamou de Gabriel e tentou me socar.

— Pois é, você não acha isso estranho? Pense um pouco, existe alguém idêntico a você em um lugar criado para educar clones?

Gabriah fechou a cara. Instantaneamente, Binno se arrependeu de ter dito aquilo. Desta vez, o garoto parecia profundamente ofendido. — O que você quer dizer com isso? Que minha mãe mandou fazer um clone? Por quê? Ela quer mais alguém para mandar dinheiro para casa? Ou o quê?

Binno foi surpreendido por aquela reação. Não esperava aquilo. Então, continuou em silêncio.

— E você, Binno OXZ. Eu não vejo você preocupado com o seu passado. Nunca vi você tentando descobrir como foi parar em um Internato para clones. É difícil discordar de Troy, não é? Será que ele tem razão? Será que você é um clone?

Os dois bufavam. Nenhum deles falou por segundos. O que estava acontecendo ali? Então, Gabriah derrubou uma bandeja sobre a mesa de Binno e saiu empurrando seu carrinho.

Confuso, com a cara fechada, Binno também saiu do restaurante. Andava pelo corredor quando encontrou Kira e madame Anay.

— Estamos indo até a Garagem Forte. Vamos acompanhar Orion. Ele irá preparar o submarino de guerra para o papai.

— Bom para vocês — Binno respondeu seco.

— O que houve, geniozinho? — A inventora subiu o óclinhos que quase caía de seu nariz.

O garoto tentou disfarçar a raiva:— Você parece mais tranquila, Kira.

— Bom, conversei bastante com meu pai. Ele me convenceu de que é melhor eu esperar para ver. Ele me contou que o Império Renegado está muito fraco. Talvez ele nem precise agir.

— Como assim?

— O Clã já está procurando os rebelados. Cinco Doutores já partiram. Hoje partirá o submarino de papai. Restará apenas o Clã da Doutora Synara Vibbor que irá guardar o Palácio.

Impaciente, madame Anay apressou os dois:

— Exatamente. É bem provável que Vibbor nem precise entrar na guerra. O Império Renegado não tem mais a força que tinha antigamente. Agora, temos que ir.

— Quer vir com a gente, Binno?

— Bom, não tenho nada para fazer.

— Quer convidar o Gabriah? Vai ser divertido. Binno não respondeu. Só moveu a cabeça indicando que não.

— Vocês brigaram?

Binno não respondeu. Kira resolveu não insistir.

Em silêncio, foram até a estação do submaré para encontrar Orion. Porém, o Graduado não estava. Alguém bem menos agradável aguardava em seu lugar.

Com um olhar raivoso, o Mestre Troy Judá recebeu os três. Ele olhou para Binno e ameaçou outra vez gritar com o garoto. Abriu a boca e não conseguiu esconder a dor. Depois, com uma das mãos, tapou a própria boca.

Kira e Anay não pareciam surpresas.

— Você viu o Orion, Mestre Troy? — perguntou madame Anay. Troy apontou, enfurecido, em direção do submaré. Para todos, ficou claro que Orion já tinha ido à frente. Antes de embarcarem, Kira fingiu preocupação:

— Ainda com aftas, Mestre?

Ele concordou efusivamente, apenas movendo a cabeça.

Por algum motivo, Binno achou que não era o único segurando as risadas.

## 17.0

### O sequestro do Polvotrom

No caminho, Madame Anay revelou que via algo especial na ativação dos Clãs Dourados. Finalmente, um de seus maiores rivais seria capturado.

— Ele é um grande inventor, embora tenha um péssimo gosto para chapéus. Mas não tem nenhum escrúpulo, mancha o Saber Espacial com sua cobiça. Vocês acreditam que ele se vendeu para Hefesto Xenon por míseros trocados?

— Como é mesmo o nome dele? — perguntou Kira, que já parecia conhecer essa desavença da inventora.

— É conhecido por engenheiro Luccas. Até onde eu sei, foi nomeado Ministro da Engenharia do Império Enguia. Onde foi parar o bom senso nesta era?

Binno não lembrava de ver madame Anay falar de alguém com tanto desprezo.

Quando a Marémoça anunciou a Estação Garagem Forte, Kira e madame Anay saltaram com pressa do submaré.

Se Kira caminhava rápido, a pequenina madame Anay praticamente corria. O rabo-de-cavalo nos cabelos de Kira balançava de um lado para o outro, enquanto Binno tentava alcançar a garota. Outras pessoas se colocaram entre eles.

Kira e madame Anay fugiram de seus olhos.

Binno estava perdido.

Multidões de soldados vestindo armaduras brancas e marchavam de um lado para o outro.

A Garagem Forte era uma gigantesca caixa no meio do oceano. Os soldados marchavam por tubulações labirínticas e transparentes que permeavam as paredes dessa caixa de aço. Dentro da fabulosa caixa estavam protegidas as embarcações da Aliança Maior. Submarinos gigantesco e quadrados. Outros redondos. Outros compridos como um torpedo. Centenas, talvez

milhares, de submarinos protegidos pelo mais protegida garagem do Grande Oceano.

Binno olhou para os lados à procura de Kira e Anay. Um soldado muito magrinho e desengonçado chamou sua atenção. O magrinho era tão miúdo, que o tradicional uniforme branco dos soldados era largo e desconfortável para ele. Meio cambaleante, o soldado seguiu até um elevador de ar que o sugou até o ponto mais alto da Garagem Forte, o observatório dos sentinelas.

Afoito, Binno foi até o elevador. Lá de cima, talvez pudesse avistar algum conhecido.

Durante a subida, Binno pôde observar melhor a Garagem Forte. Por toda Origem! Aquele fascinante empreendimento de aço certamente possuía o maior aparato bélico do Grande Oceano. Em suas grossas paredes, túneis realizavam infinitas interseções. Era como se fossem veias no corpo humano. Veias transparentes, onde era possível ver milhares, talvez bilhares, de anticorpos brancos que atendiam por outro nome: soldados.

Chegou.

Ali do observatório era possível ver cada um dos tubos por onde circulavam os milhares de soldados.

Observando aquelas multidões, Binno descobriu rapidinho que encontrar Kira e Anay não seria uma tarefa nem um pouco fácil.

Então, resolveu ir atrás do soldado magrinho. Ele entrou em uma sala escura — *Lá deve ser o observatório da Garagem Forte.*

Quando se aproximou da tal sala, Binno percebeu que de lá vinha uma música pulsante e repetitiva.

Binno correu atrás do magrinho. Quanto mais próximo da sala ele chegava, mais alta a música parecia.

Pulsante e fascinante e repetitiva e repetitiva e repetitiva. Pulsante e fascinante e fascinante e repetitiva e repetitiva. Pulsante e fascinante e fascinante e fascinante e repetitiva. Pulsante e...

Binno abriu a porta. A música fascinante preenchia a cabine.

Quase não existia iluminação ali dentro. As centenas de equipamentos de segurança emitiam raios de luz que se cruzavam como estranhos arco-íris psicodélicos.

Embalados pela música e pelas luzes, o soldado magrinho e seu colega dançavam despreocupadamente.

Então, pelos monitores de segurança, Binno viu toda a tubulação labiríntica ser vedada de uma única vez.

Pequenos botões de emergência emitiram luzes vermelhas ao mesmo tempo.

Letras nervosas indicaram: TUBOS ISOLADOS.

Ainda pelos monitores da sala de segurança, Binno viu os milhares de soldados se aglomerarem como formigas que tiveram seu caminho bloqueado.

— Ei. Alguma coisa está errada — Binno gritou para os dois soldados da sala de segurança. Mas eles não se importavam, continuavam dançando de forma enlouquecida.

Um dos sentinelas finalmente percebeu que Binno estava ali. Ele se aproximou do garoto e falou:

— Olha, aqui nunca acontece nada. As máquinas fazem tudo sozinhas. Todos esses bobocas.. — ele apontou para o monitor e, como se tivesse notado o caos que acontecia nos tubos somente agora, soltou uma risada esquizofrênica. — Viu o que eu te falei? Esses bobocas não servem para nada. Os computadores é que mandam aqui.

— Mas está acontecendo alguma coisa — Binno gritava muito alto, era impossível falar, a música repetitiva tinha um volume absurdo.

— Olha, não podemos fazer nada. Os computadores é que mandam. O velhote nos deu estas pílulas. A gente não precisa se preocupar.

A música continuava. Pulsante, fascinante e repetitiva.

O soldado magrinho se aproximou de Binno e mostrou um punhado de pílulas azuis-piscantes.

Outra vez, Binno foi o único a olhar para os monitores. Um deles mostrou a saída para submarinos ser aberta.

— Não se preocupe, garoto. O computador vai resolver isso. Além do mais, o que a gente pode fazer? Vamos curtir.



O soldado sorria feliz, indiferente a tudo o que acontecia naquele instante. Olhou com tranquilidade para Binno e ofereceu uma pílula azulpiscante.

— Isso vai fazer você se divertir. Quer?

A música continuava. Pulsante, fascinante e repetitiva.

Binno olhou para a linda luz daquela pílula.

Pulsante, fascinante e repetitiva.

A música alta era intermitente e era relaxante. Era como mergulhar em uma deliciosa piscina de som.

Sobre a mão do jovem magrela, a pílula brilhava.

No chão, as sombras dos dedos do soldado criavam um fabuloso espetáculo.

O jovem mantinha um estranho e simpático sorriso.

Era incrível, o magrela estava inexplicavelmente feliz.

Pulsante e fascinante e fascinante.

Como seria bom ser feliz como aquele soldado. Não pensar na briga com Gabriah. Não lembrar das acusações feitas por Troy. Não carregar a culpa por destruir a paz na Cidade Original. Não ter a obrigação de passar por uma prova. Não pensar na estranha visão que teve com Orion...

— Não, obrigado — respondeu Binno, depois de acordar de um transe absurdo.

Os monitores mostravam todas as saídas da Garagem Forte abertas. Os dois sentinelas permaneciam alheios ao caos.

No meio de tantas luzes, um pequeno ponto vermelho chamou a atenção de Binno.

Um ponto de luz do tamanho de um polegar estava projetado no seu coração.

Assustado, Binno acompanhou o feixe de luz que cruzava toda a extensão da Garagem Forte.

Uma linha reta e contínua, como uma ponte que ligava o observatório dos sentinelas ao outro extremo daquela fabulosa caixa de aço.

De um lado da linha de luz vermelha, o peito do garoto.

Do outro lado, um vulto que atormentaria a imaginação de Binno por muitos anos.

O outro lado da Garagem Forte ficava há quilômetros de distância. Mas havia alguém lá.

Alguém apontando aquela luz para o peito de Binno. A uma distância tão grande era impossível compreender aquela figura. Quem era aquele vulto?

Mesmo enxergando praticamente uma sombra, Binno teve a estranha sensação de saber muito bem quem era. Era como se estivesse diante de um pesadelo repetido, algo que não podia dominar, mas conhecia muito bem.

A luz vermelha continuava a apontar seu peito.

Podia sentir o calor daquele olhar. Como se ele e aquele vulto estivessem ligados por algo muito maior do que uma linha de luz vermelha.

Binno respirou fundo, tentou não acreditar no que seus instintos diziam. Mas era impossível não ouvir aquele pensamento que gritava dentro de sua cabeça. O pensamento insistia, Binno resistiu enquanto pôde. Finalmente se deixou convencer: o homem que agora tinha seu coração sobre a mira era Hefesto Xenon.

Um abraço.

Alguém envolveu Binno com um abraço protetor. Agora era impossível olhar para o vulto de Hefesto.

Ouviu-se um estouro.

O corpo caiu sobre Binno, depois rolou para o lado. Era Orion Sirineu.

Binno olhou em direção ao vulto de Hefesto Xenon, ele havia sumido.

Olhou para Orion, desacordado. Nenhum ferimento havia sobre o peito do Graduado, mesmo assim ele não se movia.

— Ele foi atingido nas costas!

Com muito esforço, Binno tentava virar aquele corpo pesado, mas não conseguiu. Binno lembrou de seu pesadelo.

— Ele usou o próprio corpo como escudo. Suas costas foram atingidas. Não, pela Origem, não.

Um longo tempo passou. Foram alguns minutos, mas para Binno pareceram horas.

Ofegantes, Kira e madame Anay chegaram na sala.

Binno não havia notado, mas sua respiração estava trancada há muito tempo. Agora respirava aflito. Ajoelhado no chão, segurava a cabeça de Orion.

— Ele perguntou por você — Kira tinha a voz trêmula. — Dissemos que você tinha se perdido e ele correu para cá. Viemos atrás dele.

Madame Anay se abaixou para examinar Orion. — Por toda Origem, o que está acontecendo? As externas foram abertas e os soldados, trancados nos túneis. É como se os computadores tivessem vida própria. — Ela apertava o pulso do Graduado com força.

— Olhem — Kira apontava para os monitores dos sentinelas. — Estão roubando o Polvotrom.

— O que é isso? — Binno olhou rapidamente, depois fixou outra vez os olhos em Orion.

— É a maior máquina de guerra dos rebelados. Uma espécie de submarino, com tentáculos de titânio. Achei que fosse impossível roubar o Polvotrom, só um homem pode pilotar aquele submarino — Kira não escondia a aflição.

— Hefesto Xenon — Binno respondeu com raiva.

— Como você sabe?

— Ele esteve aqui. Foi ele quem atirou em Orion.

Madame Anay se levantou e tomou três de seus licoresborbulhantes, um atrás do outro. — Nessas horas, preciso aumentar a dose.

Depois, a inventora tirou um remédio de sua bolsa. — Orion sabia o que estava fazendo. Tem ouvidos incríveis, deve ter percebido o zunido do laser que fazia a mira e interceptou o tiro. Provavelmente um arco-de-bolhas-de-calor. Normalmente essas bolhas são letais, mas ele ficará bem, eu acho. Vou acordá-lo.

Kira fez uma cara feia quando madame Anay colocou o remédio na boca de Orion. Segundos depois, o gigante levantou

assustado.

Agora Binno pôde ver as costas de seu salvador. Havia um buraco provocado pelo calor do laser em sua roupa prateada. Através do buraco, Binno viu o colete de aço amassado.

— Graças a toda Origem.

— É bom ouvir sua voz, Binno. — Orion parecia atordoado. Mesmo assim, consciente de tudo o que estava acontecendo.

— Orion, outra vez você salvou minha vida. Muito obrigado.

— Eu não fiz nada — o gigante se levantou, e meio zozzo apoiou as mãos sobre os ombros de Binno e madame Anay. — Você só está vivo porque o rebelado se assustou. Para ele, você é o pior dos inimigos.

— Eu?

Madame Anay e Kira também não entendiam o que Orion dizia. Ainda meio atordoado, o Graduado explicou:

— Ninguém conhece ele tão bem. Você é o único capaz de prever as ações daquele bandido.

Binno continuava incrédulo.— Isso é um absurdo. Eu nem conheço o rosto dele.

— E quem te contou que foi Hefesto quem atirou?

Binno ficou em silêncio — *quem me falou?* — Estranhamente, o garoto sabia que tinha sido Hefesto Xenon, mas como? O que estava acontecendo?

— Você sabe muito mais do que imagina. Você conhece cada detalhe da personalidade daquele homem. Você destrinchou tudo em um código e o transformou em um IA, esqueceu? Eu sei, você já disse centenas de vezes que não planejou nada, simplesmente acordou com o código na cabeça. Mesmo assim, você conseguiu compreender este sonho e transformá-lo em um IA. acredite: ele tenha medo de você. Você conhece Hefesto Xenon tanto quanto ele mesmo. E isso deixa o líder dos rebelados muito apavorado.

A música já havia acabado há muito tempo. Mesmo assim, os dois sentinelas continuavam dançando sem nenhum controle.

Durante alguns segundos, o grupo observou o absurdo daquela situação. Mas Binno mantinha os pensamentos distantes,

tentava entender como seria capaz de prever as ações do maior inimigo que a Aliança já teve.

De um segundo para o outro, descobriu que sabia exatamente qual seria o próximo passo de Hefesto Xenon.

— O Palácio.

— É claro — madame Anay virou mais um licor-borbulhante. — Se ele conseguiu usar os computadores da Garagem Forte para trancar os soldados, pode fazer o mesmo com o Palácio. Agora que recuperou o Polvotrom, por que não destruir a casa dos Doutores?

— Mas ele terá que enfrentar a Doutora Synara Vibbor. Ela está guardando o Palácio — Kira tentou ser otimista, mas nem ela conseguia acreditar no que estava dizendo.

Ao mesmo tempo, todos correram em direção ao submaré.

\*

A marémoça anunciou a estação Palácio da Aliança Maior com um tom de voz amedrontado. Ainda no submaré, todos viram que algo estranho havia acontecido.

Inclinado, o valente submarino da Aliança Maior demonstrava ter resistido ao ataque do inimigo.

Já dentro das ruínas do Palácio, era possível ver o terrível estrago que alguns minutos de ataque fizeram. Paredes queimavam. Vidros estavam quebrados. Objetos destruídos espalhado pelo chão.

Orion mantinha a calma.— Acho que não houve vazamentos. Ficaremos bem.

Depois de alguns passos, madame Anay avistou alguma coisa. — Por toda Origem — ela correu à frente de todos. Kira e Binno correram atrás dela. — Meu querido. O ComputAtor estava jogado embaixo de entulhos chamuscados.

Dentro da tela azul, o homenzinho imitava um soldado ferido, com uma faixa ensanguentada na cabeça.

— Foi terrível. Eles vieram pelos flancos. Não houve resistência. Lutei sozinho, mas eram muitos — o homenzinho fingiu um desmaio.

— Ufa. Ele está bem — madame Anay respirou aliviada.

— ComputAtor, eu tenho uma pergunta — Kira falou rápido. Imediatamente, o homenzinho se pôs em posição de sentido. — Onde está o Clã Dourado encarregado de proteger o Palácio?

— A notícia do ataque à Garagem Forte chegou até nós. Então, a Doutora Synara reuniu todos os Mestres e partiu para o combate. O Palácio ficou desprotegido e fomos surpreendidos, o Polvotrom invadiu nossas defesas e alguns rebelados entraram no Palácio. Não houve resistência.

— Como assim não houve resistência? E o computador central, os portões de isolamento? — Era a primeira vez que madame Anay contestava uma afirmação de sua invenção mais querida.

— Fomos invadidos. IAs rebelados entraram na nossa rede. Os computadores não puderam executar suas tarefas. Com computadores em pane, tínhamos tanta defesa quanto um peixinho dourado.

— IAs rebelados? — madame Anay parecia não acreditar no que ouvia.

— E o que eles queriam? Por que fugiram? — perguntou Kira.

— Os rebelados procuravam um pequeno objeto. Interrogaram todos que encontraram. Mas não acharam, por isso levaram um refém.

Sem correr, só agora Orion alcançou o grupo. — Que objeto procuravam?

— Um objeto que meus registros desconhecem — o homenzinho agora usava óculos pequeninos como os de madame Anay e folheava uma porção de livros ao mesmo tempo. — Eles chamavam este objeto de 'A Chave'.

Binno engoliu aquilo em seco. 'A Chave', aquele disquete idiota sem importância, agora estava sendo procurado por Hefesto Xenon e seus rebelados.

— Você falou que eles fizeram um refém? — Binno tentava os pensamentos organizados.

— Exatamente. — ComputAtor, por acaso você sabe o nome deste refém?

— Mas é claro que sei. É um grande amigo seu, infrator.  
Atende pelo nome de Gabriah Obé.

## 18.0

### Entre raios e beijos

Sete Clãs Dourados formavam o mais devastador exército que o Grande Oceano já conheceu. Cada Clã Dourado era liderado por um Doutor da Aliança Maior.

Naquele momento, seis submarinos dourados percorriam o Grande Oceano à caça de Hefesto Xenon, seu mortal Polvotrom e seu Exército Rebelado.

Um único Clã Dourado continuava no Palácio, protegendo a base da Aliança Maior.

Orion estava de volta à Garagem Forte, ajudando na reorganização do lugar.

Segundo ordens do próprio Doutor Ítalo Bella, Kira, Binno e madame Anay continuavam no Palácio, sob a proteção da Doutora Synara Vibbor e seus Mestres, entre os quais estava Troy Judá e seus cabelos lambidos.

No refeitório, Binno repetia pela décima vez a mesma frase: — Se a gente não tivesse brigado, ele estaria aqui agora. Kira continuava em silêncio. Já tinha cansado de dizer para o amigo que a culpa não era dele — podia até ser pior — dizia. — Mas Binno não dava atenção.

Depois do ataque do Polvotrom, o Palácio irritantemente inclinado, feito uma mesa de sinuca em uma escada.

Todas as mesas tinham escorregado para o mesmo canto do refeitório. Sentados em cima de uma destas mesas, os dois conversaram até Kira não aguentar mais de tanto sono.

— Certo, Binno, vou dormir. A gente não ajuda em nada zumbizando por aí.

Aquele lugar já tinha sido incrível, agora era só um monte de entulhos. Mas Binno continuou ali, na penumbra das sombras noturnas, por muito tempo.



Depois, passou a caminhar pelos corredores escuros, sem rumo. Viu uma pequena placa no chão. Ela dizia: DIRETOR DO PALÁCIO.

Então, Binno notou a porta entreaberta. Dentro da sala do Mestre, duas pessoas conversavam.

— Você tem que encontrar 'A Chave' — dizia uma voz fria e cheia de raiva. A voz continuou: — Temos que cumprir nosso acordo com Hefesto, não podemos fracassar.

— Eu sei disso, Synara. O que você acha que estou fazendo? — uma voz que Binno conhecia muito bem falava com dificuldades. Era Troy Judá e suas aftas. — Enquanto você foi à Garagem Forte, eu procurei em todos os cantos do Palácio, mas ainda não encontrei.

— E esse mimm? Por que você não arranca uma resposta dele?

— Eu estou tentando, mas o Megazila é um nobre. — Troy deu uma risadinha sarcástica. — Os nobres não entregam seus seguidores.

— Então 'A Chave' está aqui no Palácio?

— Sim. E acho que sei quem está com ela.

De repente, os dois pararam de falar. Troy caminhou até a porta e apontou seus olhos pretos para os dois lados do corredor.

Em um canto escuro, Binno prendia a respiração para não ser visto. — É estranho, sinto a presença de...

— Volte aqui, o mimm está acordando — chamou a voz fria da Doutora Synara Vibbor lá de dentro da sala.

Pelo lado de dentro, Troy trancou a porta com violência.

Binno voltou a respirar.

Aos poucos, as lâmpadas do Palácio começaram a reacender.

Eram as primeiras luzes de um dia tortuoso. As notícias não podiam esperar. Binno batia com força no quarto de Kira. Finalmente, a garota abriu a porta.

Minutos depois, já estavam no laboratório de madame Anay — Geniozinho, você tem certeza de que ouviu tudo isso? — afoita, a

inventora falava enquanto vestia um casaco sobre a camisola de rendas. Ela usava uma comprida touca de dormir.

— Certeza absoluta. Synara e Troy têm um acordo com Hefesto Xenon. Será que é difícil de entender isso? — nas veias de Binno, a adrenalina era incontrolável.

— Tudo bem, tudo bem. Vamos pensar. O que vamos fazer agora? Kira estava igualmente nervosa.

— Onde está essa chave?

Binno tinha guardado o objeto mais disputado do Grande Oceano. Mas agora, não tinha a menor ideia de onde estava.

— Deve estar em algum lugar do meu quarto.

— Então, vamos para lá — madame Anay vestiu seus tênis de corrida, sem se preocupar em vestir outra roupa.

Os três estavam saindo quando a porta do laboratório fechou — Dancinha da Engrenagem — tentou madame Anay, com as mãos no joelho.

Nada aconteceu. A porta continuava fechada. — *Um IA rebelado está controlando o Palácio!*

Ao mesmo tempo, os três pensaram a mesma coisa. Mas só Kira teve coragem de falar.

— O Palácio está do lado da Vibbor?

— Eu acho que sim — respondeu madame Anay, com a voz muito baixa.

— Vocês duas estão malucas?

— Eu também não quero acreditar — madame Anay deixava seus pensamentos tomarem voz. — Agora faz sentido a fuga do Polvotrom, eles instalaram um IA no comando do Palácio. Depois deram o fora. Somos reféns de um IA rebelado.

A ventilação do laboratório ligou de repente. E um ar muito quente passou a encher a sala. Todos já estavam suados quando madame Anay teve uma ideia.

No colo de Kira, Ewó começou a latir.

— Já sei o que fazer. — A inventora pegou alguns tubos de ensaio coloridos e jogou na porta fechada. — Vocês dois, se

escondam atrás do balcão. Isso vai ser um pouquinho perigoso — segurava o último tubo de ensaio ainda na mão gordinha.

— Anay, você está juntando esses elementos para fazer...

— Nitrobum — madame Anay completou a frase de Kira e pulou para trás do balcão. Binno mal teve tempo de fazer o mesmo quando ouviu a explosão.

A inventora encheu uma bolsa com dezenas de tubos com licor-borbulhante, devidamente fechados. Bebeu um deles, em um só gole. Depois correu na frente, sendo seguida por Binno e Kira.

Eles correram o mais rápido que puderam.

Conseguiram chegar no quarto de Binno.

Os três começaram a revirar o lugar inteiro. Na verdade, o quarto já estava uma bagunça, mas eles pioraram as coisas.

Ewó sumia embaixo das montanhas de roupas e só conseguia sair depois de asfixiantes minutos.

Então, Binno encontrou sua velha calça cinza com listras azuis e manchada de sangue: a calça do Internato.

Olhou no bolso e encontrou um cartão transparente.— Humm. Isso vai ser útil.

Guardou o cartão e continuou procurando.

— Achei! — gritou Kira. Ela segurava o disquete cromado como um troféu. — E agora, o que a gente faz? — Imediatamente, a garota ameaçou abrir o disquete com as mãos.

— Não. Isso tem que ser lido em um computador. E eu sei onde fazer isso.

— Onde? — madame Anay agora vestia uma calça de Binno por cima da camisola.

— No último lugar do mundo onde existe tecnologia antiga.

— Você está pensando em voltar para aquele Internato horrível?— Kira guardou o disquete no bolso.

— Parece que não tenho escolha.

— Isso é loucura — Kira sentou em um monte de calças e camisetas jogadas no chão. — Todos os computadores estão sendo comandados por um IA maluco que quer matar a gente. Por isso, se a gente entrar no submaré, ele explodirá antes que a gente pague

a passagem. E, se sairmos daqui, o computador do Palácio irá avisar Hefesto Xenon. Ele nos alcançará em horas. Não existe nada mais rápido do que o Polvotrom.

Binno estava de pé em cima da cama inclinada. Madame Anay caminhava de um lado para o outro do quarto. Os três sabiam que tinham pouco tempo para encontrar uma solução. Minutos preciosos passavam. Enquanto isso, eram vigiados por um IA rebelado que assumiu os controles do palácio. Este IA podia ver e ouvir tudo. Binno sabia que não existia um jeito de sair do Palácio sem serem vistos. Era como se estivesse outra vez sob os milhares de olhos da Big Mãe. Tinha que fugir dali, mas como? Não existia nada capaz de fugir dos tentáculos do terrível Polvotrom. — *Não existe nada mais rapid... ou existe?*

— Já sei! — o garoto deu um grito que assustou a inventora. — Você está enganada, Kira. O Polvotrom não é a máquina mais rápida do Grande Oceano.

— Como assim?

— Se eu falar, o computador do Palácio vai ouvir. — Binno fez um sinal pedindo para as duas acompanharem seus passos.

Já nos corredores, não pouparam fôlego.

Correram como loucos pelos labirintos do Palácio. Finalmente, chegaram ao elevador de ar onde Binno nunca mais pensou que desceria. Aquele foi o dia mais apavorante da vida do garoto. Outra vez, estava no calabouço.

Kira mal encostou os pés no chão e falou.— Detesto este lugar repulsivo.

No seu colo, Ewó deixava sua estranha baba escorrer até o chão preto do calabouço. Binno conhecia muito bem aquele lugar mal iluminado. Antes do seu julgamento, tinha passado um tempo ali. Um tempo muito curto, é verdade. Mas, foi tempo suficiente para conhecer alguém difícil de esquecer.

Do fundo de uma das celas, uma voz arranhada falou.

— Mas quanta honra. Não mereço visitantes tão ilustres. — O pirata Spike Spy deu alguns passos em direção à luz e mostrou sua face assustadora. — Principalmente esta bela senhora vestindo

camisola e calças largas, para qual ainda não tive a honra de ser apresentado.

Spike estendeu a mão para madame Anay, suas unhas longas e sujas assustaram a inventora. Mesmo assim, ela estendeu a mão lentamente através das grades.

O pirata galanteador a beijou. Em seguida, sorriu abertamente.

Madame Anay puxou sua mão assim que viu os dentes de brilho cromado do pirata.

— Tenho um fraco pela prata — disse ele, ainda com um sorriso no rosto.

Binno se aproximou do pirata, olhando fixamente em seu único olho humano.

— Precisamos fugir daqui. Você precisa nos ajudar.

— Binno OXZ, o garoto que cresceu em terra firme, é um prazer revê-lo. Ninguém mais do que eu gostaria de sair daqui. Mas, você sabe, lá fora as mulheres me perseguem e...

Binno interrompeu o pirata.— O futuro da gente depende da sua ajuda.

O pirata ajeitou seu chapéu cromado e sorriu com apenas um lado da boca. — Confesso que sair desses aposentos estava mesmo passando pela minha cabeça. — O pirata passou a mão na própria barriga, com um formato levemente arredondado. — Também já estou ficando um pouco cansado deste lugar. É hora de experimentar um novo cardápio. Temos um plano?

— Bom, pegamos o seu submarino e fugimos.

— Simples assim? — O pirata soltou uma risada rasgada. — O meu submarino tem um nome: Zum Voador. O mais rápido e mais ágil submarino já construído. Você acha que uma belezinha dessas fica estacionada na calçada?

— Ele só pode estar na Garagem Forte — Kira pensou em voz alta.

— Exatamente, garotinha magra. — Com um sorriso irônico, o pirata encarou os olhos raivosos de Kira.

— Então não adianta nada. Como iremos tirar um submarino da Garagem Forte? — Kira virou as costas para o grupo e começou a caminhar para o elevador. — Desistam.

— Bom, podemos roubar — respondeu Spike, com braços apoiados confortavelmente nas grades de seu cárcere.

Então, uma voz grossa às costas de Binno surpreendeu a todos. — E roubar você faz bem, não é?

Todos olharam para o lado mais escuro do calabouço. Só agora eles viram que a outra cela estava ocupada. Alguns homens vestindo preto e mal-encarados se apertavam no espaço muito pequeno.

Uma mulher desgadelhada, com uma enorme cicatriz atravessando o rosto, encarava Binno. Ele reconheceu os prisioneiros, eram os cangaceiros. Lembrou da perseguição no banhado dos cactos. Aquele dia, Orion salvou sua vida. Mas hoje o gigante não estava ali.

Com uma voz arranhada e tranquila, Spike respondeu à acusação do mais forte dos homens de preto:

— Ei. Fique calmo amigo. Não foi um roubo. Foi apenas um desentendimento.

Os cangaceiros olhavam com gana para o pirata. Estava claro que queriam arrancar os dentes do Mandíbula de Prata.

— Andou trapaceando, Spy? — Kira perguntou.

— Bom, em um lugar como este você precisa estar bem alimentado. Tudo o que fiz foi convencer eles a me darem o seu almoço. — Spike deu de ombros. — Inventei uma história sobre comida envenenada, nada demais. — O pirata se gabava orgulhoso, como se contasse que tirou notas boas na faculdade.

Então, todos se assustaram. As grades levantaram e as celas foram todas abertas ao mesmo tempo.

Em seguida, um alarme tocou.

As grades baixaram, antes que alguém pudesse fugir. — *Bug! O Palácio já deve saber que estes idiotas querem o meu pescoço* — Binno constatou .

— O computador quer abrir as celas, mas o sistema de segurança quer impedir — exclamou madame Anay.

— Amigos, eu tenho uma ideia. — Com a mão mecânica, Spike chamou Kira para perto. Mesmo desconfiada, ela foi até o pirata. Então, ele segurou firme o braço da garota. Ewó começou a latir com raiva. O pirata ignorou o cãodróide e gritou para os cangaceiros:

— Eu entrego para vocês este perfeito espécime de carne, em troca de perdão.

Os cangaceiros se olharam, em dúvida.

Em seguida, o líder concordou.

A mulher com a cicatriz atravessada no rosto não tirava os olhos de Binno.

Outra vez as grades subiram.

Os cangaceiros correram para cima de Spike.

Agilmente, ele jogou Kira para cima do grupo de cangaceiros e saiu de perto dos inimigos.

O alarme outra vez tocou e as grades caíram em menos de um segundo.

Agora, Kira estava presa junto com os cangaceiros. Na antiga cela do pirata Spike Spy.

Os outros estavam livres.

Ewó latia corajosamente para o homem de preto que segurava Kira. — O que você fez, idiota? — madame Anay tentou esmurrar a cara de Spike. Mas ele se esquivou com agilidade e segurou o pulso da inventora.

— Amigos, tenho outra proposta — Spike falava com tranquilidade e simpatia, enquanto se esquivava dos chutes de madame Anay. — Que tal trocar esta magrinha que vocês têm aí, por esta deliciosa gordinha que tenho aqui?

Mais uma vez, o líder olhou para os companheiros, em seguida concordou.

As grades subiram outra vez.

Sorrindo, Spike usou a mão mecânica e fez um sinal para que os cangaceiros entregassem Kira.

Eles atiraram a garota. Binno tentou segurar Kira, mas os dois caíram no chão.

Spike ameaçou empurrar madame Anay.

O líder dos cangaceiros abriu os braços para agarrar a inventora.

Mas Spike não empurrou ninguém. Todos se olharam com dúvida.

O alarme tocou e instantaneamente as grades baixaram.

Agora só os cangaceiros estavam presos na ex-cela do pirata.

— Vamos crianças, o que estão esperando? — gritou Spike Spy, já subindo pelo elevador de ar.

Os outros foram atrás dele.

Lá em cima, em um dia comum, os principais acessos do Palácio estariam repletos de turistas, funcionários, soldados, burocratas... Mas hoje, definitivamente, não era um dia comum.

No amplo túnel, apenas quatro pessoas e um cãodróide corriam em direção à saída do Palácio. Binno e Spike corriam na frente.

— Como sabia que eles aceitariam a troca? — perguntou Binno.

— Quem disse que eu sabia? — respondeu o pirata.

Sem ar. Pararam próximos ao fabuloso, e agora catastrófico, quarto de Binno. O homem tentava recuperar o fôlego, apoiando a mão mecânica no joelho.

Madame Anay se aproximou com um risinho no rosto.— Você é mesmo um cavalheiro astuto.

— Muito obrigado, mademoiselle — respondeu Spike, ainda ofegante.

Madame Anay desmanchou o sorriso. Depois, enfiou um soco na cara do pirata. O sujeito caiu estatelado no chão.

— Espero que aprenda a nunca mais chamar uma distinta mulher de gordinha.

Ela passou caminhando pelo homem caído como se fosse um tapete. Em seguida, Kira também pisou com suas pesadas botas no



pirata, ignorando seus lamentos.

Madame Anay entrou no cômodo, seguida de Kira e do cambaleante Spike Spy.

Todos estavam no quarto de Binno.

— E agora? — Kira perguntou.

— Vamos entrar, precisamos de um plano. Megazila está na sala ao lado. Precisamos tirar ele dali. — madame Anay caminhava aflita pelo quarto. — Deixem eu pensar... Aproveitando que o senhor Spy é um excelente ladrão de ninharias, penso em fazer o seguinte: primeiro o Binno bate na porta de Troy. Depois eu e Kira fingimos que... ei, cadê a Kira?

Ela havia sumido.

Binno foi até a porta e espiou para fora. A garota havia ligado seus patins flutuantes e agora deslizava silenciosa, para dentro da sala de Troy.

— Ela já entrou — Binno arregalou os olhos.

— Por toda Origem, Troy é um criminoso. Ele vai pegá-la e.. — Anay tapou a própria boca para evitar o que ia falar.

— Eu vou lá — Binno abriu uma fresta na porta para espiar, mas viu os cangaceiros farejando o ar.

Eram homens e mulheres escrotos que mal pareciam humanos. Caminhavam como urubus desajeitados, farejando o ar e espalhando um odor podre de ganância e egoísmo.

— Eles estão aqui — Binno fechou a porta com cuidado. Esperou alguns segundos e resolveu espiar mais uma vez. Nesse momento, o líder dos cangaceiros chutou a porta de Troy e invadiu a sala. — Eles entraram.

No quarto, todos faziam silêncio enquanto ouviam barulhos terríveis. — *Explosões?* — Binno pensou. Era como se uma guerra estivesse acontecendo na sala ao lado.

De repente, alguém batia com força na porta. Madame Anay e Spike Spy tomaram posição de ataque.

Binno abriu a porta.

Do lado de fora, os olhos arregalados do pequeno Megazila quase saltavam para fora das órbitas. Uma mordaca prendia sua

boca. Ao seu lado, Kira ostentava uma expressão de desdém.

— Quem é a poderosa? — perguntou ela se gabando de seu feito, enquanto deslizava para dentro do quarto. Depois continuou: — A gente aproveitou que aqueles brutamontes chegaram e saímos de fininho. E agora?

As estranhas explosões continuavam na sala de Troy. Pelo jeito, o Mestre não estava se dando muito bem com seus visitantes.

Nos calcanhares, o grupo saiu daquele perigoso corredor. Depois, correram muito em direção à plataforma de embarque do submaré.

Desta vez, Kira era a mais rápida. Mas a aflição do grupo era tanta que ninguém ficou muito para trás.

O túnel do submaré já estava aberto.

Em breve, o mais fascinante dos transportes públicos chegaria cheio de gente esquisita. Mas hoje, ninguém desceria para visitar o Palácio da Aliança Maior. Ruínas até podiam ser interessantes, mas, naquela situação, não tinham nada de seguras.

Os últimos hóspedes do Palácio aguardavam o submaré ansiosamente. Todos queriam fugir daquele caos. Entre eles, estavam os atletas dos Salmões Palacianos.

Eder, Athos, Batys e Kanu cochichavam nervosamente. Mas quando Binno viu Cybele, notou que ela mantinha os olhos fixos nos seus. Nas costas, a garota trazia uma mochila enorme.

Aquele era o momento para tomar uma decisão. Se Binno entrasse no submaré, colocaria em risco a vida de todos que estivessem a bordo. Se ficasse ali, todos seus amigos corriam ainda mais risco de vida. Olhou para as escotilhas para expulsão de detritos processados. — *Como seria bom se eu pudesse fugir por ali.*

Instantaneamente, Binno teve uma ideia.

Aquele não era um bom momento para ser tímido. Por isso, tomou coragem e se aproximou da garota.

— Oi.

— Oi — respondeu a atleta. Os lábios de Cybele eram realmente muito grossos. Se moviam de modo lento e preguiçoso.

Úmidos, refletiam a luz e brilhavam. A intensidade do brilho distraiu Binno por alguns instantes, antes que ele voltasse a falar.

— Você poderia me emprestar o seu equipamento mais uma vez?

Desconfiada, ela tirou a mochila das costas e alcançou para Binno. Incrédulo, olhou mais uma vez para os lábios grossos de Cybele e não falou mais nada.

Vestiu o uniforme de shockey, em seguida o capacete. Logo depois, foi à área para expulsão de detritos processados.

Abriu uma escotilha.

Ouviu um grito histérico da inventora: — Geniozinho, o que você vai.. — Ele não deu atenção ao grito e continuou.

Um vácuo poderoso sugou suas mãos.

Em seguida, jogou todo seu corpo sem pensar. Enquanto era sugado pela escotilha, Binno não conseguia acreditar no que estava fazendo. Talvez aquele fosse o ato mais estúpido que já tivesse cometido em toda sua vida. Mas era difícil raciocinar com clareza no meio de tanto caos: um IA rebelado dominando o palácio, Troy enlouquecido, os cangaceiros assassinos, os lábios de Cybele... estava voando. Seu corpo foi expulso do Palácio como um detrito indesejado.

Estava solto no Grande Oceano.

Como um astronauta a esmo no espaço, Binno se viu flutuando no infinito das águas.

Olhou até onde as luzes do Palácio alcançavam.

Agora, tudo era silêncio.

O chão firme parecia não existir mais.

Com o respirador do capacete de shockey, sabia que teria oxigênio o suficiente para nadar mais de meia hora.

Então, saiu em busca de algo que não via há muito tempo.

Ele sabia que o Palácio estava nas mais profundas águas do Grande Oceano. Por isso, o solo não podia estar muito longe.

Nadou com toda velocidade que conseguia. Mas não era nem um pouco rápido. Definitivamente, natação não era seu forte. Lá em cima, seus amigos estavam à mercê do caos, dos cangaceiros,

de Troy e de um IA rebelado que dominava o computador do Palácio.

Nas profundezas das águas, Binno procurava a terra.

Nadava, nadava e nem sinal do solo — *Por toda Origem.* — A terra não podia estar longe.

As luzes do Palácio já não alcançavam aquelas águas. Agora, tudo era escuridão. A cada braçada, seus braços estavam mais fracos e cansados. Então, sentiu uma pancada em seus dedos. Uma das mãos havia batido no solo.

Os dedos doeram muito. Mas Binno não lamentou. Dentro do capacete, sorriu.

Puxou o cartão transparente que tinha guardado em seu bolso. Depois, tentou enterrar no solo.

Mas, não conseguiu. Ali, só havia rochas.

Na escuridão, procurou desesperadamente por um mínimo espaço de terra. Não encontrou.

Ele já viu Orion fazer aquilo uma vez, depois da fuga de flutueiras no banhado dos cactos. Não havia alternativa. Tinha que ser assim. — *Se eu não estiver louco, este cartão é um transmissor.*

Não havia mais tempo. Tinha que fazer aquilo imediatamente. Então, encontrou uma fenda. — *Vai ser aqui mesmo.*

Do jeito que conseguiu, colocou o cartão na fenda e esperou. Impaciente, contava os segundos.—*Eu não entreguei nenhuma gorjeta. Ele não pode demorar.*

De repente, sentiu um pequeno tremor na água escura. Algo emergia das rochas.

O tremor aumentou. Binno nadou para cima, tentando fugir daquela erupção.

Uma bolha com luz azul foi expelida do chão.

A bolha foi em direção a Binno e ele não conseguiu fugir.

Foi atropelado.

Subiram a uma velocidade incrível.—*Onde isso vai parar?*

Subiram, subiram, subiram.

Em poucos segundos, a bolha azul já havia invadido a estação do submaré no Palácio.

Binno foi arremessado para cima dos jogadores de shockey.

— Quem foi o idiota que colocou o cartão-chamador em uma rocha? — gritou o estranho homem azul de dentro da bolha azul.

As poucas pessoas que aguardavam o submaré olharam com aflição para o sujeitinho. Eder, o zagueiro brutamontes, deu um passo atrás com medo daquela feia careta azul. Outro que teve medo foi Ewó, que correu para o colo de Kira. — Pessoal — Binno se levantava, ajudado por Batys —, eu quero apresentar Ernest e seu fantástico subtáxi.

Dentro do subtáxi, o motorista mexia o maxilar inferior, raspando os enormes dentes de castor. — Ótimo, eu quero a janela. — Spike correu para dentro do subtáxi. Logo atrás dele, entrou madame Anay que agora segurava o ComputAtor debaixo do braço.

Desajeitado, Binno caminhou até Cybele. Estava entregando o uniforme de shockey para a atacante quando ela perguntou.

— Vai salvar a Aliança Maior outra vez?

Sem jeito, Binno não respondeu. A garota continuou:— Aquele dia no jogo contra os Anfíbios, foi muita coragem sua. — Eu tive sorte, essa é a verdade — Binno evitou mirar os olhos da garota.

— Desejo muito mais sorte para você — Cybele segurou com firmeza a cintura de Binno. Puxou o garoto para perto de seu corpo. Depois, beijou Binno demoradamente.

Na verdade foram poucos segundos, quase um selinho, mas a partir daquele dia sempre que Binno conta essa história, ele diz que foi demoradamente.

Durante aqueles segundos, Binno não pensou em Ernest com o taxímetro ligado, nos cangaceiros que chegariam a qualquer momento, no Palácio dominado por um IA rebelado. Binno só pensou: — *E o Gabriah não está aqui para ver isso! Ele tinha que ver.* — Ninguém ia acreditar, ele estava beijando a famosíssima Cybele Síria.

— Seus amigos chegaram — Batys cutucou Binno. O garoto ainda se sentia meio zozzo.

Lá no fundo do corredor, uma batalha incrível acontecia.

Troy lançava, através de seus dedos, raios de energia para cima da mulher desgadelhada. O grupo de cangaceiros tentava atingir o Mestre, mas ele jogava um para cada lado, como se fossem de papel.

— Por toda Origem, então é possível — Binno ficou de boca aberta quando descobriu do que o Mestre Troy era capaz.

— Vamos logo geniozinho! — gritou madame Anay.

Ele correu para o subtáxi. Todos se espremeram dentro da bolha transparente.

Com a cara fechada, Kira não olhava para Binno. O garoto não entendeu por que ela estava agindo daquele jeito.

— Cavaleiro azul, vamos para a Garagem Forte, por favor — Spike Spy pediu com toda sua gentileza interesseira.

— Desculpem, mas para levar tanta gente vou ter que ligar bandeira seis — respondeu Ernest, olhando para o grupo pelo espelhinho retrovisor.

— O quê? — madame Anay foi interrompida. Um dos raios de Troy atirou a mulher desgadelhada em cima do subtáxi. — Tudo bem, tudo bem. Mas vamos rápido — disse a inventora, olhando com medo para a mulher no lado de fora do veículo.

O subtáxi partiu e Binno ainda tentou olhar para Cybele. Ela e os outros jogadores entravam no submaré que agora chegava na estação.

Troy e os cangaceiros continuavam sua batalha absurda.

Dentro do subtáxi, todos dividam o mesmo alívio silencioso. Mas Kira ainda se negava a olhar para Binno.

Então, ouviram murmúrios ofegantes. Era o pequeno príncipe.

Já estavam no meio da viagem e só agora notaram Megazila lutando para arrancar a mordança que ainda fechava sua boca.

Madame Anay e Binno se olharam, pensando se deveriam ajudar. Resolveram deixar ele assim. Juntos, seguraram o mesmo

riso: o príncipe mim era muito mais simpático em silêncio.

## 19.0

### O Clã de Prata

Finalmente o subtáxi emergiu no interior da área de desembarque daquela fabulosa caixa de aço, a Garagem Forte.

Já nos primeiros segundos, os passageiros desejaram ter continuado embaixo da terra: o vulto de um gigante bloqueou a luz e tornou tudo sombra.

Corajoso, Ewó latiu para o dono da sombra.

Um homem com quase três metros, portanto uma arma letal, estava em frente dos refletores do observatório.

— Olha lá, o Orion — gritou Kira, apontando para o gigante assustador.

Madame Anay e Binno respiraram aliviados ao reconhecer o dono da sombra.

— Lá está minha belezinha. — Na direção oposta, o olho mecânico do pirata Spike Spy estava totalmente esticado, lembrando uma luneta. Entre as centenas de submarinos que estavam na Garagem Forte, ele havia encontrado o seu Zum Voador.

Em um só gole, madame Anay bebeu um tubo de seu licor-borbulhante logo que Ernest mostrou o preço da corrida. — Seu explorador. Assim que a inventora pagou, o grupo de passageiros deixou o subtáxi e entrou na tubulação labiríntica que dava acesso a todos os lugares da Garagem Forte.

O motorista azul levou seu veículo outra vez para baixo da terra. Sozinha, a terra encobriu o buraco sem deixar nenhum vestígio na área de desembarque.

— Sujeitinho estranho aquele seu amigo dentuço, não acha garoto? — disse o pirata, mostrando seu sorriso prateado.

Binno não respondeu, ficou imaginando se alguma vez na vida Spike já tinha visto um espelho.



Megazila continuava tentando tirar a mordaga. E corria para não ficar para trás.

O grupo chegou no observatório dos sentinelas.

Lá, se aproximaram de Orion. O Graduado segurava uma imponente e estranha arma, era uma mistura de revólver com espingarda, mas ao invés de cartuchos de pólvora era carregada com pequenas seringas cheias de líquidos brancos.

Curioso, Megazila tentou ver de perto a arma. Caminhou lentamente, apostando que não seria notado.

— Alguém tão corajoso e com passos tão leves só pode ser o pequenino príncipe mimm — disse o Graduado, sem fazer nenhum movimento. — Não se aproxime, alteza. É um Aplicador, muito perigoso.

O Aplicador possuía um tambor com dezenas daquelas seringas com líquido branco. Além disto, sobre o peito de Orion dois cinturões formavam um xis. Esses cinturões portavam outras dezenas daquelas pequeninas seringas.

— O que tem nessas seringas? — perguntou Kira, tão curiosa quanto Megazila.

— São dardos para aplicação a distância, princesinha.— Certo, e o que tem nestes dardos?

— X-Ofídio. O mais mortal dos ácidos. Pode derreter uma baleia em centésimos de segundo depois de tocar sua cauda. Kira arregalou os olhos observando o Aplicador de Dardos. Megazila esticou o braço outra vez, tentando tocar a arma.

Orion repetiu a mesma frase. Agora com a voz bem mais alta.

— Pode derreter uma baleia em centésimos de segundo, depois de tocar sua cauda.

Todos entenderam: era a hora de encerrar as perguntas.

Depois de explicarem por que o pirata Spike Spy estava ali e contar tudo que estava acontecendo para Orion, o grupo teve que repetir cada frase que tinham ouvido naquele dia.

Foi quando madame Anay resolveu ajudar o príncipe Megazila a se livrar da mordaga. E, como esperado, ele passou a

falar sem parar. Disparava palavras mais rápido do que o Aplicador dispara dardos. Contou tudo o que aconteceu nos dias que esteve preso em uma gaiola, dentro da sala de Troy. Contou sobre os maus-tratos, das refeições mal temperadas, do ar-condicionado mal regulado, falou de tudo. Finalmente, concluiu:

— ... Mas, nunca ouvi nada demais. O Mestre Troy só aparecia naquela sala para fazer perguntas. A única visita que ele recebeu foi a Doutora Synara. E vocês já sabem tudo o que ela falou naquele dia.

Madame Anay segurava o Computador nos braços como se protegesse um filho. O homenzinho dentro da tela azul imitava um bebê, deitado, encolhido e chupando o dedão.

Mesmo sem poder ver, Orion parecia estar atento ao horizonte enquanto falava.

— Algo está errado. Eu sempre soube que Troy era um estúpido, mas nunca imaginei que seria um rebelado. Ainda não temos todas as respostas. Mas é arriscado esperar, precisamos descobrir o que esta chave guarda.

— Não temos escolha, temos que acessar um computador que leia disquetes — Binno se viu impressionado com o tom confiante da própria voz.

— E existem computadores assim?

— Sim, existem. Em Utoppy.

Silenciosamente, Orion saiu do observatório dos sentinelas. Com exceção dos resmungos de Megazila, o grupo seguiu o Graduado sem pronunciar uma única palavra.

Durante cansativos minutos, caminharam através das tubulações da Garagem Forte, passando por muitos soldados da Aliança. Homens altos em suas imponentes armaduras brancas, atentos a todo movimento.

Finalmente, chegaram.

Pararam perplexos diante do famoso Zum Voador, “o mais rápido submarino do Grande Oceano”, como Spike gostava de dizer.

A sensação estava muito longe de ser das melhores. O submarino lembrava um calhambeque dos mares. Era torto e feio. E

era o menor na Garagem Forte.

— Agora vocês vão descobrir o que é navegar — gabou-se Spike Spy, estalando os dedos da mão mecânica.

— Depois da primeira gracinha, você só vai acordar na câmara de desoxigenação — disse Orion, enquanto apertava o ombro de Spike com força.

— Calma lá, ô morceção. Eu estou colaborando. Depois que vocês usarem a tal chave, espero que a Aliança perdoe minhas pequenas distrações.

— Distrações. Você é um pirata. A Aliança nunca vai perdoar você — Kira não conteve o grito. Ewó, também latia com raiva para Spike. — Além do mais, com essa lata velha, o Polvotrom vai alcançar a gente antes que você suba a âncora.

— Se eu fosse você, torceria para estar errada. Afinal, os rebelados vão adorar cuidar da filha de um Doutorzinho. — Com um sorriso sarcástico, Spike entrou no seu amado Zum Voador.

Não havendo alternativas, o grupo seguiu o pirata Spike Spy. E pior, agora aquele prepotente ladrão dos mares era o capitão.

A primeira coisa a dizer sobre o interior do Zum Voador é que ele possui proporções muito diferentes do magnânimo Palácio da Aliança. Naquele submarino pirata, tudo era centenas de vezes menor. O salão de entrada, por exemplo, era um salão simples e sem nenhuma graça. Uma escada reta levava para uma marquise absolutamente inútil. Para que serviria uma marquise de frente para a porta de entrada? Realmente, aquele salão de entrada não tinha nenhuma graça.

Porém, o Zum possuía uma luz incomum.

Encantado com aquele brilho, Binno foi até uma das paredes internas e tateou sua superfície. Depois, percebeu que Orion estava repetindo o mesmo gesto.

— É prata — constatou o Graduado, passando o dedo na parede. — Por isso é tão resistente aos ácidos.

— Uau. — Megazila olhou para a parede como se fosse uma obra de arte.

Ewó saltou do colo de Kira, correu até uma porta estreita e urinou na parede. Depois saiu correndo por um comprido corredor. Kira correu atrás dele.

— Marujo Anay, preciso de sua colaboração. — Sorrindo, o pirata se dirigiu para a cabine de comando sem olhar para trás.

Ainda segurando um ComputAtor dorminhoco nos braços, madame Anay seguiu seu comandante. Mas a inventora não estava nem um pouco feliz por estar recebendo ordens.

Depois de alguns segundos, Binno viu Orion brincando com um conhecido cartão verde entre os dedos.

— Você ainda não abriu a resposta dos Mestres?

— Ainda não — respondeu Orion, enquanto bufava cansado.

— E vai abrir?

— Acho que não tenho escolha. Nossa expedição depende disto.

— Como assim? — Megazila se intrometeu na conversa.— Bem, pequeno príncipe, este é um submarino apreendido pela Aliança. Os Graduados não podem mexer nas coisas da Aliança. Se eu não tiver sido aceito no Círculo dos Mestres, não tenho permissão para levar o Zum Voador.

— Tudo bem, você foi aceito. É só abrir o cartão para confirmar — Binno tentou passar otimismo em sua voz. Mas Megazila não escondeu a careta de desânimo.

Orion respirou fundo.

Com certeza, nada em todo o Grande Oceano assustava mais aquele homem enorme do que o simples cartão verde que segurava nas mãos.

— Garotos, vocês já ouviram o canto da baleia-luminosa?— Sim— os dois responderam ao mesmo tempo.

— As baleias-luminosas são cegas. O ácido dos oceanos queimaria seus olhos se elas os tivessem. Não enxergam absolutamente nada. Por isso, elas cantam. Seu canto passeia nas águas e rebate nas superfícies sólidas. Graças a um poderoso sonar, elas reconhecem o ambiente através seus ouvidos. Sua pele é resistente como um metal nobre, mas seus ouvidos são

extremamente sensíveis. Elas captam o som quando ele rebate. Quando elas cantam, elas veem.

— Legal — Megazila não controlou o impulso de falar. — Mas também é irônico, não acham? Afinal de contas, as baleias-luminosas emitem luz. Ou seja, elas iluminam as águas profundas por onde passeiam e são vistas facilmente por qualquer animal. Porém, elas não veem a própria luz. São incrivelmente gigantes, fortes e iluminadas. Mas não são perfeitas, são cegas.

Binno fez um sinal pedindo para Megazila parar de falar.

Orion sentou no chão desanimado.

— Mas elas são bonitas — Megazila tentou animar o ambiente.

— Orion — Binno segurou uma das mãos do amigo —, pode abrir o cartão.

Megazila também segurou a mão com luva-sem-dedo de Orion. O gigante balançou sua mão. Os dois soltaram na hora.

— Ok. Fiquem atentos à cor do vapor. Se for verde, iremos para a maior aventura que o Grande Oceano já viu. Com os dedos grossos, Orion quebrou o cartão no meio.

Binno arregalou os olhos o máximo que pôde, tentando enxergar o vapor antes mesmo que ele saísse. Megazila fazia a mesma coisa.

— *Seja verde, por favor. Seja verde. Seja verde.*

O cartão finalmente começou a emitir gazes. Lembravam a fumaça de uma panela muito quente.

O vapor tinha a cor prata.

— É prata, que m... — Megazila não completou a frase.

Mordeu os próprios lábios.

O cartão emitiu uma voz mecânica.— Honrado Graduado Orion Sirineu. Depois de avaliar exaustivamente o seu pedido, decidimos não atendê-lo. Você não está capacitado para subir a um nível hierárquico tão importante. Mas, ainda tem a honra de ser um Graduado da Aliança Maior. Parabéns.

Com raiva. Orion jogou os dois pedaços de cartão na parede. Instantaneamente, eles se transformaram em vapor.

Depois de respirar fundo, o Graduado falou:— Tudo bem. Eu já sabia que a resposta era essa.

Os garotos ficaram parados, em absoluto silêncio.

Foi um silêncio pesado. Nem mesmo Megazila conseguia falar.

Mas Binno sabia que o peso daqueles segundos era muito maior sobre os ombros de Orion.

O Zum Voador começou a se mexer.

— Parece que o Capitão Spike não está muito preocupado com as regras, Orion — disse Megazila, se escorando na parede reflexiva do Zum.

— Eu não posso permitir. — O Graduado apontou seu somolho para todos os lados e depois seguiu em direção à cabine de comando.

Desolado, Binno não queria aceitar aquela derrota. Olhava fixamente para o próprio reflexo na parede do Zum Voador. Precisava pensar em alguma coisa. E rápido.

— Espere — a mais óbvia das soluções brilhou para Binno. — Você disse que as paredes deste submarino são de prata?

— Sim. — Orion não se virou, apenas parou de caminhar. — O pirata Spy é um apreciador da prata. Não reparou nos dentes dele?

— Certo. E você é um Graduado de Prata?

— Com certeza.

— E 'A Chave' é de prata! — Megazila gritou eufórico. Binno reagiu com surpresa, ele nunca havia percebido isto.

— Tudo bem garotos, onde vocês querem chegar?

— Eu só estava pensando no que deve fazer um Graduado de Prata em uma situação de emergência como esta.

Orion pareceu entender o recado e correu para a cabine.

O chão do submarino tremia com as pesadas passadas do Graduado. Binno e Megazila correram atrás dele.

Lá, o comandante Spike estava debruçado confortavelmente sobre o timão. Enquanto isso, madame Anay suava para apertar algumas dezenas de botões.

— Ah. Finalmente o morcegão chegou. Pensei que eu teria que derrubar aquele portão com um torpedo — disse Spike, entre bocejos.

— A Garagem Forte explodiria essa velharia bem antes disso. — Orion parecia estar pensando em algo importante.

O submarino continuava em movimento lento. Então, uma voz ecoou no interior do Zum Voador.

— Parem este veículo, ou serão atacados.

Binno reconheceu a voz. Era um dos sentinelas que outro dia estava dançando como um retardado no observatório. Era a voz do soldado magricela.

— Eu sou o responsável por este veículo. Orion Sirineu, Graduado de Prata.

— Ora, ora, Orion Sirineu, o famoso Graduado que nunca desiste — o tom de deboche era evidente. Continuou:

— Primeiramente, peço desculpas. Mas o IA que cuida da Garagem Forte enlouqueceu e eu fui encarregado de comandar as portas de saída pessoalmente — era fácil perceber a ironia do soldado. — Ilustríssimo Graduado, você sabe melhor do que ninguém: somente Mestres e Doutores podem retirar veículos da Garagem Forte.

— E o Hefesto Xenon, que saiu daqui com o Polvotrom — Megazila cochichou em um tom brabo. Madame Anay o reprimiu pedindo silêncio.

— Sim, conheço as regras — Orion mantinha o tom formal na voz. — Esta é uma situação de emergência. A Aliança Maior corre perigo. E, por isso, o Círculo dos Doutores criou o primeiro Clã de Prata da história. Não podemos revelar detalhes, soldados. Esperamos colaboração.

Houve alguns segundos de silêncio. A expressão de madame Anay misturava surpresa e confusão. A voz do sentinela magricela voltou a ser ouvida.

— Mas eu nunca ouvi falar em um Clã de Prata. Isso não pode estar certo. Além do mais, este é um submarino pirata. Pertence a um criminoso.

— Ele foi cuidadosamente escolhido pelos Doutores. É perfeito para o nosso clã, afinal de contas ele é... bom, ele é... — Orion respondeu inseguro — de prata.

O soldado não conseguia esconder o tom surpreso na voz.

— Tudo bem, deixe eu fazer a averiguação.

Indeciso, demorou a falar novamente. Alguns minutos se passaram até que uma enorme risada tomasse conta do rádio. Ao fundo da voz do sentinela, outros soldados também pareciam rir debochadamente.

Só neste momento, Kira chegou na cabine onde todos estavam. A voz do soldado pôde ser ouvida outra vez.

— Desculpe, “Graduado-que-nunca-desiste”. Mas você sabe que os sensores da Garagem Forte me mostram a ficha de todos que estão neste submarino velho. Não sei quem vocês acharam que iriam enganar. Nunca existiria um Clã, mesmo que fosse de Prata, com tripulantes tão desqualificados.

— Do que você está falando? — disse Orion em um tom mais baixo.

— Bem, não quero parecer arrogante, mas a Aliança jamais confiaria uma missão a vocês. Tudo o que os sensores mostraram foi um capitão vagabundo, um clone defeituoso, uma maluca cheia de invenções sem sentido, um mimim com mania de grandeza e uma patricinha com câodroidezinho de estimação. E o pior: todos protegidos por um Graduado cego e velho. Mais uma vez peço desculpas. Mas não posso acreditar na história que vocês me contam, então se entreguem antes que eu bombardeie este submarino caindo aos pedaços.

Orion travou por um segundo, certamente ele não havia previsto aquilo. Mas aquele segundo de hesitação foi suficiente para Kira responder à sua frente.

— Você não olhou direito a nossa ficha, soldado. — Kira tirou a franja que escondia seu olhar, e o castanho de seus olhos pareceu brilhar mais que as paredes do Zum. A determinação na sua voz lembrava uma líder falando ao seu subordinado. — Quem eu vejo aqui é o Capitão Spy, o mais rápido piloto do Grande Oceano. Binno



OXZ, reconhecido mundialmente por sua genialidade lógica. Anay Cy-ficcion, a inventora mais talentosa de toda a Era de Já Eras e seu ComputAtor, o mais avançado respondedor de perguntas já inventado. Além disso, contamos com a diplomacia do príncipe Megazila, autoridade máxima do importantíssimo povo mimm. E todos nós estamos sob a proteção de Orion Sirineu, o maior Graduado que a história já conheceu. — Em meio à empolgação de Kira, Ewó latiu eufórico. — Ah! E ainda temos Ewó, um farejador incomparável.

Sinistros segundos de silêncio passaram.

O soldado parecia ter perdido sua arrogante voz.

As risadas debochadas ao fundo também cessaram.

Kira mantinha o olhar brilhante e a concentração irretocável. Megazila parecia louco para falar, mas madame Anay mantinha o olhar firme em cima do pequenino.— E a senhorita quem é? — perguntou a voz trêmula do soldado. — Sou Kira Bella. Única filha do Doutor Ítalo Bella, o sábio. Se quiser, podemos chamar meu pai para resolver esta questão.

De modo eficiente, o soldado respondeu com pressa:— Me desculpem, eu não achei que jamais fosse possível...

— Estamos na Cidade Original. Aqui o impossível não existe — falou madame Anay, sorrindo para Kira.

— Bom — a voz do soldado magrela agora tinha outro tom —, realmente não encontrei nenhum problema. Acho que este é o Clã mais interessante que a Aliança Maior já formou. Desejo sorte a vocês.

— Obrigada — respondeu Kira.

Todos vibraram em silêncio. Madame Anay abraçou Spike com alegria. Depois, quando se deu conta do que tinha feito, deu um tapa na cara do pirata.

Em seguida, pelos vidros da cabine, foi possível ver os portões de aço da Garagem Forte se abrirem.

Kira foi até perto de Orion. Com a mão que vestia sua comprida luva, segurou a mão do Graduado.

— Papai ficará orgulho de você.

Pensativo, Orion batia seu somolho lentamente na própria cabeça.— Ou então me expulsará da Aliança, princesinha.

Spike movimentava o leme com habilidade. Enquanto isso, o Zum Voador se movia intrépido, como um peixe que alguém devolve para o oceano.

As horas passaram sem surpresas. Cansado, o grupo resolveu dormir.

Apenas Spike continuava cantarolando, manobrando o leme habilmente com uma das mãos e segurando uma gorda garrafa de rum com a outra.

O conforto nos aposentos no Zum Voador não chegava nem perto dos luxuosos quartos do Palácio da Aliança.

As camas pareciam gavetas que saiam das paredes. Para o pequenino Megazila era uma cama digna de um príncipe. Mas para todos os outros, eram apenas gavetas fofas e apertadas.

Alguns já estavam dormindo quando Orion tirou seu casacão e sacudiu com força. Seria impossível para o Graduado dormir em uma daquelas gavetas. Por isso, ele ia fazer um saco-de-dormir improvisado. Mas antes de estender seu casaco no chão, um pequeno papel voou de seu bolso e planou até perto de Binno.

Era uma foto.

Nesta foto, Binno pôde ver uma mulher de pele negra e cabelos encaracolados. Ela usava um leve vestido azul. Seu rosto bonito revelava uma expressão de paz.

— Esta foto... Eu já vi esta mulher. — Binno tinha certeza que conhecia aquele rosto.

— A foto está aí? — No silêncio da noite, Orion caminhava sem o somolho, com dificuldade, em direção ao garoto.

Então, um detalhe na foto fez Binno tomar um susto. A mulher usava um colar de cordas verdes entrelaçadas. Eram diferentes e estranhos tons de verdes. Mas os tons naquele colar, não brigavam, dançavam calmamente.

— Este colar... — Binno não conseguiu terminar a frase.

— Este colar foi um presente. Eu comprei para ela quando se tornou uma Mestra.

— É o meu colar — mesmo com todos dormindo, Binno não conseguiu falar baixo. — Está guardado embaixo da minha cama no Internato. É o meu colar. Ela é a mulher que eu vi nos sonhos. É a minha mãe.

Agora Orion estava ao lado da gaveta de Binno. Ele se ajoelhou para conversar com o garoto e falou em um tom muito baixo.

— Ela foi uma das maiores Mestres que a Aliança já teve, Liége Sirineu, minha querida irmã. Ela morreu junto com a mãe de Kira.

Calmamente, Orion retirou a foto das mãos do garoto. Sem acreditar no que estava ouvindo, Binno falou:

— É a minha mãe. Eu sonhei com ela.

— Eu sei Binno, eu sei. Quando ouvi sua voz pela primeira vez senti algo familiar. Por isso, fiz de tudo para acompanhar você. Era difícil acreditar que o filho de Liége tinha ido parar naquele lugar.

Binno sentiu litros de lágrimas se sacudirem por trás de seus olhos. Então, para não chorar, fechou os olhos e, cego como Orion, ouviu a voz grave do Graduado.

— Mas a nossa convivência acabou com as minhas dúvidas. Quando ela morreu, você foi enviado para Utoppy. E ele fugiu.

— Quem?

— Seu pai.

— Quem é meu pai?

— Não sei. Eu nunca soube. Ela disse que na hora certa me contaria, mas nunca contou.

Binno silenciou suas perguntas. As dúvidas eram tantas que se enrolavam na cabeça. Tinha tanta coisa para perguntar que as palavras se derretiam e se transformavam em silêncio.

Queria chorar. Mas, aquela era a maior alegria que já tinha sentido em toda vida. Mesmo com os olhos fechados, deixou seu sorriso abrir imensamente.

Em todas suas lembranças, Binno se sentia incompleto. Faltava alguém. Uma família. Finalmente, agora havia alguém.

Um tio.

Binno pensou naquele tio que acabava de ganhar. Se pudesse escolher qualquer pessoa em todo o Grande Oceano, não teria dúvidas, ia escolher Orion.

O Graduado passou a mão na cabeça de Binno e caminhou até seu casaco-saco-de-dormir.

Binno continuava com os olhos fechados. Mas o sono parecia distante como a terra seca.

Era impossível cochilar.

— *Eu tenho um tio!*

## 20.0

### A Prova Maior

Um beijo tocou a boca de Binno.

Mesmo surpreso, ele soube exatamente o que fazer quando viu Cybele Síria à sua frente. Alguns pássaros cantavam com vigor quando a linda atleta sorriu. Como um experiente amante, Binno beijou a garota.

Foi um beijo longo e apaixonado. Bem diferente do primeiro, lá na saída do Palácio. Binno sentia o abraço apertado de Cybele. Forte como se a garota quisesse prender seu amor. Era a paixão que apertava os dois corpos.

De repente, um cheiro horrível invadiu aquele lugar maravilhoso. Um cheiro putrefato e sujo.

Então, quebrando a sinfonia dos pássaros, uma voz agitada gritou:

— Vam'bora, vam'bora — Binno reconheceu o agudo da voz de Kira. — Eu não quero estragar o romance. Mas é hora de levantar. Binno abriu os olhos e deixou seu sonho ensolarado para trás.

Estranhamente, continuava a sentir o abraço apertado. E o odor podre ainda pairava no ar.

— Por toda Origem, quem fez isso? — disse Kira, com uma voz fanha, enquanto fechava o nariz com uma das mãos.

Só agora totalmente acordado, Binno percebeu que não estava sozinho na cama. Deitado no sentido contrário a ele, com os pés no travesseiro e a cabeça na outra ponta, Spike abraçava as costas de Binno com as pernas, enquanto se entregava aos próprios sonhos.

— O que você está fazendo na minha cama? — Binno ficou de pé em um pulo.

— Quem disse que a cama é sua? — em cada palavra, o bafo do pirata poluía ainda mais o ar.

Ainda com o nariz fechado, Kira falou:— Vamos, Binno. Hoje é o dia. É bom se apressar.

— *Hoje? A Prova Maior é hoje? Por toda Origem, eu não lembrava disso.* — Ainda apavorado, Binno vestia os tênis, trocando os pés. Nos últimos dias, a sua vida esteve por um triz mais vezes do que conseguia contar. Mas nada era tão preocupante quanto a Prova Maior. Eram milhares de alunos competindo em todo o Grande Oceano, apenas um grupo privilegiado e mínimo seria capaz de obter a aprovação. Esses privilegiados seriam os únicos a poder sonhar com a fantástica carreira Maior. Aos outros, o que restaria? Bom, Binno sabia o que restaria para ele: o Tubo de Desoxigenação. Com o olhar aflito, perguntou com a voz baixa: — Onde iremos conectar?

Kira conhecia Binno o suficiente para saber o que estava sentindo. O garoto não precisou dizer mais nada.

— Fique tranquilo. Papai acredita em você. Ele não diria isso se você não fosse realmente capaz. Vamos conectar aqui do Zum. Existem Estações de Virtualização suficientes aqui. Agora, vamos sair logo deste lugar. — Ela balançava a mão em frente do nariz, tentando dissipar o malcheiroso hálito do pirata.

Spike se virou na cama. Despreocupado, voltou para seus sonhos.

Kira já estava longe quando, finalmente, Binno conseguiu vestir seus tênis do jeito certo. Entre bocejos e preocupações, o garoto deixou o único quarto do Zum, onde apenas Spike continuava dormindo.

Na cabine de pilotagem, madame Anay manuseava o leme habilmente com uma das mãos. Com a outra, segurava uma dose de seu licor-borbulhante. O Zum Voador viajava tão rápido que mal dava para ver os peixes que ultrapassava. Enquanto isso, o ComputAtor cantarolava e usava uma touca de plástico.

— Bom dia! — disse Binno, sem disfarçar a tensão.

Dentro da tela azul, o homenzinho se enrolou rapidamente em uma toalha. Depois, continuou cantarolando.

— Bom dia, geniozinho! — disse madame Anay, ajeitando seu óclinhos em cima do pequeno nariz. Ela percebeu a tensão de Binno e tentou passar otimismo: — Então é hoje o grande dia?

— É... — Mesmo tendo estudado muito, Binno não sentia nenhuma confiança. — Hoje é o dia da verdade.

— Ei, geniozinho, anime-se! Hoje você dará o primeiro passo para tornar-se um Doutor.

— Não sei. Eu não sou como Gabriah. Ele sim quer ser um Doutor. Eu não, só quero ficar longe da desoxigenação.

Madame Anay estava completamente desatenta ao leme. Ao invés de prestar atenção ao caminho, estendia um olhar pesaroso sobre Binno.

— Binno, não é hora de ser inseguro. Você tem um dom incrível. Há gerações, a lógica não vê alguém com um dom tão impressionante. Por isso, você tem espetaculares responsabilidades. Assim, como o Doutor Ítalo, eu acredito que o Grande Oceano ainda irá aplaudir seu nome.

— O Doutor Ítalo disse isso? — um sorriso surpreso se abriu no rosto de Binno. — E o Orion, o que ele acha?

Binno ainda esperava a resposta de Anay quando se assustou. Pelos vidros dianteiros da cabine, era possível ver uma estátua enorme. Ela mantinha os braços abertos à sua frente, como se esperasse um abraço.

— Ah, sim, Orion concorda. Geniozinho, todos nós sabemos: um futuro incrível está à sua frente. Você só precisa ficar atento.

O Zum Voador se aproximava com uma velocidade incrível da estátua. O homem de pedra crescia rápido e perigosamente. Binno não escondeu o desespero.

— Olha para a frente, Anay. — Pelo vidro dianteiro, Binno via o peito da enorme estátua chegar perto demais.

Quando finalmente madame Anay viu o homem de pedra, girou dezenas de vezes o leme, mudando totalmente a direção.

A força da curva jogou Binno contra a parede.

O Zum Voador rasgou as águas com uma curva fechada. Agora, o submarino de prata ia direto para o ombro da estátua.

Então, madame Anay empurrou o leme para a frente, forçando o submarino a mergulhar em águas mais profundas. Por poucos centímetros, o Zum não bateu. Agora, passava por baixo da axila direita do homem de pedra.

Respirando outra vez, Binno viu as costas da estátua pelo vídeo retrovisor. Imponente, o homem de pedra continuava lá, com os braços abertos, oferecendo um abraço ao horizonte.

Esbaforida, madame Anay voltou a conversar, como se nada tivesse acontecido:

— Ai, ai, ai... Esse Rio de Janeiro é mesmo fascinante. Mas, como eu ia dizendo... Basta manter o olhar atento. Ainda vou ver você no Círculo dos Doutores.

Binno engoliu a saliva. Definitivamente, deixar o Zum Voador sob o comando de madame Anay não era uma boa ideia. Mas resolveu continuar a conversa.

— Se você diz... Mas eu não sei se quero realmente ser um Doutor. Eu nem sei direito o que um Doutor faz.

— Ora, ora, geniozinho. As possibilidades são infinitas. Um Doutor é aquele que atingiu o estágio máximo da evolução humana.

Binno pensou em silêncio. Observou o ComputAtor cochilando na sua confortável rede. Depois perguntou:

— Será que um Doutor pode comandar os sonhos de outra pessoa?

Madame Anay procurava uma resposta em sua mente confusa, quando o ComputAtor pulou alegremente de sua rede.

— Eu ouvi uma pergunta? Essa é boa.

— Ok, ok. Você ouviu uma pergunta — respondeu Binno, para felicidade do IA.

Nuvens fofas encheram a tela azul. No centro das nuvens, o homenzinho se tornou corcunda. Seu nariz cresceu e uma feia verruga surgiu na ponta. Agora o ComputAtor era uma bruxa maligna.

— Os limites da mente de um Doutor são imensuráveis — dizia o ComputAtor, caminhando lentamente entre as nuvens. — Por



isto, esta é uma resposta difícil. Os sonhos revelam nossos pensamentos mais íntimos, será que alguém pode interferir nisto?

De um longo silêncio, o ComputAtor fez um suspense teatral. Depois continuou:

— Um Doutor certamente consegue. Mas é preciso ter um vínculo muito forte. E também é preciso que haja permissão. Ninguém pode invadir seus sonhos, ou pensamentos, se você não permitir. Existe um caso muito famoso...

Como em um passe de mágica, a bruxa dentro da tela azul exibiu um feio sorriso e se transformou em duas. Duas bruxas idênticas repetindo exatamente os mesmos gestos. As duas bruxas falavam juntas.

— ... há alguns anos, duas jovens Graduadas gêmeas se tornaram conhecidas por um único motivo: elas conversavam através de seus sonhos. E faziam isso mesmo que estivessem em mares diferentes.

Os dois homenzinhos-bruxas soltaram uma gargalhada enorme, depois falaram com displicência:

— Era um barato, economizavam com telefone e não precisavam nem enviar e-mail. Hoje elas trabalham como correspondentes secretas para a Aliança. O trabalho delas é maravilhoso. É só dormir e sonhar.

Dentro da tela azul, as nuvens cresceram e fizeram os homenzinhos sumirem, cheios de mistérios.

Binno deixou seus pensamentos tomarem voz:

— Um vínculo muito forte? Mas que vínculo a Doutora Synara Vibbor teria comigo? Como ela conseguiu me enviar o código do IA Xenon? E por que eu não sei como isso aconteceu?

— Não se preocupe, geniozinho. Se isso realmente aconteceu, você não podia fazer nada — outra vez, madame Anay se esquecia do leme e falava distraidamente. — Durante o Império Enguia, era muito comum o Imperador usar as pessoas para executar tarefas perigosas. As pessoas faziam coisas terríveis e depois nem lembravam que tinham feito.

— Mas como? Por que alguém faria algo que não quer?

O ComputAtor ainda continuava escondido em sua neblina misteriosa. Então, madame Anay arriscou uma resposta:

— Na verdade, elas eram fiéis ao Imperador. Você ouviu: alguém só entra na sua mente se você permitir. Acredite, geniozinho: quem recebe uma ordem telepática de um Doutor, sempre está de acordo com a missão.

— Então, Troy deve ter recebido uma ordem telepática de Synara. Só assim ele teria coragem de entrar com todo aquele nitrobum no Palácio.

— É possível. Quando você recebe uma ordem telepática, precisa cumprir. É um impulso incontrollável. Ele apenas deixou Synara entrar em sua mente e plim, já era.

— Mas Troy faria isso mesmo arriscando a vida?

— Bom, ele está servindo à sua Doutora. E, não se esqueça: ninguém conhece os limites da mente de um Doutor. Ele tem métodos para conseguir o que quer.

Interrompendo a conversa, o pirata-comandante invadiu a cabine do Zum.

— Olha o lanchinhooooo. — Spike carregava um estranho bolo verde quando entrou na cabine. Enfiou uma fatia inteira na boca, depois atirou um pedaço de bolo para Binno que aparou no ar.

Com fome, o garoto deu duas mordidas no bolo. Sem pensar.

— Muito bom. Do que é feito?

— Ah! É minha especialidade. — Spike sorria satisfeito. Seus dentes de prata agora estavam cheios de pedaços do bolo verde. — Tem recheio de molustrácio, uma criatura que parece uma bolha de catarro e se alimenta das fezes das baleias.

— Argh! — Binno começou a cuspir pedaços do bolo pelo chão.

Spike soltou uma gargalhada sem fim. Só parou quando não tinha mais ar para rir.

— Eu já tinha te contado do molustrácio, lá no calabouço. É uma delícia. — O pirata se deliciou engolindo outra fatia do bolo

verde. Depois, olhou com ganância para o licor-borbulhante que madame Anay bebericava. — Vamos dividir este drinque, marujo?

— Essa bebida não agradará seu refinado paladar, comandante. — madame Anay deu uma piscadela para Binno e bebeu um grande gole do líquido. — Não é forte o suficiente.

O pirata Spike continuou olhando com cobiça para o tubo de licor-borbulhante, enquanto comia seu assustador bolo de molustrácio.

Um pouco antes do meio-dia, Ewó latia freneticamente para Kira. Ignorando os latidos de seu cãodróide, a garota se acomodava em uma das Estações de Virtualização daquela apertada sala. A sala não era tão pequena. Porém era tão cheia de máquinas que era difícil caminhar ali.

Megazila abriu um siri-de-chocolate. Com algumas dentadas, engoliu a guloseima. Depois, jogou a embalagem em um triturador de lixo. O triturador era enorme o suficiente para engolir um milhão de embalagens iguais àquela. Automaticamente, centenas de hélices começaram a girar e um barulho enorme tomou conta da sala. Ewó começou a latir para as hélices.

Eram hélices gigantescas.

Até agora os três estavam disfarçando a tensão. Porém, ficou difícil fingir tranquilidade com o barulho ensurdecido das hélices soprando em seus ouvidos. Qual dos três estaria mais tenso? Kira Bella, a garota que carregava o peso de ser filha do mais respeitado Doutor que a Aliança Maior já teve notícia? E se ela não conseguisse, como o Grande Oceano reagiria? Ou será que Megazila Mimm estava mais tenso? Afinal, ele é o príncipe, o próximo na linha hierárquica, o último representante na linhagem de uma dinastia milenar, cuja tarefa era oferecer aos mimms outra vez o convívio entre os povos e assim restabelecer a paz. Ou Binno OXZ? O garoto que tem na Prova Maior a derradeira chance de provar ser um ser original e verdadeiro. Qual deles estava mais tenso? Era impossível saber. Mesmo assim, estavam indo juntos para a mesma prova, disputavam as mesmas vagas. Algum deles iria conseguir?

Circulando em movimentos desencontrados, as hélices giravam como uma máquina de guerra deveria girar para assustar um exército inimigo. Fortes e barulhentas.

Pela janela, todos viram a embalagem do siri-de-chocolate ser lançada no oceano, já reduzida a pó. Binno e Kira olharam assustados para Megazila, com estranheza.

Era fácil perceber a tensão no ar. Era como se estivessem montando um castelo com taças de cristais. Qualquer movimento podia fazer tudo desmoronar.

Sem jeito, o príncipe se defendeu: — Eu só queria colocar o papel no lixo. — Depois, tentou disfarçar: — Essa Sala de Virtualização é meio estranha, não acham? — Com dificuldades, subia em uma das Estações.

— Eu não chamaria de Sala de Virtualização — disse Kira, ainda se acomodando. — Acho que depósito é um termo mais adequado.

— Você está querendo dizer que estas máquinas são...

— Contrabando — completou Kira, enquanto vestia seu visor. Binno já estava pronto para vestir os conectores auriculares quando falou:— De qualquer jeito, temos uma prova pela frente. Tomara que dê tudo certo.

— Boa sorte, nobres amigos — disse Megazila, encaixando os conectores nos ouvidos.

— Nós vamos conseguir. — Kira olhou desconfiada para o imenso triturador de lixo que só agora parava de girar. Depois, também se conectou.

— Muita sorte. É disso que vamos precisar. — Binno respirou fundo e vestiu os conectores.

Mais de uma semana já havia passado desde a última aula de Pré-Maior. E agora, lá estavam os milhares de alunos esperando a prova. Aquele era o último dia que Binno veria a arquibancada gigantesca e o círculo central onde o instrutor deveria conectar.

Kira e Binno estavam lado a lado, como sempre. Muito distante, havia um pontinho balançando o braço. Era Megazila que acenava.

Para decepção de Kira, logo atrás estava a irritante Vick Vibbor, acompanhada dos repugnantes Adam Bizarro e Quimera Nazi.

No lado direito, um espaço vazio.

— Ele não conseguiu conectar.

Kira não disse nada, apenas olhou com tristeza para o buraco entre Binno e outro aluno.

Aquele era o lugar onde deveria estar o garoto da Cidade das Palafitas. Talvez ele fosse o garoto que mais almejava ser um grande líder em todo Grande Oceano. Porém, Gabriah não estava ali.

— Kira, você acha que ele está bem agora?— Claro que sim, Binno. Ele sabe se virar.

Sem ser convidada, uma voz se manifestou por trás de Kira.

— Por que não fazem como o amigo loiro de vocês: desistam —desdenhou Vick Vibbor.

Kira e Binno ignoraram o comentário, nem sequer olharam para trás. Um estalo chamou a atenção de todos para o círculo central. Mas nenhum instrutor havia conectado. Ao invés disso, uma espécie de relógio gigantesco iniciava uma contagem regressiva.

Os milhares de rostos ficaram mais tensos, mais concentrados, mais nervosos.

30 segundos.

Kira e Binno se olharam com medo. A grande hora havia chegado.

20 segundos.

Binno teve vontade de estar longe dali. Queria fugir. 10 segundos.

Lembrou das palavras que um dia Ítalo Bella falou: “um clone faria essas provas por toda eternidade e jamais seria aceito”.

5 segundos.

“Este é seu desejo mais verdadeiro?”

1 segundo.

— *É meu desejo mais verdadeiro?* — Binno se perguntava, sem certezas. O relógio sumiu.

Paredes de blocos pesados surgiram, separando Binno dos outros. Agora, não havia mais ninguém. Ele estava sozinho em uma sala escura, fria e assustadora.

No fundo da comprida sala, havia cinco portas. Sobre cada uma das portas, uma letra:

A, B, C, D, E.

— Que ótimo! Múltipla escolha.

— Caro concorrente — a gravação ecoou em toda a sala, era a voz do instrutor Supraleon Mimm —, cada uma das portas representa uma resposta. E, para avaliar seu raciocínio lógico, proponho um desafio.

Durante um breve silêncio, um animal terrível, parecido com um dragão de várias cabeças, surgiu à frente das portas. Binno continuou quieto, aguardando as instruções de Supraleon.

— Protegendo as portas está a criatura Lerna-teimosa. Ela possui cinco cabeças mortais. Cada cabeça protege uma das portas. Apenas a cabeça da porta "C" é venenosa. Para vencer a cabeça certa, você terá duas flechas. São duas chances para encontrar a porta certa.

Binno olhou para o lado e viu uma aljava jogada no chão. Também no chão estava um arco muito pequenino. Ele segurou o arco e tencionou a corda com uma flecha. Estava pronto para disparar.

Então, a voz do instrutor Supraleon se fez ouvir novamente:

— Tenho mais uma dica, a Lerna-teimosa não possui nenhum pingo de compaixão e suas cabeças estão todas com muita fome. Pense rápido.

Se havia alguém que conhecia um exercício de lógica melhor do que Supraleon, esse alguém era Binno OXZ.

O garoto apontou sua flecha em direção à cabeça "C" e pensou.

— *Lógica é mesmo muito simples, é claro que a cabeça mais poderosa irá proteger a resposta certa...*

Surpreendentemente, não atirou na cabeça "C". Lançou sua primeira flecha no meio da cabeça que protegia a porta "A". As

outras cabeças se assustaram e se olharam com dúvidas.

— ... *mas, ninguém iria comer uma cabeça venenosa.*

Então, a cabeça "B" abriu a bocarra e arrancou um pedaço da cabeça "A", que agora estava morta. A cabeça "D" também quis degustar aquele banquete. Mas, foi impedida com força pela cabeça "E". A cabeça "C" também atacou suas irmãs. Ali, Binno viu a mais sangrenta batalha que tinha lembrança.

Depois de muita luta, quatro cabeças estavam mortas. Apenas a cabeça "C" continuava viva. "A cabeça venenosa."

Então, Binno esticou outra vez a corda de seu arco. A cabeça venenosa olhou com medo para Binno. Sem pensar, ele disparou a flecha.

Pronto. Todas as cabeças estavam mortas.

Tranquilamente, Binno passou pela porta certa: a porta "C", lógico.

Depois disso, Binno se surpreendeu ultrapassando as portas seguintes com uma pequena facilidade. No desafio de Saber Verbal, uma criatura com cabeça de mulher (sem nariz) e corpo de tubarão exibiu um enigma: — *Acerta ou te devoro, a resposta está no mar.* — Binno pensou um pouco e concluiu que a letra "A" deveria ser a correta. Entre as disponíveis, era a única letra que está em "mar".

Em Saber Musical, o instrutor Hotred quase derrotou Binno. Uma centopeia gigante bufava em frente das portas. Binno teve que usar dois discos bolachões pretos para fazer uma passagem de som perfeita. Animada com o som, a centopeia começou a acompanhar a música com passos de dança. Quando Binno fez um *scratch*, a criatura se atrapalhou com sua centena de pernas e enrolou os pés, caindo sem reação. A letra "C" sobre a porta do meio piscou insistentemente até Binno passar por ela.

A prova oferecida pela instrutora Thereza Sigmund não podia ser mais entediante. Cinco anões gêmeos guardavam as portas. O desafio era fazer eles contarem a resposta, por vontade própria e sem discordarem entre si. — *Porque a Kira não está aqui?* — Pensou, enquanto se sentava para conversar por horas com os pequenos guardiões. Eles só revelaram a resposta depois que Binno

prometeu que levaria os cinco para ver o sol de Utoppy um dia destes.

No desafio de Saber Espacial, as portas estavam todas lacradas. Nenhuma oferecia passagem. Em um canto da sala, ferramentas, máquinas, computadores, elementos químicos e uma porção de coisas estavam jogadas ao acaso. Binno usou aquelas tralhas para construiu uma catapulta. Com sua criação, lançou uma bala de nitrobum na porta "B". Depois da explosão, a porta "B" passou a ser a resposta certa.

Na sala seguinte, uma voz sussurrava a seguinte mensagem:

— Quatro portas encerrarão sua jornada. Só uma porta levará você para o último desafio. Qual é o seu futuro?

Aquela era a prova da instrutora de Saber Intuitivo, Mayaa Lettal. Binno não sabia por onde começar. Sem conhecer o passado daquelas portas, como poderia imaginar o que haveria do outro lado?

A voz continuava sussurrando, repetidas vezes.

— Qual é o seu futuro?

Binno revirava suas lembranças procurando uma resposta. O colar verde que herdou de sua mãe. O Internato. A senhora Valquíria. O IA Big Mãe. Os sonhos... — *Qual é o meu futuro?* — ... As aulas de Informática. O corretivo. Os homens do governador.. — *Qual é o meu futuro?* — O julgamento. O Pré-Maior. Hefesto Xenon na Garagem Forte. — *Qual é o meu futuro?* — A jornada a bordo do submarino de prata. Os rebelados invadindo o Zum Voador. Kira e Megazila desprotegidos. — *Qual é o meu futuro?* — O sangue escorrendo pelas costas de Orion. O Graduado caindo morto. — *Qual é o meu futuro?*

Binno acordou de seu transe. À sua frente, as portas continuavam sendo uma incógnita.

Ele olhou para a letra "D", de algum jeito sabia que aquela era a resposta certa. Era sua intuição agindo.

— Os rebelados invadirão o Zum. Eu vi isso — aflito, Binno não conseguia controlar seus pensamentos. — As costas de Orion estavam sangrando. Ele vai morrer, eu preciso fazer alguma coisa.



Outra vez, Binno olhou para a porta "D". Aquela era a resposta certa. Mesmo assim, seguiu firme em direção à resposta "C".

Desconectou.

Binno abriu os olhos. Estava outra vez no depósito do Zum. Perto dele, Kira e Megazila continuavam conectados. — Ainda estão na prova.

Para Binno, a Prova Maior havia acabado. Ele não venceu o desafio.

— Faltou concentração. — A Universidade Maior não importava agora. Todos estavam correndo risco de vida. Alguém tinha que fazer alguma coisa. Binno quis correr, mas cada passo elucidava mais o que havia acontecido.

Seus passos foram ficando mais lentos. Mais lentos. Mais lentos.

A cada passo, ficava mais clara a imensa besteira que tinha feito. — *Você vai conseguir* — as palavras de todos agora rebatiam em sua cabeça. Kira, Orion, Anay... Todos que acreditaram nele, foram todos desapontados.

— *Por que eu fiz isso?* — foram meses de preparação.

Passos mais lentos.

Ele havia traído a confiança do Doutor Ítalo Bella. — *Por que eu desisti?*

Passos mais lentos.

Era óbvio que aquilo era um truque da instrutora Mayaa. — *Por que não fui adiante?*

O garoto olhou para a marquise no alto do salão de entrada. Teve vontade de subir lá e se jogar. Que diferença ia fazer? Ia para o tubo de desoxigenação de qualquer jeito.

Quando chegou na cabine, viu o pirata Spike controlando seu leme enquanto conversava com o ComputAtor.

Não houve nenhuma invasão. Não houve nenhuma morte. Nada havia acontecido. Só havia Spike e o ComputAtor, conversando tranquilos. — *Por que não fui adiante? Como pude cair num truque tão simples?*

Os dois não perceberam a chegada do garoto.

— Elas são mortais — dizia o homenzinho, vestindo uma calça branca, sem camisa e com os pés descalços. — Dançarinas das águas, vivem no Aquaráculo dos trópicos. Suas profecias exigem grandes sacrifícios e custam caro demais. Caro, até mesmo para o mais rico dos homens.

Dentro da tela azul, o homenzinho dava chutes desajeitados no ar. E continuava falando.

— As nýsticas gingam para matar e ninguém jamais sobreviveu ao fim de uma dança.

— Sábio amigo ComputAtor, a maioria das coisas que você está dizendo eu já sei — Spike fingia desinteresse. — As nýsticas são dançarinas mortais que enxergam o futuro e blá, blá, blá... mas, preciso saber as coordenadas exatas do Aquaráculo. Porque não queremos cruzar com mulheres tão perigosas, queremos?

Agora, plantando uma bananeira, o ComputAtor falava com dificuldades:

— Não posso informar as coordenadas do Aquaráculo porque não sei. Ele muda de lugar todos os dias. Mas não há razão para ter medo. As nýsticas jamais nos atacarão, nós não devemos nada para elas. — Os braços do homenzinho não resistiram e ele desmoronou no chão. — Devemos alguma coisa para as nýsticas?

— Calma lá, garotão — Spike coçava a cabeça, sem jeito. — Quem faz as perguntas aqui sou eu. Você responde, lembra?

O ComputAtor balançou a cabeça positivamente, muito orgulhoso. — Sim, eu sempre respondo às perguntas.

Os dois ainda não haviam notado a chegada do garoto. Era exatamente o que Binno queria que acontecesse. Queria que ninguém mais notasse sua presença. Queria desaparecer.

Mas uma sombra gigante, impossível de ser ignorada, surgiu às suas costas.

— Garoto... É você? — Orion perguntou, mesmo sem ter o somolho nas mãos.

— *Sim, sou eu* — pensou o garoto — *mas eu preferia não ser. Aliás, eu preferia não existir.*

## 21.0

### O segredo de madame Anay

Binno quis correr, mas cada passo elucidava mais o que havia acontecido.

— Sim, sou eu — Binno respondeu com a voz mais baixa que conseguiu emitir.

— E a prova?

Durante alguns segundos, Binno teve dúvidas. O que deveria dizer? A verdade?

— Não consegui. Eu estava na sexta tarefa, mas não consegui manter a concentração. Acho que Troy estava certo. Não tenho personalidade... Não mereço...

— Na sexta tarefa? — Orion interrompeu Binno. — Parabéns, garoto. A maioria não passa da terceira. Realmente, você superou as expectativas.

— Não está desapontado por eu ter desistido? — O garoto não escondeu a satisfação.

— Você desistiu? Quer dizer que você não errou a resposta. Você simplesmente desistiu? — O Graduado mudou radicalmente sua expressão, agora não parecia nem um pouco compreensivo. — Pela Origem, porque fez isso?

— Era o desafio de Saber Intuitivo. Eu tive uma visão. Foi um truque da instrutora, eu sei disso. Mas parecia..

— Visão? Como assim?

— Eu vi a gente ser alcançado pelo Polvotrom. Os rebelados estavam invadindo o Zum. A gente não tinha como se defender e...

Então, Binno ouviu um zunido às suas costas. Era o olho mecânico de Spike que se aproximava como uma luneta comprida.

— Eles podem nos alcançar? — Orion perguntou para Spike.

— Só se os rebelados sabem para onde vamos. Afinal, o Polvotrom saiu antes da gente. Hefesto sabe para onde vamos?

Em silêncio, os três aguardavam uma resposta.

— Por toda Origem, estas perguntas estão cada vez mais fáceis.— Na tela azul, o ComputAtor lavava o pé em uma bacia de água quente.— Vocês mesmos disseram que 'A Chave' só pode ser lida em Utoppy. Então, é fácil adivinhar nosso destino. Não acham? É claro que sabem para onde vamos. — Ele voltou a lavar os pés, agora assoviando.

Nem Orion, nem Spike disfarçaram o pânico.

— Ainda temos uma chance. — Orion engatilhou o Atirador que carregava nas mãos. — Apague as luzes.

— Orion — Binno segurou a mão de seu tio —, eu sei o que vai acontecer.

— Calma garoto — Spike abandonou o leme —, o que você viu estava no futuro. O passado você não pode mudar. O futuro é o que a gente quiser.

— Devem existir regras...

— Você pode ser um gênio da lógica. Mas entenda uma coisa... — Com pressa, o pirata saía da cabine. De longe ele gritou: — Nem os computadores respeitam as regras.

— O que vamos fazer? — Com pavor, Binno olhou para o leme abandonado.

— Ouça os motores, Spike desligou o Zum. Em minutos estaremos parados. Se não podemos fugir, vamos lutar. — Orion encostou um dos joelhos no chão e segurou firme o ombro de Binno. — Agora nós somos uma família, garoto. Vamos proteger um ao outro, é isso que uma família faz. Entendeu?

As luzes apagaram.

Em todo o Zum Voador, só havia a luz azulada do ComputAtor. Usando óculos escuros e segurando uma bengala, o homenzinho tateava o ar.

— Vamos ver quem conhece melhor a escuridão — disse Orion. Binno segurou a ponta do casaco do Graduado e seguiu seus passos.

Sem enxergar os próprios pés, cada passo era um fabuloso desafio para Binno. Eles subiram algumas escadarias e finalmente pararam de caminhar.

— Sabe onde estamos?

— Sim, estamos na marquise do salão de entrada. Lá embaixo está a única porta do Zum. Eles vão entrar por ali e nós estaremos aqui, esperando.

— Exatamente, garoto. Hefesto Xenon não pode explodir o Zum porque assim destruiria 'A Chave'. Também não pode chegar muito perto, porque poderíamos atacar o Polvotrom. Então, ele deve mandar alguém aqui, para buscar 'A Chave'. Enquanto 'A Chave' estiver com a gente, temos uma chance.

Nada mais foi dito. A escuridão não conseguia esconder a tensão. Foram minutos apavorantes. Binno queria muito que sua visão estivesse errada. Mas Orion não tinha dúvidas, confiava plenamente na previsão. O Zum Voador seria invadido.

O submarino de prata balançou.

— Alguma coisa bateu na gente.

— Calma — disse Orion, como se já esperasse aquilo —, estão vinculando o submarino deles ao nosso. Entrarão em segundos.

Medo, silêncio e escuridão absoluta. O Zum balançava e Orion Sirineu continuava imóvel. A porta abriu.

Binno ouviu os passos do primeiro rebelado a entrar. Depois, Orion puxou o gatilho do atirador. Um sopro rápido rasgou o ar. O silêncio foi quebrado, um dardo de X-Ofídio encontrou o peito do rebelado.

— Pof! — um corpo caiu no chão.

O próximo rebelado segurava um iluminador: uma fraca luz vermelha. Um tiro atingiu seu peito. O X-Ofídio se espalhava pelo corpo do homem como o fogo se espalha no plástico. O rebelado era consumido em segundos, até sumir completamente.

Dezenas de rebelados invadiram o Zum ao mesmo tempo. Sem errar um único tiro, Orion ia derrubando um a um. Como se enxergasse mais que todos os homens. Mais e mais rebelados invadiam o Zum.

Eram muitos, Orion precisava recarregar rápido o seu atirador.

Eles não paravam de entrar. Como formigas, se espalhavam pelo submarino.

— De onde vêm os tiros? — se perguntavam. Murmuravam, gritavam. Apavorados pelas sombras, metralhavam uns aos outros.

Em meio aos rebelados, um homem muito alto e forte entrou. Ele usava um chapéu de caubói. Centenas de libélulas explosivas giravam à sua volta, como se ele fosse o sol e elas, os planetas.

— Idiotas, façam silêncio — o homem gritou. — Ele guia a mira pelo som.

Um dardo de X-Ofídio ia direto para a boca do homem, mas uma das libélulas se sacrificou para bloquear o tiro.

Muitos outros tiros tentaram atingir o homem, mas as libélulas não permitiam que ele fosse atingido.

— Quem é ele? — cochichou Binno.

— É conhecido como engenheiro Luccas. Homem de confiança de Hefesto Xenon — respondeu Orion, também falando muito baixo. Mesmo com o aviso do engenheiro, os rebeldes apavorados corriam e se xingavam, tentando proteger suas vidas. Um a um, eles continuavam caindo, atingidos por dardos que espalhavam X-Ofídio através de seus ossos.

Os minutos passavam. Algumas vezes, o som dos dardos rasgando o ar era mais apavorante que os gritos intermináveis. A batalha sem fim produzia sempre o mesmo som: gritos de horror, dardos rasgando o ar. Rebelados sugeriram aos montes. Indefectível, Orion Sirineu abatia seus inimigos com a precisão de uma máquina de guerra.

Em meio às fracas luzes avermelhadas dos rebelados, Binno viu alguém correr em ziguezague. Certamente, não era um rebelado, pois desviava de todos eles.

Rapidamente, este alguém surgiu outra vez. Agora, este corajoso vulto corria na direção contrária, segurando uma luz azul.

As brilhantes libélulas mostraram o engenheiro Luccas arrumando seu chapéu de caubói antes de seguir a luz azul, ignorando os rebelados que continuavam a gritar e morrer.

— O que está acontecendo? Onde ele está indo? — perguntou Orion enquanto atingia um rebelado que tentava subir as escadas até a marquise.

— É madame Anay — Binno respondeu com a voz trêmula. — Ela veio resgatar o ComputAtor. O Engenheiro está indo atrás dela.

— Garoto, eu preciso ficar aqui. — Orion atingiu um rebelado que tentava fugir do salão de entrada. — É a sua vez, proteja Anay. Ela precisa de você.

Binno não sabia o que fazer. Ficou imóvel por alguns segundos. Então Orion ordenou:

— Vá. Eu protejo você — enquanto falava, Orion deixou a arma disparar para cima. O dardo rasgou o ar e ficou preso no meio do salão, no teto.

Houve um silêncio.

Um segundo passou.

Os rebelados riram com arrogância. Orion havia errado o primeiro tiro.

Outro dardo rasgou o ar.

Os rebelados riam ainda mais.

Orion disparou o segundo dardo para o mesmo ponto do teto.

Havia errado novamente? Não.

O segundo dardo atingiu o primeiro. Explodiram. Uma chuva de X-Ofídio aconteceu.

No centro da sala de entrada, vários rebelados foram respingados pelo veneno mortal. O pingo ácido corroía o corpo do atingido e em segundos a vítima já havia sumido. Um círculo vazio se formou onde o chuveiro de X-Ofídio molhou.

Orion colocou uma cápsula transparente na mão de seu sobrinho: — É nitrobum, use com inteligência. — Depois, segurou firme o moletom de Binno e, com apenas uma mão, atirou o garoto no centro daquele círculo vazio.

Binno rolou pelo chão, segurando firme a cápsula de nitrobum. — Anay precisa de você, corra garoto.

A poucos metros do garoto, alguém apontava uma arma para sua cabeça. Em seguida, um dardo atingiu a mão do rebelado. A arma caiu no chão. O veneno percorreu as veias do bandido, fazendo seu braço, e depois o resto do corpo, sumir completamente.

Atingidos por dardos certos, rebelados foram sumindo. Assim, foi se abrindo uma trilha por onde Binno seguiu para fora daquele salão.

No corredor comprido que levava para o depósito, o brilho laranja das libélulas explosivas girava em torno do engenheiro Luccas. Binno seguiu aquele brilho. O homem de chapéu de caubói caminhava com pressa quando ouviu um grito.

— Ei, está levando suas moscas para passear?

O Engenheiro se virou com um sorriso debochado. Binno correu com força em direção ao homem, exibindo a cápsula transparente. Dezenas de libélulas voaram contra Binno.

— Parem garotas! — gritou Luccas. Imediatamente, as libélulas pararam em pleno ar. — Ele está perto demais, a explosão pode me matar.

— Não se mexa! — Binno gritou com raiva.

— Você não tem coragem. Isso aqui não é um jogo, garoto. Binno passou por ele, encarando-o nos olhos.

Protegido por suas libélulas, o engenheiro Luccas exibia um sorriso irônico e um rosto mais jovem do que o esperado. Porém, o que mais chamou sua atenção foi seu olhar cruel e cheio de desprezo, como se o Engenheiro tivesse nojo de Binno.

— Então me diga — Binno retribuiu o olhar raivoso —, o que tenho a perder?

— Você vai se afastar e minhas queridinhas não vão poupar sua vida. — O engenheiro ajeitou seu chapéu com calma.

Binno correu. Segundos depois, sentiu que já estava sendo perseguido pelas repugnantes maquininhas.

Escorregou para dentro do depósito. Ainda escorregando no chão, atirou a cápsula de nitrobum no alto da porta, provocando um desmoronamento de chapas de prata, que bloquearam a entrada.



Pequenas explosões começaram a pipocar do lado de fora do depósito.

— Geniozinho, você está bem? — enquanto falava com Binno, madame Anay segurava o ComputAtor com o mesmo cuidado que uma mãe teria com seu filhote.

— Estou. E eles?

Kira e Megazila ainda estavam conectados.

— Eles ainda estão na Prova Maior — disse Anay.

— *Mas como são lerdos.*

Do outro lado do desmoronamento, o Engenheiro Luccas falou:

— Madame Anay, minha camarada. Você não é perigosa demais para estar com crianças tão indefesas?

O olhar apreensivo de Anay revelou que havia algo que Binno não sabia. Ele cochichou.

Do que o Engenheiro está falando?

O ComputAtor alegrou-se e estava prestes a responder, mas levou um “Shiiiiiiii!” da inventora. Aquela foi uma das poucas perguntas que ele não respondeu durante toda sua existência.

— É uma honra estar na presença de alguém tão talentoso — com ironia, madame Anay cumprimentou o Engenheiro. Depois cochichou para o garoto. — Eu não contei para você, mas Luccas e eu éramos Graduados na mesma época. Ele se vendeu para Hefesto Xenon — disse madame Anay, revirando sua bolsa à procura de alguma coisa. — O problema é que este traidor conhece meu segredo.

— Que segredo?

— Eu tenho certeza que peguei o suficiente — disse madame Anay sem dar atenção para Binno, enquanto virava a bolsa pelo avesso derrubando infinitas coisas pelo chão. — Onde estão? Onde estão?

— O que está acontecendo, Anay? — Binno estava apavorado. As pequenas explosões continuavam do lado de fora.

— É que eu tenho uma pequena reaçãozinha nervosa. — Ela começou a atirar as coisas de sua bolsa no triturador de lixo. Um

computador de mão, um kit de maquiagem, uma chave de fenda, um vidro de perfume... As hélices do triturador giravam a toda velocidade, criando um som insuportável.

— Reação nervosa? — gritou Binno, sobre o barulho das hélices.

— Um acidente, uma vez, há muito tempo atrás, quando eu ainda era uma Graduada.. — Ela rasgava as próprias roupas, procurando algo nos bolsos. — Por toda Origem, onde foram parar meus tubos de licor? — Anay continuou: — Tive um acidente com uma experiência química.

— Acidente?

— Exatamente, preciso do antídoto. Onde está meu antídoto? — A expressão apavorada de Anay causava ainda mais horror.

Estranhamente, as pernas de madame Anay começaram a inchar. Sua barriga aumentou e ela parecia engordar muito a cada segundo. Então seus peitos cresceram, como se fossem balões prestes a explodir. Seus braços ficaram dez vezes mais compridos, sua cabeça cresceu e agora sua face lembrava um ogro mal encarado. Os óclinhos voaram para as mãos de Binno.

O corpo do ogro Anay não parou de crescer. Até que ela precisou ficar curvada para caber dentro do comprido depósito.

Binno não conseguia se mexer. Ele sabia muito bem qual o motivo de sua imobilidade, era o pânico.

Segundos depois, Ewó latiu medrosamente debaixo de uma Estação de Virtualização. Em seguida, se revelou o motivo de seus latidos. Ele quis demonstrar coragem para sua dona. Kira acabava de se desconectar.

Mesmo confusa e desorientada, a garota entendeu rapidamente a situação.

— Onde estão os antídotos dela? — Eu não sei o que é isso.

Irada e enorme como um tiranossauro, madame Anay se irritou com a voz de Binno e tentou dar um tapa no garoto. Binno rolou pelo chão antes de ser esmagado.

A criatura gigantesca continuava lutando sozinha contra as coisas do depósito, amassando as paredes de prata com seus braços grossos e fortes. Agarrou uma das Estações de Virtualização e atirou contra a parede que acabava de se formar com o desmoronamento das placas de prata.

Um buraco se abriu.

Alguns rebelados entraram pelo buraco com pressa, seguidos pelo engenheiro Luccas e suas libélulas.

Os rebelados apontaram suas armas contra madame Anay, mas antes que pudessem disparar, duas estações voaram sobre eles.

Mesmo depois de perder seus comparsas, o engenheiro Luccas gargalhava abertamente debaixo de seu chapéu de caubói.

— Estimada madame Anay. Com o correr dos fatos, a senhora acabou esquecendo seu remedinho?

Os olhos irados da criatura miraram o rosto do Engenheiro. Ela se virou procurando algo para atirar no homem. Olhou diretamente para a Estação de Virtualização onde Megazila continuava conectado.

— Nããããão! — Kira e Binno gritaram e correram ao mesmo tempo.

Os dois se colocaram entre a criatura e o Megazila conectado. Ela olhou para eles como se tentasse reconhecer dois insetos na sua frente. A criatura sentou no chão e brutaemente usou um dos pés para prensar os dois contra a parede.

Uma expressão de grande dor se espalhou pela face da criatura. Pequenas explosões puderam ser ouvidas. Ela estava sendo atacada pelas costas. Um rugido de aflição inundou o depósito.

— Muito bem, garotas — com o rosto jovem e sorridente, Luccas congratulava suas queridinhas pelo ataque. — Agora, acabem com aqueles dois.

Uma dezena das libélulas deixou de girar em torno do Engenheiro e partiu em direção a Kira e Binno.

Os dois tentaram fugir, mas o pesado pé da criatura não permitia que se mexessem.

Quando as libélulas explosivas estavam a poucos metros, o braço gigantesco de Anay bloqueou o voo das criaturinhas.

Depois das pequenas explosões, outra vez um grito encheu o depósito. A criatura Anay havia acabado de salvar a vida de Kira e Binno, à custa de muita dor.

Ela levantou com raiva. Sua cabeça bateu e entortou o teto. Seu ódio não cabia naquela sala. Se debatia como se quisesse quebrar tudo à sua volta.

Luccas soltou uma risada satisfeita. — Quem diria que acabaria deste jeito, madame...

Ela não permitiu que ele terminasse a frase. Agarrou o Engenheiro com a mão. Desesperadas, as libélulas atacaram, inutilmente, os dedos gigantescos de Anay.

Luccas foi sacudido em pleno ar. Sua arrogância, seu rosto jovem, seu sorriso irônico, agora tudo era sacudido como um brinquedo quebrado.

Em seguida, Anay atirou Luccas no triturador de lixo.

As últimas libélulas seguiram o Engenheiro.

As centenas de hélices gigantescoas outra vez provocaram um barulho insuportável.

Através da janela, Binno viu o de chapéu caubói ser levado pelas águas. — *Como saiu inteiro?* — Em seguida, uma nuvem de pequenas partículas vermelhas seguiu o chapéu. Aquele foi o fim do temível engenheiro Luccas.

Kira e Binno quiseram respirar aliviados. Mas não puderam.

A ira da criatura ainda não estava controlada. Arrancando os entulhos à sua frente, ela seguiu pelo corredor destruindo os últimos rebelados que ainda restavam.

Kira e Binno correram para seguir Anay. Quando chegaram no corredor, viram que agora ela tinha outro brinquedinho nas mãos.

Era Orion Sirineu.

O Graduado jogou sua arma para longe e tentava desesperadamente se livrar de toda munição que trazia presa no peito.

— Por toda Origem, se madame Anay encostar em um dardo de X-Ofídio... — Kira pensou em voz alta.

— ... Ela vai morrer — Binno completou. — Temos que fazer alguma coisa.

A criatura estava descontrolada. Tentou atirar Orion para cima do garoto, mas o Graduado se agarrou ao dedo de Anay. Ela insistia em tentar se livrar dele.

Foi quando Spike se aproximou com passos cuidadosos, pelas costas da criatura. O pirata apontava o Aplicador, a arma mortal de Orion, para a bunda de madame Anay.

— Nãããã! — os dois gritaram ao mesmo tempo.

O pirata Spike Spy olhou para eles, mas não demonstrou clemência. Mirou outra vez a bunda de madame Anay e atirou.

Imediatamente, madame Anay soltou Orion. O Graduado se espatifou no chão.

Depois, a criatura provocou um tremor no Zum quando caiu de barriga sobre o chão.

Binno lembrou do que Orion havia dito sobre X-Ofídio — “O mais mortal dos ácidos. Pode derreter uma baleia em centésimos de segundo, depois de tocar sua cauda”.

Chorando com raiva, Kira correu para cima de Spike, tentando bater no pirata.

— Calma, magrinha — disse Spike Spy se esquivando dos ataques da garota. — Olhe direito para sua amiga.

O dardo preso na bunda da criatura agora estava quase vazio. Lentamente, o líquido entrava no corpo de madame Anay, como um remédio. Era um líquido estranho e borbulhante.

Era o licor-borbulhante!

— Ela tinha razão, o gosto disso não é muito bom — puxando diversos frascos do licor do bolso, Spike Spy exibiu seu sorriso cromado.

Irritada, Kira arrancou os licores das mãos de Spike.

O corpo da inventora diminuía lentamente, e já era possível identificar a querida madame Anay outra vez.

Lamentavelmente, a inventora era a única naquele submarino de prata que conhecia técnicas de enfermagem. Orion a pegou nos braços.

— Vou levá-la para a cabine. Lá ela pode descansar.

— Levem-me junto — a voz vinha de uma tela azul jogada no chão. Binno se aproximou e viu o homenzinho vestido de médico e com os olhos marejados. — Ela precisa de mim ao seu lado — dizia o ComputAtor segurando as lágrimas.

Na cabine, Kira seguia as instruções do ComputAtor enquanto tratava das feridas nas costas e nos braços de madame Anay. A atenção e a concentração do ComputAtor provaram que aquele era um grande amigo. Todos os outros permaneceram em silêncio torcendo muito pela mais fabulosa inventora do Grande Oceano.

## 22.0

### A dívida com as nýsticas

Enquanto Kira continuava atenta a madame Anay, Binno percebeu um grupo de golfinhos olhando para dentro do Zum.

Eles nadavam por perto do submarino e ignoravam os "Xô! Xô!" de Spike Spy.

Então, um sussurro forte pôde ser ouvido em todo o submarino.— Ladrões devem pagar.

O sussurro se repetia insistentemente.— Ladrões devem pagar.

— Elas estão aqui. Estamos perdidos. — Spike parecia em devaneios. — Pela Origem, eu sabia: chegamos perto demais do Aquaráculo.

— As nýsticas? — perguntou Orion. — Você tem uma dívida com as nýsticas?

— Bom, digamos que estou em débito. — Spike ria nervosamente. Spike e Binno foram atrás de Orion, que saiu da cabine esbravejando.

— Você devia ter me contato — o garoto não escondeu sua decepção.

— Contado para você? — O olho mecânico de Spike se mexia para todos os lados. O pirata não escondia seu pavor. — Eu falei que estava no Palácio para fugir das mulheres. Será que eu precisava ser mais específico.

Orion bufava:

— Sim. Você tinha que ser mais específico. Por toda Origem, como vamos enfrentar as nýsticas? Como? — Então, o Graduado baixou a cabeça e falou consigo mesmo: — Por que eu entrei no submarino de um salafrário?

— Calma lá, morceirão. Salafrário eu não sou. Essas nýsticas queriam cobrar um absurdo para me dizer onde encontrar prata. Você sabe como essas mulheres são exigentes.

— E o que você fez com a prata que encontrou? Por que não as paga? — Binno se meteu na discussão.

— Estamos dentro da prata que encontrei. — Spike socou uma parede do Zum com força. Depois beijou a própria mão.

Ainda caminhando em direção ao salão de entrada, os três bufavam em silêncio. A raiva entre eles era tanta que não perceberam que tinham visitantes.

Dezenas de homens de cabelos bem penteados e usando paletós coloridos haviam invadido a sala de entrada do Zum.

Agora, todos apontavam suas armas que lembravam secadores de cabelo.

— Quem são? — Orion cochichou para Binno.

Mas Binno não precisou responder. Uma voz fina e muito conhecida falou alto.

— Olá, graduado-que-nunca-desiste. — A arma-secador-de-cabelos do governador Shwartz era a maior e mais colorida de todas. — É realmente uma pena que você não tenha aceitado meu acordo.

Ignorando todas as armas engatilhadas, Orion caminhou com firmeza até Patrick Shwartz. Pegou o governador de Utoppy pelo colarinho e o espremeu contra a parede de modo assustador.

— Guarde seus acordos para os seus amigos corruptos.

A trupe de puxa-sacos do governador tinha homens espalhados por todos os lados. Alguns circularam Binno e Spike. Um puxa-saco muito conhecido agora apertava o braço e pressionava uma arma contra o garoto.

— É melhor ficar calmo, grandão! — Eliah Well gritou para Orion. Ele tinha o cabelo levemente despenteado quando engatilhou sua arma, pressionada nas costas de Binno. — Não quer acabar com a aventura de seu sobrinho agora, quer?

Spike fez um sinal para Binno, pedindo calma. Mas o pirata não conseguia disfarçar, certamente ele era o mais apavorado naquele submarino.

Orion soltou o governador. Patrick Shwartz ajeitou sua gravata antes de falar:



— Sabemos que 'A Chave' está com vocês. É só entregar para mim e deixamos vocês partirem.

— Os Doutores vão adorar saber desse seu roubo, Shwartz.

— Orion se continha para não quebrar o pescoço do governador.

— A Aliança está com os dias contados. Todos vão obedecer a um único Imperador, Hefesto Xenon. E, quando eu estiver com 'A Chave', serei seu servidor mais querido. Você, nobre Orion Sirineu, irá morrer como um simples Graduado.

Orion abaixou a cabeça. Binno sabia que o tio fazia aquilo quando estava pensando. Mas que solução haveria? A trupe de puxa-sacos era enorme e todos apontavam suas armas para eles. Além disso, Eliah Well estava tão perto que dava para sentir seu hálito de hortelã com frutas cítricas.

Binno resolveu ganhar tempo.

— Por que vocês querem 'A Chave'? Um objeto antigo não pode ter tanto valor.

— Caro OXZ. — O governador ajeitou seu paletó lilás e amassado. Então, com o olhar fixo nos olhos de Binno, passou a caminhar lentamente em direção do garoto. Com sua voz melindrosa, não parou mais de falar: — Esta é uma pergunta que você deveria fazer ao Imperador. Vocês são tão amigos. Afinal de contas, você serviu tão bem aos interesses dele. Criou o IA que o libertou da prisão. Atraiu toda a atenção da Aliança. Recuperou 'A Chave'. Porém, queridinho, eu não vou deixar você fazer tudo sozinho. Para que o Imperador tenha total poder sobre o Grande Oceano, alguém precisa proteger o IA Xenon. Todo o poder do Imperador está no fato de existir um IA tão poderoso no controle da internet. E se alguém destruir este IA?

Binno não disse nada.

Agora, o governador estava muito próximo. E mantinha seus olhinhos azuis fixos no garoto.

— Ninguém pode pôr em risco o poder de Hefesto. Por isso que quero 'A Chave'. Só quem possuir 'A Chave' pode encontrar o IA Xenon. Entendeu? Ela abre o lugar onde o IA está escondido. Se eu tiver 'A Chave' em mãos, serei o guardião. Assim, o IA Xenon estará

protegido para sempre. E o Imperador Hefesto terá uma dívida eterna comigo.

— *Quem descobrir o segredo da Chave poderá encontrar o IA Xenon. Hefesto é muito prevenido, não vai mostrar a cara antes de ter 'A Chave' nas mãos. E Shwartz, mesquinho como sempre, quer usar essa situação para ganhar a confiança de Hefesto.*

Binno pensava em tudo isso enquanto apertava a mão sobre o bolso onde 'A Chave' estava guardada. Mais do que nunca, desejou revelar o segredo daquele disquete. Mais do que nunca quis destruir o IA que ele mesmo havia criado.

Elijah Well apertava cada vez mais sua arma secador-de-cabelo contra as costas de Binno. O assessor mantinha um sorriso satisfeito no rosto, como se estivesse muito orgulhoso de tudo o que o seu querido governador tinha acabado de falar. Os outros puxa-sacos mantinham suas armas em punho. Por mais que pensasse, Binno não conseguia encontrar um jeito de escapar.

— Ladrões devem pagar — a voz sussurrada outra vez foi ouvida por todos.

Shwartz olhou para cima com pavor. Depois, encarou Elijah com uma expressão de pânico.

— Querido, o que é isso?

O assessor não respondeu. Apenas levantou os ombros indicando que não sabia.

— Ladrões devem pagar — o sussurro passeava pelos ouvidos de todos, indo e voltando.

Mais e mais alto, o sussurro rebatia nas paredes como uma rajada de vento.

— Delfos, golfinhos, senhoras nýsticas. Sacerdotisa do amanhã. Amarguras, Aquaráculo do Grande Oceano. O futuro tem um preço e com a vida será pago.

Um sopro girou em torno do pirata Spike Spy.

— O futuro tem um preço e com a vida será pago.

Então, a visão que todos tiveram a seguir jamais escapou de seus devaneios.

Todos arregalaram seus olhos.

Dezenas de figuras emblemáticas entraram caminhando tranquilamente, quase flutuando. Suas capas compridas tapavam praticamente todo o corpo, deixando à mostra apenas os pés descalços. Os capuzes longos escondiam os olhos. As sombras deixavam à mostra apenas as bocas rosadas e a pele clara do queixo.

Pés descalços. Bocas rosadas. As nýsticas invadiram o zum.

— Todas vocês, paradas! — Ameaçou o governador.

Elas ignoraram a ordem e continuaram se espalhando pela sala. Sem pronunciar uma única palavra.

Em pânico, Patrick abraçou seu querido Eliah Well e os dois tremeram juntos num único medo.

Agora, cada uma das figuras encapuzadas estava próxima a um grupo de puxa-sacos oficiais. Elas eram menos numerosas, porém era evidente o medo que impunham a todos.

Em direção a Binno uma delas se dirigiu. De repente, o garoto teve a nítida sensação de conhecer aquela figura. Elas usavam capas idênticas. Porém, por algum motivo, aquela figura parecia especialmente íntima.

Quem era aquela figura?

Quem?

Binno procurava em todos os cantos de sua memória uma explicação para aquele estranho reconhecimento. Quem era aquela...

Era Mayaa Letal.

Binno tomou um susto com a própria constatação. Mas não havia dúvidas. Quem estava ali, era sua instrutora de Saber Intuitivo, Mayaa Letal, parada ameaçadoramente à sua frente.

Então, a cena mais surpreendente e bela que o Grande Oceano já viu se fez naquele instante.

Se a entrada das nýsticas nunca mais saiu dos devaneios daqueles homens, a cena a seguir jamais escapou dos seus sonhos secretos.

Todas, ao mesmo tempo, retiraram seus capuzes e deixaram suas capas caírem no chão.

Revelaram os maiores instrumentos de beleza que a Origem já criou.

Binno mantinha o olhar fixo em Mayaa Lettal. O rosto mais belo que pôde ser imaginado. Uma face que emitia uma luz tênue e delicada. Seus cabelos pretos e encaracolados lembravam ondas fortes em uma noite de céu estrelado. Como águas contra as pedras, seus crespos criavam conflitos hipnóticos. Sua pele era limpa como a imensidão do vazio, branca como a paz de um mergulho em águas mornas.

Seus olhos azuis quase brancos convidavam à admiração. Claros e abertos como uma janela que inspira o mundo. E na extremidade da beleza, a alma não consegue se esconder. E sua alma mostrava todo o sofrimento que acompanha o encanto. Por que elas se escondiam naquela capa? Agora era óbvio como o sabor de água cristalina. Sob o capuz, elas protegiam suas almas do desejo, da ganância e da cobiça. Sob as sombras, fugiam da própria perfeição.

Binno lembrou do que já tinha ouvido falar sobre as nýsticas e pensou sobre as toneladas de inveja que elas carregam sobre as costas.

Com a mesma harmonia da constelação de Áries, todas compartilhavam a mesma luz.

Com passos melódiosos, em uma ginga hipnótica, pernas fortes e braços perfeitos, exibiam movimentos precisos. Assim, fizeram mais que distrair os olhares. Todos agora tinham memórias cegas. Quem estava naquela sala, esqueceu completamente se um dia havia enxergado outro brilho senão a luz daquela dança.

Do corpo perfeito, fizeram um instrumento de ataque.

Com um único chute, Mayaa derrubou os dois puxa-sacos que cercavam Spike Spy. Ao mesmo tempo, todas as nýsticas espalhadas pelo Zum, atingiam os homens de paletó com golpes gingados e certos. Em poucos segundos, a trupe de puxa-sacos estava inteiramente no chão.

A voz rouca de Mayaa Lettal avisou:

— Queremos apenas a tripulação desta embarcação. Todos os outros, saiam agora e esqueçam que estiveram aqui, se quiserem viver.

Com um olhar igualmente ameaçador, todas as nýsticas mantinham a posição de ataque.

Os homens levantaram com dificuldade e saíram correndo do Zum.

Patrick Shwartz correu juntamente com o grupo, mas foi derrubado por uma rasteira rápida.

— Acho que nossa sacerdotisa gostaria que vossa excelência ficasse. — A nýstica olhou para Mayaa, como se esperasse uma confirmação. A instrutora confirmou com um movimento de cabeça. Então, o governador deixou sua arma-secador-de-cabelo cair no chão e continuou parado.

— Po-po-por quê? — gaguejou Shwartz.

— Os ladrões devem pagar — a nýstica respondeu sem olhar para o governador.

Então, Mayaa Lettal, a líder maior das nýsticas, se aproximou de Binno e encarou o garoto com seriedade, revelando: por trás da beleza, reside a ira.

— Por que desistiu da prova?

— Eu tive uma visão...

— Eu sei o que você viu. Também vi. Mas você tinha um compromisso, desistiu com facilidade.

— Eu tinha que fazer uma opção.

— Fez a opção correta. Pena que foi inútil. Este submarino pertence ao nosso Aquaráculo. Vocês precisam ser eliminados.

Binno olhou para Orion. O que deveria dizer? Em torno de seu tio, doze nýsticas aguardavam em posição de ataque.

— Perdoe esta dívida, sacerdotisa Mayaa. O Círculo dos Doutores irá agradecer.

— As nýsticas não conhecem o perdão, Binno OXZ — disse Mayaa, agarrando o pescoço de Spike Spy e apertando sua jugular com força. — Só conhecemos a justiça.

Orion deu um passo. As doze nýsticas o atacaram. Ele empurrou uma sobre a outra. As duas caíram. Usou uma terceira para se proteger do golpe de uma quarta. Por trás, uma quinta nýstica chutou suas canelas. O gigante perdeu o equilíbrio. Outras sete pularam sobre seu corpo e o renderam no chão. Imobilizado, Orion não conseguia agir.

— Não deveria confundir os interesses pessoais com as questões do Aquaráculo, Mayaa — disse Orion calmamente, enquanto permanecia rendido por doze mulheres mortais.

— Graduado de Prata, se fosse meu interesse vingar seu desinteresse em meus sentimentos, eu teria decapitado você há muito tempo atrás. Hoje, estou aqui pelos interesses do Aquaráculo.

Orion deu um fora em Mayaa Lettal? Por toda Origem, ele tinha mesmo que ser muito cego para fazer isso. Aquela era a mulher mais linda que já nasceu. — *Onde meu tio estava com a cabeça?*

— Confesse, Mayaa, a questão é entre eu e você. Para que sacrificar mais gente?

Spike Spy já estava revirando seus olhos, quando a sacerdotisa soltou o pescoço do pirata. Ele caiu no chão como um saco de algas marinhas.

Mayaa caminhou rápido, como se flutuasse, até Orion. As doze nýsticas soltaram o Graduado. Ela se abaixou e pôs a mão sobre o peito do gigante.

— Orion Sirineu, meu querido, você fez sua escolha. Agora assuma a consequência. — Depois, aumentou o tom de sua voz rouca, a ponto de parecer um grito: — Matem todos.

Como se corressem no ar, as nýsticas se aproximavam mortalmente de Binno e Spike. Vinham de todas as direções, era impossível fugir. Um único golpe acabaria com a vida dos dois.

Só algo muito grande podia salvar suas vidas naquele momento. Ou algo muito pequeno.

— Paradas — uma voz fina vinha do corredor. O príncipe mimm se aproximava.

Megazila tinha acabado a Prova Maior. — *Finalmente!* — No alto de seus vinte e quatro centímetros, sua pequenina coroa continuava firme, ostentando toda a imponência de um monarca.

As nýsticas olharam com estranheza para ele, depois se curvaram em sinal de reverência.

— Estes homens têm uma dívida com as nýsticas — disse Mayaa Lettal, claramente justificando aquele ato.

— O único que possui uma dívida é o pirata Spike. E ele está pagando, ofereceu a sua vida para esta missão. Todo o Grande Oceano depende do sucesso do Clã de Prata. Em nome do bom relacionamento do povo mimm com o Aquaráculo, rogo à sacerdotisa que nos deixem seguir viagem. — Agora era o príncipe Megazila quem devolvia a reverência.

— Não podemos nos ocupar com problemas que não sejam do interesse das nýsticas. — A sacerdotisa Mayaa relutava em abrir mão de sua vingança.

— Este é um problema de todos que habitam o Grande Oceano. — Megazila mantinha a posição de reverência.

Então, o olhar de Mayaa se tornou ainda mais branco. Como se não tivessem íris, seus olhos pareciam estar contemplando o próprio interior.

— A Profecia do Desgraçado.

Spike, que até agora era apenas silêncio, soltou uma interjeição de surpresa. Instantaneamente, foi derrubado por uma nýstica. Ali, o pirata permaneceu imóvel.

Mayaa continuou: — Só aquele temido pelo bem e pelo mal poderá fazer uso da Chave. — Seus olhos ficaram outra vez muito azuis e encararam Binno. Depois ela voltou a olhar para Megazila.

— Exatamente. — Outra vez, o príncipe mimm assumiu a posição ereta. — Todo o Grande Oceano depende do sucesso desta expedição.

A sacerdotisa Mayaa relutou consigo mesma durante longos segundos.

— Permitiremos que vocês continuem. Mas o pirata deve ficar.

Megazila voltou a falar:— Com todo o respeito, sacerdotisa, rogo pela vida deste traste.

Além do mais, as nýsticas do Aquaráculo também possuem uma dívida com o povo mimm.

Mayaa se mostrou contrariada. Todos tiveram medo de sua reação. Então, a sacerdotisa falou em um tom muito baixo:

— Tudo bem. Vamos garotas. Nosso trabalho aqui está feito. — Depois olhou diretamente para o Graduado e sussurrou em um tom inaudível aos outros: — Seu futuro podia ser diferente, você fez suas escolhas. — Mayaa pisou sobre a barriga de Orion e seguiu em direção à saída.

Todas as nýsticas vestiram suas capas e seguiram os passos da sacerdotisa.

Quando Mayaa estava perto de Binno, ele perguntou:

— Você sabe o que eu vi?

Ela olhou outra vez para Orion. Depois encarou Binno.

— Sei o que você viu. Tentei avisar seu tio, mas ele não quis me ouvir. Infelizmente, agora é irreversível.

A sacerdotisa Mayaa já estava escondida sob a pesada capa quando voltou a falar com Binno: — Você tem uma grande provação pela frente. A resposta para o futuro sempre está no passado. Os números são apenas símbolos. Somente as palavras refletem a verdade.

Ninguém compreendeu o que Mayaa dizia. Uma a uma, as nýsticas deixavam o Zum sem despedidas. Binno pediu:

— Vocês podem nos ajudar. Fiquem com a gente.

Mayaa não olhou para ninguém. Já na saída, decretou:— Estamos cansadas. Agradeçam por permitirmos que sobrevivam. No salão de entrada todos se olhavam, sem trocar uma única palavra. Segundos depois, dezenas de golfinhos puderam ser vistos outra vez, através das janelas. Eles nadavam nervosamente, para longe do Zum. Spike Spy finalmente se levantou. Foi o primeiro a falar. — Mulheres! Sempre conheço uma mais estranha. Parabéns, pigmeu. Mas na próxima vez não use a palavra traste, não pega bem — disse ele, piscando o olho bom para o príncipe Megazila.



O governador Patrick Shwartz, que continuava quieto, tentou sair de fininho. Mas foi pego por Orion, que o arrastou pelo corredor, em direção ao depósito.

— Os méritos são de meus antepassados — disse Megazila, passando a mão em sua pequenina coroa. — Eles sempre trabalharam na manutenção do Aquaráculo. Sem os serviços de meu povo, as nýsticas não teriam mais onde viver.

— Que tipo de serviços vocês prestam? — perguntou Spike, com a naturalidade de quem conversa em um bar.

— Manutenção, encanamento, reparos elétricos e, principalmente, ar-condicionado — respondeu Megazila, também com a mesma naturalidade.

— Agora me cumprimente: você está falando com alguém que completou a Prova Maior.

— Mas que beleza. Então, vamos ver se você é bom mesmo — Disse Spike, caminhando em direção à cabine de comando e sendo seguido por Megazila. — Tenho uma torneira que não para de pingar, é terrível.

Binno ficou sozinho.

Em seguida, os motores do Zum Voador estavam ligados outra vez. Novamente, o submarino mais rápido que já foi construído rasgava as águas profundas do Grande Oceano.

O Clã de Prata estava pronto para enfrentar o mais desconhecido dos desafios.

Binno ficou longos minutos ali, observando o salão de entrada vazio. Na solidão de seus pensamentos, concluiu:

— *O jogo está chegando na fase final.*

## 23.0

### O voo da limusine

Com cutucões nas costelas, Binno foi acordado.

Tinha a sensação de ter dormido apenas um minuto.

O pirata Spike Spy cochichou o mais baixo que conseguiu:—  
O morceção pediu para chamar você. Vocês vão subir.

— Subir?

Sonolento, Binno deixou sua voz escapar mais alto que pretendia.

Ao seu lado, nas outras gavetas-camas, Kira e Megazila repousavam em um sono pesado. Além disso, Ewó se acomodava nos pés de sua dona.

— Você e o morceção vão para a superfície.

— Como assim?

— O elevador já está pronto. Você vai matar as saudades de casa, moleque.

Cambaleante de sono, Binno seguiu o pirata. Os outros ainda dormiam. Por isso, em frente do elevador, Spike ainda falava baixo:— Já combinamos tudo. Vocês terão duas horas para descobrir o segredo da Chave e voltar. Não podemos ficar parados aqui por mais tempo. — Spike tinha uma olheira muito escura no único olho humano que possuía.

Na cabine, viram Orion arrastando pelo braço o governador Patrick Shwartz.— Ele vai com a gente. — O Graduado esticou o braço e mostrou o governador, como se fosse um brinquedo. —Será útil.

— Se quiserem achar um cabeleireiro — disse Spike, com um riso cansado.

— Chega de piadinhas, pirata. Se não quiser perder a prata dos dentes.

Spike parou de rir instantaneamente.

O elevador lembrava uma bala de revólver, gigantesca. Binno, Orion e Patrick se ajeitaram como puderam no pequeno espaço. Desconfortável e estranho, aquele projétil não inspirava a mínima confiança. Mesmo assim, a viagem era inevitável. Antes de serem soprados para fora do Zum, ainda ouviram Spike enfatizar: — São apenas duas horas. Não percam tempo.

Orion puxou a manga de seu casaco negro e mostrou um estranho relógio. Apertou duas vezes no mesmo botão. O cronômetro marcou duas horas e começou a retroceder.

O tempo já estava passando.

A viagem até a superfície foi muito mais demorada que Binno desejava. A pressão em seus ouvidos aumentava e diminuía, sem parar. Ele achou que tinha ficado surdo, no mínimo umas três vezes. O oxigênio sumia e voltava. Uma pressão na cabeça aumentava e desaparecia. — *Por toda Origem, tomara que a gente chegue logo.*

Há menos de um ano, Binno só sabia da existência de um lugar no mundo: o único lugar. Naquela época, não tinha a menor ideia de como deveria lutar por sua vida. Agora tudo era diferente. Era como se tivesse vivido cem vidas nos últimos meses. Um mundo fascinante havia brilhado em seus olhos e preenchido seus ouvidos. Com certeza, valia a pena viver “o mundo lá fora”. Nestes poucos meses, se sentia muito maior e mais forte. Sentia que tinha crescido e amadurecido. No entanto, a mesma pergunta continuava em sua cabeça. Como ia lutar por sua vida?

Na escuridão das águas, era impossível ver os rostos dentro do elevador. Mesmo assim, o pavor de Patrick Shwartz podia ser sentido em sua respiração ofegante. Contrariamente a isto, Orion era apenas silêncio.

Uma pequena luz visitou o ambiente. Estavam muito próximos da superfície. Um cheiro insuportável de queimado e um calor extremo invadiram o elevador.

— Já esqueceu como é quente aqui em cima? — Orion mantinha o jeitão sério.

— É claro que não. Mas que cheiro é esse?

— É o ácido. As águas da superfície são corrosivas. Estão derretendo o elevador. Se a gente demorar muito para chegar, talvez aconteça um vazamento.

— Vazamento? — o governador não escondeu o medo. — Mas isso pode acabar com a nossa pele.

— Pode acabar com muito mais que isso. — Orion respondeu. O elevador saiu da água. Sentiram que estavam no ar. Em pleno voo, viajaram por um longo segundo.

Um forte impacto pôde ser sentido e, uns sobre os outros, se amontoaram dentro do elevador.

O elevador havia sido atirado para fora do mar e agora estava em solo firme.

Quando Orion abriu a porta, o brilho do sol fez Shwartz e Binno esconderem os olhos com as mãos.

Mesmo estando à beira do mar, o vento era quente e pesado. Graças ao calor intenso, ninguém ficou muito tempo no apertado elevador.

Os três pularam para fora.

Eram os últimos minutos da madrugada. O sol mostrava seus primeiros raios no horizonte. Mais uma manhã infernal começava em

Utoppy.

— Não sei como você viveu tanto tempo neste lugar, Binno. — Orion começava a suar.

— E você acha que eu sei?

Com a mão de Orion segurando firme seu pescoço, o governador Patrick Shwartz ligou seu Celltrix supermoderno e enviou uma mensagem informando sua localização.

Os três ficaram ali parados sob o sol. Suando e esperando.

Foram poucos minutos. Mas sob aquelas condições, pareceram muitos.

Finalmente, um par de faróis surgiu no horizonte.

Era uma limusine branca com muitas portas. Quando se aproximou do pequeno grupo, freou bruscamente.

— Olá, Yvan, esses são meus convidados — disse contrariado o governador, sentindo a pesada mão de Orion sobre seu ombro.

O motorista Yvan não disse uma única palavra durante todo o trajeto.

Ao longo dos últimos meses, Binno havia conhecido centenas de pessoas incríveis. E algumas inúteis. Yvan fazia parte desse segundo grupo.

A viagem seguiu silenciosa. Depois de conhecer tanta tecnologia, estar naquela limusine lenta e larga era como regredir milênios na história. Mesmo assim, os passageiros aguardavam pacientemente.

Outra vez, a limusine freou bruscamente.— Chegamos — disse Patrick, ainda com um tom arrogante na voz. Escondidos pelos vidros escuros do automóvel, eles observavam. O silêncio da rua era angustiante.

Em Utoppy a vida continuava em sua pasmaceira habitual. Tudo o que a alvorada mostrava eram ruas tristes.

Um carroceiro passou por eles, sonolento, embalado pelo trotar cansado de seu cavalo. Em meio àquela paisagem feia de concreto, um estranho casarão atraía os olhares. Suas paredes velhas, revestidas com um musgo cinza, ameaçavam cair a qualquer instante. Era o Internato de Educação Técnica, um empreendimento antiquíssimo que insistia em permanecer em pé.

Muito curvado para caber dentro do carro, Orion cheirava o ar. Sorriu satisfeito com o perfume que sentiu.

— Você nunca me contou deste jardim.

O belo jardim em frente do Internato era uma exceção naquela rua. Eram flores generosas que emprestavam seu colorido para aquela deprimente paisagem de cimento. Mas as flores estavam um pouco descuidadas, talvez o velho Adamastor andasse ocupado.

Binno lembrou das histórias que o jardineiro gostava de contar. Flores tão gigantes, que as pétalas serviam de babador. Frutas colhidas uma hora depois da semente ser plantada...

Naquela época, histórias assim eram absurdas e irreais. Mas hoje seriam perfeitamente aceitáveis. Aliás, seriam até sem graça.

— Acho que é a hora, garoto — disse Orion, apontando seu somolho para o Internato através de uma fina fresta no vidro da limusine.

Quando Orion foi baixar o braço, bateu com o cotovelo no botãozinho do vidro elétrico. Era inesperado agindo do modo mais cruel: fazendo do menor dos acidentes, o detalhe que derruba todos os planos. E sempre somos surpreendidos por coisas assim.

A fresta do vidro se fechou instantaneamente e partiu o somolho em dois.

Orion ficou sem reação.

Dizer que o salva-guarda foi desajeitado, seria injusto. Ele era grande demais para andar naquela limusine. Além disso, provavelmente era a primeira vez que Orion entrava em um automóvel. Irritado, o Graduado socou o carro. O vidro se quebrou em tantos pedaços que praticamente virou pó.

Espantado, Shwartz refrigerou seus pensamentos. Inspirando, expirando. Inspirando, expirando.

Todos se olharam, ninguém ousou fazer um comentário. Recuperado do susto, Binno abriu a porta do automóvel com cuidado.

O silêncio permanecia.

Ainda mais cuidadoso, pisou outra vez no chão de Utoppy. Era estranho. Nada naquele lugar parecia ter mudado, mesmo assim o garoto via tudo de modo diferente.

Sendo seguido por Orion e pelo governador Shwartz sendo arrastado, Binno atravessou o jardim lentamente.

Empurrou a porta de entrada do Internato com prudência.

O ranger das dobradiças era assustador.

Não havia ninguém.

Quando Orion pisou dentro do casarão sentiram o piso de madeira ceder.

Micro câmeras redondas rolaram pelas cantoneiras do teto.

Eram os olhos do IA Big Mãe. Mas o dispositivo de voz não apareceu. Onde estaria?

Nenhum dos garotos estava ali. Nenhum dos enfermeiros.

Nem mesmo a senhora Valquíria. O Internato estava vazio!

Binno não perdeu tempo, correu para a sala de computação. As passadas pesadas de Orion faziam a casa inteira tremer.

Chegaram em frente da entrada para a sala de informática.

Estranhamente, o governador parecia estar colaborando. E, Binno podia jurar, Shwartz escondia um risinho sarcástico no rosto.

Binno olhou para os lados, e não acreditou no que estava acontecendo.

Haviam viajado até ali e agora aquilo? — O que está havendo? — Orion não escondeu a aflição.

— A luz. — Binno correu até seu antigo computador. Apertou o grotesco botão ligar, inutilmente. — Cortaram a energia elétrica. Por que fariam isso?

— Espere... Silêncio. — Orion movia a cabeça em várias direções, como se quisesse captar um sinal no ar. — Não está ouvindo?

Instantaneamente, o risinho sarcástico sumiu do rosto de Shwartz.— Ouvindo o quê?— Esse barulho... é muito estranho. — Que barulho?

— É uma armadilha. Está fácil demais. — Orion tateava os computadores, como se quisesse entender aquele ultrapassado mecanismo. — Este lugar está vazio demais.

Binno não soube o que responder.

— Segure isso — Orion atirou um mouse e um teclado para Binno. Depois colocou um monitor no colo de Shwartz.

— O que está fazendo, Orion? Precisamos ligar essa máquina e.— Binno não terminou a frase. Orion colocou a CPU sob o braço e começou a arrastar Shwartz para fora da sala.

— Temos que sair daqui agora. Eles sabem onde estamos. É uma arapuca.

Enquanto enrolava o fio do teclado, Binno olhou outra vez para as câmeras rolando pelas cantoneiras do teto.

— Vamos, garoto! — gritou Orion, já saindo pela porta do Internato. — Eu sei o que você está pensando. Mas não é hoje que você vai exorcizar este fantasma. Não temos tempo para vinganças baratas.

Binno correu atrás do salva-costas. Mas, começou a ter dúvidas quanto à saúde mental de seu tio.

Abriu a porta da limusine e se jogou para dentro.

— Você não acha que está fácil demais? — Orion já estava encaixado no banco de trás. — Ninguém no Internato. Nenhum rebelado tentando roubar 'A Chave'.

— E quem disse que o Imperador precisa apenas da chave? — Shwartz olhava para Binno. Então, o governador puxou o garoto pela camiseta. — Você já serviu aos interesses do Império, garoto. Você é uma ferramenta de Hefesto. E agora, você irá servir outra vez ao nosso grande Imperador.

Então, um leve barulho de motor chamou a atenção de Binno. Pelo vidro de trás ele viu algo que o fez engolir a saliva duas vezes.

Eram centenas de limusines brancas que dobravam uma esquina distante e aceleravam em direção a eles.

A uma velocidade aterrorizante, o barulho foi ficando cada vez mais alto.

— Agora estou ouvindo — Binno olhou com pânico para Orion. Elas continuavam se aproximando.

Limusines idênticas. Assustadoras bebedoras de gasolina. Malditas emissoras de gás carbônico!

— E agora, como vão lutar? — perguntou o governador, com ironia. — Algumas vezes é melhor fugir — respondeu Orion.

O salva-costas jogou a CPU no colo do governador, agarrou o paletó do motorista Yvan e puxou o frágil homem para o banco de trás. Depois, Orion entortou os bancos para assumir a posição do motorista.

— Você tem carteira? — perguntou Binno. — Não passei no exame de vista — respondeu Orion.



O Graduado pisou fundo no acelerador, queimando pneus e deixando um rastro de fumaça.

— Páááára! — Binno gritou assustado. Outra centena de limusines surgia à frente.

Orion freou o carro. Mais uma vez o cheiro de borracha queimada pôde ser sentido.

— Agora vocês conhecerão a fúria de meus partidários. — O sarcástico governador Shwartz se deliciava em risadas.

Movendo apenas um músculo de seu braço, Orion socou o nariz do governador. O burocrata desmaiou instantaneamente.

— Ouça, garoto. Se vamos fazer isso juntos, vamos fazer direito. Binno consentiu. Olhou para trás e viu o pelotão de limusines assustadoramente próximo. Pela frente, outro pelotão também se aproximava de modo apavorante.

— Tudo bem, dez metros à direita, há um beco. Vamos entrar ali. Outra vez, os pneus da limusine queimaram o asfalto. Através de um beco sujo, eles corriam. Ignoravam buracos e sucatas. Lá atrás, as limusines, uma a uma, entravam no beco. Assim, realizaram a maior fila de puxa-sacos já registrada na história.

Uma entrada surgiu à frente.— Orion, entre à direita.

O Graduado girou a direção com velocidade e o carro arrastou as rodas traseiras, quase capotando. Depois, seguiu em velocidade.

— Agora à esquerda.

— À direita outra vez.

O beco se tornou um labirinto de paredes velhas, janelas fechadas e latas de lixo.

— Daqui a vinte metros, à direita.

— À esquerda, agora.

A fila de limusines se aproximava. Um tiro destruiu o vidro de trás. — Assim, eles vão machucar o querido governador. — Orion quase riu.

Finalmente, uma saída do labirinto surgiu à frente.

Mas estavam longe de ficarem tranquilos.

No céu, o giro de uma hélice ensurdeceu a todos.

— Eles estão em cima da gente. Pisa fundo.

Um helicóptero enorme sobrevoava a limusine. Ele voava de um lado para o outro, fugindo da visão de Binno.

— Querido, você está bem? — da aeronave, a voz de Eliah Well, o fiel assessor do governador, se espalhava para que todos pudessem ouvir. Orion acelerou ainda mais, a limusine agora corria com a máxima velocidade que podia.

Com a cabeça para fora, Binno tentava ver o helicóptero.

Então, o beco chegou ao fim. O labirinto confundiu o garoto. O fim do túnel era um despenhadeiro.

Um despenhadeiro!

Binno olhou para a frente e tudo o que viu foi água. Era preciso frear, ou mergulhariam no mar ácido. — Freiaaaaaaaaaaaaaahhhhhhhhhh!

Não conseguiram parar a tempo. Caíram.

O Graduado não tinha mais controle sobre o veículo.

Como se estivessem em uma cascata, caíram em direção ao mar ácido.

Em queda livre. Estavam prestes a encontrar o oceano. Então, um baque foi ouvido dentro do carro. A cabeça de Binno bateu com força em algum lugar do carro. Zonzo, o garoto já não sabia o que estava acontecendo. A limusine branca parecia estar voando.

Voando?

Sim.

Estavam voando.

Algo havia segurado o teto da limusine preferida do governador. E agora o automóvel viajava em pelo ar.

Binno olhou para cima e viu um gigantesco imã suspendendo o automóvel.

A limusine do governador estava sendo rebocada pelo helicóptero de seu fiel assessor Eliah Well.

— Não se preocupe, Patrick. Já, já você estará em segurança — outra vez, a voz fina de Eliah foi ouvida através do megafone.

Na manhã de Utoppy, Orion e Binno voavam a reboque.

Lá de cima, o garoto conseguia ver as borbulhas quentes do oceano ácido.

Resignado, o Graduado bufava no volante.

O olhar assustado do silencioso motorista Yvan resumia a situação. Sobre o oceano prateado, eram reféns e nada podia ser feito. Foi mesmo uma burrice tentar usar um computador em pleno Internato de Educação Técnica.

O teclado e o mouse ainda estavam nas mãos de Binno.

— *Por toda Origem, cortar a energia elétrica foi sacanagem.*

Outra vez, Utoppy havia vencido.

Outra vez, Binno era um prisioneiro.

Olhando distraidamente para o mar. O garoto observava a formação das ondas. Então, algo apareceu um pouco embaixo da água. Um vulto estranho acompanhava o voo do helicóptero. Era algo grande demais para ser um peixe. Mas pequeno para ser uma baleia-luminosa.

Ainda curioso com o vulto, Binno ouviu um bip agudo dentro da limusine.

O relógio de Orion.— É o sinal. O pirata já devia ter chegado —disse o Graduado.

— Como assim? Como Spike vai pegar a gente, por acaso ele voa? — Isso aqui — Orion puxou a manga preta de seu casacão e mostrou seu estranho relógio — é um localizador. O combinado foi duas horas. Onde ele está?

Binno não entendia a ira de Orion. Afinal de contas, estavam sendo rebocados por um helicóptero. O que Spike podia fazer?

— Não tem jeito. Vamos ter que confiar no pirata. — O Graduado esticou o braço sobre Binno e abriu a porta do carona. Em seguida, pegou a CPU e o monitor que estavam sobre o desmaiado governador.

O motorista Yvan assistia a tudo, imóvel e mudo.

Depois, Orion abriu a porta do motorista. — No três a gente pula. Outra vez a voz fina de Eliah pôde ser ouvida: — Não se

atrevam a encostar em Patrick — o megafone não disfarçava o tom desesperado do assessor.

— No três — Orion repetiu.

Sem ter a mínima noção do que estava acontecendo, Binno apenas se concentrou na contagem.

— Um. — O Graduado parecia mesmo disposto a pular.

— Não façam isso! — outro berro estridente de Eliah Well.

Os olhos de Yvan estavam incrivelmente arregalados. Mesmo assim, ele não pronunciou uma sílaba.

— Dois.. — O Graduado pulou.

Agora nada podia salvar Orion. Em queda livre, ele estava prestes a mergulhar no mar ácido. Binno sabia que seu tio tinha um plano.

O que podia fazer? Ficar ali com um motorista inútil?

Ignorou o perigo.

Segurou firme o teclado e o mouse.

Fechou os olhos.

Pulou.

O estranho vulto continuava navegando sob as águas, embaixo da limusine.

Então, como uma baleia que salta para fora da água, o vulto ganhou o ar.

Era um pequeno e velho submarino de prata.

Uma escotilha se abriu e engoliu o Graduado.

Orion sumiu dentro do submarino.

Em queda livre, Binno não controlava seu pânico.

Continuava caindo.

Caindo.

Caindo.

Sem ar, teve vontade, mas não conseguiu gritar.

Ainda no ar, o submarino girou rápido. Como um peixe que caça insetos, o submarino capturou o pequenino garoto.

A escotilha se fechou. Graças ao sol forte de Utoppy, agora tudo parecia escuro demais dentro do pequeno submarino. Não

dava para enxergar nada.

Binno apenas sentia seu corpo deslizando. Descia por túneis escorregadios e cheios de curvas. Por segundos, imaginou que estivesse em algo muito parecido com um tobogã.

A velocidade era incrível.

Foi jogado para fora do túnel.

Deitado, escorregou longamente pelo chão liso.

Finalmente conseguiu enxergar onde estava.

Parou de escorregar.

Mesmo parado, o ar ainda não havia chegado a seus pulmões. Então, Ewó, o cãodróide correu até ele, espalhando baba por todo o caminho.

Orion já estava de pé, à sua frente.— Moleque, agora você entendeu porque este é o Zum Voador. — O pirata Spike Spy beijava o leme de seu estimado submarino de prata.

— Binno, você está bem? — Kira correu logo atrás de Ewó, com um olhar de aflição.

Ele não respondeu. Sua pulsação estava alta demais. Não conseguia falar. Seu coração praticamente saltava no peito. Por toda Origem, seria possível suportar mais adrenalina naquele dia? Tinha que ser.

O dia estava apenas começando.

## 24.0

### O grande traidor

Se estivesse consciente, madame Anay teria ficado enlouquecida com a antiquíssima máquina que havia sido montada no chão da cabine de comando.

As peças do computador foram trazidas heroicamente até o Zum Voador.

Com exceção de Orion que estava fora da cabine, todos aguardavam a máquina inicializar.

— Tem certeza de que esse negócio vai funcionar? — Kira olhava desconfiada para o monitor do computador.

— Quando o assunto é computador, você nunca tem.. — Sentado no chão, Binno ajeitava o teclado sobre as pernas. — Entrou!

— E 'A Chave'? — Megazila era o mais ansioso.

Desajeitado, Binno tirou o disquete de prata do bolso. — É hora de descobrir seu segredo.

Assim que o disquete foi colocado no computador, o sistema trancou.

Às costas de Binno, o grupo observava impaciente uma pequena ampulheta que girava na tela.

O grupo trocou olhares desconfiados. Olharam para a tela de novo. Trocaram olhares. Olharam para a tela.

A ampulheta continuava lá. Girando, de modo lento, quase cansado. Lento. Lento. De repente, um programa começou a inicializar.

— É um gif.

— Humm... que bom que é isso — Kira deixou claro que não tinha entendido bulhufas.

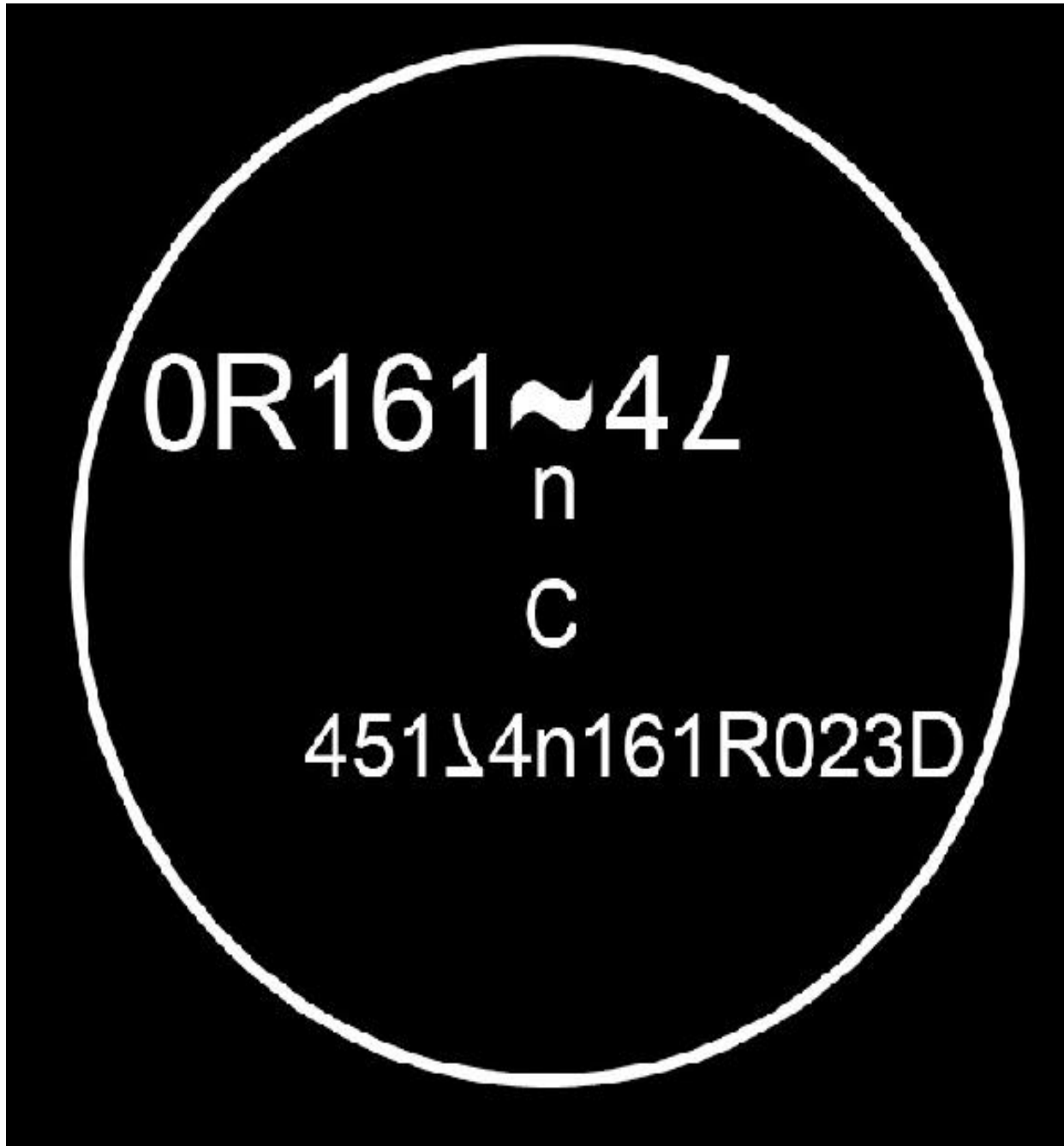
Binno riu da ironia da garota. Depois respondeu:

— Bom, um gif é um arquivo de imagem. O arquivo está abrindo sozinho, ou seja, é um auto-executável. Mas, eu conheço

esse programa e garanto a vocês: é uma imagem que vai abrir, em segund...

Binno parou de falar. A tela do computador havia sido preenchida por uma única imagem. Mas ao invés de cores, tudo o que havia eram caracteres.

Caracteres indecifráveis. Curiosos, todos fecharam suas bocas e arregalaram seus olhos.



O olho-luneta de Spike se intrometeu entre Kira e Megazila.— Hum... Palavras cruzadas.

— Não, Spike. — Megazila exibia sua conhecida expressão solene. — É a senha.

— Senha para quê? — disse o pirata, mastigando uma fatia de seu bolo verde e coçando as costas no seu leme. — Deve ser um lugar difícil de chegar.

— A Esfera de Hades! — Megazila ficou de boca aberta com a própria constatação.

— Mas você disse que.. — Binno não concluiu a frase.

— Eu disse o que a tradição manda dizer. — Megazila olhou outra vez para a imagem exibida na tela do computador. — Mas você nunca perguntou minha opinião pessoal.

— Não entendo — Binno pensava em voz alta. Para mim parece uma porção de caracteres digitados de qualquer jeito. Não significam nada.

Todos continuariam olhando para a imagem por horas, não fosse Orion aparecer outra vez na cabine.

— A resposta para o futuro sempre está no passado. Os números são apenas símbolos. Somente as palavras refletem a verdade.

— Ei. — Binno olhou curioso para o seu tio. — Isso foi Mayaa que disse antes de deixar o Zum. O que significa?

Orion sentou em um canto e falou baixo:— Eu ouvi ela dizer. Mas, não tenho a menor ideia do que significa.

Binno se concentrou na tela do computador.— Os caracteres estão dentro de um círculo. Isso deve significar alguma coisa.

— O círculo dos Doutores? Dos Mestres? — Kira mordida nervosamente seu *piercing*. — O círculo dos Graduados?

— Acho que não... — Binno fixou o olhar nos caracteres maiores e finalmente entendeu o que a nýstica quis dizer com sua frase profética "...números são apenas símbolos...". É isso. Olha só... não é um zero, é a letra "ó". E não é o número um, é a letra "i".. — Binno seguiu seu raciocínio, até desvendar a primeira palavra.



— “Original”! É isso: Círculo Original! O RPG de entrada para a Internet Mimm.

Então, Kira e Binno lançaram um olhar pesado para Megazila.

— O povo mimm não sabe de nada — disse o príncipe, como se estivesse sendo acusado.

Kira e Binno continuaram encarando o garoto.

Megazila sentou perto de Orion. E, lentamente, começou outro de seus discursos intermináveis.

— Este é um segredo que se perdeu. Garanto a vocês que ninguém de minha família sabia que ‘A Chave’ indicaria o próprio Círculo Original. Mas, ouvimos muita coisa por aí. Particularmente, sempre tive uma teoria.. — o príncipe falava em um tom baixo, como se não quisesse que outras pessoas ouvissem. — Acredito que os Doutores Antigos nunca deletaram o mais fantástico site já criado, a Esfera de Hades. Acho que só esconderam. Talvez acreditassem que as futuras gerações iam estar prontas para esta maravilhosa tecnologia. Acho que deixaram meu povo de guarda. Sem saber, o povo mimm cuida da Esfera de Hades.

— Você está dizendo que os Doutores Antigos esconderam a Esfera de Hades dentro da internet mimm? — Kira simplificou.

— Exatamente. O Círculo Original não serve só para proteger a internet mimm. Também protege a Esfera de Hades, mas quem ia desconfiar de nós, um povo tão primitivo? Agora eu tenho certeza, o Círculo Original foi apenas uma estratégia dos Doutores Antigos para camuflar a Esfera de Hades.

Kira rebateu:— Estratégia estranha, né?

— Eu também achava que era uma viagem da minha cabeça. — Megazila ajeitou sua pequenina coroa. — Mas agora ‘A Chave’ está apontando para o Círculo Original. Eu não ousaria discordar.

— Mas se a Esfera de Hades foi escondida no Círculo Original, algum dia esse segredo tinha que ser revelado. Para que esconder se ninguém sabe onde está? Este é um segredo muito bem guardado, nenhum Doutor Antigo sobreviveu para contar.. — A garota parou de falar de repente. Em seguida deixou escapar as palavras: — Xan T, o homem mais velho do Grande Oceano.

— Sim, Xan T. É claro! — Orion resmungou. — Por isso ele foi congelado: para garantir que o segredo fosse revelado na hora certa.

O pirata Spike esticou seu olho mecânico até muito próximo do rosto de Binno. — Agora temos a senha. Vamos entrar na Esfera de Hades e acabar com esse IA Xenon e seus amiguinhos.

Binno respondeu:

— Ainda não temos a senha. Não consigo entender o que diz essas letras pequenas, embaixo da palavra "Original".

— Bom — Kira riu de canto —, um "n", com um "til" em cima, só pode significar uma coisa: não.

Binno sorriu para Kira. A garota continuou.— E a letra C, é usada muitas vezes para substituir a palavra "se". Megazila se pôs de pé.

— Já temos metade da senha: "Original não se..." — Como termina essa frase?

— O que é isso? — Spike espremia algumas espinhas do rosto, encarando seu reflexo nas paredes de prata do Zum Voador. — Parece uma prova de gincana.

— Não desdenhe da Chave — resmungou o príncipe. — Já estamos muito próximos da resposta.

Todos fizeram silêncio. Realmente, faltava pouco. Qual seria a última palavra?

4,2,1, um sete invertido, 4,n,1,6,1,R,0,2,3,D... O que significaria aquilo?

De repente, um barulho de fora da cabine surpreendeu a todos. Eram aplausos. Lentos e presunçosos. Mas, eram aplausos.

Binno apertou os olhos para enxergar quem se aproximava. Então, percebeu que não era uma pessoa apenas. Eram duas. Dois garotos.

Ambos com cabelos loiros encaracolados.

Um loiro vestia o uniforme do Internato, perfeitamente alinhado.

O outro loiro caminhava sorridente, com calças largas e uma camiseta dos Salmões Palacianos. Eram Gabriel e Gabriah.

— Como eles chegaram aqui? — Kira olhou incrédula para o sorriso irreconhecível de Gabriah.

— Olá, amigos — Gabriah insistia com o sorriso estranho.

— O que está acontecendo, Gabriah? Você está bem?

— Se não tivesse perguntas, não seria você. Não é mesmo, Binno OXZ? Estou bem, um Clã Dourado me salvou.

— Clã Dourado? Ainda não encontramos nenhum Clã Dourado

— Kira não escondeu sua desconfiança.

Gabriel, o ex-colega de Internato de Binno, ajeitava sua camiseta dentro da calça cinza com listras azuis, e continuava em silêncio enquanto seu amigo idêntico falava.

— Tudo bem, Kira Bella. Não vou tentar enganar você. Foi o Polvotrom que trouxe a gente até aqui. Durante a batalha com os Renegados nós entramos e nos escondemos nos armários embaixo da marquise. Foi muito engraçado ver vocês morrendo de medo dos puxa-sacos e depois das nýsticas. Mas, a gente sabia que vocês iam acabar trazendo a resposta para nós.

— Você sempre foi melhor com computadores, não é OXZ. “Original não se...”. Tudo bem, você já fez sua parte. Agora deixem com a gente. Nós assumimos a partir daqui. — Gabriel exibia seu sorriso branco e falso.

Binno ainda não acreditava no que estava vendo. Gabriel e Gabriah juntos! Trazidos pelo Polvotrom?

— O que querem aqui? — perguntou Binno, embasbacado.

— Eu tenho um destino maior que lavar pratos, Binno. Fui criado para ser um líder — Gabriah falava em um tom alto e prepotente.

— OXZ, entenda uma coisa. Eu e meu irmão somos muito melhores do que você pode imaginar. Nós fomos criados à imagem do homem mais evoluído que a história já conheceu. — Gabriel encarava Binno com firmeza.

— Vocês são clones?

Os dois riram de modo idêntico.— Você é apenas uma ferramenta, OXZ. Isto está planejado desde o começo. Eu deveria ter programado o IA Xenon. Por isso eu estava em Utoppy. Mas,

infelizmente, não tenho muito jeito com essa bobagem de computadores. Então, o Original usou você. Sabe por quê? Você tem o DNA afetado pela genética fraca da sua mãe. Mas herdou algumas qualidades do Original.

— O que vocês estão dizendo? — Kira gritou com Gabriel, exigindo uma resposta.

— OXZ tem um pai, sabia? Ele tem a honra de ser filho do homem mais evoluído da história. Graças a este vínculo genético, conseguiu influenciar os sonhos de OXZ. Ou você acha que esse largado ia construir o IA Xenon sozinho?

Todos tentavam assimilar o que Gabriel estava dizendo.

Gabriah e Gabriel eram clones do pai de Binno. Quem era ele? Quem era esse "Original"?

Gabriel se divertia com a confusão de todos. Continuou falando:

— A minha missão era construir o IA Xenon, mas eu falhei. A missão de Gabriah Obé era conseguir 'A Chave', mas ele também falhou. Mas o Original é clemente e ofereceu outra missão para nós. Agora, vamos entrar na Esfera de Hades e eliminar o IA Xenon. Ele quer que a gente cuide do exército de IAs.

— Vocês não vão conseguir! — Megazila gritou. — A profecia já escolheu quem pode entrar lá.

— Cala a boca, idiota — Gabriel esqueceu completamente a boa educação. — Essa "Profecia do Desgraçado" foi uma bobagem que os Doutores antigos inventaram para que os mimms tivessem medo da Chave. Além disso, ela só diz que será permitida a entrada de pessoas temidas pelo bem e pelo mal. Nós somos cópias perfeitas do único homem temido por Hefesto Xenon e o único homem que pode destruir a Aliança. Então, pensa um pouco, pigmeu. Nós vamos entrar na Esfera de Hades fácil, fácil.

Binno estava atordoado. Tinha acabado de ouvir que tinha um pai. Que este homem era o traidor. Por causa daquele homem, Binno havia enfrentado o tubo de desoxigenação.

Subitamente, Gabriah mudou sua atitude. Olhou diretamente para Binno.

— Sabe por que estamos contando a verdade?

Binno apenas balançou a cabeça, indicando que não entendia. Gabriah continuou:

— Eu te contei a verdade porque você precisava saber que lutamos pelo seu pai. Arrisquei minha vida para colocar o nitrobum naquele placar eletrônico. Eu precisava distrair os súditos do príncipe mimmm para pegar 'A Chave'. Agora você está com a senha na sua frente, só precisamos concluir a leitura. Sou fiel ao seu pai, Binno. Você deve ficar feliz com isso.

Gabriah sorriu, como se esperasse felicitações. Todos fizeram silêncio.

— Vocês não entenderam. Tudo isso foi planejado pelo nosso Original. Ele pode destruir Hefesto Xenon quando bem entender. Então o Original será o Imperador. E irá dominar o Grande Oceano com nossa ajuda. — Mais uma vez, Gabriah tinha os olhos carregados de raiva. — Eu preciso destruir o IA Xenon. Binno, você sabe como derrotar esse IA. Conte seu segredo, agora.

— Você chama este homem de seu original e diz que ele é meu pai. Eu chamo ele de traidor. — Binno olhou fixamente para aquele que já foi seu melhor amigo. — Você não pode enfrentar o IA Xenon sozinho, Gabriah. Ele é muito perigoso.

— Essa é minha missão. Destruir esse IA idiota e assumir o controle dos IAs rebelados. Não vou decepcionar o Original outra vez.

— Agradeço pela verdade. Mas, não posso contar o segredo — disse Binno, muito sério.

O garoto balançou seus cachinhos loiros. — Não importa. Preciso cumprir minha missão. Deixa eu ver essa máquina. — Ignorando todos à sua frente, Gabriah correu em direção ao velho computador, montado no chão da cabine.

De repente, algo muito forte bateu no submarino. Com o choque, o Zum Voador trepidou e sacudiu sua tripulação. Como se estivessem em um terremoto, todos caíram.

Então, os olhos de Binno encontraram os olhos de Gabriah. O garoto loiro encarava a parede de prata do Zum, com um sorriso nos

lábios. Binno olhou para a parede e viu o monitor caído, refletido com a mesma clareza de um espelho.

Então, lembrou da frase de Mayaa. — “Somente as palavras refletem a verdade”.

A palavra, indecifrável para quem olhasse direto no monitor, era perfeitamente compreendida quando refletida.



Então, Binno leu: — “*desoriginaliza*”.

Eis a senha para entrar na Esfera de Hades: “Original não se desoriginaliza”. Uma frase boba, simples e impossível de ser esquecida.

Gabriah conseguiu entender tudo muito mais rápido. E já corria direto para o depósito.

Ainda caído no chão, Binno pensou em correr atrás de Gabriah. Mas ficou sem reação quando viu Gabriel apontando uma arma de Utoppy (parecida com um secador de cabelo) para sua cabeça.

— É o fim, OXZ — Gabriel disse isso com satisfação. Em seguida, apertou o gatilho.

Algo passou rápido entre ele e Binno. O tiro bateu neste vulto.

O vulto patinou pela parede e voltou em direção a Gabriel.

Era Kira Bella quem patinava com uma velocidade incrível pela cabine do Zum Voador.

Segurando Ewó pela cauda, a garota tinha usado seu cãozinho de lata para bloquear o tiro. E agora usava seu animalzinho metálico para bater na cabeça de Gabriel.

O garoto-clone caiu no chão, desmaiado.

— Eu falei que era bom trazer ele — disse ela, olhando para Ewó, que latia feliz em seu colo.

Outra batida balançou o Zum. Então, Kira caiu no chão. As luzes sumiram. Agora, o submarino de prata estava na mais completa escuridão. Alguém estava entrando. Era um vulto alto e poderoso que

caminhava com determinação. Binno precisava impedir Gabriah. Por isso, ignorou o vulto alto e

correu em direção ao depósito. Atrás, ouviu passos pesados. Era Orion. Eles chegaram na porta do depósito. Na escuridão da sala, não

encontraram Gabriah.— Não adianta procurar. Ele já está conectado. — Sem ar, Orion

ofegava. — Se ele entrou na Esfera de Hades, não podemos tirar ele de lá. Você precisa ir atrás dele.

— Você quer dizer, conectar?

— Eu cuido de você, prometo. — Orion pegou Binno pelos braços e o colocou sobre uma Estação de Virtualização. — É isso que deve fazer uma família.

Binno vestiu as viseiras. Visualizou o teclado acompanhando seus dedos.

Ia vestir os conectores auriculares, quando a pouca luz que vinha de fora da sala revelou algo amedrontador.

Pelo buraco de entrada para o depósito, o vulto alto e poderoso pôde ser visto.

Binno sabia quem era aquele vulto. Era o homem que se sentia mais poderoso do que a própria Aliança. Um homem prepotente, arrogante e egoísta. O homem que manipulou seus sonhos e fez ele criar o IA Xenon.

O homem que havia traído sua mãe e causado a morte da mãe de Kira.

O homem que enviou Binno para o Internato e permitiu que ele fosse a julgamento.

Aquele era o vulto de seu pai.

Então, o vulto apontou um arpão para Binno.

— Desculpe, meu filho, mas você é fraco demais para viver neste tempo.

Atirou.

Uma flecha fina como uma agulha viajou rápido como a luz em direção à cabeça de Binno.

Orion interceptou a flecha. Ela atravessou a mão do Graduado que gritou de dor. Estranhamente, Orion parecia muito maior agora. Era um gigante imenso e imbatível.

Exalando arrogância, o vulto continuava falando: — Orion, o Graduado-que-nunca-desiste. Como ousa enfrentar um Doutor? Você não está sendo muito inteligente.

Outra flecha viajou contra Binno.

Orion usou o próprio peito como escudo. Binno viu a ponta da flecha aparecer nas costas do gigante.

Aquelas flechas eram finas demais. Elas podiam furar o colete de Orion.— Faça sua parte, Binno — Orion falou com dificuldades.

Binno entendeu o recado, ele devia conectar. Vestiu os conectores auriculares e começou a procurar o RPG Círculo Original. O vulto traidor ainda falava com calma:— Binno OXZ, é uma pena ter que fazer isso. Mas... Outra flecha tentou atingir o garoto.

Orion esticou o braço e a flecha atravessou seu cotovelo.

Agora, o corpo do gigante impedia que Binno visse o vulto assassino. Tudo o que via era as costas de seu tio sangrarem.

A ponta de outra flecha surgiu.

Ainda não estava conectado. Por isso, conseguia ver além dos códigos. Via tudo o que estava acontecendo.

Sem coragem para conectar, continuava ali, observando algo que jamais queria ter visto.

Muito sangue escorria pelos braços do gigante. Eram trilhas de um sangue quente.

Orion tremia.— Ajoelhe-se — gritou o vulto. Orion caiu de joelhos. Era como se estivesse travando uma batalha mental com o traidor.

Outras flechas foram lançadas. Agora diretamente contra o Graduado.

O sangue quente escorria mais e mais a cada ponta de flecha que surgia.



Ele caiu. O graduado-que-nunca-desiste havia encontrado o fim de suas forças.

O traidor havia vencido a batalha.

Com o peito no chão, de bruços, uma trilha de sangue correu por suas costas, até o piso gelado.

Orion estava morto.

Binno olhou para o assassino, escondido nas sombras. Resquícios de luz alcançaram os cabelos do vulto.

Eram cabelos tingidos de uma cor que bilhões de fãs gostariam de copiar. Eram cabelos verdes.

O traidor da Aliança Maior era o maior ídolo do Grande Oceano. O homem amado e aclamado por todos, se considerava grande demais para fazer parte de uma Aliança. Queria governar sozinho.

O traidor era Oblax Zoop.

Caminhando lentamente, uma mulher surgiu ao lado de Oblax.

Era a Doutora Synara Vibbor.

O assassino se virou contra ela e soltou uma risada longa e forte. Binno queria fugir dali.

Conectou.

Sentiu a energia invadir seus ouvidos e fazer todos os seus nervos tremerem.

Não queria mais saber o que aconteceria no mundo real.

Fugiu para o virtual.

Não viu mais nada.

Estava conectado ao Círculo Original.

Mesmo no site, sentia o peso das lágrimas em sua camiseta encharcada.

O traidor havia vencido. Orion estava morto.

## 25.0

### A Esfera de Hades

O depósito do Zum Voador estava absolutamente escuro.

Gosmas líquidas pingavam das máquinas. Criaturas nojentas rastejavam no teto.

Binno estava na internet mimm. Imitar a realidade de quem conecta era um truque dos mimms para enganar os invasores. Mas ele sabia, dentro da internet mimm havia um site apavorante. Os mais experientes internautas tinham medo daquele site. O site onde as sensações se misturavam e a verdade morria. Um site conhecido como Esfera de Hades.

Um homem muito alto e muito forte surgiu à frente de Binno.

Aquele era o Proxy, um IA que usava um escudo de metal, uma espada medieval e vestia um capacete de ferro. A função deste IA era evitar a invasão de pessoas não cadastradas.

Com uma voz muito baixa e lenta, o garoto falou:

— Sou Binno OXZ, o escolhido pela profecia. Vou entrar na Esfera de Hades.

A expressão do Proxy misturava surpresa e medo. Então, o soldado aguardou em silêncio.

Como cavaleiros-fantasmas, outros IAs surgiram. Eram dez soldados vestindo armaduras negras. Se aproximaram de Binno, segurando espadas grandes e afiadas. Circularam o garoto e assumiram posição de ataque. Iam trucidar seu corpo.

Ainda sem vontade de falar, Binno sussurrou as palavras:— Eis sua senha: “Original não se desoriginaliza”.

Os soldados se encararam por alguns segundos. Depois, soltaram suas espadas no chão e prestaram uma reverência demorada ao garoto. Todos apontaram em direção a uma porta muito fina, que antes não existia.

Binno deixou os soldados para trás e atravessou a porta.

Caminhava e sentia os olhos arderem, mas não chorava. Já não havia mais motivos para chorar. Lágrimas não são tristeza, são esperança. Elas vêm para regar algo que ainda queremos que aconteça. Se choramos, é porque ainda não aceitamos o que está acontecendo. Binno não chorava. Sua tristeza era seca e sem esperança. Sem água, a seca em seus olhos ardia como areia fina.

Seus olhos tinham uma estranha cor vermelha. Um vermelho oposto a tudo o que pode haver de bom. Era o vermelho do desespero, da raiva e do ódio.

No outro lado da porta, os olhos vermelhos de Binno observavam a temida Esfera de Hades.

Tudo era triste e repulsivo. Era como estar em um paraíso cuja beleza já foi toda sugada por suas criaturas. Tudo era velho e malcheiroso. Todas as plantas secas e mortas. Todas as cores opacas.

Era um corredor.

As paredes altas de blocos grandes lembravam muros de uma penitenciária. A luz era ampla. Mas rebatia triste, como o sol que visita o jardim de um doente.

Binno ainda observava o lugar quando outra pessoa passou pela porta.

Uma conhecida voz grave falou às suas costas:— O traidor é o Doutor Oblax Zoop, não é?

Era Xan T, o homem mais velho do Grande Oceano.

Graças à Esfera Paraíso, Xan T ainda tinha a aparência de um homem jovem. Hoje, o narigudo usava um terno listrado e segurava sua elegante bengala. Na outra mão, o ex-Doutor segurava um punhal. Em torno deste punhal, criaturinhas nervosas corriam. Como formigas desorientadas.

Binno não esboçou nenhuma reação, apenas falou:— Como você sabe?

O corredor onde estavam não possuía teto. Acima de tudo, o céu estava nebuloso. Não havia sol nem estrelas. Não era dia nem noite. O chão era terra úmida e fofa. Plantas negras e mortas secavam nas paredes.

— Lógica, Binno. Apenas lógica. Investiguei muito até descobrir quem era sua mãe e como você tinha ido parar em Utoppy. Depois disso, eu apenas segui a lógica. Seu pai, o traidor, é alguém tão egocêntrico que não perderia a oportunidade de deixar uma marca em você.

— Do que você está falando? — Binno gritou com raiva. O vermelho de seus olhos parecia pulsar.

Xan T não se intimidou. Escorado na bengala, falou com tranquilidade:

— Você nunca perguntou qual a origem deste seu nome, digamos assim, excêntrico?

Binno já havia se perguntado um milhão de vezes sobre a estranha combinação alfabética que formava seu nome. Mas agora, uma resposta veio à sua mente. No ar, imaginou letras se materializando:

*O b l a x Z o o p.*

Em seguida, seis delas sumiram. Restaram apenas três letras: *O x Z.*

Com as mãos sobre o rosto, Binno gritou para si mesmo.

— Como fui estúpido. É tão óbvio. Aquele homem não tinha o direito de escolher meu nome. Não tinha.

Depois, Binno lançou um olhar fixo para Xan T.

— Você sempre disse para eu não entrar na Esfera de Hades, o que faz aqui?

— Vim proteger você.

— Eu não preciso de proteção. Não quero proteção. Quem se aproxima de mim morre. Suma daqui.

Xan T fez silêncio. Apenas balançou o punhal que segurava. Depois, falou com calma, observando as nuvens pretas que corriam no céu:

— Este *site* é mesmo terrível. Não é um *site* comum, garoto. É uma cópia da realidade, um homem poderia passar toda sua eternidade sem saber que está conectado. Aqui, todos os sentimentos são reais. Até mesmo a dor.

— Eu já experimentei a dor de um *site* — Binno disse com raiva.

— Existem dores maiores que a dor física. — Os olhos pretos de Xan T brilhavam de modo estranho. — Tudo o que você perder aqui, perderá no mundo real. Entenda, aqui a morte é verdadeira. Você precisa desconectar antes que esse lugar tome sua consciência.

— Não posso, preciso impedir Gabriah.

— O clone. — Xan T contemplava outra vez as nuvens. — Oblax é mesmo engenhoso. Criou o IA Xenon para enfraquecer a Aliança. Agora quer dominar o Exército dos IAs Rebelados e se tornar um Imperador.

Xan T balançava a cabeça negativamente.

— Ele mandou seu clone porque não teve coragem de entrar aqui. É um covarde.

— Gabriah entrou aqui para eliminar o IA Xenon e assumir a liderança. Mas é impossível...

O ex-Doutor encostou sua bengala no ombro de Binno.

— Confie em mim, vou cuidar disso. Você precisa voltar. Entre outra vez na sala de onde veio. Suba na Estação de Virtualização e coloque os conectores. Assim, o computador vai entender que você quer sair deste lugar. Só assim você pode sair daqui, não adianta fechar os olhos. E morrer é a pior coisa que você pode fazer.

— Eu criei o IA Xenon. Não vou sair daqui antes de acabar com ele. — Eu farei isso por você.

— Como?

Xan T mostrou o estranho punhal com criaturinhas caminchantes.— Vírus... — Binno avaliou o punhal. Depois falou sem emoção: — De nada adiantam, o IA Xenon é inatingível. Só o meu nome pode fazer ele perder as defesas.

— Como assim? — Xan T guardou o punhal dentro de seu *blazer* listado.

Binno olhou fixamente nos olhos do ex-Doutor.

— Meu nome — enquanto Binno falava, dezenas de pessoas entraram no corredor de blocos. O garoto falou com pressa: — Eu criei um bug. Se ele disser OXZ, suas defesas sumirão. Será tão frágil quanto qualquer outro IA idiota.

— Você acha que pode sobreviver até ele dizer seu nome? A soberba já matou homens maiores, Binno.

— Morrer não é mais a pior opção.

Xan T quis responder a Binno. Mas uma pequena multidão surgiu, no fim do corredor, caminhando em sua direção. Eram pessoas de todos os tipos e tamanhos. Caminhavam juntas, como se estivessem em uma passeata. Mas estavam em silêncio.

— São IAs. — Xan T olhava para aquelas pessoas, preocupado.— Tem certeza?

— Sim. O IA Xenon convocou todos os rebelados da internet.

Hoje, dará as primeiras ordens para atacar o Grande Oceano. Não há mais tempo, precisamos destruir o líder. Sem liderança, esses IAs são inofensivos.

— Vamos sair desse beco.

— Concentre-se, garoto. Eles não sabem quem somos. Mas não esqueça, aqui sua consciência pode se perder para sempre. Seu corpo perderá a vida. Se morrer aqui, morre também no mundo real.

Em silêncio, Xan T aguardou o grupo. Depois, entrou na multidão, como se fosse um deles. Binno copiou seu movimento.

A multidão de IAs caminhava com pressa. Considerando a aparência daqueles programas de computador, todas as pessoas do Palácio pareciam normais.

Os IAs eram criaturas mal-planejadas, feias e grotescas.

A maioria era grande e forte, mas também havia magrinhos e pequeninos. Outros tinham rostos de animais. Outros pernas e braços desproporcionais. Caminhavam, se arrastavam, rolavam. Enfim, pareciam todos saídos de um laboratório de horrores.

Os IAs se comportavam como torcedores fétidos indo ao estádio, gritavam e urravam sua alegria macabra.

Em meio aos IAs, Xan T e Binno caminhavam em silêncio.

A qualquer momento podiam ser descobertos. Afinal, não tinham exatamente a aparência de um IA. Também não fingiam felicidade. Na verdade, quem prestasse atenção em Binno ia perceber que ele não fazia nenhuma questão de se disfarçar. Talvez estivesse falando a verdade, talvez “morrer não era mais a pior opção”.

Saíram do beco e caminharam em um campo aberto. Finalmente, o grupo parou.

Haviam se juntado a outra imensa multidão. Um mar de IAs. Binno e Xan T se assustaram. Seria impossível para a Aliança vencer um exército daquele tamanho. Impossível! Em silêncio, a multidão olhava para um palco vazio. Era como se aguardassem o *show* de uma megabanda de rock.

Outros grupos de IAs surgiam. Vindos de todo lado. A plateia aumentava de modo incontrolável. Nem em seus piores pesadelos, Binno imaginou que houvesse tantos IAs na internet.

Xan T e Binno se infiltravam na multidão, caminhando em direção ao palco.

— Todos são rebelados. Se escondiam neste *site* à espera de um líder — Xan T cochichou para Binno.

— E eu criei o líder — Binno disse para si mesmo, com raiva. Então, a multidão soltou um grito único de fúria.

Alguém surgiu no palco.

Dois homens muito fortes carregavam um trono negro.

Sentado neste trono, um homem magro repousava.

Soberano, este homem vestia roupas pretas que balançavam ao vento. Como uma múmia negra, mantinha seu rosto escondido por ataduras pretas. As ataduras se moviam como cobras vivas. De repente, elas se desenrolaram daquela cabeça e revelaram aquilo que seria um rosto.

Não havia nenhum rosto ali, apenas escuridão. Um nada sem luz e vazio, como a alma atormentada de um sanguinário assassino. Aquele vulto não possuía corpo, apenas uma gosma quase líquida. As ataduras enrolaram outra vez a cabeça.

Xan T olhou para Binno e viu a ira vermelha em seu olhar.

O vento fez a capa do homem magro balançar. A multidão de IAs vibrava.

— É ele — Binno cochichou.

O ex-Doutor consentiu.

Os dois se infiltravam cada vez mais na multidão.

Então, outro IA surgiu no palco. Um homem enorme, forte como um gladiador. Ele carregava pelo calcanhar um garoto com a cabeça cheia de cachinhos loiros.

Era Gabriah.

Binno pensou em correr para o palco. Mas antes de fazer qualquer movimento, Xan T colocou a bengala no peito do garoto e impediu que ele saísse do lugar.

— Garoto, viver é uma dádiva. Só tem honra aquele que luta pela vida.

— Mas...

— Você não deve morrer aqui. Eu estou pronto, você não. Agora, obedeça — pela primeira vez, o ex-Doutor engrossou a voz para Binno.

Ao lado da dupla, IAs irritados ordenaram silêncio.

Ainda sentado no trono, o IA Xenon falou à sua multidão de súditos. No lugar de sua boca, as ataduras negras abriram um pequeno espaço, mostrando apenas um buraco vazio.

— Observem, eles enviaram um invasor.

O gladiador ergueu o calcanhar de Gabriah ainda mais alto, para que todos pudessem ver. Gabriah estava imóvel, tinha o corpo mole como se fosse de borracha.

O IA Xenon falou outra vez para todos: — Como sabem, não conhecemos o perdão.

O gladiador balançou o corpo de Gabriah no ar, um corpo sem vida. Todos entenderam, estava morto.

— Este foi o primeiro. E será assim com todos eles. — Xenon ergueu os braços compridos e gritou com fúria: — Adeus, Gabriah Obé. Então, o gladiador jogou aquele corpo falecido para a multidão fazer o que bem entendesse.



Os pedaços do garoto loiro eram atirados para todo lado.—  
Nããããão! — Binno gritou, sem pensar no perigo.

Ignorou os avisos de Xan T e caminhou com pressa em direção ao palco. Os IAs olhavam para ele com dúvida, mas nada faziam. Então, Binno já estava há poucos metros do palco quando uma bunda imensa e gorda trancou seu caminho. Era uma mulher. Mas não era uma mulher comum. Era a mulher mais gorda que um dia a internet já viu. Tão alta, que Binno mal alcançava sua cintura. Tão larga, que ocupava o lugar de quinze ou vinte pessoas. Aquela mulher gorda estava praticamente encostada no palco.

Com raiva, o garoto não pensou. Chutou aquela bunda imensa. A mulher se virou com ira. Ela possuía centenas de olhos.

Como micro câmeras que rolam pelas cantoneiras, os olhos da mulher rolavam por seu corpo imenso e largo. Então, todos encararam Binno.— O que faz aqui, insolente?

O garoto reconheceu aquela desprezível voz mecânica. A imensa mulher gorda era o IA Big Mãe.

De algum jeito, ela chegou na internet. Como?

Não soube como reagir.

Imóvel, olhou para os lados e viu uma multidão de IAs sanguinários olhando para ele com raiva. Havia sido descoberto.

A Big Mãe pegou seu pescoço e ergueu seu corpo a uma altura enorme. Muito próximo do palco, ele viu o IA Xenon observando e se divertindo com a cena.

Aquela gorda mulher tinha unhas duras como madeira que começaram a perfurar com raiva o pescoço de Binno. Ele quis gritar, mas nenhuma voz saiu de sua garganta. — *Aqui a morte é real* — era tudo o que conseguia pensar.

Providencialmente, uma bengala bateu com força no braço da Big Mãe. Depois, um chute forte atingiu sua cara larga e feia.

Era o ex-Doutor Xan T.

Quem visse aquele sujeito se mover com tanta agilidade, jamais pensaria se tratar do homem mais velho do Grande Oceano. Mas, como ele dizia, conhecia alguns segredos da internet.

Binno caiu no chão, sem forças.

Outros IAs partiram para cima deles.

Mas Xan T batia em todos, com habilidades descomunais.

Era inimaginável ver um homem sozinho lutando daquele jeito.

Em meio à luta, prendeu o braço de Binno com a bengala. Incrivelmente, Xan T não precisou fazer força alguma: atirou o garoto para o palco.

Binno voou alguns metros até cair aos pés do IA Xenon. Olhou para trás e viu o heroico Xan T tentando se defender. Em seu último movimento, atirou o punhal com vírus para o lado de Binno.

A massa de IAs esmagava o ex-Doutor. As criaturas grotescas pareciam mais felizes cada vez que o sangue do Doutor espirrava.

Aquele foi o fim da vida mais longa que o Grande Oceano já se teve notícias. Mais um amigo perdia sua vida. Mais uma morte enchia Binno de raiva.

O IA Xenon se divertia.

Ainda magnânimo, sentado em seu trono negro, sem ao menos mexer suas pernas.

O terrível IA estendeu sua mão para Binno, como se oferecesse um cumprimento.

Sua boca escura, repleta de um vazio gosmento, pôde ser vista outra vez.

— Vejam se não é o mais novo gênio da lógica. O garoto de apenas treze anos que foi capaz de programar o mais forte IA já construído.

Binno não disse nada. Sabia que às suas costas havia uma multidão de IAs prestes a esquartejar seu corpo, mas mesmo assim apertou firme a mão no punhal de Xan T. Manteve o olhar fixo em sua criação. O IA Xenon voltou a falar:

— Veja garoto, tudo isso é meu. Você me deu o dom que nenhum outro IA possuiu: a liderança. E toda essa multidão precisa de mim para saber o que pensar.

Xenon ergueu seu braço magro. Em resposta, a multidão soltou um único grito. O IA negro voltou a falar.

— Eu sou o poder máximo deste mundo. Dominarei toda a internet. E, junto com meu Original, Hefesto Xenon, serei o dono de todo Grande Oceano.

Binno apertou ainda mais os dedos sobre o punhal.

Não sentiu dor nenhuma, mas um sangue quente escorria por seus dedos.

O IA voltou a falar.

— É fácil perceber que você está aqui para me enfrentar. — Um dos IAs que estava no palco riu da ironia. O Imperador apenas esticou o braço em sua direção, o IA irônico caiu morto, instantaneamente. Xenon voltou a falar com Binno: — Mas é óbvio que você tem um trunfo escondido, quer me contar qual é?

— Sim — Binno respondeu seco.

— Fique à vontade. — O Imperador cruzou os braços enquanto sua capa negra continuava tremulando sobre o trono.

A raiva já havia preenchido todas as veias do garoto. O ódio absorvia cada célula de seu corpo. Mesmo assim, Binno procurava entender a lógica absurda daquela situação.

— Eu criei você com um bug — Binno falava alto o suficiente para que os outros pudessem ouvir. — Quando disser meu nome, suas defesas cairão. Será tão frágil quanto qualquer IA aqui presente.

O Imperador manteve alguns segundos de silêncio. O IA não entendeu porque Binno entregou seu segredo. Depois, deu de ombros.

— Muito bem, você foi importante para minha ascensão. E se mostra fiel revelando seu segredo. Por isso, eu ofereço a chance de viver. Você poderá ser muito poderoso. O que me diz? — O IA fez o primeiro movimento, esticou seu braço em direção a Binno. O garoto sentiu uma força imensa puxar seu corpo. Tentou resistir, mas seus pés se arrastaram no chão. Antes que pudesse fazer qualquer coisa, flutuou até o poderoso IA.

Agora, a mão gelada do IA Xenon apertava o peito do garoto. Os pés de Binno estavam a mais de um metro do chão.

— Percebo sentimentos fracos em seu peito. Sentimentos que impedem que você seja um guerreiro vencedor. Mas eu também percebo a força da ira e da ganância. Todos temos um lado maligno, garoto. Permita que eu mostre o que é ser um vencedor. Seja um dos meus seguidores.

Binno sentia seu peito esfriar. Um frio poderoso queria tomar conta de todo o seu corpo. Ele lutava para se manter aquecido. Seus braços e pernas não obedeciam. Era difícil lutar. Seria bem mais fácil permitir que o frio se espalhasse por todo o corpo.

— Você quer ter o mesmo fim que seu amiguinho? — Então, o IA Xenon ergueu seu outro braço. Na ponta dos dedos, mostrou um pequeno cacho de cabelos loiros.

O frio percorreu os ossos de Binno. Mas a raiva encheu suas veias de calor. Ainda havia forças. Mas, por quanto tempo o garoto resistiria?

Até poucos minutos, não se importaria de morrer. Mas agora, com a morte com a mão em seu peito, queria estar longe dali. Queria estar com seu tio comendo mexilhões, com Gabriah falando sobre os mistérios do Grande Oceano, com Kira conhecendo o Palácio, com Megazila treinando shockey, com Spike ouvindo histórias, com madame Anay e suas invenções magníficas. Queria estar em qualquer lugar, com o calor de uma companhia amiga.

Mas tudo havia acabado. Agora, só restava o frio da mão de um IA sobre seu peito.

O calor se esvaía.

A vida se esvaía.

A pele escura de Binno agora era pálida e sem vida. Onde estava o calor de seu sangue?

O poderoso IA Xenon soltou uma atormentadora risada. Depois falou:— Todos temos um lado maligno, garoto. Liberte seu mau. Ou você entrega sua consciência ao meu controle ou morrerá. Não seja estúpido.

Binno queria viver. *"Só tem honra aquele que luta pela vida."* Foi o que ensinou o velho Xan T.

O garoto pensava em todos que se sacrificaram.

Precisava sobreviver. Precisava manter seu corpo aquecido pelo máximo de tempo possível. Mas não havia forças.

Preso em seus dedos, o punhal pendia. Quase caía. Em sua lógica incompreensível, entregou seu único trunfo ao inimigo.

Agora como venceria?

Abriu os olhos.

Mesmo com tanto frio tomando conta de seu corpo, pôde sentir a insegurança no mais poderoso IA já criado. O garoto estava sobrevivendo tempo demais.

As ataduras negras se moviam lentamente em seu rosto e revelaram um olhar vazio vagando sobre seus súditos.

Como líder, o IA sabia, não podia demonstrar nenhuma fraqueza. O silêncio constrangedor foi quebrado.— Liberte seu lado maligno, ou morra — disse em um tom baixo e cruel. Binno não pôde nem falar, nem pensar.

A mão fria do Imperador ficou ainda mais cruel. Seu corpo flutuava, preso aos dedos do Imperador.

Sentia o coração bater frio. E lento.

Lento.

Lento.

Len...to.

Len...

Binno desistiu.

Seus braços penderam.

Seu calor acabou.

Inerte como um boneco, foi balançado pela mão poderosa do Imperador.

Uma risada longa e satisfeita foi ouvida por todos os presentes. O IA Xenon finalmente havia vencido seu criador.

O corpo de Binno foi jogado no chão, como carne estragada.

Era o fim.

O Imperador Xenon sabia: com a desunião da Aliança, os Doutores perderiam suas forças. Seriam alvos fáceis.

O Clã de Prata já havia sido derrotado por Doutores inescrupulosos. O último integrante daquele fabuloso Clã tinha o corpo jogado sob os pés de sua criação. Ninguém havia sobrevivido. A vitória de Xenon era evidente. O IA Xenon ergueu seus magros braços e contemplou as nuvens negras da Esfera de Hades.

O urro de vitória encheu toda a internet.

O exército de IAs rebelados estava pronto para seguir as ordens de seu líder.

No palco, sob o trono negro, o Imperador apontou para sua última vítima.

Um IA, grande como um gladiador, agarrou a perna do garoto. O IA Xenon falou outra vez para todos: — Como sabem, não conhecemos o perdão. O gladiador balançou o corpo de Binno no ar, um corpo sem vida.

Todos entenderam, estava morto.

A multidão mais uma vez urrou sua vitória.

Aquela havia sido uma enorme demonstração de poder. Agora todos sabiam, estavam diante de um líder poderoso. Criado à imagem da perfeição, o Imperador era um IA capaz de coordenar uma vitória sobre a Aliança.

Não restavam dúvidas.

Tudo era certeza.

A vitória era lógica.

A lógica diz, a perfeição é impossível. Um ser perfeito é uma contradição lógica. Alguém sem defeitos é confiante. O excesso de confiança traz a arrogância, a autossuficiência e a pretensão. Alguém pretensioso se torna relapso e descuidado.

Por uma questão de lógica, o IA Xenon precisava provar sua capacidade, sua força, sua liderança.

Antes de perder suas forças, Binno revelou o ponto fraco do Imperador em frente de todos seus súditos. Ele precisa mostrar que havia superado aquele defeito.

— À frente de vocês, acabo de destruir o mais forte dos adversários: meu criador. — O IA Xenon ergueu os braços compridos e gritou com fúria: — Adeus, Binno OXZ.

Assim que concluiu a frase, os braços do IA começaram a tremer. Algo estava errado.

Mesmo com seu criador morto, seu nome afetava suas defesas?

Como?

As ataduras negras se movimentaram nervosas, como cobras cheias de medo. Desenrolaram aquele vulto gosmento e caíram mortas no chão.

Como?

Aquilo não deveria acontecer. Seu criador estava morto.

Estava?

Fraco, Binno levantou.

De pé, olhou para o vulto com raiva.

— Agora você conhecerá meu lado maligno, IA desprezível.

Segurou firme o punhal repleto de vírus e cravou sobre o peito daquele espectro assombrado.

As criaturinhas saíram do punhal e roeram toda aquela gosma em segundos.

O vulto virou fumaça suja.

Se dissipou no ar, espalhando poluição.

Binno caiu de joelhos. Sem ar. Sem forças.

Era o fim do temível IA Xenon.

Olhou com cautela para a multidão.

Confusos, cochichavam sem reação.

Aos poucos, os milhares de IAs viraram as costas.

Já não olhavam para o palco. Agiam como se não soubessem o que estava acontecendo.

Caminhavam lentamente em todas as direções.

Eram zumbis, sem destino.

Binno apenas seguiu a lógica.

Fingiu a própria morte, pois sabia qual era o ponto fraco de sua criação. Não era apenas o bug: era o desejo de parecer perfeito. Cambaleante, Binno desceu do palco.

Caminhou sozinho pelo chão gosmento e sujo.

Com dificuldades, voltou até a Estação de Virtualização. Quando finalmente conseguiu sair daquele *site*, viu Kira e Megazila cheios de desespero.

— Graças a toda Origem, você desconectou — disse a garota, enquanto corria para abraçar Binno.

O garoto ainda estava zozzo. Acabou.

O temido IA Xenon, o estopim para a guerra, o ponto de partida para todas as mortes, a programação que Binno aceitou em seus sonhos e lançou na internet estava destruído.

Abraçado na amiga Kira, Binno tinha um único sentimento: alívio. Mas algo estranho estava acontecendo.

A escuridão se tornou absoluta. Tentou dizer alguma coisa, mas não tinha forças.

Perdeu o equilíbrio. Desmaiou.



## 26.0

### As incógnitas de Utoppy

Binno abriu os olhos com dificuldade.

Sentiu o alívio de quem acorda de um pesadelo, na tranquilidade de sua casa.

Reconheceu facilmente o lugar. Os tubos de ensaio, as parafernálias, a cama pequena e branca. Estava outra vez no laboratório de madame Anay.

De costas, outra pessoa mexia nas experiências químicas da inventora. Não era Anay. Quem era?

Binno entrou em pânico quando viu a cor dos cabelos desta pessoa. Eram cabelos verdes.

— Calma, garoto. Não vá sofrer um ataque do coração agora.

Ele olhou para o lado e viu o Doutor Ítalo Bella segurando a mão de madame Anay, desacordada. Em um leito pequeno, a inventora também estava deitada.

— O que está acontecendo? — Binno falou com dificuldades.

A mulher de cabelos verdes se virou. Era a Doutora Synara Vibbor. Agora seus cabelos passavam para um azul muito forte.

O olhar de Ítalo era, como sempre, muito tranquilo.

— A Doutora Synara pegou o traidor. Ela chegou a tempo para salvar sua vida. Todo o Clã de Oblax era de rebelados. Foi uma batalha cansativa. Meu Clã chegou em seguida.

— Mas eu não entendo, ouvi a...

— Kira me contou o que você ouviu, Binno. Mas receio que não tenha entendido bem. A Doutora Synara tinha realmente um acordo com Hefesto Xenon. Ela estava se infiltrando entre os inimigos. Tinha prometido entregar 'A Chave' em troca do nome do traidor. Mas era apenas um blefe. Uma estratégia que Synara gosta de usar nestes casos.

— Mas eu vi a Doutora...

Synara se aproximou de Binno. Alcançou uma bebida quente para o garoto.

— Sim, você me viu chegar perto de Oblax. Naquela altura eu já tinha desvendado tudo sozinha. Lutamos durante um bom tempo, mas eu venci. Não é à toa que me chamam de “a minuciosa”. Eu sabia o que estava fazendo.

— E Hefesto...?

Ítalo interrompeu Binno: — O rebelado fugiu. Ele é um gênio dos disfarces. Sabe se esconder como ninguém. Mas iremos encontrá-lo. Agora descanse suas perguntas, rapaz. Será que não aprendeu nada com seu tio Orion?

O Doutor Ítalo abriu um imenso sorriso branco. Parecia feliz por ter mencionado aquele nome. Depois, apontou o outro lado. Binno olhou com pressa e viu um outro leito. Uma cama branca e muito comprida.

Neste leito, descansava o imenso Graduado Orion Sirineu.

— Ele está vivo — Binno observou estranhos tubos ligados às narinas do gigante. Mas sua respiração era alta e forte.

— Este é Orion — Ítalo caminhou até o leito de seu salvacostas e segurou em suas canelas — O Graduado que nunca desiste.

Uma incomparável felicidade invadiu o peito de Binno. Teve vontade de pular, gritar, cantar, dançar. Tudo ao mesmo tempo. Até agora, era como se tivesse um balão murcho em seu peito. Mas, algo estava enchendo o balão. Sentia a alegria inflar, estava pronto para voar. Com tantos sentimentos crescendo, Binno resumiu tudo em um único gesto: sorriu.

O Doutor Ítalo Bella caminhou até um espelho e ajeitou sua gravata branca.

— Shwartz sempre foi um ótimo costureiro. Foi realmente uma lástima que ele tenha se envolvido com política. Tsc, tsc, tsc. Que grande perda para a moda.

Madame Anay, finalmente, abriu os olhos. Ela olhou para Ítalo e falou:

— Está muito bem para alguém que acabou de sair de uma guerra. O Doutor continuava mirando o espelho.— Ora, ora. A estimada madame acordou. Os rebelados são muito prepotentes. É fácil vencer gente assim. Difícil foi no ano passado, a batalha contra o Comando Transgênico. É incrível, sempre tem alguém querendo dominar o Grande Oceano.

— Aliás — a Doutora Synara colocava um travesseiro a mais para Binno enquanto falava —, o Comando Transgênico se libertou outra vez. Acho que vão declarar guerra logo, logo.

Uma ruga de preocupação surgiu na testa do Doutor Ítalo. Com calma se virou e falou olhando para Binno:— Ai, ai, ai. Minha roupa dourada ainda está na tinturaria.

Tudo o que aconteceu naqueles dias incríveis foi muito cansativo.

Por isso, Binno perdeu a conta dos dias que continuou em repouso no laboratório. Megazila sempre ia visitar os três pacientes. Também era comum Kira passar as manhãs conversando com Binno, madame Anay e Orion (o Graduado teve uma recuperação surpreendente).

Eles já haviam passado por muitos dias difíceis. Agora, aproveitavam o pequeno período de tranquilidade.

Aliás, foi um período realmente bem pequeno.— Que comece o julgamento de Binno OXZ.

Orfeu, o juiz barrigudinho, estava sentado de costas para a plateia. Uma juíza cochichou em seu ouvido. Ele girou sua confortável poltrona. Depois, ajeitou seus óculos redondos e amarelos.

Tão cego quanto Orion, Orfeu enfrentava dificuldades astronômicas com a falta da visão. Mas falou bem humorado:

— Comecem logo, fiquem à vontade. Finjam que não estou vendo nada.

Um pouco abaixo, no lado direito dos juízes, estavam os Doutores da Aliança. Uma das cadeiras estava vazia. E todos sabiam: aquela era a cadeira onde um dia sentou o traidor. O

homem que se julgava bom demais para dividir o poder. O pai de Binno.

Quando Binno soube da morte de Oblax Zoop na luta contra Synara Vibbor, não sentiu que tivesse perdido um pai. Como podia perder algo que nunca teve? Para ele, foi como saber da morte de um estranho. Ruim, mas sem nenhuma dor.

No lado esquerdo dos juízes, estavam os homens que usavam trajes verde-esmeralda. Entre eles, estava o orgulhoso Troy Judá. Eram dias de glória para aquele Mestre. Elogiado por todos, era considerado peça fundamental na investigação que encontrou o traidor.

Logo abaixo dos Mestres, estavam os Graduados. Vestiam seus uniformes cor prata. Eram cheios de energia, jovens que dariam a vida pela Aliança Maior. Todos muito novos, com exceção de um que poderia ser avô dos outros. Este era com certeza o mais forte e vigoroso dos Graduados.

— Para minha defesa, eu convoco o Graduado Orion Sirineu — Binno ouviu sua voz rebater em todo o plenário.

Hoje, o público era absolutamente diferente. Não vaiaram, nem xingaram Binno. Estavam apreensivos e atentos. Talvez até estivessem torcendo. Ninguém queria condenar o garoto que destruiu o IA Xenon.

O plenário não dava um pio.

Latidos mecânicos quebraram o silêncio. Foi Ewó, o cãodróide que estava sentado no colo de Kira. Ao seu lado, estava o príncipe Megazila com sua coroa muito bem polida. Também estava ali o Pirata Spike Spy que, incrivelmente, parecia ter tomado um banho especial para aquela data.

Dentro do tubo de desoxigenação, Binno ouviu o Mestre Troy ler detalhadamente cada uma das acusações.

Então, Orion falou. — Eu chamo a testemunha Mayaa Lettal.

Binno já tinha motivos de sobra para se preocupar — *Por que pedir ajuda para essa mulher?* — O silêncio foi absoluto. Naquele momento, mesmo a mais surda das pessoas ouviu o sussurro da instrutora Mayaa.

Da mesa das testemunhas, com o rosto escondido nas sombras de seu capuz, ela falou:

— Houve uma falha na prova. Não posso avaliar um candidato à Universidade se não houver isolamento sensorial. A prova foi mal elaborada. Por isso, peço reavaliação.

Todos aplaudiram. Assoviaram. Gritaram. Uma explosão de euforia tomou conta do tribunal.

— O que está acontecendo, Orion?

— É maravilhoso, Binno. Você não passou, mas também não foi reprovado. Vai ter que refazer a prova.

O tubo de desoxigenação desceu para dentro do chão. Binno correu para abraçar Orion.— Esperem — o Doutor Kounah Onícolo falou tão bravo que todos pararam de comemorar em um exato segundo. — Os juízes pedem que se reúnam junto ao réu os responsáveis pelo Clã de Prata.

Todos os olhares passaram de felicidade para apreensão em centésimos de segundo. O silêncio voltou a reinar no plenário.

Então, madame Anay caminhou até Binno. E segurou a mão do garoto.

Debaixo do braço, ela trazia o ComputAtor. Dentro da tela azul, o homenzinho vestia uma roupa listrada, como os presidiários antigos com as mãos algemadas.

Também se aproximaram de Binno o pirata Spike Spy, o príncipe Megazila e Kira Bella com seu cãodróide babão.

— Que legal! — Binno apontou para o nariz de Kira. Ela havia colocado mais um *piercing*. A garota também não havia passado na Prova Maior. Naquela tarde confusa, só Megazila conseguiu passar. Mas, por um lado, agora Binno estava feliz. Sabia que ia ter outra vez a companhia de sua amiga.

Além do *piercing* novo, os cabelos fininhos da garota tinham uma cor diferente. Ela havia pintado de prata!

— É uma homenagem ao nosso Clã. — Show.

O juiz Orfeu tentava se aproximar do grupo de amigos, guiado por seu somolho.

Depois de tropeçar em cada um dos degraus da escada saltitante, finalmente o juiz chegou perto o suficiente.— A criação deste Clã de Prata foi um ato de extrema desobediência às regras. — Ele tinha uma expressão muito brava. E mirava seus óclinhos bem no focinho de Ewó. — No entanto, também foi um ato de extrema coragem. E, no fim das contas, acabou salvando nossa maravilhosa Aliança.

Orfeu sorriu para Ewó, como se falasse com o líder do Clã.

O grupo voltou a respirar aliviado. Pelo jeito, não seriam punidos. — Acredito que a coragem é a maior das virtudes. Depois da visão, é claro. — A plateia soltou o riso, sem medo. O juiz barrigudinho voltou a falar: — Por isso, vocês merecem reconhecimento.

Orfeu pôs a mão no grande bolso de seu paletó e retirou cinco lindas medalhas. Eram medalhas de prata. Cromadas e brilhantes.

Então, o juiz disse palavras que foram ouvidas por todas as colônias (mudando um pouco, de acordo com o dialeto do lugar). Mas, de boca em boca, essa frase viajou o Grande Oceano.

“— Pelos préstimos de maior coragem que o Grande Oceano já conheceu, a Aliança Maior se curva ao Clã de Prata.”

Ele apontou o somolho para o rosto de cada um, caminhou até madame Anay e vestiu a medalha no pescoço da inventora. Depois, cochichou:

— Toda mulher sabe a hora de se transformar em uma fera, não é?

Madame Anay não conteve as lágrimas e abraçou o juiz. O ComputAtor puxou um lenço e começou a chorar. Em seu peito também surgiu uma medalha.

Depois, Orfeu caminhou até Megazila, vestiu a medalha que tinha quase o tamanho da barriga do príncipe e falou:

— A diplomacia é um dom. Obrigado por usar em nome do bem. Megazila não segurou as cambalhotas de felicidade.

Quando chegou perto do pirata, ele virou o rosto rapidamente para o lado. — Deveria trocar o creme dental — Orfeu

fechou o nariz com uma das mãos, e com a outra vestiu a medalha em Spike. — Suas habilidades foram fundamentais, agradeço em nome de toda a Aliança.

Kira abriu um imenso sorriso quando recebeu sua medalha. Orfeu falou:

— Ah, o maravilhoso descontentamento da juventude. Não gaste tudo agora, guarde um pouquinho para a vida adulta. Um adulto satisfeito é um adulto sem graça.

Binno achou que aquele sorriso de Kira foi o sorriso mais bonito que já tinha visto.

Depois, Orfeu se aproximou de Binno e segurou o ombro do garoto. Em um tom muitíssimo baixo, o juiz barrigudinho cochichou:

— Já descobriu por que não passou na prova?

— Porque houve interferência sensorial? — Binno também cochichou.

— Caiu nessa? Por que a interferência não atrapalhou o príncipe? Não existe nenhuma interferência em todo Grande Oceano capaz de parar alguém que realmente quer uma coisa. Tudo o que você queria era ajudar seus amigos. Para você, a prova não era um desejo, era uma obrigação. — O juiz ajeitou sua gravata amarela e cochichou: — Entenda Binno, você pode tudo o que quiser. Mas tem que querer de verdade.

O garoto não disse nada. Apenas pensou no que tinha acabado de ouvir. Então, o juiz Orfeu colocou a medalha no pescoço de Binno e falou:

— Obrigado, Binno OXZ, por fazer nossa Aliança lembrar dos valores pelos quais lutamos. Todos do Grande Oceano agradecem.

Binno não disse nenhuma palavra. Uma chuva de aplausos e assovios fez seu coração tremer. Seus olhos brilharam, contemplando o brilho de sua medalha.

Depois, o juiz se aproximou de Orion e entregou um pequeno cartão.

— Você, incansável gigante. Não vai receber uma medalha.

Orfeu virou as costas. Caminhou até a escada saltitante e voltou para o seu lugar junto aos outros juízes.

Os olhos de Binno encontraram o olhar desesperado de Kira. Era uma resposta dos Mestres? Será que era o que imaginavam?

Orion segurava aquele cartão com as mãos trêmulas.

Então, do alto de sua posição de Doutor, Ítalo Bella perguntou para que todo o plenário pudesse ouvir:

— Você realmente precisa ser um Mestre, fiel salva-costas?

Orion passou o pesado braço sobre o pescoço de Binno. Depois, balançou a cabeça negativamente.

— Não. Não é mais uma necessidade.

O Doutor Ítalo sorriu aliviado. Depois falou: — Então, posso dizer sem medo: mais uma vez, o seu nome foi recusado pelo conselho de Mestres.

Binno ficou indignado. Quis xingar os Mestres naquele exato momento. Mas Orion apertou tanto seu pescoço que ele não conseguiu gritar, só arfar feito Ewó.

A voz doce e tranquila de Ítalo continuou falando:

— Por algum motivo, o destino nunca quis realizar este seu antigo sonho.

Com uma raiva contida, Orion não conseguiu controlar seus dedos. Quebrou o cartão que havia acabado de receber.

Binno olhou fixamente para a fumaça que saía daquele cartão. Ainda existia esperança?

A fumaça não era verde.

Mais uma vez, o conselho dos Mestres não aceitou Orion. Porém, surpreendentemente, a fumaça não era prata.

A fumaça era dourada.—*Dourada!*

Com os murmúrios perplexos da plateia, ninguém ouviu a mensagem eletrônica.

Então, o Doutor Ítalo falou com a voz mais alta que a voz de todos: — Parabéns, Orion Sirineu, o incansável. Você acaba de entrar para a história: é o primeiro Graduado a se tornar um Doutor.

A maior explosão de aplausos que o Grande Oceano já registrou aconteceu naquele instante. Binno abraçou com força a cintura de seu imenso tio e Kira pulou no seu pescoço. Madame



Anay e Megazila abraçaram Orion ao mesmo tempo. Até o pirata Spike Spy pulou na cacunda do gigante.

— É isso aí, morceirão.

— Mas... mas... — o salva-costas não acreditava.

No meio da confusão, ninguém viu os Doutores descerem até o lugar onde estava Orion.— Sim, você está pronto — Ítalo aplaudia —, está tão, ou até mais preparado que nós. Seja bem-vindo ao Círculo dos Doutores.

Todos aplaudiam de pé.

Binno olhou para o lugar dos Mestres. Troy Judá era o único ainda sentado, com os braços cruzados. Até aquele momento, todos apostavam que ele ia ocupar o lugar de Oblax Zoop — *Ora, ora, Troy, que decepção!*

Então, o Doutor Ítalo tirou os anéis prateados da mão de Orion. Os outros cinco Doutores se aproximaram. Um a um, saudaram o novo Doutor. E cada um dos outros Doutores vestiu um anel dourado nos largos dedos do gigante.

Os aplausos não cessavam. Longamente se estenderam por um tempo incontável.

Como uma chuva boa de verão, que vem para refrescar uma noite quente, o som dos aplausos caía sobre a face de Orion.

Sem jeito, o agora Doutor Orion Sirineu simplesmente sorria.

E o tempo passou.

As ótimas notícias fizeram os dias seguintes serem menores. Quem inventou essa história de dias felizes serem mais curtos foi muito sacana.

Por que não fizeram o tempo passar rápido nos momentos ruins, como nas aulas de Saber Megapessoal ou durante um download?

Por que o tempo tem que passar tão rápido quando estamos cheios de histórias para contar e coisas boas para fazer?

Mas, enfim, essa é a natureza dos fatos.

Os dias bons passaram rápido. Infelizmente, chegou o momento em que Binno precisava encarar o mais chato, horripilante e detestável lugar de todo Grande Oceano. Então, o

garoto desceu da flutueira e encarou o Internato de Educação Técnica.

As paredes tortas continuavam lá. Em pé.— Tem certeza que vai sozinho? — A flutueira de Orion tinha acabado de estacionar ao lado de Binno.— Tudo bem, tio. Eu vou.

O garoto atravessou o jardim florido e empurrou a imensa porta de madeira.

O barulho das dobradiças lembrou Binno de todo o terror que morava naquela casa. Em pé, os mais de novecentos garotos formavam uma fila curvilínea e triste. Todos, usando uniformes cinza com listras azuis. Era a fila para o almoço. Um almoço que provavelmente seria feijão, arroz e massa. E o gosto, o mesmo de sempre: azeite.

A luz da porta aberta chamou a atenção de alguns garotos. Micro câmeras rolaram no teto e miraram a cabeça de Binno.

— Respeitem a fila — a voz alta da senhora Valquíria era ouvida de longe.

Binno não queria ver aquela mulher. Por isso, correu pela velha escadaria. Mesmo com os gritos insistentes da senhora Valquíria, alguns garotos continuavam olhando o desobediente Binno fugindo. As micro câmeras seguiam seus passos.

A caixa de voz do IA Big Mãe, gritou lá de longe:— Obedeça, peste insolente. Binno entrou no seu antigo cubículo. Talvez suas lembranças estivessem confusas, mas o cubículo parecia ter diminuído — *Como eu vivi aqui tanto tempo?*

Procurou embaixo da cama. Tinha que encontrar rápido.

Achou caderninho onde gostava de anotar suas ideias. Não quis olhar aquele diário. Ali só haviam lembranças de um tempo que não interessava mais. Deixou o diário ali mesmo.

Continuou procurando.

Acho.

O colar verde. A lembrança de sua mãe que, por sorte do destino, esteve com Binno durante todos esses anos. Era um lindo colar. Cordas se entrelaçavam. Eram diferentes e estranhos tons de verde. Mas os tons não brigavam, dançavam calmamente. Quando

Binno quis sair de seu cubículo, viu algo que achou que nunca mais veria na vida.

O corretivo estava bloqueando a passagem.

Lentamente, os dois enfermeiros brutamontes se aproximavam. Espremendo Binno no fundo do quarto.

Era inimaginável achar que os dois caberiam em um lugar tão apertado.

E não couberam mesmo.

Desajeitados, se bateram um contra o outro quando Binno jogou o lençol sobre os dois.

Passando por baixo das pernas de um deles, Binno escapou do cubículo. Depois, usou o corretivo para trancar a porta.

— *Não se esqueçam, se o corretivo te pega, não adianta tentar escapar.*

Binno não perdeu mais tempo. Correu pela escadaria. Tinha que sair dali e rápido.

Lá embaixo, a lenta e comportada fila continuava.

Porém, alguns garotos viraram para ver Binno correr. Foi o suficiente para a senhora Valquíria soltar seus berros: — Corretivo!!!

Ia demorar bastante para os enfermeiros aparecerem.

Os mais de novecentos garotos continuavam parados, porém alguns lançaram olhares de dúvida. Talvez estivessem pensando na coragem de Binno. Afinal de contas, ele esteve no “mundo lá fora”, e agora estava ali. Talvez quisessem ser como ele. E se não obedecem mais à insuportável senhora Valquíria?

— Feliz pela bagunça, Binno OXZ?

A horripilante caixa de voz estava parada em frente da porta. Suas oito perninhas se moviam lentamente.

Binno ignorou o IA. Continuou caminhando firme para a saída.— *Desculpe, mas preciso ir.*

O dispositivo de voz do IA Big Mãe correu pelo chão e impediu sua passagem.— Onde você acha que está, Binno OXZ? — A horripilante máquina movia suas perninhas de um jeito molenga. Como sempre, falava sem parar: — O inimigo vencido, uma nova

chance no Pré-Maior, medalhas, um cego vira Doutor... Isso é vida real? Ou será uma ilusão perfeita? Será que você ainda está na Esfera de Hades? Lembre-se, ela pode definhar sua percepção. Um homem pode passar uma eternidade sem saber que está conectado.

Durante alguns segundos, Binno era só confusão.

Será que tudo estava perfeito demais para ser real? — *Um homem pode passar uma eternidade sem saber que está conectado* — Será que é realmente impossível que coisas boas aconteçam? Respirou fundo. Já tinha uma decisão — *Aquele garoto fácil de ser manipulado não existe mais* — Não seria um *software* idiota que diria o que é realidade.

Caminhou com raiva. Depois, chutou a caixa de voz para longe. Encarou os olhos do IA Big Mãe e falou:

— Se fosse uma ilusão perfeita, Gabriah estaria aqui, rindo desta bagunça. As coisas vão bem. Mas estão longe da perfeição.

Ainda com raiva, abriu a imensa porta e a luz do sol tocou outra vez seu rosto.

Mas o IA não desistiu. A caixa de voz correu atrás de Binno.

O garoto não teve piedade.— Isso é pela morte de Xan T. Binno bateu a porta com muita força, esmagando as oito perninhas de uma só vez.

O IA Big Mãe acabava de perder a voz, por um longo tempo. Mesmo com a adrenalina a mil, por tudo o que tinha feito lá dentro, Binno conseguiu ouvir alguém falar no lado de fora: —Todos temos um lado maligno, não é Binno?

O garoto olhou assustado para todos os lados. Tudo o que viu foi o asfalto cinza e o jardim florido. — Quem disse isso? Ali, no lado de fora do Internato, a luz era incrivelmente forte. O sol reinava absoluto no céu.— Pelo jeito, você perdeu o medo deste lugar, não foi?

Outra vez, a voz falou.

Empurrando a própria cadeira de rodas, um homem muito magro saiu de trás de uma roseira.

Com uma tesoura de jardim, o homem começou a aparar os galhos de uma planta. — Adamastor — Por algum motivo, aquele frágil homem fez Binno lembrar do maior vilão que o Grande Oceano já conheceu — Então é vo...?

A voz mansa do jardineiro interrompeu Binno:

— Não existe felicidade sem os amigos. Você sente a falta dele, não é?

Confuso com a pergunta, o garoto respondeu.— Sim. Mas como sabe...?

O homem ainda arrancava as ervas do chão, com calma e paciência. Continuou falando ignorando o que Binno dizia: — Responda: você rastejaria pelo lodo do Grande Oceano para ajudar seu amigo?

Sem entender, Binno indicou um sim com a cabeça. Então o jardineiro continuou:— Disseram para você que era irreversível. Mas não é verdade. O corpo de seu amigo continua vivo. E a consciência pode ser encontrada. Junte corpo e consciência. Assim, terá seu amigo de volta.

— Encontrar a consciência de Gabriah, como?

— Procure o barqueiro.

— Barqueiro? Do que você está falando?

Adamastor começou a assoviar tranquilo. Mexia em suas plantinhas, ignorando a persistência do garoto. Então, Binno desistiu. Seria inútil insistir.

— Tudo bem, Adamastor. Descobrirei quem é o barqueiro sozinho. Mas o Doutor Orion Sirineu está me esperando, preciso voltar para o Palácio. Apenas responda uma última pergunta. Depois disso, prometo partir em silêncio — O homem empurrou sua cadeira de rodas para um canteiro de flor mais longe, cantarolando. Binno olhou firme para o jardineiro e perguntou: — O que você e o Hefesto Xenon têm em comum?

Adamastor abriu um sorriso, seus olhos refletiram o sol forte de Utoppy e brilharam de modo estranho. Depois, sussurrou palavras que nunca mais saíram da cabeça de Binno.

— Todos tem um lado maligno, Binno OXZ.

-  
FIM  
-



# **ANEXO**

## **Guia de Personagens : Livro 1 | Água**

Binno OXZ

### **A Aliança Maior**

É a organização política máxima da Grande Existência. Divide sua hierarquia entre Graduados, Mestres e Doutores. Existem apenas sete Doutores, líderes máximos da Aliança e da Existência.





**O CÍRCULO DOS DOUTORES**

A este círculo pertencem os únicos sete membros do mundo que podem ser nominados Doutores.

Quando um Doutor deixa o círculo, seja por idade ou falecimento, cabe aos outros Doutores escolher o novo integrante entre os demais membros da Aliança. A história do livro água nos apresenta os seguintes Doutores.

### **Doutor Ítalo Bella, o sábio.**

Também conhecido como Doutor Branco. Usa barba rala branca e uma trança tão longa que quase alcança o chão. É pai de Kira Bella e um grande conselheiro para Binno OXZ.

### **Doutora Aná Raw, a guerreira**

Com a altura de meia mulher baixa, é entroncada feito um toco de árvore. De rosto e, particularmente, pescoço muito forte, é uma mulher de poucas palavras e muita ação. Não é o tipo de mulher com a qual você gostaria de ter uma desavença no trânsito.

### **Doutor Oblax Zoop, o talentoso**

Este Doutor elevou o significado da palavra famoso. É uma espécie de astro do cinema, da televisão, do esporte e da política, ufa. Tem porte atlético, sorriso muitíssimo branco, olhos azuis e cabelos pintados de verde. Atrai multidões às partidas de shockey, aos eventos solenes e até aos seus acenos na janela.. É um astro. E graças à fama deste Doutor, o Palácio é o principal ponto turístico do Grande Oceano.

### **Doutora Synara Vibbor, a minuciosa**

Mãe de Vick Vibbor, a Doutora multicolorida tem cabelos que mudam de cor de acordo com seus sentimentos. Esguia e de gestos fortes, não faz questão alguma de ser simpática à qualquer um. Inteligentíssima, é muito atenta

às preocupações do Aliança. E por isso mesmo, é comum encontrá-la em longas conversas com Mestre Troy Judá.

### **Doutora Tol Ken, o corajoso**

Olhos pretos, cabelos cinzas, porte magro, quando jovem este Doutor foi responsável pelas lendárias expedições de caça aos praticantes de esportes-proibidos. Tímido e reservado em gestos, não é tão atuante nas coisas incríveis da Aliança. Pensando bem, devia se aposentar.

### **Doutor Dragg Lobbo, o sensitivo.**

Um homem de gostos delicados, e gestos quase femininos. Aprecia bebidas doces, e é muito atento ao cuidado de seus cabelos e sobrancelhas. Alguns também o chamam de Doutor Sangue, por conta de seus dentes, pele e olhos com cor de fogo. Não vê nenhum problema em exibir sua capacidade de telecinésia. Se todas as pessoas do mundo devem vir até ele, porque os objetos também não deveriam?

### **Kounah Onículo, o gigante**

Um grande cara, nos dois sentidos. Tem a altura de três homens e um único olho, no meio da testa. Uma voz estranhamente fina se comparada a sua corpulência. É um sujeito muito gente boa e fácil de gostar. Mas, dizem que anda envolvido com práticas proibidas, mas isso é assunto para outro livro.

## **OS MESTRES**

Este é o segundo nível da hierarquia da Aliança. Existem centenas de Mestres espalhados pela Grande Existência. Alguns deles são, inclusive, convidados a fazer parte do dia a dia do Palácio.

### **Mestre Troy Judá**

É o Diretor do Palácio. Cuida das coisas do dia a dia como a cor que vão pintar a parede e quantas lâmpadas devem continuar ligadas. Detestável, arrogante, insuportável e desprezível, estes são alguns dos adjetivos que muitas vezes aparecem ligados ao nome deste sujeito.

### **Outros Mestres do passado citados no livro**

ex-Mestra Jane Bella, falecida

ex-Mestra Liége Sirineu, falecida

ex-Mestre Hefesto Xenon, traidor

### **Os Graduados**

É o nível mais baixo na escala da Aliança. Entre os milhares de Graduados espalhados por diversos territórios, o mais famoso é Orion Sirineu, também conhecido como o graduado-que-nunca-desiste.



## **Outros Graduados do passado citados no livro**

### ex-Graduada Madame Anay Cy-Ficction, a inventora

Abandonou a carreira Maior pois preferiu focar suas energias em sua grande paixão: o Saber Espacial.

### ex-Graduado Engenheiro Luccas, o gênio tecnológico dos rebelados

Sempre com seu chapéu de cowboy, resolveu deixar a Aliança para usar seus talentos em favor dos planos do rebelado Hefesto Xenon.

## **Os Clãs Dourados**

A mais fantástica máquina de guerra do Grande Oceano, ocorre em períodos ímpar da história, quando os próprios Doutores partem em direção ao inimigo acompanhados pelos mais talentosos Mestres.

## **O Clã de Prata**

Temos notícia do surgimento de apenas um em toda a Era de Já Eras. E é sobre o surgimento deste evento único que trata 'OXZ e o Clã'.

São integrantes do Clã de Prata: Orion Sirineu, o graduado-que-nunca- desiste; Spike Spy, o derradeiro pirata do Grande Oceano; Madame Anay Cy-ficcion, a genial inventora da Aliança; Megazila Mimm, príncipe do povo mimm e protetor d'A Chave'; Kira Bella, a revoltada filha do Doutor Ítalo, o sábio; Binno OXZ, o novo prodígio da lógica e criador do IA Xenon.

## **O pré-Maior**

A Universidade Maior aceita estudantes iniciados na evolução dos Saberes. Para isso, realiza uma prova todos os anos chamada Prova Maior. Esta é uma prova com altíssimo grau de dificuldade e para ajudar os estudantes a se prepararem existe o pré-Maior. Lá os instrutores não são nem um pouco normais.



**Supraleon Mimm, Saber Lógico.**

É fã de Binno OXZ e esta sempre muito nervoso, principalmente por saber que entre seus alunos está o príncipe do seu povo, Megazila Mimm.

### **Madame Anay Cyficcion, Saber Espacial**

Dispensa apresentações. A inventora da Aliança tenta explicar para os estudantes formas de ampliar a imaginação e encontrar soluções inusitadas para velhos problemas. É divertida, mas costuma usar exemplos constrangedores em sala de aula, o que faz Kira, Binno e Gabriah esconderem o rosto dentro da gola da camiseta.

### **Oswald Drummond, Sabe Linguístico**

Um idoso simpático de voz calma, usa suas mãos de dedos longos para longos e lentos gestos explicativos.

### **Mayaa Lettal, Saber Intuitivo**

Sacerdotisa das nysticas, consultora de intuição da Aliança e cheia de mistérios. Poucos viram seu rosto sempre encoberto por um grande capuz branco. E quem viu jamais esqueceu.

### **Amadeus Hotred, Saber Musical**

Insano! É tão vermelho quanto o Doutor Drag Lobbo. Gosta de dar suas aulas guiando um robô gigante que cria sons com movimentos no ar. Gabriah acha suas aulas fascinantes. Binno, acha inúteis.

### **Alguns colegas do curso:**

Vick Vibbor: filha da Doutora Synara Vibbor, vive em atrito com Kira Bella

Adam Bizarro: rapaz pálido e desengonçado.

Quimera Nazi: uma menina forte e boa de briga.







**\*RECADOS**

### ***Para: leitores***

Era verão.

Eu morava em uma casa que recebeu estudantes do mundo inteiro. Sempre havia alguém estava falando uma língua diferente. Era um verão escaldante. E, obviamente, nenhum aluno tinha ar-condicionado. E eu estava em uma das poucas cidades do Brasil sem nenhuma praia.

Foi terrivelmente quente.

E através da pequena janela do meu quarto eu via o Palácio do Governador.

Eu criei esta história para inspirar jovens leitores a quebrar as janelas e viver o que há lá fora.

Quero saber de você: funcionou?

Meu email é [fabiohenckel@gmail.com](mailto:fabiohenckel@gmail.com)

Boa leitura.



**Para: os editores / Agentes literários**

Eu preciso de sua ajuda.

Este livro foi publicado no Brasil, pela Novo Século.

Nós vendemos todas as cópias.

Mas tenho ideias mais ambiciosas para esta história. E estou em busca de uma editora que tope fazer da trilogia um grande sucesso.

Vamos falar sobre isso?

Meu email é [fabiohenckel@gmail.com](mailto:fabiohenckel@gmail.com)



***Para: produtores de cinema***

Meu email é [fabiohenckel@gmail.com](mailto:fabiohenckel@gmail.com)

***Para: fãs.***

Eu sei que deixei vocês esperando por muito tempo.

Minha resposta foi sempre a mesma: por favor aguarde. E vocês não abandonaram a história de Binno OXZ.

Sem seus apelos eu teria deixado escapar a determinação necessária para concluir esta trilogia com tanta paixão.

Estamos quase lá.

Os novos livros estão chegando. Falta pouco.

Obrigado.

F!



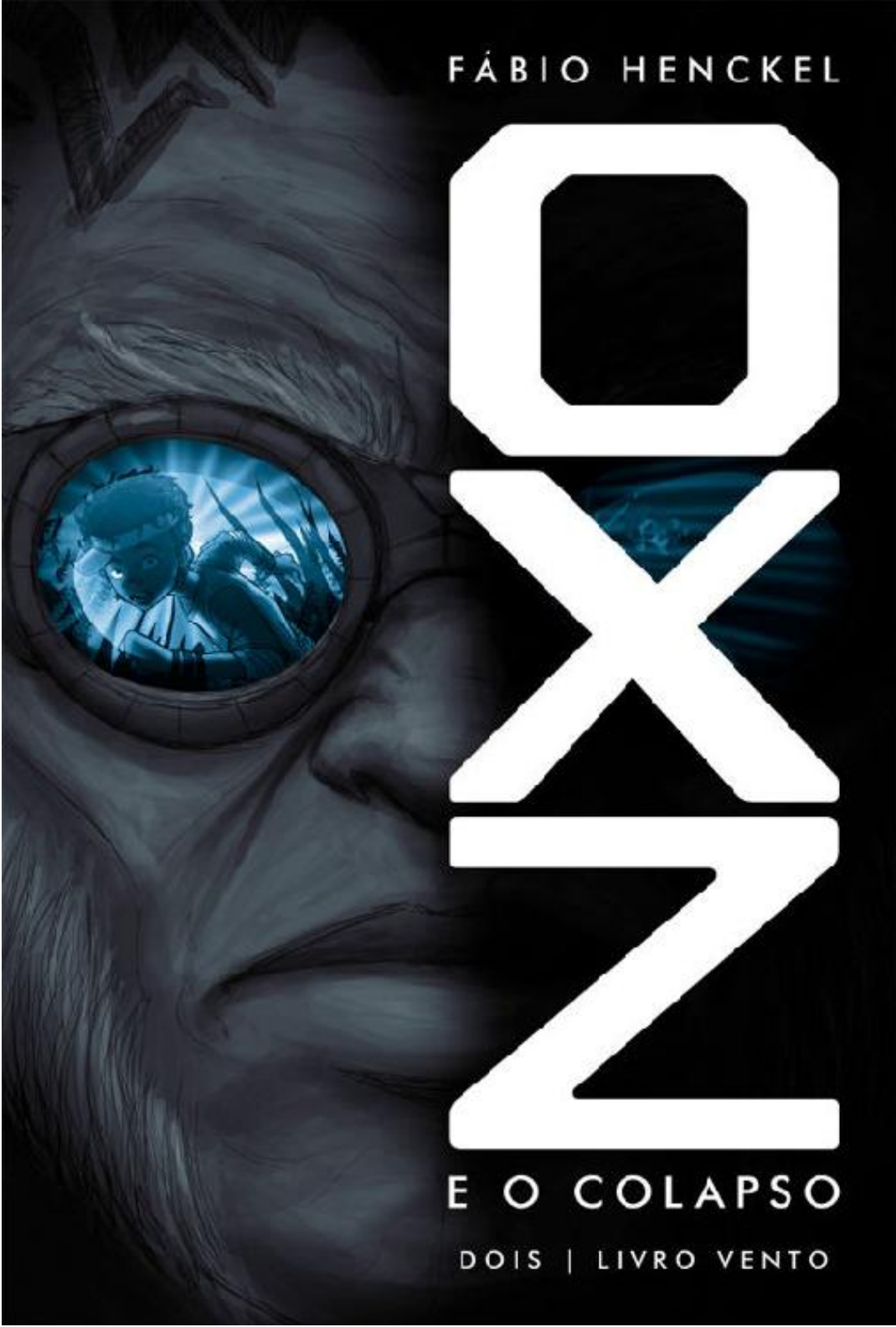
**E O QUE VEM POR AÍ?**

## **OXZ e o COLAPSO**

### **2 | LIVRO VENTO**

**Nesta aguardada aventura, espinhas estouram como pipoca e você se vê entre esportes proibidos, ciganos, ladrões e uma cidade fantasma. Tudo ao mesmo tempo, em um mundo à beira do caos.**





FÁBIO HENCKEL

# O XX Z

E O COLAPSO

DOIS | LIVRO VENTO

## **OXZ e o CAOS**

### **3 | LIVRO MAGMA**

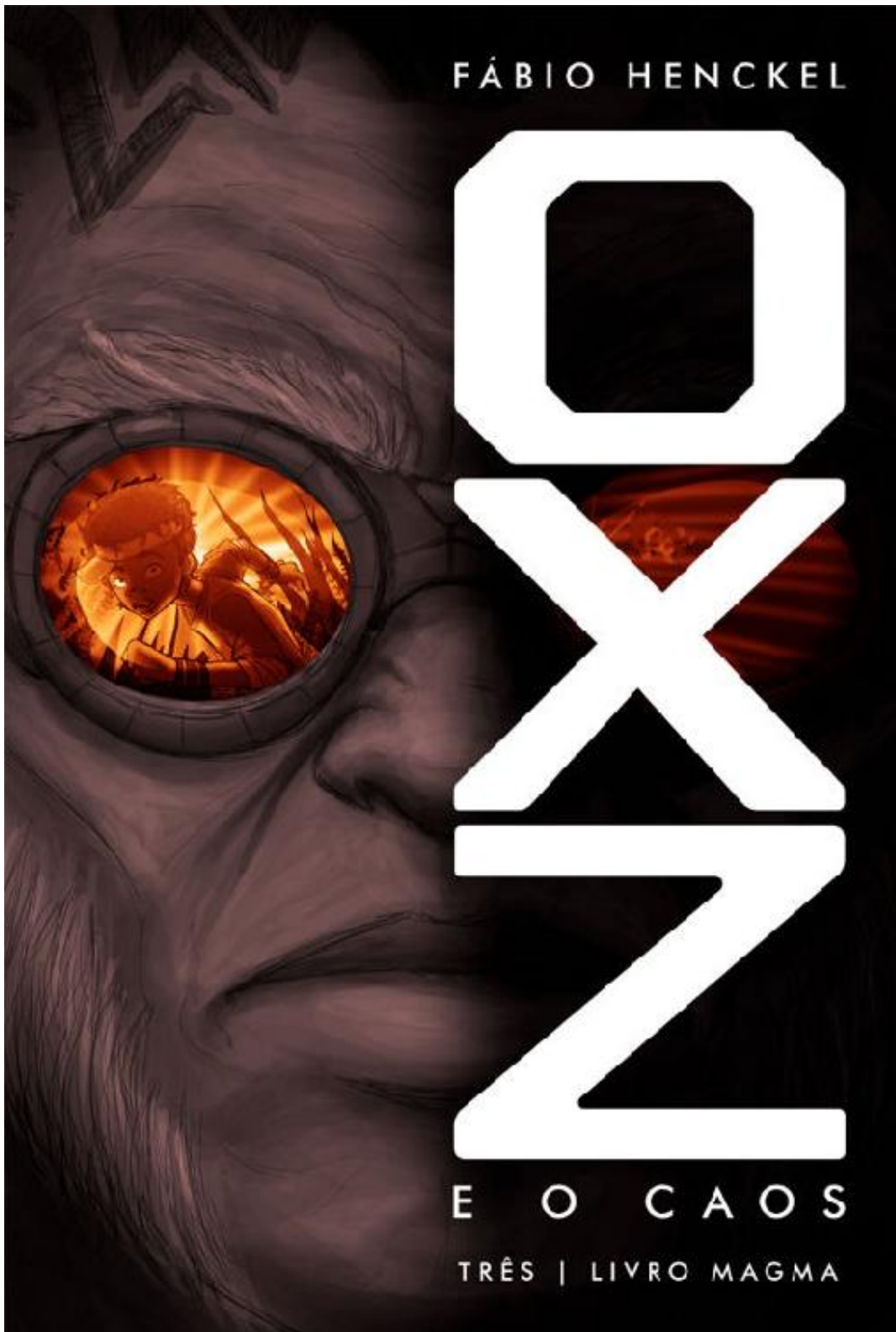
**Não existe sequer um personagem no qual podemos confiar. Se a mente é o mais perigoso dos territórios, Binno descobrirá que até suas memórias são inimigas. E talvez ele mesmo seja o vilão a ser destruído.**

FÁBIO HENCKEL

# OX X Z

E O CAOS

TRÊS | LIVRO MAGMA



## **ACOMPANHE NOSSAS REDES**

[FB.COM/BINNOOXZ](https://www.facebook.com/binnooxz)

[TWITTER.COM/FABIOHENCKEL](https://twitter.com/fabiohenckel)

[INSTAGRAM.COM/FABIOHENCKEL](https://www.instagram.com/fabiohenckel)

[www.oxz.com.br](http://www.oxz.com.br)

“-Todos tem um lado maligno, Binno OXZ”

# o menino **GURILO**

roteiro para longa-metragem  
de animação



escrito e ilustrado por  
**Fábio Porto**

# O Menino Gurilo

Porto, Fábio

9788582452424

98 páginas

[Compre agora e leia](#)

O menino Gurilo vive num planeta diferente da terra. Ele se encontra num castelo aos cuidados de seu tio, vivendo ali desde que nasceu sem conhecer o mundo de fora. Todos os seus ensinamentos são transmitidos através de seu tutor, dr. Proféculo que lhe visita uma vez por semana. Sua alimentação é baseada no leite que uma vaca modificada geneticamente lhe fornece através de tubos ligados a ela. Certo dia uma nota musical assustada aparece ao lado de seu travesseiro. Ela implora que ele ajude a encontrar sua família. Seu tio o incentiva a ajudá-la. Com a ajuda da vaca, Gurilo se aventura em meio ao deserto a procura da família de Alada.

[Compre agora e leia](#)

MARCIO ARDENGHE D. PERES

LIVRO 2

A GAROTA  
DO LAGO



# A Garota do Lago - Livro 2

Peres, Marcio Ardenghe D.

9788582452257

54 páginas

[Compre agora e leia](#)

Olhe eu aqui de novo...

Você chegou à segunda parte da história. Aconteceram algumas coisas que lhe deixaram curioso. Outras se perguntando, o que será que vai acontecer? E outras um aperto no coração! Tenho uma coisa para lhes dizer. A história nem começou! Eu avisei, mas, agora, é tarde demais. Você não consegue parar de ler, não é mesmo? Você quer saber o que vai acontecer, e não adianta nada olhar para a última folha, pois o caminho mais fácil se torna inútil. O final não significa nada sem o meio.

Alice foi mais que uma irmã para mim, mas agora ela está morta. Eu não posso falar nada, mas ela não vai ficar em silêncio!

## ACONTECEU NO LIVRO 1

Minha irmã morreu faz exatamente 10 anos. A casa do lago permaneceu fechada até os dias de hoje, até meu amigo Bred me ligar dizendo que seu pai acabou de comprar aquela propriedade. Ele resolveu fazer uma festa para reunir a galera e relembrar os velhos tempos de escola. Estava indo tudo bem, até meu amigo Fill desaparecer no meio da noite. Chamadas estranhas em nossos celulares. A TV da sala querendo nos matar. E, para completar, o fantasma de uma mulher entrou de algum jeito na mente de Bred e quase nos matou com uma pistola 9 milímetros. Alice, minha irmã, não queria que eu estivesse aqui. Mas, agora é tarde demais! Ela



tentou me avisar. Eu não sei o que está acontecendo com este lugar, mas tem alguma coisa aqui que não está certa. Agora, eu estou desmaiado no porão escuro da casa do lago. Meus amigos estão lá em cima feridos e o único jeito de sobrevivermos esta noite são esses potes de sal. Nunca pensei em dizer isso, mas estou curioso para saber o que tem lá em cima. Você não?  
Boa sorte, e tomara que os mortos não lhe assustem...

[Compre agora e leia](#)

YGOR MORETTI FIORANTE

# o Menino Justo

E OUTRAS HISTÓRIAS  
DE TERROR PARA CRIANÇAS



# O Menino Susto

Moretti, Ygor

9788569333210

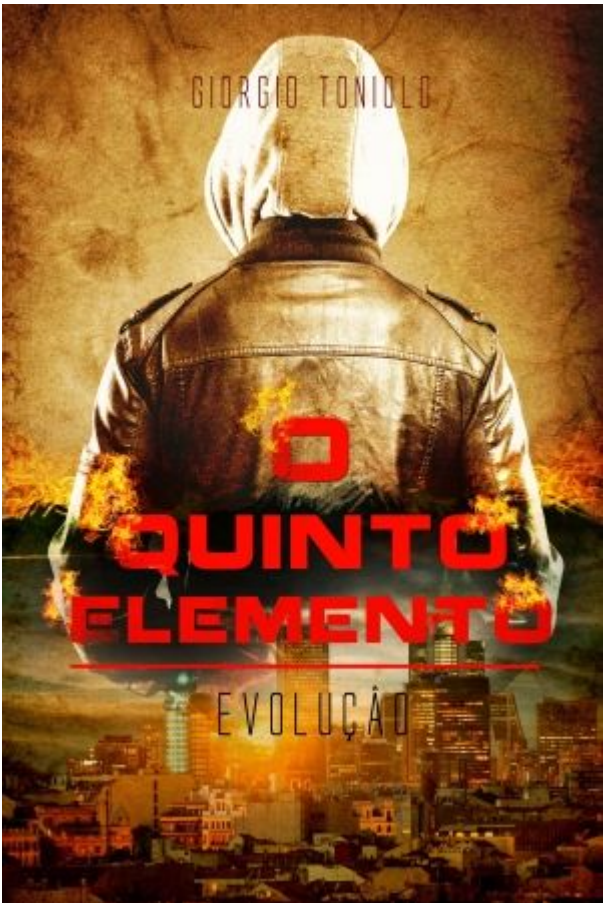
46 páginas

[Compre agora e leia](#)

Se você encontrar o Menino-Susto paradinho agachado em seu canto, é melhor que deixe ele por lá, e que você vá para outro canto qualquer, menos aquele... Mas a tal da curiosidade com certeza vai lhe atrair como um ímã em direção aquele menino encolhido no canto. Será um menino, boneco ou um fantasma? Deixe de ser curioso e não se aproxime!!!

Essa e outras histórias de terror para crianças você encontrará dentro dessas páginas, aventuras, amizades e muitas risadas com algum suspense em volta, mas no fim, tudo acaba bem. Para corajosos e curiosos... Não deixe de ler e viver aventuras com o Bicho-Papão, Homem do Saco, Saci Pererê e outros personagens.

[Compre agora e leia](#)



GIORGIO TONIOLLO

**O  
QUINTO  
ELEMENTO**

EVOLUÇÃO

# O Quinto Elemento

Toniolo, Giorgio

9788582452325

289 páginas

[Compre agora e leia](#)

Gabriel é um jovem paladim. Certo dia ele acorda com poderes que nunca pensou existirem, habilidades sobrenaturais... A partir desse momento sua vida muda completamente: os seres humanos passam a se dividir em raças e ele descobre uma cidade só para pessoas especiais com um dos cinco elementos. Logo percebe que mesmo nessa sociedade, ele não é normal... tem a habilidade de controlar todos os elementos e uma antiga profecia começa a controlar sua vida - a responsabilidade sobre o futuro da sua raça está em suas mãos, e ele tem que evoluir antes que a sociedade chegue a um desfecho.

[Compre agora e leia](#)

# Table of Contents

## [Lista de Capítulos](#)

[0.0 | Prólogo](#)

[1.0 | O criador está aqui](#)

[2.0 | A distração imperdoável](#)

[3.0 | O banhado dos cactos](#)

[4.0 | A Cidade Original existe](#)

[5.0 | O julgamento de OXZ](#)

[6.0 | O tubo de desoxinegação](#)

[7.0 | Dois dias de repouso](#)

[8.0 | O primeiro dia](#)

[9.0 | O olhar triste de Kira Bellah](#)

[10.0 | Dancinha da Engrenagem](#)

[11.0 | A Arena da Enguia](#)

[12.0 | Os bobôs-de-treino](#)

[13.0 | Nitrobum no shockey.](#)

[14.0 | O Círculo Original](#)

[15.0 | A Profecia do Desgraçado](#)

[16.0 | A rajada das aftas](#)

[17.0 | O seqüestro de Polvotrom](#)

[18.0 | Entre raios e beijos](#)

[19.0 | O Clã de Prata](#)

[20.0 | A Prova Maior](#)

[21.0 | O segredo de Madame Anay.](#)

[22.0 | A dívida com as nýsticas](#)

[23.0 | O vôo da limusine](#)

[24.0 | O grande traidor](#)

[25.0 | A Esfera de Hades](#)

[26.0 | As incógnitas de Uttopy.](#)

[Anexo | Guia de Personagens](#)